

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

MARCIO FAVERO FIORIN

**Análise variável dos róticos em Ibitiruí, Alfredo Chaves/ES: uma marca
afetiva do “Engano”**

VITÓRIA
2025

MARCIO FAVERO FIORIN

**Análise variável dos róticos em Ibitiruí, Alfredo Chaves/ES: uma marca
afetiva do “Engano”**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL/UFES), com requisito final para aprovação no curso de Doutorado em Estudos Linguísticos, na área de concentração em Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem (linha 1).
Orientador: Prof. Dr. Alexandro Rodrigues Meireles

VITÓRIA
2025

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

F521a Fiorin, Marcio Favero, 1993 -
Análise variável dos róticos em Ibitiruí, Alfredo Chaves/ES:
uma marca afetiva do “Engano” / Marcio Favero Fiorin. - 2025. 247 p. : il.

Orientador: Aleksandro Rodrigues Meireles.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Róticos. 2. Sociolinguística Variacionista. 3. Fonética e
Fonologia. 4. Língua de herança. 5. Imigração italiana. I. Meireles, Aleksandro
Rodrigues. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Marcio Favero Fiorin

**Análise variável dos róticos em Ibitirui, Alfredo Chaves/ES: uma marca afetiva do
"Engano"**

Tese de doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística,
da Universidade Federal do Espírito Santo,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Doutor em Estudos Linguísticos.
Orientadora: Prof. Dr. Alessandro Rodrigues
Meiros

Aprovada em 23 de outubro de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



ALEXSANDRO RODRIGUES MEIRELES
Data: 23/10/2025 09:40:11 -0300
verifique em: https://verificar.br.gov.br

Prof. Dr. Alessandro Rodrigues Meireles
(Orientador e Presidente da Sessão)
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente



LEILA MARIA TESCH
Data: 23/10/2025 09:50:30 -0300
verifique em: https://verificar.br.gov.br

Profa. Dra. Leila Maria Tesch
(Examinadora Interna)
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente



ELISA BATTISTI
Data: 23/10/2025 09:53:00 -0300
verifique em: https://verificar.br.gov.br

Profa. Dra. Elisa Battisti
(Examinadora Externa)
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Documento assinado digitalmente



RONALD BELINE MENDES
Data: 23/10/2025 11:40:43 -0300
verifique em: https://verificar.br.gov.br

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes
(Examinador Externo)
Universidade de São Paulo

Documento assinado digitalmente



BEATRIZ RAPOSO DE MEDEIROS
Data: 23/10/2025 10:15:40 -0300
verifique em: https://verificar.br.gov.br

Profa. Dra. Beatriz Raposo de Medeiros
(Examinadora Externa)
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar mais uma etapa de estudo são tantos os motivos para agradecer que as palavras parecem pequenas diante da grandeza de tudo o que vivi e aprendi.

Agradeço primeiramente a Deus, que esteve ao meu lado em todos os momentos desta trajetória de quatro anos no Doutorado. Mesmo diante dos desafios inesperados, como iniciar esta pesquisa em meio à pandemia, sem poder visitar a casa dos informantes para coletar dados, nunca perdi a fé nem a confiança. Foi Ele quem me deu forças para perseverar, sabedoria para encontrar caminhos e serenidade para transformar as dificuldades em oportunidades de aprendizado e crescimento.

Aos meus informantes e a toda a comunidade de Ibitiruí, que me receberam com generosidade e confiança, permitindo que eu investigasse um pouco de sua história e a recontasse. Cada relato, cada lembrança compartilhada e cada gesto de acolhimento foram essenciais para que este trabalho ganhasse vida. Mais do que dados, recebi histórias, afetos e aprendizados que levarei para sempre comigo.

Ao meu professor e orientador, Alexsandro, agradeço por sempre me incentivar e acreditar no valor afetivo deste estudo, reconhecendo a importância de registrar e preservar as memórias linguísticas e culturais da comunidade pesquisada. Sua confiança no meu trabalho, aliada à orientação cuidadosa e ao entusiasmo constante, foram essenciais para que eu mantivesse a motivação e a clareza de propósito em cada etapa da pesquisa.

Aos(as) membros(as) da banca pela disponibilidade em participar deste momento tão significativo da minha trajetória acadêmica. Reconheço o tempo dedicado à leitura atenta e à análise criteriosa deste trabalho, assim como a valiosa contribuição que cada um(a) traz, por meio de seus conhecimentos e experiências. A presença e o compromisso de vocês representam não apenas um gesto de generosidade acadêmica, mas também um incentivo para o aprimoramento desta pesquisa e para a continuidade do meu percurso científico.

À Universidade Federal do Espírito Santo, instituição que tem sido parte fundamental da minha trajetória acadêmica desde o início, em 2012, quando dei

meus primeiros passos no ensino superior. Foi nela que encontrei professores que me inspiraram, abriram caminhos e despertaram em mim o interesse pela pesquisa e pela docência. De modo especial, expressei minha gratidão aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL), cuja dedicação, rigor acadêmico e generosidade intelectual contribuíram de forma decisiva para minha formação, incentivando-me a aprofundar reflexões e a acreditar no potencial transformador da ciência.

Aos meus familiares – meu pai Renato, meus irmãos Bruno e Elton, meus sobrinhos Heitor e João Antônio, minha cunhada Poliana, minha avó Zaurita, além dos meus tios, minhas tias, primos e primas – obrigado pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e pela compreensão nos momentos em que a dedicação à pesquisa exigiu minha ausência. Agradeço, também, aos amigos que conquistei ao longo do caminho, desde a graduação até o Doutorado, cuja amizade guardo com muito carinho e admiração. Estendo minha gratidão aos amigos de trabalho, tanto da rede municipal de Vila Velha quanto de Alfredo Chaves, pela parceria, pela torcida constante e pela colaboração que, de diferentes maneiras, tornaram esta trajetória mais leve, acolhedora e possível.

Por fim, agradeço aos meus antepassados, meus avós já falecidos (Adélia, Alexandre, Felismino), que deixaram como herança valores, histórias e exemplos que me acompanham. E à minha querida e amada mãe (Elza Maria), que não está mais presente fisicamente, mas que pôde ver o início desta pesquisa, dedico uma parte especial deste trabalho. É por ela e para ela que este estudo carrega uma marca profundamente afetiva, sendo também um gesto de memória e de amor. Muito, muito obrigado!

“A imigração italiana deixou marcas que vão além da língua: deixou raízes de afeto que ainda hoje florescem na memória de várias comunidades, como a de Ibitiruí.” (FIORIN, 2025)

Resumo: Este trabalho investiga os efeitos do contato linguístico entre o Português Brasileiro e a língua vêneta, em comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Espírito Santo, com foco específico na variação dos róticos em Ibitiruí, distrito do município de Alfredo Chaves. A imigração italiana, iniciada a partir do final do século XIX, trouxe ao estado um contingente majoritariamente oriundo da região do Vêneto, província do Norte da Itália, cuja língua se manteve, ao longo de gerações, como herança afetiva e símbolo identitário em contextos de bilinguismo assimétrico. Ainda que o vêneta apresente hoje um declínio no uso cotidiano, sobretudo entre as gerações mais jovens, ele continua a desempenhar papel simbólico relevante, influenciando práticas linguísticas e socioculturais locais. A pesquisa baseia-se em um corpus de dezoito entrevistas sociolinguísticas, totalizando dezenove informantes, majoritariamente membros da comunidade de Ibitiruí ou indivíduos que passaram a maior parte de suas vidas no local. As entrevistas foram conduzidas de forma semiestruturada, abordando temas ligados à trajetória de vida, práticas culturais, memória comunitária e identidade linguística. A amostra foi estratificada segundo sexo, faixa etária e escolaridade, e os dados foram analisados a partir de dois envelopes de variação: um com influência da língua vêneta, que engloba as realizações consideradas canônicas dessa língua, e outro sem influência vêneta, associado a variantes inovadoras ou mais alinhadas às tendências gerais da língua portuguesa. No que se refere aos ambientes fonéticos, observou-se que o início de palavra e, sobretudo, a posição intervocálica, em especial a coda silábica medial, são os contextos que mais favorecem a realização de traços associados ao vêneta, como o tepe alveolar [r] e, em menor medida, a vibrante múltipla [r]. Em contraste, a coda silábica final mostrou-se propícia à emergência de variantes aspiradas e ao apagamento, configurando um espaço de inovação fonética no repertório local. Os dados foram submetidos à análise estatística descritiva por meio da plataforma R (R Core Team, 2016) e complementados por uma análise qualitativa ancorada na literatura da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008 [1972]), do Contato Linguístico (WEINREICH, 1970; FISHMAN, 1991; TRUDGILL, 1992; MONTRUL, 2013) e de estudos sobre a variação dos róticos no PB (CÂMARA JR., 1983; 1992; CALLOU; LEITE, 1996; 2004). Os resultados indicam a predominância do tepe alveolar [r] como forma canônica na comunidade, representando cerca de 70% das ocorrências, seguido pela fricativa glotal [h] e pela fricativa velar [x], além do apagamento [Ø]. A vibrante múltipla [r], devido à sua baixa frequência, foi agregada ao tepe para fins analíticos. Nesse sentido, a variação dos róticos em Ibitiruí ultrapassa o nível estritamente fonético, refletindo dinâmicas históricas, sociais e identitárias, sendo uma marca afetiva do “Engano”. Partimos, assim, da hipótese de que: (i) os ambientes fonéticos que demarcam a influência da língua vêneta – especialmente o início de palavras e a coda silábica medial – tendem a ser avaliados de forma negativa ou estigmatizada por falantes mais jovens, ainda que de modo implícito; e (ii) para além da escolarização, fatores extralinguísticos, como o status social associado ao grupo falante do vêneta, exercem papel central no processo de substituição da língua de herança e de seus traços fonético-fonológicos.

Palavras-chave: Róticos. Imigração italiana em Alfredo Chaves, Espírito Santo. Sociolinguística Variacionista. Contato linguístico. Marca de afetividade.

Abstract: This study investigates the effects of linguistic contact between Brazilian Portuguese and the Venetian language in communities of descendants of Italian immigrants in the state of Espírito Santo, Brazil, with a specific focus on the variation of rhotics in Ibitiruí, a district of the municipality of Alfredo Chaves. Italian immigration, which began in the late nineteenth century, brought to the state a population largely originating from the Veneto region, a province in northern Italy, whose language has been maintained across generations as an affective heritage and a symbol of identity in contexts of asymmetric bilingualism. Although Venetian has declined in everyday use, especially among younger generations, it continues to play a relevant symbolic role, influencing local linguistic and sociocultural practices. The study is based on a corpus of eighteen sociolinguistic interviews, totaling nineteen informants, mostly members of the Ibitiruí community or individuals who have spent most of their lives there. The interviews were conducted in a semi-structured format and addressed topics related to life trajectories, cultural practices, community memory, and linguistic identity. The sample was stratified by sex, age group, and level of schooling, and the data were analyzed through two envelopes of variation: one reflecting the influence of the Venetian language, which includes realizations considered canonical in that language, and another without Venetian influence, associated with innovative variants or those more closely aligned with general trends in Portuguese. With regard to phonetic environments, the findings show that word-initial position and, above all, intervocalic position—especially medial syllable coda—are the contexts that most favor the realization of traits associated with Venetian, such as the alveolar tap [r] and, to a lesser extent, the alveolar trill [r]. In contrast, word-final syllable coda favors the emergence of aspirated variants and deletion, constituting a space of phonetic innovation in the local repertoire. The data were subjected to descriptive statistical analysis using the R platform (R Core Team, 2016) and complemented by a qualitative analysis grounded in the literature of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008 [1972]), Language Contact (WEINREICH, 1970; FISHMAN, 1991; TRUDGILL, 1992; MONTRUL, 2013), and studies on rhotic variation in Brazilian Portuguese (CÂMARA JR., 1983; 1992; CALLOU; LEITE, 1996; 2004). The results indicate the predominance of the alveolar tap [r] as the canonical form in the community, accounting for approximately 70% of occurrences, followed by the glottal fricative [h], the velar fricative [x], and deletion [Ø]. Due to its low frequency, the alveolar trill [r] was grouped with the tap for analytical purposes. In this sense, rhotic variation in Ibitiruí goes beyond a purely phonetic phenomenon, reflecting historical, social, and identity-related dynamics, and functioning as an affective marker of *Engano*. The study advances the hypotheses that: (i) phonetic environments that signal Venetian influence—especially word-initial position and medial syllable coda—tend to be evaluated negatively or stigmatized by younger speakers, albeit implicitly; and (ii) beyond schooling, extralinguistic factors such as the social status associated with Venetian-speaking groups play a central role in the process of heritage language shift and in the loss of its phonetic and phonological traits.

Keywords: Rhotics. Italian immigration in Alfredo Chaves, Espírito Santo. Variationist Sociolinguistics. Language contact. Affective marker.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cartaz propagandista: em busca da terra prometida.....	29
Figura 2	Ibitiruí e as comunidades vizinhas.....	106
Figura 3	Trajeto da estrada que corta o distrito de Ibitiruí.....	106
Figura 4	Exemplo de transcrição realizada no ELAN.....	115

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Ministro Alfredo Chaves.....	36
Imagem 2	Acidente de trem em dezembro de 1950.....	42
Imagem 3	Vista aérea da comunidade de Ibitiruf.....	108
Imagem 4	Rua principal, praça e igreja católica.....	108
Imagem 5	Escola de educação infantil e ensino fundamental....	109
Imagem 6	Estação de trem desativada.....	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Porcentagem de ocorrências dos róticos na amostra.....	23
Gráfico 2	Imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo, de acordo com sua procedência.....	34
Gráfico 3	Imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo, de acordo com sua província de origem.....	34
Gráfico 4	Porcentagens de ocorrências dos róticos na amostra.....	121
Gráfico 5	Dispersão das variantes róticas.....	126
Gráfico 6	Ocorrências da variante faixa etária por variantes dos róticos.....	130
Gráfico 7	Ocorrências da variante sexo/gênero por variantes dos róticos.....	134
Gráfico 8	Ocorrências da variante escolaridade por variantes dos róticos.....	138
Gráfico 9	Dispersão das ocorrências por contextos fonéticos.....	142

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Província do Vêneto, Itália.....	28
Mapa 2	Localização da linha férrea em Alfredo Chaves.....	37
Mapa 3	Levantamento das ocorrências dos róticos no Brasil.....	76
Mapa 4	Localização do município de Alfredo Chaves/ES.....	104
Mapa 5	Localização do distrito de Ibitiruí.....	105

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** Imigrantes italianos permanentes, no período de 1876 a 1901, distribuídos por regiões..... **27**
- Quadro 2** Imigrantes vênnetos permanentes, no período de 1876 a 1901, distribuídos por províncias **27**
- Quadro 3** Imigrantes chegados ao Espírito Santo nos séculos XIX e XX, por procedência de país **32**
- Quadro 4** Script utilizado na plataforma R para amostragem dos dados **116**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Quantitativo de informantes.....	110
Tabela 2	informações sobre o estudante de intercambio direto da região do Vêneto.....	111
Tabela 3	Número total de ocorrências dos róticos na amostra.....	122
Tabela 4	Teste de Variância.....	124
Tabela 5	Resultados da variante faixa etária.....	129
Tabela 6	Resultados da variante sexo/gênero.....	132
Tabela 7	Resultados da variante escolaridade.....	137
Tabela 8	Número de róticos em diferentes ambientes fonéticos.....	141

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	18
2. IMIGRAÇÃO ITALIANA: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO.....	26
2.1 As principais razões da emigração italiana.....	26
2.2 A chegada dos imigrantes italianos ao Brasil.....	28
2.3 A chegada dos imigrantes italianos ao Espírito Santo.....	30
2.4 A história da colonização do município de Alfredo Chaves.....	35
2.5 A história de Ibitiruí: “o Engano”	38
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	46
3.1 Breve histórico da Linguística Moderna.....	46
3.2 Sociolinguística: considerações históricas e teóricas.....	51
3.3 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	54
3.3.1 Faixa etária.....	58
3.3.2 Sexo/gênero.....	60
3.3.3 Escolaridade.....	62
3.4 Contato Linguístico	64
3.5 Fonética e Fonologia	67
3.5.1 Objeto de estudo: os róticos	70
4. MAPEAMENTO DOS RÓTICOS	75
4.1 Levantamento das ocorrências por regiões brasileiras	77
4.1.1 Região Sul.....	77
4.1.2 Região Sudeste.....	80
4.1.3 Região Centro-Oeste.....	85
4.1.4 Região Nordeste.....	87
4.1.5 Região Norte.....	90
4.2 Ocorrências com influência vêneta.....	92
4.2.1 Loriato (2020)	93
4.2.2 Guzzo (2024)	95
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	98
5.1 As variáveis analisadas.....	98
5.1.1 Variáveis dependentes.....	99
5.1.2 Variáveis independentes.....	101
5.1.2.1 Fatores linguísticos.....	101
5.1.2.2 Fatores extralinguísticos.....	102
5.2 Geração dos dados.....	103
5.2.1 A comunidade selecionada.....	103
5.2.2 A seleção dos informantes.....	110
5.2.3 As entrevistas.....	111
5.3 O tratamento dos dados.....	113
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	120
6.1 Descrição dos resultados	120
6.1.1 Medidas de tendência central e dispersão	123
6.1.2 A Influência da variante faixa etária na realização dos róticos	128
6.1.3 A Influência da variante sexo/gênero na realização dos róticos	132
6.1.4 A Influência da variante escolaridade na realização dos róticos	136
6.1.5 A Influência do ambiente fonético na realização dos róticos	141
6.2 Os róticos em Ibitiruí: uma marca afetiva dos antepassados	144
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157

REFERÊNCIAS.....	161
APÊNDICES.....	168
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (TCLE) – MAIORES DE 18 ANOS.....	168
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (TCLE) – MENORES DE 18 ANOS.....	170
APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) PARA MENORES DE 18 ANOS.....	172
ANEXOS.....	175
ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA MAIORES DE 18 ANOS.....	175
ANEXO B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA MENORES DE 18 ANOS.....	176
ANEXO C – ENTREVISTAS	177

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presença da língua vêneta no Espírito Santo constitui não apenas um legado histórico da imigração italiana ocorrida a partir do final do século XIX, mas também um elemento essencial para compreender os processos de contato linguístico, manutenção e mudança que ainda marcam a realidade sociolinguística de muitas comunidades no estado. Esta pesquisa se propõe a discutir a relevância do vêneto como marca afetiva – herança dos antepassados –, seus reflexos no português falado em comunidades como Alfredo Chaves e, particularmente, os possíveis impactos desse contato na variação dos sons róticos.

Inicialmente, é importante salientar que chamaremos o fonema /r/ e o arquifonema /R/, objeto de estudo da nossa pesquisa, de **rótico** por causa do seu alto grau de variabilidade nas línguas naturais, especialmente no Português Brasileiro (PB). Esse termo é amplamente utilizado por outros autores como Câmara Jr.(1983; 1992); Callou e Leite (1996; 2004) para englobar esse conjunto de segmentos que, embora desempenhem funções distintas no sistema fonético-fonológico, compartilham propriedades articulatórias e comportamentos semelhantes em diferentes contextos linguísticos. Ao adotar essa designação, buscamos uma abordagem mais funcional e unificada para tratar desse elemento com influência da língua dos imigrantes italianos, o vêneto.

Em se tratando da língua vêneta, é necessário destacar o contexto da imigração italiana, que teve papel central na formação demográfica e sociocultural do Espírito Santo. Estima-se que, entre 1874 e o início do século XX, mais de 60 mil italianos tenham se estabelecido no estado, atraídos pelas promessas de terra e melhores condições de vida nas áreas rurais (FRANZINA, 2007; PESSALI, 2015). A maioria desses imigrantes era originária do Vêneto, região norte da Itália, e trouxe consigo não o italiano padrão, mas variações. Então, A língua vêneta recebe esse nome em referência à região do Vêneto de onde vieram esses imigrantes.

Ao longo de mais de um século, o vêneto resistiu a diferentes processos de assimilação linguística. Em algumas comunidades, principalmente da zona rural, permaneceu como língua do cotidiano doméstico, da oralidade e da tradição, enfatizando seu valor simbólico e afetivo. Tal fenômeno de manutenção

intergeracional é característico das línguas de herança, ou seja, línguas minoritárias transmitidas em contexto de bilinguismo ou diglossia, frequentemente em convivência assimétrica com a língua oficial, no caso do Brasil, a língua portuguesa.

A importância do vêneto transcende seu valor linguístico: ele atua como símbolo de pertencimento étnico-cultural, ou como postularemos em nossas análises um marcador de afetividade. Festas, práticas religiosas, culinária e até expressões de solidariedade comunitária frequentemente se articulam com o uso da língua. Ainda que estudos como de Picoli-Meneghel (2015); Pertele (2017; Fiorin (2019); Cominotti; Peres (2021) apontam no município de Alfredo Chaves um franco declínio nas gerações mais jovens, o vêneto continua a desempenhar papel simbólico relevante, funcionando como traço de distinção em relação ao “outro” (o não descendente de italianos) e como elo com a memória coletiva.

O contato iminente entre o português e o vêneto nas comunidades gerou uma série de efeitos linguísticos, tanto no plano lexical quanto no fonético-fonológico. Conforme assinalam Lariato (2020) e Guzzo (2024), o contato com o PB acarretou processos de adaptação fonética no vêneto falado no Brasil – como a reconfiguração da estrutura silábica, a neutralização de contrastes e a simplificação de consoantes finais. Inversamente, também se observa, no português falado por descendentes de italianos, a possível influência de padrões articulatórios característicos da língua de origem.

Neste cenário, a análise da variação dos róticos adquire relevância especial. Como já argumentamos no início, os róticos apresentam alto grau de variabilidade articulatória e são sensíveis a influências sociolinguísticas. No PB, essas variantes assumem formas distintas conforme a posição na palavra, a variedade regional e o contexto sociocultural do falante. Em regiões com forte presença de descendência italiana, como é o caso de Alfredo Chaves, investigamos se essa diversidade rótica também se associa ao contato prolongado com o vêneto.

O vêneto apresenta dois segmentos dos róticos, o tepe alveolar [r] e vibrante múltiplo [r] como forma canônica, na posição intervocálica, coda silábica e início de palavras (FIORIN, 2019). No entanto, as variedades faladas no Brasil demonstram certa flexibilidade, possivelmente influenciada por mudanças fonética-fonológicas internas e pela pressão do PB, que admite tepes alveolares

[r], vibrantes [r], fricativas [x, h] e até variantes retroflexas [ɻ] ou mesmo apagamento [Ø].

A coexistência dessas variantes no repertório de falantes pode gerar situações de substituição linguística. O estudo de Loriato (2020), ao investigar a realização do fonema /r/ inicial no vêneto falado em Santa Teresa (ES), concluiu que não há evidência de substituição massiva da vibrante por variantes glotais ou fricativas, indicando certo grau de conservação da estrutura original. Porém, o português local apresenta variantes influenciadas por fatores como escolaridade, idade, exposição midiática e mobilidade social – todos elementos que atravessam o uso dos róticos.

A cidade de Alfredo Chaves oferece um terreno fértil para investigações sociolinguísticas (COMINOTTI, 2015; 2021; PICOLI-MENEGHEL, 2015; PERTELE, 2017; FIORIN, 2019), por reunir três condições fundamentais: (i) história consolidada de imigração italiana; (ii) um processo contínuo de contato entre o português e o vêneto; e e uma comunidade relativamente estável e preservada em seus hábitos culturais e linguísticos. A escolha de uma das comunidades do município, no caso Ibitiruí como objeto de estudo, não foi aleatória. Ela reflete uma ligação pessoal do pesquisador com o local, do qual faz parte como membro. Esse pertencimento proporciona um olhar mais sensível e aprofundado sobre os fenômenos linguísticos e socioculturais ali presentes, permitindo acesso facilitado aos participantes da pesquisa e maior compreensão dos contextos históricos, afetivos e identitários que moldam as práticas de linguagem locais.

Nesse contexto, formamos um corpus de dezoito entrevistas sociolinguísticas conduzidas, totalizando dezenove informantes, a maior parte falantes pertencentes a comunidade de Ibitiruí e/ou que passaram pelo menos 2/3 de sua vida. Em uma ocasião, gravamos um estudante de intercâmbio, vindo diretamente do Vêneto, que contribuiu para contar a história da imigração italiana e ajudou a compreender alguns aspectos linguísticos. E, ainda, em um dos registros, a entrevista foi realizada com um casal. A coleta de dados foi orientada por uma abordagem qualitativa e espontânea, por meio de entrevistas semiestruturadas, pautadas em perguntas abertas com o objetivo de promover a fala natural dos participantes – procedimento alinhado aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, conforme Labov (1972[2008]).

O roteiro de perguntas foi cuidadosamente elaborado para abarcar aspectos centrais da trajetória dos falantes, promovendo o envolvimento afetivo e social necessário à produção linguística autêntica. Entre os temas abordados, destacam-se relatos sobre a infância e juventude dos entrevistados, com ênfase em brincadeiras tradicionais, trajetória escolar e transformações ocorridas na comunidade ao longo do tempo. Também, foram incluídas questões sobre relações familiares, envolvendo estrutura doméstica e trabalho, casamento e criação de filhos.

Além disso, procurou-se explorar práticas culturais e religiosas, bem como os modos de sociabilidade característicos da comunidade. Outro ponto de interesse investigativo foi a percepção dos falantes quanto às mudanças socioculturais e infraestruturais no município – como a chegada da energia elétrica, rádio, televisão e internet – e seus efeitos sobre os modos de vida locais. Por fim, o roteiro contemplou reflexões sobre identidade linguística e pertencimento, buscando compreender como os participantes se percebem em relação à sua comunidade, ao seu modo de falar e às tradições culturais e linguísticas às quais estão vinculados.

A construção da amostra obedeceu aos princípios da estratificação sociolinguística laboviana (1972[2008], 1993, 1994), considerando-se as variáveis: (i) dependentes, pronúncia com influência do vêneto, [r] (vibrante múltipla), [r] (tepe), e pronúncia sem influência do vêneto, a fricativa glotal [h], fricativa [x] e o apagamento[Ø]; e (ii) variáveis independentes de sexo (masculino e feminino), faixa etária (jovens, adultos e idosos) e nível de escolaridade (Ensino Fundamental I, Fundamental II e Ensino Superior). Essa organização permitiu garantir a representatividade social e facilitar a observação de padrões de variação fonética associados aos diferentes perfis dos falantes.

Nessa distribuição, destaca-se que, na comunidade de Ibitiruí, organizamos os dados em dois *envelopes de variação*¹: um com influência do vêneto, a forma canônica supracitada, e outro sem essa influência. Nos ambientes fonéticos, observamos que a vibrante múltipla e o tepe alveolar aparecem no início de palavras, enquanto a posição intervocálica (coda silábica medial e contexto entre vogais) é a que mais evidencia a influência da língua

¹ O *envelope of variation* (Labov, 1972; Tagliamonte, 2006) corresponde a todos os contextos onde a variável estudada pode ocorrer e onde há, de fato, alternância entre variantes.

vêneta. Já na coda silábica final, a tendência predominante é a ocorrência da aspiração, uma variante inovadora no repertório local.

Na análise estatística não recorremos ao programa R-Brull, pois essa ferramenta é voltada principalmente para a medição da extensão articulatória das consoantes, o que não é o foco da nossa análise. Nosso objetivo não é quantificar fisicamente a duração ou a amplitude do rótico, mas sim investigar a variabilidade das suas realizações na fala espontânea dos informantes. Para esse propósito, utilizamos a plataforma R (R Core Team, 2016), que permite processar e analisar as ocorrências das variantes róticas, calculando medidas de tendência central e dispersão, além de possibilitar comparações entre contextos sociais e linguísticos, oferecendo robustez na manipulação e visualização de dados.

Buscamos compreender não apenas o fenômeno fonético em si, mas também as forças sociais e culturais que o condicionam. A variante adotada por um falante pode estar associada à identidade étnica, ao desejo de distinção social, ao grau de exposição ao vêneta na infância ou à valorização do português escolarizado. Assim, estudar os róticos em Alfredo Chaves significa também compreender como a história da imigração italiana continua próspera nas práticas linguísticas cotidianas da população.

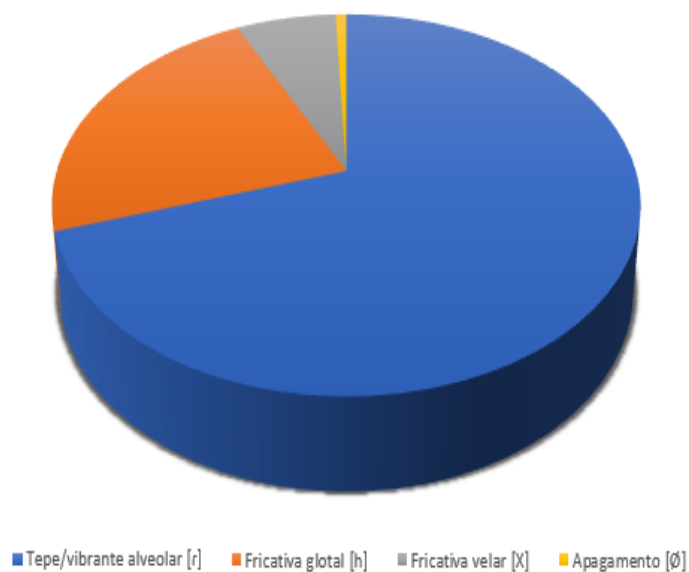
Para descrever os róticos, partimos das seguintes hipóteses: (i) os ambientes fonéticos que sinalizam a influência da língua veneta – como a coda silábica e o início de palavras – tendem a ser percebidos e rotulados de forma preconceituosa pelos falantes mais jovens, ainda que esse julgamento ocorra de maneira indireta ou implícita; e (ii) embora a escolarização seja um fator relevante, outros elementos extralinguísticos, como o status social associado ao grupo falante do vêneta, exercem influência significativa no processo de substituição linguística, contribuindo para o abandono da língua de herança e de traços fonético-fonológicos que lhe são característicos.

Este trabalho, insere-se no esforço de documentar e analisar fenômenos linguísticos em contextos de contato, contribuindo para os campos da Sociolinguística Variacionista, da Fonética e Fonologia do PB e dos estudos sobre línguas de imigração. Ao privilegiar um fenômeno fonético com alta sensibilidade a variáveis sociais, e ao fazê-lo em uma comunidade marcada pelo

bilinguismo histórico, a pesquisa reafirma a importância de compreender a língua como processo dinâmico, histórico e socialmente condicionado.

Na amostragem foram identificadas quatro variantes principais dos róticos em contextos de coda silábica e posição intervocálica: o tepe alveolar [r], a fricativa glotal [h], a fricativa velar [x] e o apagamento [Ø]. A vibrante múltipla [r], embora teoricamente distinta do tepe, apresentou número extremamente reduzido de ocorrências na amostra, motivo pelo qual foi agregada à variante [r] para efeito de análise estatística. Essa decisão metodológica segue precedentes em estudos fonético-fonológicos (como os de Loriato, 2018; 2020), que priorizam a robustez dos dados frente à baixa produtividade de variantes marginais. No gráfico 1 podemos observar o quantitativo de variantes que apareceram na nossa amostragem.

Gráfico 1: Porcentagens de ocorrências dos róticos na amostra



Fonte: Fiorin (2025)

Essa ilustração demonstra que o tepe alveolar [r], aproximadamente 70%, permanece como a forma canônica e predominante em Ibitiruí, ainda que variantes como [h] e [x], respectivamente 23% e 6,5%, venham conquistando espaço em contextos mais informais e associados a práticas linguísticas regionais. A variação observada ultrapassa o nível estritamente fonético: trata-se também de um fenômeno social, marcado por significados identitários e por

processos históricos próprios da comunidade. Ao analisar essas tendências, não apenas descrevemos o modo como o português brasileiro é efetivamente falado, mas também compreendemos como ele continua a se transformar – e o que tais transformações revelam sobre seus falantes. Esses aspectos serão aprofundados no capítulo de análise e discussão dos dados.

Neste momento, é importante compreender o valor científico dessa variável em Alfredo Chaves, oferecendo subsídios para reflexões sobre políticas públicas voltadas à preservação linguística, à valorização das identidades locais e ao reconhecimento das línguas de herança e de imigração como pilares fundamentais na construção de um Brasil efetivamente plurilíngue e multicultural. Nesse contexto, o rótico se destaca não apenas como um elemento fonético-fonológico em variação, mas também como um marcador afetivo, carregado de significados simbólicos ligados à memória coletiva e ao pertencimento.

Dando prosseguimento a análise dos róticos em Ibitiruí como marca afetiva, após estas considerações iniciais, trataremos da história da imigração italiana (capítulo 2), narrando os principais fatos que motivaram a vinda dos imigrantes para o Brasil (2.1). Depois, a chegada deles no país (2.2) e ao Espírito Santo (2.3). Ainda, contaremos a história de Alfredo Chaves (2.3) e de Ibitiruí (2.4), destacando fatos, como o acidente de trem em 1950, narrados pelos nossos próprios informantes.

No capítulo 3 explicitamos nosso referencial teórico, evidenciando as teorias utilizadas para as nossas análises. Inicialmente, fizemos um recorte histórico da Linguística Moderna (3.1). Na sequência, considerações e pressupostos teóricos em torno da Sociolinguística (3.2), enfatizando a teoria da Variação e Mudança Linguística (3.3), que foi base para a coleta de nossos dados e discussão, enfatizando as variáveis linguísticas e sociais (faixa etária, sexo/gênero e escolaridade). E, ainda, a teoria do Contato Linguístico (3.4), a fim de explicar as interferências do contato prolongado entre o português e o vênето em Ibitiruí. Por fim, lançamos mão da literatura acerca da Fonética e Fonologia (3.3) para descrever como os róticos são produzidos na fala.

No capítulo 4 elencamos algumas pesquisas em torno da variável estudada, realizando um levantamento das ocorrências dos róticos por regiões brasileiras (4.1). Também, destacaremos pesquisas tratam do fonema em questão com influência veneta no intuito de parâmetro e comparação (4.2). Essa

visualização permite compreender se está ocorrendo ou não o processo de substituição ou enfraquecimento dos róticos no município de Alfredo Chaves.

No capítulo 5, descreveremos os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, abordando as variáveis analisadas (5.1) e como foram gerados os nossos dados (5.2). Na seção de geração de dados, apresentamos a comunidade escolhida (5.1.1); a seleção dos informantes (5.1.2); e a realização das entrevistas (5.1.3). E, na última seção (5.3), enfatizamos a natureza deste estudo (quantitativa e qualitativa).

No capítulo 6, destacamos os resultados e discussões da análise estatística descritiva das variáveis na Plataforma R (R Core Team, 2016). A partir desse levantamento, que inclui uma análise detalhada de cada variante social e ambiente fonético, argumentamos a importância do rótico com influência veneta, o tepe alveolar [r] e vibrante múltiplo [r] em posição coda silábica como marca afetiva da comunidade (conceito que postulamos em nossa discussão). Depois, as nossas últimas considerações. Também, na parte final do texto contém as referências bibliográficas, os apêndices e os anexos com as entrevistas transcritas na íntegra.

No próximo capítulo, voltamo-nos para o contexto histórico da imigração italiana, elemento fundamental para a compreensão da realidade sociolinguística de Alfredo Chaves, especialmente da comunidade de Ibitiruí que possui uma memória afetiva de seus antepassados.

2. IMIGRAÇÃO ITALIANA: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Neste capítulo, apresentamos o contexto sócio-histórico da imigração italiana no Espírito Santo, especificamente no município de Alfredo Chaves. Para tanto, abordaremos, inicialmente, as razões que levaram a emigração em massa na Itália (seção 3.1) para o Brasil (seção 3.2). Depois, a chegada dos imigrantes ao Espírito Santo (seção 3.3) e a Alfredo Chaves (seção 3.4), contando um pouco da história da colonização do município. Por fim, apresentamos a história da comunidade de Ibitiruí (3.5) contada através da tradição oral.

2.1 Principais razões da emigração italiana

A emigração em massa dos italianos durante o século XIX foi impulsionada por uma série de eventos adversos que assolaram a Europa, incluindo guerras, doenças, desastres naturais e os impactos da Revolução Industrial. De acordo com Franzina (2007) a situação na Itália pré-unificação era marcada pela fragmentação política, com diversos reinos independentes², cada um com sua respectiva província. Também, cada reino tinha sua própria cultura e economia, e eram submetidos à influência de potências estrangeiras, como o Império Austríaco.

A busca pela unificação italiana desencadeou conflitos internos e guerras, resultando em instabilidade e perdas significativas, tanto em vidas humanas quanto em recursos. Bigazzi (2006) diz que a crise econômica se agravou com a desvalorização dos produtos agrícolas, especialmente do trigo, e eventos climáticos adversos, como desmoronamentos, avalanches, terremotos e secas, afetaram negativamente a vida no campo.

Outras razões que levaram ao fluxo emigratório na Itália foram a falta de infraestrutura e condições sanitárias adequadas que contribuíram para a propagação de epidemias, agravando ainda mais a situação de miséria e fome entre os trabalhadores rurais, meeiros e pequenos proprietários de terra (BIGAZZI, 2006). Diante desse cenário, o êxodo rural tornou-se uma solução para muitas famílias, mas nas cidades, o alto custo de vida e o desemprego

² Outro termo que utilizamos neste trabalho para se referir aos reinos é região, que também aparece nas obras de Bigazzi (2006) e Franzina (2007).

causado pela automação industrial levaram milhões de pessoas a buscar uma vida melhor em outros países europeus ou nas Américas.

As estatísticas de emigração refletem a escala desse movimento, com milhões de italianos deixando sua terra natal em busca de oportunidades melhores. A região do Vêneto, de onde muitos desses emigrantes partiram, destacou-se como uma das principais fontes de emigração, como evidenciado pelas cifras de emigrantes permanentes por província no período de 1876 a 1901 (Franzina, 2006), conforme especificado no quadro abaixo.

Quadro 1 - Emigrantes italianos permanentes, no período de 1876 a 1901, distribuídos por regiões

	Itália do Norte	Itália Central	Itália do Sul
Regiões	Piemonte Ligúria Lombardia Vêneto Emília Romagna	Toscana Marche Úmbria Lácio	Abruzzi e Molize Campânia Puglia Basilicata Calábria Sicília Sardenha
Total	1.085.845	219.102	1.465.059
Total geral de emigrantes permanentes: 2.770.006			

Fonte: FRANZINA (2006, p. 104-107, adaptado)

A partir do Quadro I, observamos que o segundo maior contingente de emigrantes era originário da região Norte da Itália, cerca de 1.085.845 pessoas. Destes, 405.883 saíram da região do Vêneto (FRANZINA, 2006, p. 104). O Quadro 2 expõe o quantitativo de emigrantes permanentes do Vêneto, por províncias.

Quadro 2 - Emigrantes vênéticos permanentes, no período de 1876 a 1901, distribuídos por províncias

	Províncias	Emigrantes permanentes
Região do Vêneto	Beluno	12.192
	Pádua	58.457
	Rovigo	65.102
	Treviso	82.240
	Údine ³	48.086
	Veneza	41.512

³ Franzina (2006) inclui a província de Údine na Região do Vêneto. Porém, atualmente, essa província pertence à região de Friuli-Venezia Giulia.

	Verona	48.159
	Vicenza	50.135
	Total	405.883

Fonte: Franzina (2006, p. 104, adaptado)

No Quadro 2 notamos que a província com o maior número de emigrantes foi Treviso, cerca de 82.240. Ela também foi citada pelos nossos entrevistados como local procedente. Observamos, na sequência, o mapa da região do Vêneto, com a disposição geográfica das províncias.

Mapa 1 - Província do Vêneto, Itália



Fonte: <http://italiaparabrasileiros.com/veneto/>. Acesso em: 24 fev 2024.

O contexto sócio-histórico da emigração italiana revela uma conjuntura de dificuldades e desafios que impulsionaram a saída em massa dos italianos em busca de melhores condições de vida. A desintegração política, a instabilidade econômica e os eventos naturais desfavoráveis criaram um ambiente propício para a migração em larga escala, transformando o curso da história italiana e deixando um legado duradouro nas regiões de destino, como foi o caso da vinda para o Brasil, que trataremos a seguir.

2.2 A chegada dos imigrantes italianos ao Brasil

A emigração italiana para o Brasil durante o século XIX e XX foi um fenômeno complexo, motivado por uma série de fatores socioeconômicos, políticos e culturais, que foram abordados na seção anterior. A crise econômica na Itália, resultante das guerras de unificação, das doenças, das catástrofes naturais e da Revolução Industrial, criou um ambiente de instabilidade e desespero entre a população. As condições precárias de vida no campo, a desvalorização dos produtos agrícolas e os desastres naturais exacerbaram ainda mais as dificuldades enfrentadas pelos italianos.

Nesse contexto de crise, a ideia de uma "Nova Grande Itália" (FRANZINA, 2007) começou a ganhar força entre os intelectuais e economistas burgueses italianos. Esse mito, chamado de *Cuccagna*, inspirado na "terra prometida" dos contos bíblicos, alimentava a esperança de uma vida melhor em terras estrangeiras, longe das adversidades enfrentadas na península. A busca por oportunidades além-mar tornou-se uma narrativa de esperança para muitos italianos que buscavam escapar das dificuldades enfrentadas em sua terra natal.

O Brasil surgiu como um destino atrativo para os imigrantes italianos, principalmente devido às campanhas de propaganda promovidas por companhias de navegação europeias e pelo governo brasileiro, como retrata a figura 2.

Figura 1 - Cartaz propagandista: em busca da terra prometida



Fonte: www.pesquisaitaliana.com.br/dia-do-imigrante-italiano-no-brasil. Acesso em: 28 fev. 2024.

Essas campanhas enfatizavam as oportunidades de trabalho e enriquecimento no Brasil, destacando o clima tropical, a abundância de recursos naturais e a necessidade de mão de obra para substituir os escravos nas plantações de café. A imagem do Brasil como uma terra de oportunidades e prosperidade contrastava com a realidade enfrentada pelos italianos em sua terra natal, incentivando muitos a buscar uma nova vida do outro lado do oceano. A figura abaixo retrata a campanha da “Nova Grande Itália”

No entanto, muitas vezes as informações divulgadas nas campanhas publicitárias eram distorcidas ou omitidas, levando os imigrantes a terem expectativas irreais sobre as condições de vida no Brasil (FRANZINA, 2007). A realidade da imigração muitas vezes não correspondia às promessas feitas pelos agentes de imigração, resultando em desilusão e dificuldades para os recém-chegados. Apesar disso, o Brasil continuou a ser visto como um destino promissor para os italianos que buscavam uma nova oportunidade de vida.

Outra questão importante, que aponta Bertonha (2005), são os laços familiares e de confiança que desempenharam um papel significativo na escolha do Brasil como destino de imigração para muitos italianos. A presença de familiares ou conhecidos que já haviam emigrado para o Brasil fornecia informações mais confiáveis sobre as condições locais e as oportunidades de trabalho disponíveis. Além disso, a existência de comunidades italianas estabelecidas no Brasil facilitava a integração e o apoio mútuo entre os imigrantes, tornando o país um destino ainda mais atraente para aqueles que buscavam uma nova vida além-mar.

A emigração italiana para o Brasil durante o século XIX foi, portanto, moldada por uma complexa interação de fatores econômicos, sociais e culturais. As esperanças de uma vida melhor, as oportunidades de trabalho e os laços familiares desempenharam um papel crucial na decisão dos italianos de deixar sua terra natal e buscar um novo lar no Brasil. Essa migração em massa deixou um legado duradouro na cultura e na sociedade brasileira, contribuindo para a diversidade e o desenvolvimento do país.

2.3 A chegada dos imigrantes italianos ao Espírito Santo

A chegada dos imigrantes italianos ao Espírito Santo no final do século XIX marcou um momento crucial na história da região, desempenhando um papel significativo em seu desenvolvimento econômico, social e cultural. Antes da chegada desses imigrantes, a província já abrigava uma diversidade de povos, incluindo indígenas, portugueses, escravos africanos e brasileiros de outras regiões (BERTONHA, 2005).

Bertonha (2005) afirma que colonização do Espírito Santo foi caracterizada pelo encontro e interação de diferentes etnias e culturas, refletindo a riqueza da diversidade do povo brasileiro. Os indígenas, como os tupi, temiminó, pataxó, entre outros grupos, já ocupavam a região antes da chegada dos colonizadores europeus, cada um com sua própria língua e cultura (BENTIVOGLIO, 2019). Com a chegada dos jesuítas, o tupi tornou-se a língua predominante de comunicação, posteriormente substituída pelo português, como parte dos esforços para fortalecer a presença portuguesa no Brasil e resolver disputas territoriais com a Espanha⁴.

A escravidão africana, também, desempenhou um papel significativo na história do Espírito Santo, com os escravos sendo utilizados nas grandes fazendas para atender à demanda agrícola, contribuindo assim para a economia da região. Sobre isso, Campos (2011) acrescenta que escravos, que chegaram no estado, eram livres e trabalhavam na lavoura por vontade própria para sustentar suas respectivas famílias

No entanto, a chegada dos imigrantes italianos, por meio da campanha do Governo Imperial Brasileiro⁵, representou uma nova fase na história do Espírito Santo, trazendo consigo uma contribuição única para o crescimento econômico e a diversificação da cultura local. A influência italiana pode ser observada em diversos aspectos da vida no Espírito Santo, desde a introdução

⁴ O Diretório dos Índios foi uma medida criada pelo Marques de Pombal em 1750 com intenção de certificar a língua portuguesa como oficial do Brasil. Esse documento influenciava na disputa territorial entre Portugal e Espanha, como instrumento de poder. E objetivava “interferir na identidade dos índios, tentando transformá-los em portugueses, o que, por sua vez, comprovaria a efetiva ocupação lusitana das terras brasileira” (GARCIA 2007, p. 27).

⁵ “De acordo com Campos (2011), a população do Espírito Santo não representava 1% da população do país, e a razão para isso era política e econômica: a oeste da província estavam as jazidas de ouro de Minas Gerais, e o estado, durante séculos, serviu de proteção natural contra a invasão de ladrões estrangeiros do ouro da província vizinha. Por isso, o interior do Espírito Santo era coberto por uma densa vegetação e não havia estradas que o cortassem, o que dificultou a ocupação do interior do estado.” (FIORIN, 2019, p.37)

de novos métodos agrícolas até a fundação de empresas e instituições comerciais. Além disso, os imigrantes italianos contribuíram para o enriquecimento da diversidade cultural da região, trazendo consigo suas tradições, festividades e práticas religiosas

Bertonha (2005, p.85) afirma que cerca de 4 milhões de imigrantes italianos chegaram no Brasil entre os anos de 1846 a 1932. Deste montante, 36.666 vieram para Espírito Santo, número muito superior ao de outros países europeus, como Alemanha (4.866), Espanha (3.469) e Portugal (3.427). conforme aponta o quadro abaixo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APPES, 2024)⁶, que expõe o quantitativo de imigrantes que chegaram ao estado nos séculos XIX e XX.

Quadro 3 - Imigrantes chegados ao Espírito Santo nos séculos XIX e XX, por procedência de país

Países	séc. XIX	sec. XX	Total
Itália	35.033	1.633	36.666
Alemanha	4.013	853	4.866
Espanha	2.942	527	3.469
Portugal	2.080	1.347	3.427
Polônia	699	898	1.597
Líbano	1	568	569
Áustria	295	131	426
Estados Unidos	167	219	386
San Marino	360	3	363
Holanda	329	13	342
Suíça	289	21	310
Rússia	185	58	243
França	162	66	228
Bélgica	185	5	190
Síria	0	130	130
China	66	57	123
Inglaterra	9	105	114
Luxemburgo	97	0	97
Ucrânia	130	8	
Romênia	1	56	57
Argentina	8	47	55
Ex-Iugoslávia	0	48	48
Grécia	2	42	44
Ex-Tchecoslováquia	0	38	38
Hungria	2	26	28
Barbados	0	23	23
Turquia	0	21	21
Lituânia	0	21	21
Japão	0	18	18
Dinamarca	0	14	14
Palestina	0	14	14
Venezuela	8	3	11
Bielorrússia	0	9	9

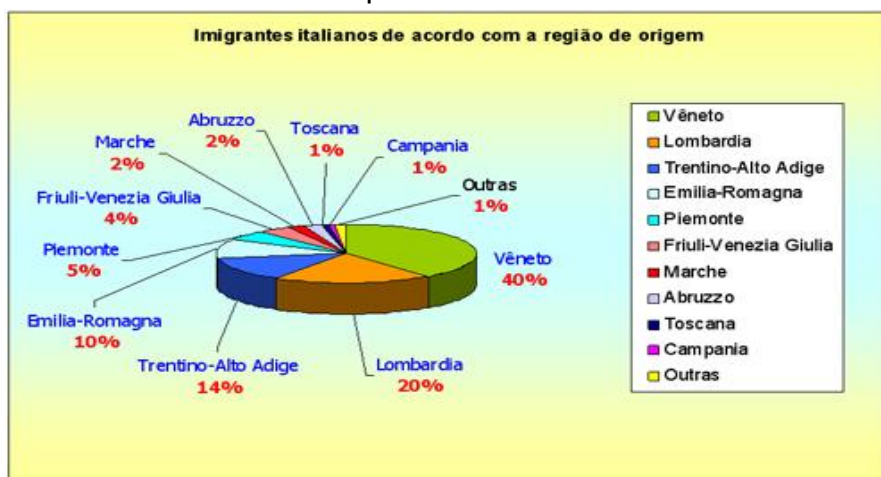
⁶ Disponível em: <http://imigrantes.es.gov.br/html/estatisticas.html>. Acesso em: 09 mar. 2024

Chile	1	8	9
Bolívia	0	7	7
Noruega	0	7	7
Uruguai	0	7	7
Canadá	0	6	6
Estônia	0	6	6
Granada	0	6	6
México	0	6	6
Egito	0	5	5
Irlanda	0	5	5
Santa Lúcia	0	5	5
Colômbia	0	4	4
Escócia	0	4	4
Suécia	1	3	4
Cuba	0	3	3
Letônia	0	3	3
Marrocos	2	1	3
País de Gales	0	3	3
Paraguai	0	3	3
Peru	0	3	3
Argélia	2	0	2
Armênia	0	2	2
Índia	0	2	2
África do Sul	1	0	2
Angola	1	0	1
Arábia Britânica	1	0	1
Austrália	1	0	1
Belize	1	0	1
Bulgária	1	0	1
Dominica	1	0	1
Equador	1	0	1
Guiana	1	0	1
Jamaica	1	0	1
Jordânia	1	0	1
Malta	1	0	1
Nicarágua	1	0	1
São Vicente e Granadinas	1	0	1
Senegal	1	0	1
Tailândia	1	0	1
Tunísia	1	0	1
TOTAL	47.026	7.129	54.155

Fonte: Franceschetto (2024)

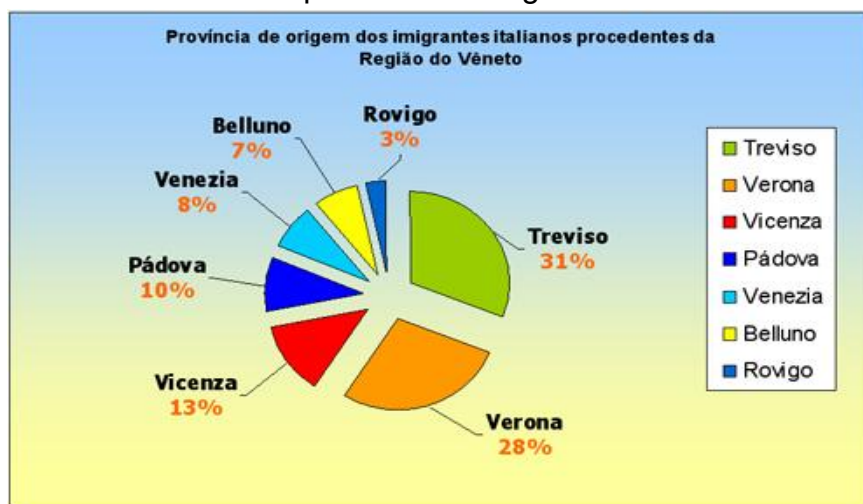
A maior parte dos imigrantes italianos que se estabeleceram no Espírito Santo era proveniente da região do Vêneto, no norte da Itália. Dentro dessa região, as províncias de Treviso e Verona se destacam como os principais centros de emigração. Os gráficos a seguir apresentam o quantitativo de emigrantes italianos por região de origem (1) e, de forma mais detalhada, aqueles provenientes especificamente da região do Vêneto (2). Esses dados ajudam entender o perfil inicial da população capixaba; costumes, tradições, religiosidade.

Gráfico 2 - Imigrantes italianos chegados ao Espírito Santo, de acordo com sua procedência



Fonte: APEES (2014). Acesso em: 17 Jan. 2024

Gráfico 3 - Imigrantes vênnetos chegados ao Espírito Santo, de acordo com a província de origem



Fonte: APEES (2014). Acesso em: 17 Jan. 2024

De acordo com Bigazzi (2006) as primeiras caravanas de imigrantes italianos chegaram ao Espírito Santo por volta de 1874. Desembarcaram nos portos de Vitória e Benevente – que hoje corresponde ao município de Anchieta –. Depois, eram conduzidos às hospedarias (enormes barracões), onde ficaram alojados à espera do governo brasileiro liberar as terras que lhes foram prometidas. Após a liberação, as famílias eram encaminhadas para diferentes localidades como ajuda de guias, abrindo caminhos entre as matas virgens.

Uma dessas localidades foi o município de Alfredo Chaves, que contaremos a história da colonização na próxima seção.

2.4 A história da colonização do município de Alfredo Chaves

A história de Alfredo Chaves é marcada por uma série de eventos que moldaram a identidade e o desenvolvimento socioeconômico do município. De acordo com o site da Prefeitura Municipal de Alfredo Chaves (PMAC, 2024)⁷, a colonização no município teve início desde a chegada dos portugueses, no século XIX. Quando Dom Pedro II doou ao seu guarda de honra, Augusto José Álvares e Silva, 500 alqueires de terra. As terras foram divididas em cinco partes, chamadas de Sesmarias: do norte, do sul, do leste, do oeste e Quatinga.

Após tomar posse das terras, Augusto José Álvares e Silva se casou com Macrina Rachel da Conceição, que era descendente de portugueses. Eles tiveram cinco filhos. Quando Augusto morreu, Macrina herdou as terras e doou um pedaço da Sesmaria para os escravos livres que não tinham moradia e precisavam sustentar suas famílias. A área doada corresponde ao morro do cemitério.

Inicialmente, esta região passou a se chamar “Povoado de Nossa Senhora da Assumpção”. Mais tarde, com a chegada dos jesuítas e a construção da igreja, chamaram de “Povoação de Nossa Senhora da Conceição”. Depois, as Sesmarias foram herdadas pelos filhos de Augusto e Macrina. Rita Augusta José Alves e Silva, filha do casal, casou-se com o coronel José Togneri, filho de conde italiano. Por dote, ele recebeu toda a propriedade da área da Quatinga, que pertencia a colônia de Rio Novo, ao sul do Espírito Santo, e que hoje corresponde ao município de Alfredo Chaves (PESSALI, 2015).

A chegada dos primeiros imigrantes italianos, em 1877, representou um ponto de virada na história da região, transformando-a de uma área pouco povoada em um centro de atividade agrícola e cultural. A região era habitada por indígenas, escravos e alguns colonos, principalmente portugueses, mas permanecia pouco desenvolvida até o final do século XIX (PESSALI, 2015). Foi somente com a campanha de imigração promovida pelo Governo Imperial Brasileiro que as terras desabitadas foram destinadas aos imigrantes europeus, especialmente italianos.

⁷ Disponível em: <https://www.alfredochaves.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6497>. Acesso em 01 mar. 2024.

O rico fazendeiro José Togneri, casado com Rita Augusta José Alves e Silva, desempenhou um papel fundamental nesse processo, vendendo parte de suas terras para a Imperial Colônia de Rio Novo em 1877. Esse foi o ponto de partida para a chegada dos primeiros imigrantes italianos ao porto de Benevente, que, posteriormente, se estabeleceram na fazenda Quatinga. Aos poucos, os imigrantes foram ocupando outras áreas ao longo do rio Benevente, desbravando a mata e enfrentando desafios como a presença de animais selvagens e indígenas locais.

A presença dos imigrantes italianos em Alfredo Chaves rapidamente se tornou predominante, com a população alfredense chegando a mais de 1.000 habitantes em 1880, sendo a maioria de origem italiana (PESSALI, 2015). O reconhecimento da importância desses imigrantes para a formação do município levou à sua emancipação em 1891, com o nome de Alfredo Chaves, em homenagem ao Ministro da Colonização, Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves. Abaixo, observamos a imagem do ministro.

Imagem 1 - Ministro Alfredo Chaves

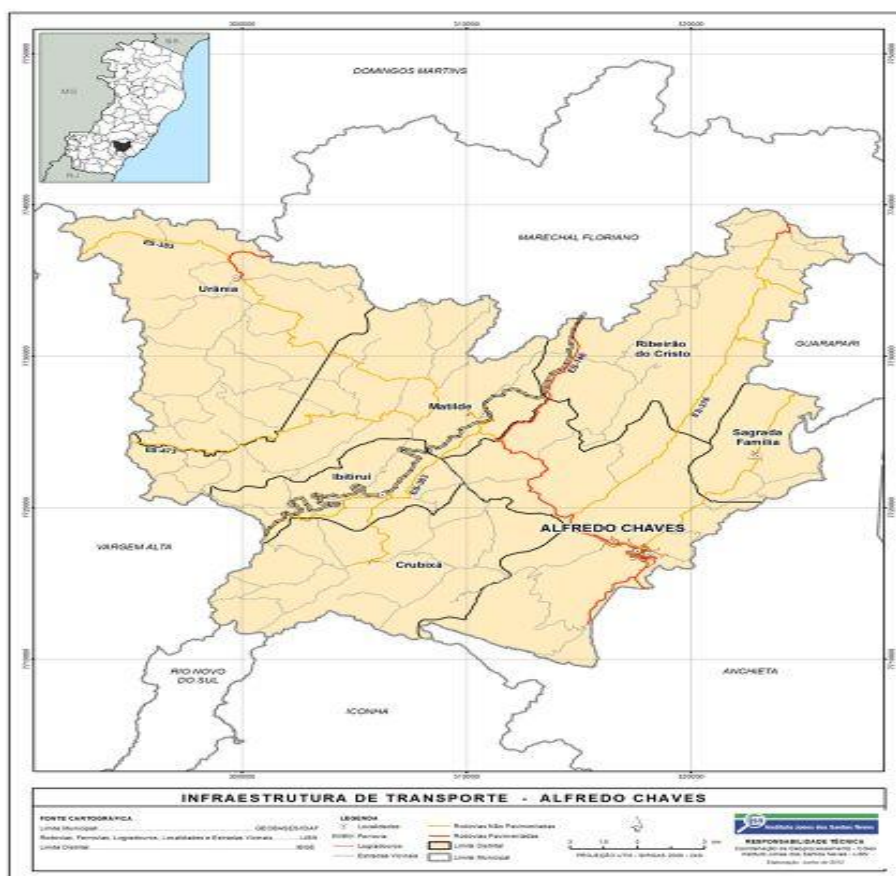


Fonte: <http://www.alfredochaves.es.gov.br>. Acesso em: 23 fev. 2024

Entre 1891 e 1895, uma nova onda de imigrantes italianos chegou a Alfredo Chaves, colonizando áreas do interior do município, como Santo André, São Marcos, Matilde, entre outras. Esses imigrantes trouxeram consigo sua cultura e língua, contribuindo para a diversidade étnica e cultural da região. A construção da Estrada de Ferro Sul, conhecida como Leopoldina, entre 1892 e

1907, foi outro marco importante no desenvolvimento de Alfredo Chaves⁸. A ferrovia ligava Vitória a Cachoeiro de Itapemirim, passando por vários distritos do município, o que facilitou o acesso e o transporte de mercadorias e pessoas, promovendo o crescimento econômico e social da região, como mostra o mapa a seguir.

Mapa 2: localização da linha férrea em Alfredo Chaves.



Fonte: Instituto Santos Neves. Disponível em: www.ijsn.es.gov.br/mapas. Acesso em: 25 fev. 2024.

A presença dos imigrantes italianos também foi fundamental para o desenvolvimento da agricultura em Alfredo Chaves. Eles introduziram técnicas

⁸ De acordo com Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), o projeto da estrada de Ferro Sul do Espírito Santo esteve sob jurisdição estadual dos anos de 1892 – início da construção - até 1907, quando o controle foi transferido à Leopoldina Railway. A obra terminou oficialmente em 1910, após a finalização das estações de Engano, Guiomar, Vargem Alta e Sortuno. A ferrovia teve 500 quilômetros de extensão, sendo 160 ao ramal sul. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/documentos-do-arquivo-publico-trazem-a-historia-da-estrada-de-ferro-sul-do-espírito-santo>. Acesso em 26 Nov. 2024

avançadas de cultivo e produção, contribuindo para o aumento da produtividade e diversificação dos produtos agrícolas. A comunidade italiana também desempenhou um papel ativo na construção de infraestrutura local, participando de mutirões para a construção de estradas, pontes, escolas e igrejas.

O impacto da imigração italiana em Alfredo Chaves pode ser visto até os dias de hoje, na arquitetura, culinária, tradições culturais e na língua local. Muitas famílias italianas ainda preservam suas tradições e mantêm vivas as histórias de seus antepassados. A preservação desse legado histórico é fundamental para entender a identidade e a diversidade cultural do município, como ocorre no distrito de Ibitiruí, que veremos a seguir.

2.5 A história de Ibitiruí: o “Engano”⁹

A ocupação da região que mais tarde viria a se chamar Ibitiruí teve início com a chegada de famílias italianas a Alfredo Chaves, a partir de 1877. Esses imigrantes vieram principalmente do norte da Itália, como o Vêneto e a Lombardia, em resposta às políticas do governo imperial brasileiro voltadas para a colonização de terras e a substituição de mão de obra escrava. Ao serem assentadas em lotes agrícolas, essas famílias passaram a formar núcleos rurais produtivos, baseados no cultivo do café, da banana e do manejo do gado leiteiro.

Os imigrantes italianos se estabeleceram em terrenos montanhosos e frios, com condições difíceis de cultivo. Ainda assim, estruturaram pequenas propriedades familiares, desenvolveram técnicas adaptadas à região e mantiveram tradições culturais e religiosas. A religião católica e o dialeto vênето foram preservados e transmitidos às novas gerações, influenciando fortemente a identidade local. As festas religiosas, como dos padroeiros das comunidades, e a organização comunitária mostravam a integração entre os valores italianos e a realidade brasileira.

Por volta de 1892 a 1910, começaram a construir a ferrovia na região serrana do estado – projeto da estrada de Ferro Sul do Espírito Santo. Com a obra concluída, a instalação da Estação Ferroviária Engano marcou a história local. A estação não apenas nomeou o povoado, mas tornou-se símbolo de uma

⁹ Esta seção apresenta a história da comunidade de Ibitiruí, construída a partir dos relatos de nossos informantes e da investigação atenta do pesquisador, que soube destacar os principais fatos e os aspectos verossímeis.

virada histórica – marcada por interesses políticos, tragédia e, sobretudo, pela presença consolidada das famílias imigrantes.

A construção da Estrada de Ferro Vitória a Cachoeiro foi parte de um projeto maior de integração e modernização do Espírito Santo. Visava ligar o litoral ao sul do estado, facilitando o escoamento da produção cafeeira e conectando pequenos núcleos populacionais ao mercado nacional. Originalmente, o traçado da ferrovia deveria contornar a região de Ibitiruí, evitando suas encostas acidentadas e seguindo por localidades como São João e Rodeio, em direção a Vargem Alta. Porém, o percurso foi alterado, cruzando diretamente a região serrana, conforme aponta os relatos a seguir.

Excerto 1

Informante BS, M, 82, Ensino Fundamental I: Antes era chamada Engano. O nome surgiu por causa da construção da estrada de ferro. O trem vinha descendo do Ipê e, em vez de seguir à esquerda do vale, veio pela direita. O engenheiro responsável disse que houve um engano no traçado. Pararam e redirecionaram a linha para o lado certo. Como aqui era Alto Benevente, por ser nascente do Rio Benevente, acabou recebendo o nome de Engano. Quando foram nomeando as estações, colocaram Engano aqui.

Informante EM, F, 77, Ensino Superior: Quando eu era criança e até adolescente, se chamava Engano. O nome “Engano” surgiu, segundo relatos antigos, porque o traçado original da Estrada de Ferro Vitória-Cachoeiro passaria por outro local. Ao chegar à região, houve um desvio no trajeto, e a linha acabou passando por aqui. Por isso, chamaram o local de “Engano” [...].

A explicação técnica – de um suposto “Engano” – nunca convenceu plenamente a população local. A memória oral, passada de geração em geração, sustenta uma versão bem diferente. A mudança teria sido fruto da interferência de um homem poderoso: Carlos Gentil Homem. Segundo relatos, ele sofria de tuberculose e, por recomendação médica, buscou refúgio no clima fresco da serra. Fixou residência em Guiomar, local elevado e propício ao tratamento da doença. Insatisfeito ao saber que a ferrovia não passaria por lá, usou sua

influência política para alterar o traçado. Alguns dizem que ofereceu dinheiro e vantagens para os engenheiros e responsáveis pela obra, como podemos observar nos relatos dos nossos informantes abaixo.

Excerto 2:

Informante RB, F, 65, Ensino Superior: Não, se chamava Engano, porque da linha do trem, segundo o povo, não foi um engano do engenheiro, o que me contaram, foi esse Gentil Homem, Carlos Gentil Homem, que exigiu que passasse a ferrovia no terreno dele. Então, os engenheiros colocaram como um erro e ficou Engano, e a estrada de ferro tomou esse rumo que é hoje, mas ela seria, ia passar lá em Rodeio. Segundo o relato dos antigos.

Informante TD, M, 86, Ensino Fundamental I: Foi por causa dessa linha de trem. Essa linha de trem, ela saiu por aqui, passou nos Ofrantes [nome da família, ela ia vazar aí. Lá tinha até trecho começado. Mas então, teve esse engano, que depois esse tal de Carlos Gentil, levou ela por aqui para passar em Guiomar. Então, ficou por Engano, Engano ficou por isso aí.

Dizem ainda que o mesmo homem nomeou três estações com os nomes das filhas: Guiomar, Matilde e Virgínia. Um gesto que, mais do que caprichoso, revela o quanto o poder individual era capaz de influenciar decisões técnicas e coletivas em tempos de pouca regulação pública. O “Engano”, assim, não foi apenas um erro no mapa, mas uma marca da intervenção humana, das alianças entre o interesse público e o privado. O povoado, batizado a partir desse “erro”, cresceu com o nome Engano, carregando consigo a memória de uma decisão arbitrária, mas também o começo de um novo ciclo.

No mês de dezembro de 1950, no dia 24, véspera de Natal, um grave acidente ferroviário abalou profundamente a comunidade local, como os moradores mais antigos contam no excerto 3.

Excerto 3

Informante AN, M, 87, Ensino Fundamental I: Era tempo da Maria Fumaça. A máquina perdeu o freio, caiu numa curva. Um padre estava no trem e desceu

antes. Dizem que falou: “O azar vai com vocês”. O trem caiu mesmo. Um rapaz se jogou antes e sobreviveu. Teve até roubo do cofre. Foi grave.

Informante BS, M, 82, Ensino Fundamental I: O acidente de trem, véspera de Natal de 1950. Eu tinha 9 anos. Estávamos brincando quando ouvimos o barulho. Vimos fogo no alto. Um casal desceu pedindo socorro: “o noturno tombou!” Mais tarde vieram dois adolescentes de Alfredo Chaves, explicando que foram arremessados para fora do vagão.

O trem vinha do Rio de Janeiro, com problemas nos freios. O maquinista avisou em Cachoeiro, mas não trocaram a máquina. Ao descer para Ibitiruí, o freio falhou. Na curva do corte, uma pedra pontiaguda atingiu o vagão, que tombou. O impacto foi terrível. Muitas pessoas estavam no restaurante do noturno, o que evitou mais mortes. Morreram 19 pessoas aqui, depois outras em Vitória. O cofre com o pagamento da ferrovia foi encontrado embaixo de um pé de café. Houve suspeita de roubo.

Informante MR, F, 85, Fundamental I: Um acidente de trem, no Natal, foi muito feio. Vimos tudo da nossa casa. O trem caiu perto da igreja. As pessoas gritavam, choravam, houve mortos e feridos. Fomos ver de manhã, frutas espalhadas, presentes perdidos, corpos misturados. Um caos. Muitas pessoas se salvaram, outras morreram. Um parente nosso, Remerindo Favato, se salvou.

Os relatos reunidos permitem reconstituir o cenário de caos que se instaurou na tarde da véspera de Natal, marcado por gritos, corpos, feridos e destroços espalhados ao longo da linha férrea. Segundo os informantes, o número de vítimas fatais varia entre vinte e trinta pessoas, sem consenso, uma vez que muitos feridos foram encaminhados para Vitória e não há registros precisos sobre quantos sobreviveram. Entre os episódios que estruturam a memória coletiva do acidente, destaca-se o caso do padre, recorrente nas narrativas locais. Conforme relatou o informante AN, um sacerdote que viajava no trem teria descido pouco antes do descarrilamento e, ao se despedir, dirigido aos passageiros a frase: “*O azar vai com vocês*”. Pouco depois, a locomotiva teria perdido os freios em uma curva e tombado. O informante menciona ainda que um rapaz conseguiu se lançar do trem antes da queda e sobreviveu, bem

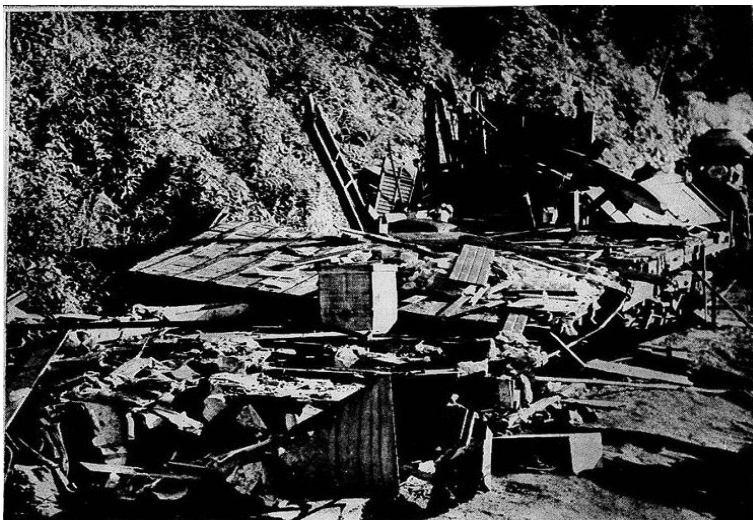
como a existência de rumores sobre o roubo do cofre da ferrovia após o acidente, elementos que reforçam o caráter trágico e simbólico do episódio tal como preservado na tradição oral da comunidade.

Os depoimentos, também, apontam para possíveis falhas técnicas e administrativas como causas do desastre. Relata-se que o trem, procedente do Rio de Janeiro, já apresentava problemas nos freios, os quais teriam sido comunicados pelo maquinista em Cachoeiro, sem que medidas corretivas fossem adotadas. A falha definitiva do sistema ao descer em direção a Ibitiruí, associada à topografia acidentada do trecho – marcada por curvas sinuosas – e ao choque de um vagão contra uma pedra pontiaguda, é apresentada como a sequência causal que levou ao tombamento. Alguns sobreviventes relataram ter sido arremessados para fora dos vagões, circunstância que, paradoxalmente, contribuiu para a preservação de determinadas vidas, sobretudo daqueles que não se encontravam nos compartimentos mais atingidos.

Entretanto, a memória do acidente extrapola a dimensão da tragédia e da explicação mecânica. Os informantes ressaltam a permanência de dúvidas quanto à real natureza do ocorrido, sugerindo que o episódio não teria sido apenas um acidente fortuito. A menção ao desaparecimento e posterior reaparecimento do cofre da ferrovia, bem como às suspeitas de roubo, alimenta a hipótese de um evento possivelmente premeditado, ainda que sem comprovação documental. Assim, o acidente permanece inscrito no imaginário local como uma combinação de catástrofe, sofrimento coletivo e mistério não resolvido, evidenciando o papel central da memória oral na construção e na manutenção da história social da comunidade. A seguir, apresentam-se algumas imagens que ilustram esse cenário de destruição associado ao noturno.

Imagem 2: Acidente de trem em dezembro de 1950





Fonte: Diário do Engano. Disponível em:
<https://diariodoengano.blogspot.com/2012/06/fotos-acidente-ferroviario-em-engano.html>.
Acesso em: 24 Fev. 2025

Com o passar dos anos, o nome “Engano” começou a ser questionado. No final da década de 1960, em meio a um movimento de valorização cultural e busca por identidades locais, foi proposta a mudança do nome para “Ibitiruí”. O projeto foi apresentado pelos vereadores Antônio Mascoli e Humberto Fiorin e apoiado por estudos que resgatavam nomes de origem tupi. A palavra foi interpretada como “montanhas altas e frias”. A decisão, formalizada por volta de 1967, não foi unânime.

Muitos antigos moradores resistiram à mudança, apegados à identidade histórica do Engano. Outros, porém, acolheram o novo nome como forma de afirmação de uma identidade autônoma, conectada à natureza e à história ancestral do lugar. Na época, também foram sugeridos nomes como Jassanã (uma ave local) e Tapinuã (tipo de madeira), mas foi Ibitiruí que prevaleceu, como os seguintes depoimentos descrevem.

Excerto 4:

Informante BS, M, 82, Ensino Fundamental I: O agente da estação, Antônio Máscoli – meu padrinho de batismo – não gostava do nome Engano. Achava ofensivo. Propôs a mudança. Fizeram um projeto e sugeriram nomes como Tapinuã, Jassanã e Ibitiruí. Tapinuã foi descartado por ser uma madeira que já não existia mais. Jassanã não representava a colonização italiana.

Optaram por Ibitiruí, que significa “montanhas altas e frias”. Combina com o lugar.

Informante EM, F, 77, Ensino Superior: [...] A mudança de nome para Ibitiruí aconteceu por volta de 1967. Quem propôs foi Antônio Máscoli. Houve polêmica: alguns gostaram, outros não. O nome “Ibitiruí” seria indígena, com significados atribuídos como “montanhas altas e frias” ou ainda ligado a um cipó típico da região. Outras sugestões eram “Jassanã” (passarinho) e “Tapinuan” (madeira). Há versões que dizem que seria “Ibis Tiruí”, que depois virou “Ibitiruí”. Não há regist[r]os de presença indígena ou de escravos na região. A formação da comunidade está ligada diretamente à chegada dos imigrantes italianos.

Informante TD, M, 86, Ensino Fundamental I: Olha, quem mudou o nome daqui, na época era o vereador Antônio Máscoli e Humberto Fiorin. Então, não ia ser Ibitiruí, ia ser Jassanã. O nome do lugar ia ser Jassanã. Mas aí, os dois, eu não sei o que arrumaram lá, então botaram em Ibitiruí. Mas o nome verdadeiro ia ser Jasanã ou Tapinuã. O nome de uma madeira da região e os passarinhos, que é aquele Jassanã.

Atualmente, Ibitiruí dispõe de infraestrutura urbana consolidada, que inclui calçamento, praça pública, igreja católica e templo protestante (da denominação Deus é Amor), campo de futebol, quadra poliesportiva, posto de saúde, iluminação pública, além de acesso aos serviços de telefonia e internet. Esses equipamentos evidenciam o processo gradual de modernização da localidade e refletem o esforço coletivo da comunidade em garantir condições adequadas de mobilidade, lazer, saúde e comunicação, assegurando sua integração aos circuitos contemporâneos sem romper com suas bases históricas.

Apesar dessas transformações, Ibitiruí preserva traços fundamentais de sua identidade sociocultural. A religiosidade continua a ocupar lugar central na organização da vida comunitária, assim como as práticas de convivência e solidariedade que caracterizam a trajetória do povoado desde sua formação. A memória dos imigrantes, da estrada de ferro e das lutas cotidianas pela permanência no território permanece viva nas celebrações, nos sotaques, nas narrativas orais e no modo de vida de seus moradores, configurando um espaço

em que passado e presente se articulam na construção contínua da identidade local.

Em resumo, a imigração italiana desempenhou um papel fundamental na formação da comunidade de Ibitiruí. O legado deixado por esses imigrantes é especialmente perceptível, onde as tradições, a religiosidade e aspectos da língua herdada seguem vivos no cotidiano dos moradores. Nessa localidade, a presença da cultura italiana se manifesta também na fala, sobretudo na realização dos sons da consoante róticos, os quais revelam uma forte influência do contato linguístico com o dialeto vêneto.

No próximo capítulo, apresentaremos nosso objeto de estudo. Para isso, discutiremos as principais abordagens teóricas que fundamentam nossa análise, com destaque para os estudos da Sociolinguística Variacionista e do Contato Linguístico e das teorias da Fonética e da Fonologia, explicitando como os róticos são produzidos na fala.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta pesquisa, buscamos descrever e analisar os róticos na comunidade de Ibitiruí. Para alcançar esse objetivo, na seção 3.1 apresentamos um breve contexto histórico da Linguística Moderna, destacando os desafios dos linguistas em analisar os fenômenos acerca de seu objeto de estudo. Depois, discutimos as teorias que nos embasaremos nas análises. Inicialmente, a Sociolinguística (seção 3.2), tecendo as principais considerações históricas e metodológicas. Ainda torno desta teoria, falaremos da vertente Variacionista (3.3), trazendo alguns conceitos importantes como: heterogeneidade das línguas naturais, variação, variedades, variantes, variáveis dependente e independente, variáveis linguísticas e extralinguísticas e preconceito linguístico. E do Contato Linguístico (3.4), enfatizando os termos língua de imigração e de herança, diglossia, bilinguismo social, revitalização da língua e marca de identidade e/ou afetiva. Na seção 3.5, para tratar especificamente do nosso objeto de estudo, abordaremos questões relacionadas à Fonética e Fonologia, enfatizando as principais autores e teorias.

3.1 Breve histórico da Linguística Moderna

Olhar a língua, objeto de estudo da Linguística, no âmbito social, político, metodológico não é uma tarefa fácil, já que ela está em constante variação e mudança. São muitos os desafios da Linguística como ciência autônoma capaz de descrever e analisar os fenômenos acerca de seu objeto de estudo.

A Linguística, como campo de conhecimento, surgiu desde a Grécia antiga no século V antes da Era Comum e, como ciência, recentemente, no século XX, com a publicação do livro *Curso de linguística geral* de Ferdinand de Saussure (1914). Antes da era moderna, podemos dividir o estudo da linguagem em três momentos importantes:

a) a gramática dos gregos, que foi continuada pelos franceses, cujos estudos não se interessavam pela língua e se fundavam principalmente pela lógica; b) os estudos filológicos, que apareceram na Alexandria, e cujo termo filologia está ligado sobretudo ao movimento científico da época; e c) a gramática comparada, que estuda as relações entre as línguas e investiga como elas se originaram, quais as filiações, ramificações linguísticas, etc. (BASSETO, 2005, p.34-35)

A gramática dos gregos iniciou em Aristóteles, estabelecendo uma relação entre lógica e linguagem (MARTELOTTA, 2015, p.25). De acordo com Robins (1983), ela se deu no contexto de expansão do Cristianismo e início da civilização romana, cujos interesses dos filósofos gregos eram descrever o sistema escrito e não prescrever regras de uso da língua. Logo, levava-se em consideração aspectos fonéticos e a descrição geral de regras gramaticais.

Essa visão aristotélica influenciou por séculos o estudo de língua, fomentando, de acordo com Martelotta (2015), a partir do século XVI, a elaboração de gramáticas de línguas faladas pelo mundo. As primeiras foram inspiradas pelo sistema escrito latino, pois era a língua de prestígio e majoritária. O objetivo dessas gramáticas era dar continuidade às propostas gregas e analisar a natureza da linguagem por meio de sua estrutura.

Em meados do século XIX, durante a Revolução Industrial, as bases tradicionalistas foram perdendo força. Pesquisadores como Franz Bopp, Jacob Grimm e Wilhelm Von Humboldt começaram a observar que a língua apresentava natureza sociocultural. Esse pensamento se deu pela diferença observada entre o código escrito e falado. A fim de prescrever essa questão, eles trouxeram uma nova abordagem para analisar os fenômenos linguísticos, o estudo histórico-comparatista.

Em um estudo que marcou esta concepção verificou-se que o sânscrito¹⁰, língua antiga da Índia, apresentava similaridade com outras línguas indo-europeias. Esse trabalho foi crucial para compreender que alguns fatores, que antes não eram levados em consideração, são inerentes à língua, como o fator sociocultural, supracitado. Segundo Martelotta (2015), os linguistas passaram a buscar métodos de análises, para tornar a Linguística não apenas um campo de conhecimento e sim uma ciência autônoma ao ponto de explicar as mudanças que a língua vem sofrendo com o passar do tempo.

Os estudos linguísticos até o século XIX, baseavam-se no caráter normativo e descritivo, excluindo aspectos reais da língua. A partir do momento que consideraram a Linguística como ciência empírica, observaram a

¹⁰ Nome de uma língua antiga que foi utilizada na Índia. A história do sânscrito divide-se em dois períodos. O antigo sânscrito é a língua em que foram escritos os Vedas, livros sagrados dos hindus. O antigo sânscrito é também chamado sânscrito védico ou simplesmente védico. A maior parte das obras em sânscrito do segundo período, o período clássico, trata de assuntos não religiosos. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sanscrito/>. Acesso em: 30 jul. 2021

complexidade e os desafios de estudar a língua. Perini (2011, p.5) chama atenção para essas dificuldades de âmbito teórico e metodológico, que estão em torno da relação entre linguagem e língua.

Inicialmente, muitos pesquisadores as definiram como algo similar ou colocavam a linguagem como elemento secundário. Essa visão mudou no momento em que entenderam que a Linguística não era uma ciência autônoma, e estava atrelada a outras áreas de conhecimento como a filosofia, a história, a crítica literária.

Destarte, a Linguística Moderna procurou superar essas questões, partindo do estudo das línguas naturais, que de acordo com Perini (2011) é uma fonte inesgotável para qualquer teoria linguística. Em outras palavras, os estudos linguísticos na modernidade se centraram “na observação dos fatos de linguagem” (FIORIN, 2014, p.13), tendo como pressuposto a experimentação e adequação a uma teoria.

Saussure (2006 [1916]) foi um dos percursores deste trabalho. Com a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), que se baseava em suas aulas em Genebra. Ele procurou inicialmente definir o objeto de estudo da linguística, a língua. Compreendia como campo complexo que não estava pronta para ser observada e que o pesquisador devia determinar o ponto de vista que a analisaria. Assim, o

Trabalho realizado por Saussure de delimitar um objeto e escolher uma metodologia adequada aos estudos linguísticos representou um processo de cientificização daquilo que há muito tempo vinha sendo realizado, mas de forma desordenada, ou seja, os estudos linguísticos eram realizados, mesmo sem o caráter científico atribuído por Saussure (COSTA, 2014, P.61).

Este trabalho representou uma ruptura epistemológica. Os estudos linguísticos passaram a descrever as línguas naturais em situação de prática, conforme a perspectiva adotada. Saussure analisou a língua em sua estrutura, composta por um sistema de signos linguísticos. De modo distinto, atribuiu a linguagem “a capacidade humana cuja manifestação individual é a fala, e o produto social é a língua; sendo impossível conceber uma sem a outra” (ROCHA, 2017, p.46).

Ao tratar da língua como objeto heteróclito, isto é, parte social e exterior do indivíduo, Saussure (2006 [1916]) apresenta uma visão dicotômica entre

língua e fala. Segundo Saussure, a língua é elemento psíquico e essencial, modelo coletivo que não pode ser alterado pelo indivíduo. Já a fala, como individual e acessório, modelo coletivo que diz respeito àquilo que as pessoas dizem.

A partir de 1930, com base nos estudos estruturais e formalistas¹¹, surgiram diversas escolas linguísticas, ou Círculos Linguísticos, como são comumente denominados. O primeiro deles foi o Círculo Linguístico de Moscou (CLM) que se iniciou em 1915, pelo russo Roman Jakobson. O objetivo era analisar cientificamente a linguagem através de textos literários. Eles observaram a forma como esses textos eram compostos, buscando identificar a literalidade, que consiste em apresentação de palavras e como elas são percebidas no todo (texto, autor, leitor).

Posteriormente, formou-se o Círculo Linguístico de Praga (CLP). Inicialmente pelas ideias de Mathesius, que foram consolidadas no manifesto escrito pelos russos Nicolai Trubetzkoy, Karcevsky e Jakobson, e apresentado, em 1928, no Primeiro Congresso Internacional de Linguística realizado em Haya. Os estudos realizados pelo grupo de Praga deram continuidade ao antecessor, verificando a relação entre linguagem e o texto literário, como ele se materializa. Todavia, esse grupo trouxe uma valiosa contribuição referente à descrição da estrutura da língua, com a concepção de traços distintivos – campo da Fonética e Fonologia¹².

A partir das contribuições propostas pelos círculos linguísticos, tanto de Moscou e Praga, foram emergindo outras teorias, como o Gerativismo de Noam Chomsky (1957). Ele definiu a língua como um sistema que se estabelece na mente humana e, a linguagem, como uma capacidade inata que é própria do sujeito. A partir disso, trouxe a noção de *Competência* e *Desempenho*. O autor define “competência como a capacidade de compreender e formular frases de

¹¹ O Formalismo refere-se ao estudo da forma linguística. Nesse sentido, a língua é vista como um sistema autônomo, e seus estudos focam, especificamente, na Fonética, na Fonologia, na Morfologia e na Sintaxe, ou seja, priorizam as características internas da língua, seus constituintes e as relações entre eles. Portanto, a língua é observada nas relações entre suas partes e os princípios que orientam sua organização, gerando explicações que partem da própria estrutura.

¹² Ao apresentar o objeto desse estudo, o fonema /r/, abordaremos a literatura sobre Fonética e Fonologia.

uma língua. E o desempenho como a utilização concreta dessa capacidade” (MARTELLOTA, 2015, p.60).

O Gerativismo assumiu uma posição semelhante à corrente estruturalista, ao dizer que a concepção de língua deve se basear na noção de competência. Todavia, os pressupostos gerativistas forneceram mais possibilidades de observar os fenômenos linguísticos quando trataram da noção de gramática universal, que partiu da descrição e análise do conjunto de princípios que regem todas as línguas.

Chomsky em uma entrevista concedida à Universidade de Washington¹³ chama atenção para essa ideia de universalismo e concebe a língua como um “fenômeno social”, que está em constante mudança. Também, o pesquisador ressalta que é preciso analisar dados reais, que descrevam o funcionamento da língua como um todo.

Tendo em vista esse apontamento de Noam Chomsky – em analisar dados reais – os estudos começaram a levar em consideração o contexto comunicativo. A chamada virada pragmática alterou os paradigmas de linguagem que a reduziam a um instrumento de transmissão de informações ou simplesmente uma representação do mundo objetivo (MARCANTONIO, 2007).

A pragmática linguística deve muito às contribuições da filosofia linguagem, buscando descrever a “relação que os signos estabelecem em vários âmbitos” (MARTELLOTA, 2015, P.85). De acordo com Martellota (2015), dessas relações, originaram-se três vertentes: a semântica (estuda a relação dos signos com os objetos); a sintática (dos signos entre si); e a pragmática (dos signos entre os interpretes). Especificamente a pragmática visa descrever como os sujeitos estabelecem no contexto a interação.

Humboldt, integrante dessa corrente, foi um dos primeiros a dizer que a linguagem apresentava função comunicativa. O autor define linguagem como uma ação humana, uma atividade, um processo contínuo compreendido pelos falantes que participam da interação. Já a língua, como elemento socialmente coordenado e regulado que cria os objetos, associada ao uso cotidiano.

Dentro do campo de investigação da Pragmática surgiu alguns estudos como: “Atos de fala” de Austin, a “Teoria da polidez” de Brown e Levinson e

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W53UvJoLAWI>. Acesso em: 12 mai. 2023

“Análise da conversação” de Sacks e Schegloff. Constitui-se uma área ampla que permite diferentes acepções. Por conta disso ficou conhecida como a teoria do uso linguístico e influenciou diretamente algumas Tendências Contemporâneas por levar em consideração o uso cotidiano da fala, como chama atenção o próprio Humboldt.

Uma dessas correntes contemporâneas foi a Sociolinguística. Ela surgiu em 1964, num congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia. Neste evento, a discussão principal proposta por Bright (1974[1966]) era de que a estrutura da língua é inerente a sociedade, e que os fatores internos não dão conta de explicar a variação linguística.

Partindo deste pressuposto e da análise de dados reais, os pesquisadores da área entenderam que a relação entre língua e sociedade era tênue. Relacionado a isso, discutiremos na próxima seção.

3.2 Sociolinguística: considerações históricas e teóricas

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística cujo foco é a estreita relação entre uma língua natural e a comunidade onde ela é falada. Dessa forma, as características sociais dos falantes, assim como os contextos reais de uso de uma língua são objetos de estudo da Sociolinguística, por exercerem influência na forma como a língua é usada (MOLLICA, 2013, p. 10).

Em 1964, com a realização de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia, que reuniu pesquisadores como John Gumperz, Heinar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona, lançaram a teoria Sociolinguística. A discussão principal deste evento era de que a estrutura da língua é inerente à sociedade, e que fatores internos não dão conta de explicar a variação linguística. Partindo deste pressuposto, começaram a entender que o contexto social era algo indissociável da língua, mantendo uma relação tênue.

No início da Linguística Moderna, com a publicação do livro Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure (1916), como foi mencionado na seção anterior, definiu-se que a língua era o objeto de estudo da linguística, como sendo composta por um sistema homogêneo e unitário (SAUSSURE, 1973 [1916]). Lucchesi (2015, p. 29) afirma que sociolinguística, como ciência,

surgiu em contraposição a linguística idealmente homogênea proposta pelo estruturalismo saussuriano e, também, ao gerativismo de Noam Chomsky (1957, 1975 [1965]), que parte do princípio da competência linguística e de uma falante ideal, apresentado na seção anterior.

Logo, a sociolinguística entende que a língua é composta por um sistema heterogêneo. Sobre isso, Labov (2008[1972]), estudando as comunidades de Nova York e Martha's Vineyard, acrescenta que em uma comunidade complexa a ausência de heterogeneidade seria disfuncional. Ou seja, vários fatores sociais influenciam no uso de determinada língua em uma comunidade de fala, e que negligenciar esses condicionantes é excluir parte significativa de que é composta a língua. Haja vista essa questão, Camacho (2001, p. 55) esclarece que

As línguas naturais humanas consistem em sistemas organizados de forma e conteúdo, seria estranho que a variação não fosse uma de suas propriedades mais marcantes e significativas. Na realidade, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos e o papel da sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não linguísticas.

Nesse sentido, os sociolinguistas para analisar o objeto de estudo, que é a língua, passaram a estudar o vernáculo, isto é, o uso espontâneo da língua, sem monitoramento, além da observação dos padrões de comportamento linguístico constituído por unidades e regras variáveis (LABOV, 2008 [1972]). Em outras palavras, a relação língua e sociedade é algo complexo e não desorganizado, segue padrões em que fatores internos não dão conta de explicar a mudança linguística.

Partindo dessa premissa, surge a histórica discussão entre a pesquisadora argentina Beatriz Lavandera (1978) e William Labov (1978) sobre o valor de significância de uma variável. Lavandera (1978) diz que uma variável fonológica apresenta o mesmo valor de verdade em condições de analogia, já a sintática (ou de outro nível) possui um significado próprio, sem comparabilidade funcional. De acordo com a pesquisadora, nas construções sintáticas ocorre uma alternância de significado, sem que haja valor referencial (condicionantes sociais e funcionais).

Em resposta, Labov (1978) enfatiza a noção de significado referencial, também chamado significado representacional, afirmando que dois enunciados

podem representar o mesmo valor de verdade no contexto que são empregados. Isso é comprovado no trabalho realizado sobre as construções da passiva e ativa em parceria com Weiner (1983). Os resultados revelaram que esse fenômeno está condicionado a fatores internos à língua, e que o uso de uma ou outra forma depende do contexto comunicativo.

A Sociolinguística, assim como qualquer outra teoria linguística, tem como finalidade descrever a língua em diferentes níveis (fonológico, prosódico, morfológico, sintático). E, como campo do saber, está intimamente ligada às dinâmicas histórico-políticas e às construções imaginário ideológicas das sociedades em que as línguas são faladas. Isto posto, “elas não existem em si e por si; não são entidades autônomas – as línguas são elas e seus falantes; elas e as sociedades que as falam” (FARACO, 2016 p. 9).

Os estudos sociolinguísticos contribuíram para o desenvolvimento de um aparato metodológico, além de diferentes perspectivas de análise da língua que antes não eram abordadas. Pensando nos métodos de pesquisa, Penelope Erckert (2008) apresentou uma proposta das *três ondas da sociolinguística*, que foi uma organização teórica e metodológica, conforme as discussões que foram surgindo desde a década de 60.

A “primeira onda” tem foco nas comunidades de fala e se iniciou com Labov em Nova York (2008[1972]). O principal objetivo é a descrição de padrões regulares de variação e de mudança linguística. As pesquisas iniciais foram em torno dos fenômenos fonéticos e fonológicos, onde observaram que fatores internos à língua não dão conta de explicar a variação linguística, que é sistemática e parte constituinte de um todo, conforme afirma Labov (2008[1972]). Formularam um método de observação que contribuiu para o desenvolvimento de outras pesquisas.

A “segunda onda” continua com o principal interesse na variação e na mudança linguística, entretanto, os métodos de análise se encaminharam no sentido de uma aproximação etnográfica em relação aos falantes, a fim de investigar os padrões mais localmente. Ou seja, o principal foco está em como os falantes utilizam a língua em um ambiente de interação, as chamadas redes sociais. Eckert (2005) afirma que o primeiro estudo etnográfico foi realizado por Labov (2008[1972]) em Martha’s Vineyard – estudo da centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ como marca de identidade.

Já a “terceira onda”, diferente das duas primeiras, compreende o falante através de práticas das quais ele se posiciona no mundo social. Nesta, o foco não é a mudança e variação linguística, mas a capacidade das pessoas se comunicarem e as informações sociais a respeito de sua identidade, dentro de uma comunidade de prática. Corresponde aos estudos de estilo que visam analisar a “tomada de decisão” do sujeito na interação social. Um exemplo é a pesquisa de Moore (2010), na variação entre *were* e *was* em uma comunidade de prática de adolescentes em Boston, Inglaterra.

Esta pesquisa segue os pressupostos teóricos e metodológicos laboviano e poderíamos classificar como estudo de primeira onda. Porém como estamos lidando com indivíduos em suas relações intergrupais, podemos verificar contribuições de todas, perpassando essa noção.

Nosso objetivo é analisar a variação dos róticos na comunidade de Ibitiruí, Alfredo Chaves/ES, para tanto, discutiremos os principais conceitos em torno da Teoria da Variação e Mudança proposta por Labov (2008[1972]) e do Contato Linguístico

3.3 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Nesta subseção, apresentaremos os conceitos mais importantes da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação e Mudança Linguística que subsidiarão as nossas análises posteriores, tais como heterogeneidade das línguas naturais, variação, variedades, variantes, variáveis dependente e independente, variáveis linguísticas e extralinguísticas e preconceito linguístico. Iniciaremos trazendo apontamentos gerais sobre teoria da Variação e Mudança, e, depois, descreveremos os conceitos chaves que serão utilizados neste estudo.

Segundo Labov (2008[1972]), a variação se define dentro do contexto social da comunidade em que as ocorrências são produzidas em decorrência da história do grupo e às pressões sociais que recebe, influenciando diretamente nas escolhas linguísticas feitas pelos indivíduos. Por conseguinte, Hora (1997, p.159-174) pontua que a Teoria Variacionista laboviana é “um modelo que trata da relação entre língua e sociedade e da possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

Sobre esse conceito e os princípios gerais que regem a variação e mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1975], p.125) no ensaio *fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, apontam para alguns pontos centrais a serem problematizados:

- i) a mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala;
- ii) a associação entre estrutura e homogeneidade é ilusão;
- iii) nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade;
- iv) a generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea;
- v) as gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala.
- vi) a mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; e
- vii) fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

Ou seja, a língua é sistemática, gradual e heterogênea, e a mudança ocorre dentro da comunidade de fala, que possui suas próprias regras. A partir disso, Labov (2008 [1972], p.26) atenta-nos para as seguintes situações favoráveis para que ocorra a variação linguística:

- (i) a variável deve ser frequente, isto é, ocorrer com constância na fala natural e assim ser mapeada por meio de gravações;
- (ii) ser estrutural, quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse da pesquisa sociolinguística; e
- (iii) ser altamente estratificada, ou seja, as observações iniciais do pesquisador devem sugerir distribuição assimétrica da variável nos diversos estratos da sociedade.

No computo da variação é preciso compreender como e de que maneira ela ocorre. Mediante a isso, Bright (1966, p.34) elenca três fatores que implicam

na diversidade linguística: a) a identidade social do emissor ou falante; b) a identidade social do receptor ou ouvinte; e c) a dimensão condicionadora. É na interação entre os indivíduos (emissor e receptor) e o contexto social que vão influenciar na frequência do uso de uma forma linguística.

Entendendo essas questões, Mollica (2015) pontua que todas as línguas naturais apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são **heterogêneas**. Esse é um dos princípios básicos da Teoria Variacionista. Qualquer língua, por ser utilizada por falantes reais, é passível de variação e conseqüentemente, dotada de heterogeneidade. No entanto, a heterogeneidade linguística não é caótica, assistemática, como se costumava pensar, mas sim regida por regras próprias de cada comunidade de fala da qual o falante participa.

A **variação linguística** é um fenômeno natural de diversificação da língua, mediante o contexto linguístico e/ou social. Sobre a variação, Mollica (2013) diz haver fronteiras que a delimita, o espaço geográfico (variação diatópica), a condição socioeconômica (variação diastrática) e a situação de fala ou registro (variação diafásica). Por exemplo, dependendo da região geográfica a língua sofre determinada influencia e varia conforme a cultura daquela região. Quanto maior for o status socioeconômico de uma língua, maior será o gozo de prestígio, e quanto menor o status, será estigmatizada. E em situações de maior grau de formalidade, maior será o uso das normas gramaticais, e vice-versa.

Eckert (2008, p.454), falando sobre a variação especificamente, diz que constitui um sistema indicial que incorpora a ideologia na linguagem e que é, também, parte essencial da construção da ideologia. Haja vista essa dinamicidade da língua, podemos dizer que a variação é um campo abrangente, que possui segmentos com suas próprias especificidades. Tem-se variedades, variantes e variáveis linguísticas e extralinguísticas.

A **variedade da língua** diz respeito aos diversos contextos que influenciam a variação seja geográfico, histórico, social e até mesmo situacional. Para Bagno (2009, p.47) “variedade linguística significa um dos muitos modos de falar uma língua”. Dentro das variedades há variantes conservadoras & inovadoras, prestígio & estigmatizada e padrão & não padrão. Sendo que a primeira opção dos pares diz respeito ao uso formal da língua, e a segunda, ao informal.

Em se tratando de variantes e já mencionando variáveis, pois ambas conceitualmente estão interligadas, Tarallo (1994, p. 08) no livro *A pesquisa sociolinguística* definiu que "**variantes linguísticas** são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade." Ou seja, as formas de variação dão-se o nome de variantes.

Por sua vez, a **variável** é um conjunto de variantes. De acordo com o autor, as variáveis linguísticas se subdividem em variáveis linguísticas dependentes e independentes. A **variável dependente** é o fenômeno que está sendo analisado, por exemplo, o ditongo nasal tônico -ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Ibitiruí/ES (PICOLI-MENEGHEL, 2015), as variantes seriam aquelas que estão em competição: a presença ou ausência do ditongo nasal-ão nas falas dos descendentes de italianos. Já as **variáveis independentes** seriam os fatores condicionadores linguísticos (estruturais) e/ou sociais (extralinguísticos) que influenciam tal variante no concerne da variação, e que não inerente ao sistema.

A **variável linguística** diz respeito à estrutura da língua distribuída em níveis fonético-fonológico, lexical, morfossintático, semântico e pragmático. Já a **extralinguística** se refere aos traços sociais dos falantes, como sexo/gênero, faixa etária, classe social, escolaridade, etnia. O contexto social influencia no uso de determinada variável linguística, que pode ser de prestígio ou estigmatizada.

Quando for estigmatizada, a variante pode sofrer algum tipo depreciação ou desrespeito, o que alguns linguistas denominaram de **preconceito linguístico**. Martins (2017, p. 06) diz que esse termo consiste em "um julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...] depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo [...]". Ou seja, é uma forma de deboche quanto a língua do outro (seja na forma de falar ou pronunciar determinada palavra), excluindo aspectos sociais e identitários que compõem a língua.

Bagno (1999) vai ao encontro desse pensamento e chama atenção para o mito do monolinguismo, que deve ser combatido principalmente nas escolas, onde privilegia o ensino da gramática normativa. Nas palavras do autor:

o fato é que, como ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os níveis de uso social (BAGNO, 1999, p. 27-28)

Em todas as línguas ocorrem variação e considerar uma única norma tanto para a fala quanto para a escrita é excluir a diversidade linguística. Pensando nisso, o trabalho do pesquisador variacionista é ainda mais importante, pois se baseia em

identificar os fenômenos linguísticos variáveis de uma dada língua, inventariar suas variantes, definindo as variáveis dependentes, levantar hipóteses que deem conta das tendências sistemáticas da variação linguística, operacionalizar as hipóteses através de variáveis independentes ou grupos de fatores de natureza linguística e não linguística, identificar, levantar e codificar os dados relevantes, submetê-los a tratamento estatístico adequado e interpretar os resultados obtidos à luz das hipóteses levantadas. (SCHERRE, 1998, p. 43).

A pesquisa na comunidade de Ibitiruí vai além da descrição e análise do fonema /r/ e arquifonema /R/, buscando resgatar aspectos culturais que estão se perdendo, principalmente entre os jovens. Para auxiliar essa discussão, abordamos a seguir as variantes sociais (faixa etária, sexo/gênero e escolaridade), que utilizamos para realizar as nossas entrevistas.

3.3.1 Faixa etária

O informante assim que nasce é inserido no contexto social e à medida que os anos passam participa de novas interações que podem ou não gerar mudança na fala, dependendo do contexto comunicativo. A faixa etária é um dos fatores que influenciam no que diz respeito à mudança linguística. Esse traço pode contribuir para que uma ocorrência sobreponha a outra, o que favorece à mudança.

Segundo Tarallo (1990, p.65), a correlação entre faixa etária e variantes linguísticas indicaria que ocorre: (i) variação estável – quando entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação; (ii) mudança em progresso – quando o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes.

Os jovens, geralmente, são responsáveis por inserir uma nova forma linguística na comunidade, propiciando a mudança. Sobre isso, Sturtevant (1947 apud. LABOV, 2008 [1972]) acrescenta que para que aconteça de fato a mudança, antes que uma variante inovadora possa se difundir, é necessário que uma das formas concorrentes adquira algum tipo de prestígio. Então, é possível dizer que os falantes optam por formas linguísticas que recebam avaliação positiva por parte de seu interlocutor.

No intuito de explicar a faixa etária, alguns autores abordam a diferença entre tempo aparente e real. Segundo Labov (1994, p.63), a pesquisa em tempo aparente se caracteriza por analisar informantes de diferentes faixas etárias em um dado período de tempo – estudo por meio de gradação etária. Já a de tempo real observa os falantes em pelo menos dois recortes temporais. Ambas seguem o mesmo aparato metodológico, o de estratificação social, porém, a de tempo real constitui duas amostras de um mesmo informante em momentos distintos de sua vida. A de tempo aparente segue a perspectiva sincrônica e a de tempo real, diacrônica.

As diferenças através das gerações de falantes são interpretadas como evidência de mudança linguística de acordo com a hipótese de tempo aparente. Este princípio sustenta que pessoas de idades diferentes podem ser tomadas como representantes de momentos diferentes. Assim, a fala de alguém de 75 anos de idade hoje representa a fala de um período mais anterior do que a fala de alguém de 50 ou de 25 anos (MILROY; GORDON, 2003, p. 35).

Outra questão sobre o estudo de faixa etária é a preocupação quanto à discrepância de análise dos dados. Eckert (1997) aponta que esse traço é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do informante. Consoante, Labov (2008[1972]) afirma que as diferenças entre faixas etárias podem ser fictícias quando se leva em conta a distinção entre grupos sociais.

Essa preocupação apontada por Eckert (1997) e Labov (2008[1972]) está condicionada ao status social do indivíduo, que em diferentes momentos de sua vida pode mudar de acordo com a escolaridade, nível socioeconômico, grupo pertencente. Mesmo que “a faixa etária termine sendo condicionada por outros fatores”, conforme pontua Monteiro (2000, p. 51), é preciso delimitá-la, já que em alguns estudos esse traço se mostrou significativo, como na pesquisa de

Henrique e Hora (2012) na palatalização das oclusivas dentais em João Pessoa, Paraíba. Sendo assim, a escolha deste traço para análise dos dados é pelo valor de representatividade na comunidade; se for significativo, deve ser levado em consideração.

Alguns trabalhos delimitaram esse critério. Labov (2008[1972]), no estudo de Martha's Vineyard, utilizou o seguinte recorte na idade para a seleção dos seus informantes: 14-30, 31-45, 46- 60, 61-75. Chambers (2003) propõe três faixas etárias: crianças, adolescentes e adultos. Eckert (1997), por sua vez, propõe que as faixas etárias representem o curso da vida linguística: infância, adolescência, vida adulta e velhice.

Neste estudo, seguindo o modelo laboviano, organizamos nossos informantes em três grupos etários: O primeiro de 0 a 39 anos, representando os jovens; o segundo de 39 a 60 anos, os adultos; e o terceiro de 60+, os idosos. A importância de tratar da faixa etária, além de organizar nosso aparato metodológico, é de entender se a faixa etária está influenciando na substituição do vêneto pelo português e se as futuras gerações perderão traços fonéticos distintivos dos descendentes de italianos. Na sequência, discutiremos a variável sexo e gênero

3.3.2 Sexo/gênero

A definição dessa condicionante é diversificada, pois conforme a discussão de sexo e gênero avança, novas terminologias surgem com o objetivo de caracterizar os diferentes sujeitos na sociedade. O sujeito de hoje não é o mesmo de cinquenta anos atrás, período em que estavam emergindo os primeiros trabalhos na área da sociolinguística. Em torno disso, Raquel Meister Ko. Freitag (2013, p.25), no capítulo intitulado *(Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística*, diz que é preciso ter dois olhares para esse fator: “o olhar da época e o olhar retrospectivo de hoje”.

Até a década de 70, não se considerava a distinção entre biológico e social (TRUDGILL, 1972) no que diz respeito a essa terminologia. Autores como Chambers (1995) e Labov (1972), ao estabelecer um procedimento metodológico de análise, entendiam ambos com o mesmo sentido, tendo em vista o sexo biológico. Com a intensificação dos movimentos feministas,

principalmente na década de 80, passaram a diferenciar cada um. O próprio Chambers (1995), definiu-os da seguinte forma:

Sexo: diferenças biológicas entre homens e mulheres, que existem mesmo quando os papéis atribuídos ao gênero são ausentes (p. 104)

Gênero: papéis desempenhados por homens e mulheres em relação à mobilidade deles em uma dada comunidade: quanto menor for o contato social e a variação geográfica de homens ou mulheres, maior será o uso, por esses indivíduos, das variantes do seu grupo de contato (p. 125-126).

Desse modo, gênero é entendido como uma escolha, isto é, como o sujeito se identifica no ambiente que está inserido, levando em consideração o papel social desempenhado. Já sexo, baseado no critério biológico, homem e mulher. Neste estudo, não abordaremos com afincado essa discussão, pela complexidade terminológica. No aparato metodológico, seguiremos o critério de sexo biológico, homem e mulher, definindo em nossas análises os papéis que cada um desempenha na interação e o que isso implica na mudança linguística.

Sobre a variável sexo, Monteiro (2000, p.75) aponta que está ligada aos papéis sociais que o homem e a mulher exercem. “Homem e mulher são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social”.

Na história, as mulheres desempenhavam uma função de submissão e não possuíam os mesmos direitos dos homens. Ocupavam-se com questões do lar; da educação dos filhos e dos afazeres domésticos. No mercado de trabalho, não tinham espaço. Por direitos iguais, a luta das mulheres influenciou nas escolhas linguísticas, conforme pontua Fischer (1958), no trabalho *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*. Ele constata que as mulheres são detentoras de uma maior consciência do *status* social, sendo sensíveis às formas linguísticas em uma situação de interação.

Sobre o dinamismo social e o papel desempenhado pelas mulheres, Cristine Gorski Severo (2006, p.01-02), no artigo intitulado *o papel do gênero/sexo nos estudos Sociolinguísticos de variação/mudança*, lista alguns comportamentos, baseados nos estudos de Chambers (1995) e Labov (1972[2008]), que elas têm em relação a uma variante linguística:

- (i) as mulheres utilizam menos variantes estigmatizadas do que os homens do mesmo grupo social e sob as mesmas circunstâncias; elas usam mais as variantes de prestígio do que os homens.
- (ii) as mulheres se adaptam linguisticamente melhor do que os homens a uma variada gama de situações sociolinguísticas.
- (iii) as mulheres (classe média) tendem a ser mais conservadoras do que os homens e a inovar menos do que eles.
- (iv) as mulheres tentam, ao utilizarem as formas de prestígio, alcançar status social: elas possuem mais consciência/sensibilidade em relação ao status social do que os homens em virtude da posição social insegura que elas ocupam.
- (v) as mulheres, em suas redes sociais, não sofrem as mesmas pressões do que os homens para utilizarem as normas do vernáculo, uma vez que os homens tendem a participar de redes mais densas e múltiplas do que as mulheres.

Dependendo do contexto as mulheres podem ser mais conservadoras ou inovadoras, devido às pressões sócio-históricas que sofrem. Essa problematização importante que Silva (1999, p.14) também aborda, está relacionada à frequência de uso de uma forma linguística. Todavia, o próprio pesquisador chama atenção que no português não há marcas gramaticais, palavras específicas ou padrões de entoação que sejam somente utilizados por falantes de um único sexo. Devemos ter cuidado com generalizações, porque ao analisar uma variável não levamos em conta um critério isolado.

Vejamos o que a literatura sociolinguística traz sobre a variável escolaridade.

3.3.3 Escolaridade

Essa variável deve ser cuidadosamente analisada, para avaliarmos o efeito da escola na vida dos falantes em uma situação de interação. A atuação da escola acarreta o retardamento da progressão da língua, por repassar aos discentes a língua e a cultura dominante. Em outras palavras, indica uma norma padrão e fomenta estigmas em relação à cultura minoritária.

Muitos que falavam uma língua minoritária perderam seus traços linguísticos, graças ao ensino normativo da língua portuguesa. Isso é ressaltado nas palavras de Naro (2003, p. 51):

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudança na fala e na escrita das pessoas que frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a face de tendências de mudança em curso nessas comunidades. O veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos normas padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e escrever. Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção e resistência à mudança.

Partindo deste ponto, Bagno (2012) chama atenção para a ideia de um português chamado culto como língua ideal, excluindo a realidade linguística da sociedade brasileira. Essa situação fez com que surgissem critérios dicotômicos para qualificar as variantes linguísticas: certas vs. erradas, bonitas vs. feias, cultas vs. ignorantes; o que difere da gramática e dos livros didáticos, não entra na escola.

Outra questão é sobre as políticas governamentais, que são cruciais para a preservação ou a morte de uma determinada língua minoritária. Em torno disso, Fiorin (2019, p.80), ao estudar duas comunidades no município de Alfredo Chaves, o centro e a localidade de Santa Maria de Ibitiruí, observou que a escola atua como um difusor das medidas do Estado, em que

as determinações governamentais com respeito à educação além da pouca sensibilidade em relação à realidade sociolinguística dos alunos e do apreço somente pela variedade culta da língua portuguesa fizeram com que a língua minoritária não tivesse nenhum espaço na escola, nem mesmo para discussão.

Às medidas de Vargas – decretos nº 406, de 04 de maio de 1938, o nº 3.010, de 20 de agosto de 1938 - que regulamentava o primeiro - e também o nº 1.545, de 25 de agosto de 1939 – e a imposição da língua majoritária influenciaram na consolidação do português como uma língua única, criando um falso cenário de monolingüismo. A escola confirmou essa ideia através do ensino padrão e da propagação dessas medidas.

Tendo em vista a importância de estudar esta variável, dividimos a escolaridade em: Ensino Fundamental I (0 a 4 anos); Ensino Fundamental II (5 a 8 anos) e Ensino Médio e/ou Superior (mais de 8 anos), seguindo o modelo de

estratificação laboviano. É importante mencionar que nas nossas análises agrupamos os informantes na categoria +8 anos, uma vez que aqueles que iniciaram o ensino médio chegaram a concluir a graduação.

Após a descrição das variáveis sociais que compõem o perfil dos participantes da nossa pesquisa, passamos agora à literatura do Contato Linguístico, com ênfase nas implicações sociolinguísticas do bilinguismo e da herança linguística no contexto da comunidade de Ibitiruí.

3.4 Contato Linguístico

Os estudos sobre Contato Linguístico, situados no campo da Sociolinguística, têm como objetivo compreender os efeitos e os processos decorrentes da convivência entre línguas distintas em um mesmo espaço social. Essa convivência pode se manifestar tanto no plano individual – por meio do bilinguismo e da aquisição simultânea ou sequencial de línguas – quanto no plano coletivo, por meio de fenômenos como substituição, manutenção, coexistência ou revitalização linguística (WEINREICH, 1970 [1953]; TRUDGILL, 1992; MONTRUL, 2013). O contato linguístico, nesses termos, não é apenas uma sobreposição de códigos linguísticos, mas um campo complexo de interação sociocultural, que envolve interferência estrutural, transferência lexical, redefinições identitárias e disputas por legitimidade simbólica e institucional.

No caso da imigração italiana para o Espírito Santo, sobretudo nas localidades de Ibitiruí e em outros núcleos do município de Alfredo Chaves, o contato entre a língua veneta – variedade do norte da Itália – e o português brasileiro constitui um exemplo representativo de contato linguístico em contexto migratório tardio, caracterizado por assimetrias de poder, políticas de nacionalização e progressiva substituição da língua minoritária pela majoritária nacional (FIORIN, 2019).

Nesse contexto, o vênето é identificado, inicialmente, como uma **língua de imigração**, ou seja, uma língua alóctone trazida por grupos migrantes que se estabelecem em um novo território. Tais línguas tendem a se restringir ao espaço doméstico e comunitário, e seu uso pode sofrer redução progressiva à medida que a língua majoritária se impõe como meio de inserção social e educacional (APPEL; MUYSKEN, 1996; MONTRUL, 2013). Quando há continuidade no uso

intergeracional dessa língua, especialmente no ambiente familiar, ela pode ser também considerada uma língua de herança.

Conforme a definição de Ortale (2016, p. 27), **língua de herança** é aquela com a qual uma pessoa estabelece vínculos afetivos, culturais e identitários, mesmo que sua proficiência na língua não seja equivalente à de um falante nativo. A aquisição da língua de herança pode ocorrer de forma parcial, passiva ou fragmentada, e sua transmissão costuma estar restrita ao âmbito familiar e a contextos informais. No entanto, quando a cadeia de transmissão intergeracional é rompida – como se observa atualmente em Ibitiruí –, a língua tende à perda de vitalidade, comprometendo sua permanência como meio ativo de comunicação (FISHMAN, 1991).

A substituição do vêneto pelo português nas comunidades italo-capixabas decorreu de múltiplos fatores históricos e sociolinguísticos. Entre os principais, destacam-se a imposição do português como língua oficial, seu prestígio institucional, a associação com a escolarização e a mobilidade social, além da ausência de políticas públicas voltadas à preservação das línguas de imigração. Esses fatores contribuíram para um quadro de **diglossia**, conforme definido por Ferguson (1959), em que duas línguas ou variedades coexistem em uma mesma comunidade, mas com funções sociais distintas. Nessa configuração, o português assume o papel de variedade "alta", utilizado em domínios formais e públicos, enquanto o vêneto é relegado ao status de variedade "baixa", restrita ao ambiente privado e familiar – posição que enfraquece seu prestígio e continuidade.

Ao longo do século XX, essa situação resultou no **deslocamento linguístico** e na perda do **bilinguismo social**, mantendo-se apenas formas residuais de bilinguismo passivo entre os membros mais idosos. As gerações seguintes, em sua maioria, tornaram-se monolíngues em português, o que implicou o rompimento da cadeia de transmissão do vêneto. Ainda assim, como demonstram pesquisas recentes, é possível identificar na fala de descendentes italianos, especialmente em comunidades como Ibitiruí, traços fonético-fonológicos que indicam a influência do vêneto sobre o português local. Tais traços atuam como **marcadores identitários ou afetivos**, que postulamos em

nossas análises, mesmo quando desvinculados da competência ativa na língua de origem, revelando a persistência de um ethos cultural italo-brasileiro.¹⁴

Em contextos como esse, o debate em torno da **revitalização linguística** torna-se central. Segundo Baker e Jones (1998), revitalizar uma língua ameaçada significa reconstruir as condições de uso e de transmissão, por meio de ações que envolvam tanto políticas institucionais (ensino bilíngue, formação de professores, inclusão curricular) quanto iniciativas comunitárias (festivais, oficinas, produção de mídia e literatura em língua minoritária). No caso do vêneto, qualquer tentativa de revitalização depende da revalorização da identidade italo-brasileira, do reconhecimento público da legitimidade dessa língua no Brasil e da criação de espaços legítimos de uso, especialmente entre as novas gerações.

O reconhecimento da condição do vêneto como língua de imigração e língua de herança, associado a uma compreensão crítica dos processos de contato linguístico, é fundamental para os debates contemporâneos sobre diversidade, direitos linguísticos e patrimônio imaterial no Brasil. A experiência das comunidades de Alfredo Chaves e, em particular, de Ibitiruí, ilustra com clareza os desafios e possibilidades que envolvem a manutenção, substituição e revitalização das línguas minoritárias em contextos pós-migratórios.

O contexto de contato linguístico desempenha um papel central na dinâmica de variação e mudança linguística observada em comunidade investigada. A presença histórica da língua vêneta como língua de herança, falada por gerações de descendentes de imigrantes italianos, influencia diretamente as práticas linguísticas locais, inclusive em nível fonético e fonológico. Esse cenário de coexistência entre o PB e o vêneto cria um espaço propício para a interferência, o empréstimo e a reestruturação de padrões fonético-fonológicos, especialmente em segmentos marcados por alta variabilidade, como os róticos. Diante disso, é fundamental compreender como esses sons se comportam na fala dos informantes, o que nos leva à próxima

¹⁴ Para Clifford Geertz (1973), na obra *The Interpretation of Cultures*, o ethos cultural aparece como uma “personalidade coletiva”, ou seja, traços compartilhados que moldam a maneira de agir e perceber do grupo. É um conjunto de valores, crenças, práticas, modos de agir, sentir e pensar que caracterizam uma comunidade ou grupo social e orientam seu comportamento coletivo.

seção, dedicada ao estudo Fonético e Fonológico dos róticos no português falado na comunidade investigada.

3.5 Fonética e Fonologia

Na Linguística Moderna, os estudos Fonéticos e Fonológicos se basearam nas contribuições feitas pelo Círculo Linguístico de Praga, na década de 30, por Mathesius, Nicolai Trubetzkoy, Karcevsky e Jakobson e, pelo estruturalismo americano, nas décadas de 40 e 50, por Bloomfield. Inicialmente, não se fazia a distinção entre ambas. Com o desenvolvimento das pesquisas em linguística, no que diz respeito as questões relacionadas à dicotomia língua e fala (SASSURE, 1916), entenderam como campo de saberes distintos; mesmo estando intrinsecamente ligadas, já que a parte social da língua é a fala.

Iniciando pelos estudos Fonéticos, Mateus (1990, p.169) a define como “ciência que estuda as características físicas, articulatórias e perceptivas da produção e percepção dos sons da fala, e fornece métodos para a sua descrição e classificação”. Já Silva (2013, p.23), indo ao encontro dessa definição, acrescenta que é “a ciência que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente, aqueles sons utilizados na linguagem humana”. Em resumo, a Fonética estuda todos os sons produzidos pelos falantes, em toda a sua diversidade ou variação.

Silva (2013[1999]), entende que a Fonética se dedicada aos estudos da produção da fala, em que as principais áreas de interesse são:

- **Fonética articulatória** – compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório;
- **Fonética auditiva** ou **perceptiva** – compreende o estudo da percepção da fala;
- **Fonética acústica** – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte.
- **Fonética instrumental** – compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.

Em geral, o objetivo é descrever as partes do corpo humana que utilizamos para a produção da fala e os modos de articulação. Por exemplo, para a produção um som consonantal é preciso levar em consideração o modo de articulação, o lugar de articulação e o grau de vozeamento. Já a vogal analisa a posição da língua, altura e lateralidade (anterior ou posterior); e o arredondamento ou não dos lábios.

Por sua vez, a Fonologia ou Fonêmica estuda apenas os sons que têm valor distintivo que caracterizam o sistema linguístico. Silva (2013, p.118) diz que “um dos objetivos centrais da Fonêmica é fornecer aos seus usuários o instrumental para a conversação da linguagem oral em código escrito.” Ou seja, parte da descrição dos segmentos consonantais e vocálicos a fim de organizar o código escrito de uma determinada língua. Para analisar um fonema é preciso observar quatro premissas fundamentais, como pontua Pike (1947):

- i) Os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram;
- ii) Os sons sonoros tendem a ser foneticamente simétricos;
- iii) Os sons tendem a flutuar; e
- iv) Sequências características de sons exercem pressão estrutural na interpretação fonêmica de segmentos suspeitos ou sequências de segmentos suspeitos.

A primeira premissa está relacionada ao contexto e/ou ambiente que antecede ou precede um segmento consonantal ou vocálico, gerando uma alteração sonora. Os ambientes favoráveis a essa alteração são: sons vizinhos, fronteiras de sílabas (morfemas, palavras e sentenças) e a posição do som em relação a sílaba tónica. Dentro dessa premissa pode ocorrer o processo de assimilação, que é “uma propriedade articulatória própria de um segmento que é compartilhada por outro adjacente” (SILVA, 2013, p. 120). Um exemplo, no Brasil, seria o “R forte” no final de sílaba.

A segunda, trata da simetria dos sons, que diz respeito à correspondência sonora. Para analisar uma consoante, observa-se o grau de vozeamento (vozeada ou desvozeada). Já a vogal, a posição da língua (anterior ou posterior) e se os lábios estão arredondados ou não. Nas consoantes temos como exemplo as oclusivas bilabiais: vozeada [b] e desvozeada [p]. Nas vogais orais, as

médias-altas: anterior não-arredondada [e] e posterior arredondada [o]. No entanto, quando se trata das línguas naturais a simetria não é obrigatória, como acontece na vogal central baixa [a], que não tem um fonema correspondente, mas por estar presente em outros sistemas vocálicos de outras línguas, é importante a inclusão.

A terceira, aborda os sons flutuantes, que são marcados por categorias distintivas, como o grau de vozeamento. Se acontecer uma troca de um segmento consonantal, supondo que seja o caso das oclusivas, por exemplo, não haverá prejuízo sonoro devido à estrutura e/ou organização do sistema. No português brasileiro a flutuação sonora é, foneticamente, relevante para diferenciar alguns fonemas, como o [d] e [t] nas palavras [d]ia e [t]ia.

E a quarta e última, são as interpretações que podem ser dadas a um único ou vários segmentos, se é suspeito ou não. A primeira situação é se um fonema é uma consoante ou vogal. O segmento [l] sem dúvidas é, foneticamente, uma consoante, mas dependendo do contexto onde se encontra pode apresentar o som vocálico /u/, como na palavra pape[w], que está no final da sílaba. Outro fato, é interpretar uma sequência de um mesmo segmento, como acontece em algumas regiões do Brasil, caso da palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d], que também são denominadas de africadas; leite - lei[tʃ]e, dia - [dʒ]ia.

Por fim, trazemos alguns conceitos importantes que serão mencionados no decorrer da nossa pesquisa, como fone, fonema, alofone, arquifonema e neutralização. Seguiremos os pressupostos de Callou e Leite (2001; 2009) e Silva (2013, p.135), que fazem uma síntese:

- **Fone:** unidade sonora atestada na produção da fala, precedendo qualquer análise. Os fones são os segmentos vocálicos e consonantais encontrados na transcrição fonética.
- **Fonema:** unidade sonora que se distingue funcionalmente das outras unidades da língua. Método de identificação de um fonema: par mínimo (ou análogo).
- **Alofone:** unidade que se relaciona à manifestação fonética de um fonema. Alofones de um mesmo fonema ocorrem em contextos exclusivos. Método de identificação: distribuição complementar.

- **Arquifonema:** capacidade de distinguir palavras, quando o fonema perde seu traço distintivo.
- **Neutralização:** eliminação das oposições entre dois ou mais fonemas.

Na próxima subseção, apresentaremos o nosso objeto de estudo, os róticos, mostrando como são produzidos na fala. Também, realizaremos um trabalho de revisão bibliográfica com base em resultados e discussões acerca do tema distribuídos por regiões brasileiras.

3.5.1 Objeto de estudo: os róticos

Os róticos recebem esse nome, pois tratam dos sons do fonema /r/ que possuem similaridade acústica e padrão fonológico comuns às laterais e, com elas, constituírem a classe das líquidas. No português brasileiro (PB), são provenientes do **rr** latino (vibrante apical múltipla) que se opunha ao /r/ tepe (vibrante simples). Era uma oposição baseada na quantidade de vibração na língua. Este traço que as diferenciam, permaneceu em algumas línguas latinas, como espanhol e italiano. Mais tarde, com o processo de velarização das vibrantes apicais, passou a apresentar uma diferenciação qualitativa, com uma mudança no ponto (de anterior para posterior) e no modo de articulação (de vibrante alveolar para fricativa velar ou glotal).

Câmara Jr. (1955), em sua primeira proposta de estudo de base estruturalista, considerou apenas um fonema rótico no PB, que é a vibrante múltipla. Para ele, “a líquida vibrante tinha uma articulação forte, e apresentava além da alofonia posicional, que é o /r/ brando, uma variação livre como velar, que facultativamente, no sistema da língua, substitui a sua vibração anterior múltipla”. (1953, p.110). Em resumo, a vibrante múltipla era a representação do fonema /r/ e os outros segmentos subjacentes, alofones (o tepe e o velar).

Partindo do estudo da variação da vibrante múltipla, Câmara Jr. (1976, p.16) observou “um estado de flutuação que no plano descritivo, ou sincrônico, é a contraparte de um lento trabalho diacrônico, que vai pouco a pouco ganhando novas áreas de falantes”. Isto é, estava acontecendo, no plano diacrônico, uma alteração nos pontos e modos de articulação – processo de velarização das apicais – conforme supracitamos. A vibração múltipla da ponta da língua junto

aos dentes superiores, característica das vibrantes múltiplas, por uma vibração posterior, que vai da vibração raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea, análogo ao processo fonológico do /r/ francês, que culminou no enfraquecimento sonoro.

Isto posto, Câmara Jr. (1976) passou a entender que havia dois tipos de erre: o forte e o fraco. O forte (seja múltiplo, velar, uvular ou fricativo) é o prolongamento do /r/ latino, em posição inicial ou medial não-intervocálica. E, o /r/ fraco seria uma variante enfraquecida em um único golpe vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores, dando-se no ambiente intervocálico entre vogais.

A partir dessa discussão inicial, os teóricos determinaram os tipos de erre com base em duas interpretações. A primeira de base estruturalista (CÂMARA JR., 1955), admitindo que há duas vibrantes: a múltipla e a simples. E, a segunda, seguindo os pressupostos da teoria gerativa padrão (CHOMSKY & HALLE, 1968) que defende apenas um rótico subjacente no português – para uns é a vibrante múltipla e, para outros, é a simples. Com o desenvolvimento das teorias linguísticas, principalmente da pesquisa Sociolinguística por meio Labov (2008[1972]), foram surgindo novas interpretações dada a diversidade dos róticos.

A variação articulatória dos róticos é difícil de descrever, já que não há único correlato. O próprio Câmara Jr. (1955; 1976; 1977), mesmo de base estruturalista, notou que o fonema /r/ possui alofonia, e no contexto e ambiente em que se encontra perde seu traço distintivo, processo de neutralização. Ele chamou essa classe de arquifonema, que deve ser representado pela letra maiúscula – /R/. Isso acontece com outros fonemas do PB, caso do /L/, /N/ e /S/.

Oliveira (2006, p.27) chama atenção para essa questão de alofonia do /r/, apontada por Câmara Jr., dizendo que é um dos fenômenos mais estudados na área de Dialetoлогия e Fonética e Fonologia, pelo fato de que “75% das línguas do mundo possuem algum tipo de “r”, sendo que 18% apresentam contrastes com dois ou mais desse segmento”. Ou seja, o erre é um fonema quase universal e possui variação. Sobre as fronteiras de uso, Callou e Moraes (1995, p.69) dizem que o fonema /r/ apresenta um grau elevado de polimorfismo e que isso é uma característica marcante do português brasileiro.

Para identificar os fonemas e suas variantes, conforme elenca Silva (2013), devemos observar critérios de oposição, distribuição complementar, semelhança fonética e variação livre. Geralmente, busca-se a distinção entre os sons que têm valor distintivo (oposição) ou idênticos, os chamados pares mínimos¹⁵. No caso dos róticos no PB, manifesta-se em posição pós-vocálica medial ou final, como uma consoante fricativa [ʁ, x, ħ, h]. E neste contexto, ainda, como tepe, retroflexo, aproximante ou pode sofrer apagamento. Silva (1999, p.160), destaca ambientes que os róticos aparecem:

- i) seguindo consoante na mesma sílaba: prato (“r” fraco);
- ii) início de palavra: rato;
- iii) seguindo consoante em outra sílaba: Israel;
- iv) final de palavra: mar;
- v) final de sílaba: carta; e
- vi) entre vogais: carro.

De acordo com Lindau (1985), os locais mais comuns de articulação estão na área dental-alveolar (vibrante múltipla e tepe), embora os pós-alveolares (retroflexos) não sejam incomuns e, como em alguns idiomas, na articulação uvular possa ser encontrado. No Brasil, verificamos as seguintes realizações dos róticos: [r] tepe (vibrante simples); [r] vibrante múltipla; [ʁ] aproximante alveolar e [ʁ] retroflexo alveolar; [ʁ] fricativa velar vozeada, [x] fricativa velar desvozeada; [ħ] fricativa glotal vozeada [h]; fricativa glotal desvozeada (CALLOU & MORAES, 1995; CALLOU & LEITE & MORAES, 1996; 2002; 2013).

O tepe ou vibrante simples ocorre com o resultado de um movimento de contato rápido de vibração da ponta ou lâmina da língua, que pode ocorrer na região alveolar ou dental do palato duro (CAMARGO et al, 2000; SILVA, 2002). Já a variante **vibrante múltipla**, a ponta da língua toca a região dental/alveolar, vibrando várias vezes (CAMARGO et al, 2000; SILVA, 2002). O que diferencia ambas, embora sejam no mesmo ponto e modo de articulação, é a quantidade de golpes da língua na região alveolar ou dental.

¹⁵ De acordo com Silva (2013, p. 137), um par mínimo consiste no contraste fonêmico entre dois ou mais sons. Por exemplo, as palavras “pato/bato” demonstra o contraste fonêmico entre as oclusivas bilabiais [p] e [b].

Também, como vibrantes sonoras temos a **aproximante** e a **retroflexa**. A aproximante se caracteriza pelo movimento de aproximação da ponta da língua a região alveolar ou dental, sem que haja turbulência, ao contrário das vibrantes que há o contato direto (LADEFOGED E MADDIESON, 1996; COSTA, 2011). No espectrograma não há registro de ruído e quanto às ondas sonoras se mantêm em uma produção contínua, sem alternância. Outro ponto importante, que aponta Barbosa (2015), é que na aproximante ocorre o arredondamento labial, mesmo caso das vogais arredondadas no PB [o ɔ u].

A variante retroflexa tem como traço distintivo o movimento sublâmina da língua em direção à região alveolar, enquanto a ponta da língua se curva para trás, como se fosse uma “concha” (LADEFOGED e MADDIESON, 1996; CAMARGO et al, 2000; SILVA, 2002). O que ocorre é uma aproximação e não contato direto entre os articuladores. Além dessa aproximação, há tendência à constrição faríngea e ao arredondamento labial (LADEFOGED e MADDIESON, 1996). A produção acústica apresenta estrutura formântica bem definida e um rebaixamento da frequência do terceiro formante (F3)¹⁶, como LINDAU (1985) afirma ser encontrado apenas no inglês americano em relação à vogal adjacente.

E, por fim, as **variantes fricativas** são caracterizadas por uma estreita aproximação dos articuladores que gera turbulência da corrente de ar em um determinado ponto do trato vocal (KENT e READ, 1992). Tais pontos podem ser de articulação glotal, uvular e velar. Acontece uma constrição parcial entre região posterodorsal da língua e velar, região posterodorsal da língua e uvular ou entre as pregas vocais, respectivamente (CAMARGO et al, 2000). Sobre as fricativas, Barbosa (2015) diz que elas são caracterizadas por conter ruídos, não possuindo formantes próprios. Exemplo da produção da fricativa glotal, que se dá na fase de transição do movimento formativo que vai do segmento analisado ao que a sucede.

Outra questão importante apontada por Callou e Leite (1996), é o processo de enfraquecimento dos róticos. Essa variante é o resultado do

¹⁶ Dentro da teoria da Fonética Acústica há os formantes, que são frequências de ressonâncias no espectrograma para marcar um fonema. O F1 diz respeito à altura da língua (frequência de 200 a 800 hz). O F2 a projeção da língua à medida que avança (entre 600 a 2400 hz). E o F3, à intensidade sonora que se origina na laringe (entre 2300 a 3200 HZ).

enfraquecimento do /r/ forte subjacente, que seguiria a seguinte trajetória: RR – R – X – h – Ø (CALLOU et al. 2002: 544). Como descreve Malmberg (1954, p.84),

trata-se de um enfraquecimento da pronúncia da consoante – uma espécie de degeneração, se aceitarmos o vocábulo”. Segundo o autor, esta nova pronúncia do r [...] parece que é um fenômeno urbano que teve origem nas classes superiores das cidades e que só lentamente penetrou na pronúncia da gente da província.

Em Sociolinguística, refere-se a uma mudança de cima para baixo, o que é muito raro. O enfraquecimento é uma situação que está ocorrendo atualmente, e que pode ser explicada pelo movimento de posteriorização da língua, já que interfere na obstrução da passagem do ar. Porém, é preciso realizar outros estudos a fim de compreender se realmente essa mudança no modo de articulação influencia ou não, ou se tem outros fatores que implicam nessa mudança.

Diante desse grau de variabilidade e movimento dos róticos, apresentamos a seguir um mapeamento das diferentes realizações desse fonema e arquifonema no Brasil, com base em estudos Sociolinguísticos que documentam a diversidade fonética-fonológica do país. Esse panorama cartográfico é essencial para contextualizar as variantes presentes comunidade de Ibitiruí.

4. MAPEAMENTO DOS RÓTICOS

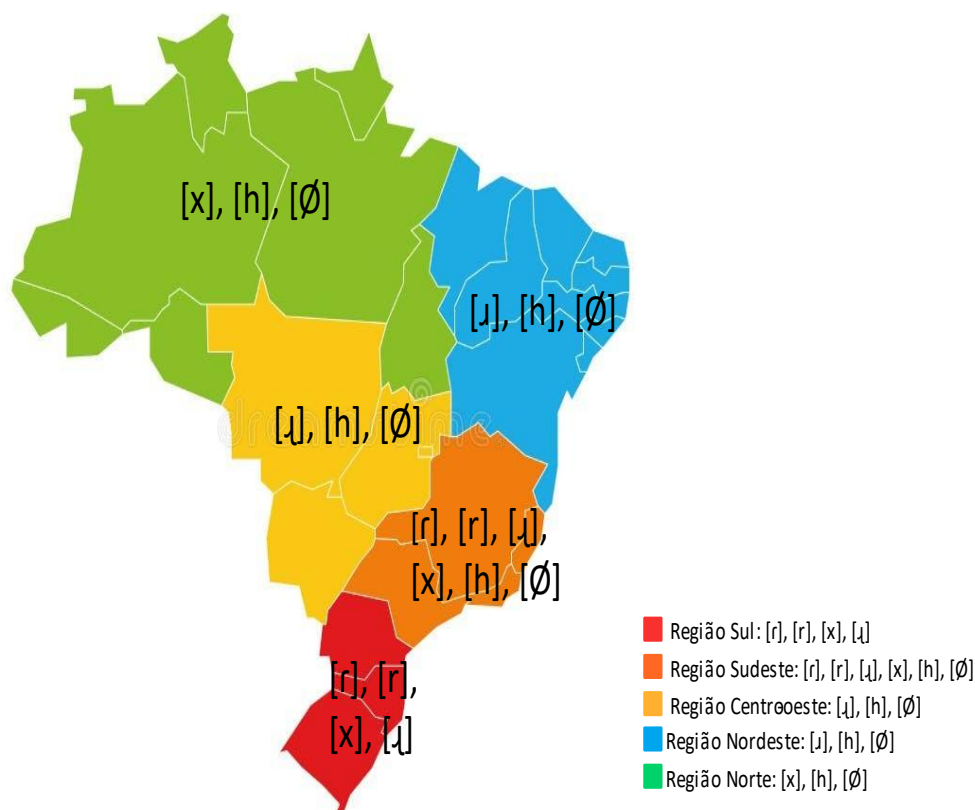
Neste capítulo, apresentamos um panorama dos estudos sobre os róticos no PB, especialmente ao contexto sociolinguístico, aos ambientes fonológicos e às variações que esses sons apresentam nas diferentes regiões do país (seção 4.1). Além disso, realizamos um mapeamento regional que sistematiza os principais resultados encontrados na literatura especializada, os quais servirão de subsídio para a análise dos dados.

Com o objetivo de descrever as diferentes realizações dos róticos no Brasil, organizamos, nas subseções a seguir, uma revisão de estudos empíricos segundo a distribuição geográfica das pesquisas. Na Região Sul, destacam-se as contribuições de Brescancini e Monaretto (2009), bem como de Serra et al. (2018), que analisam a variação dos róticos em contextos urbanos e rurais, considerando fatores como escolaridade, faixa etária e mobilidade social. Na Região Sudeste, as pesquisas de Antunes (2014), Soriano (2016) e Carmo (2017) abordam a influência de variáveis sociolinguísticas e fonológicas sobre a alternância entre os segmentos do fonema /r/ e variantes dialetais, além de discutirem questões relacionadas à identidade linguística e à estigmatização de determinadas realizações.

No Centro-Oeste, o estudo de Almeida e Kailer (2017) contribui com uma análise da variação rótica em comunidades urbanas emergentes, evidenciando os impactos da mobilidade populacional e da convergência dialetal. Na Região Nordeste, Alencar (2007) e Lima (2019) investigam a presença e a distribuição das variantes róticas em diferentes cidades, com ênfase na interferência do contato intergeracional e na pressão da norma-padrão escolar. Por fim, na Região Norte, Menezes e Silva (2017) descrevem o comportamento variável dos róticos em comunidades amazônicas, enfatizando aspectos socioculturais e fonológicos que contribuem para a manutenção ou substituição de determinadas variantes.

Esse levantamento permite observar a diversidade de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação dos róticos em todo o território nacional, servindo como base comparativa para a descrição e análise dos dados da comunidade investigada neste trabalho, como ilustramos no mapa abaixo.

Mapa 3: Levantamento das ocorrências dos róticos no Brasil



Fonte: Fiorin (2025)

O Mapa 3 apresenta um levantamento das róticos em todo território nacional. Nele podemos identificar uma distribuição entre formas conservadoras e inovadoras dos róticos, como mostraremos no levantamento descritivo por região. As conservadoras, como o tepe alveolar [r] e a vibrante múltipla [r], são mais frequentes em regiões como o Sul e partes do Sudeste, áreas marcadas por uma maior influência de tradições fonética-fonológicas europeias, como da imigração italiana e alemã. Já as formas inovadoras, como a fricativa glotal [h], a fricativa velar [x] e o apagamento [∅], predominam em regiões como o Nordeste, Norte e Centro-Oeste, onde se observa uma tendência mais marcada à simplificação articulatória, isto é, o processo de aspiração. E, por sua vez, a região Sudeste aparece como uma zona de transição e de grande diversidade, refletindo o contato entre diferentes padrões regionais e sociolinguísticos.

Tendo em vista as variantes do rótico com influência vêneta, na seção 4.2, abordaremos, especificamente, dois estudos nas comunidades da região Sul e Sudeste. Serão apresentadas as contribuições de Loriato (2020) e Guzzo (2024),

que tratam dos impactos do Contato Linguístico na configuração fonética-fonológica dessas comunidades. A seguir, apresentaremos o levantamento geral das ocorrências dos róticos por regiões brasileiras, expondo pesquisas que dialoguem com a nossa.

4.1 Levantamento das ocorrências por regiões brasileiras

Ao delinear o quadro da variação dos róticos no Brasil através do mapa 3, torna-se necessário apresentar as pesquisas mencionadas na introdução do capítulo nas cinco regiões brasileiras. Objetiva-se situar nossa análise dentro de um panorama nacional e evidenciar como o estudo da comunidade de Ibitiruí dialoga com tendências mais amplas observadas no cenário da variação de todo o país.

4.1.1 Região sul

As pesquisas de Brescancini e Monaretto (2009) e Oliveira, Santana, Xavier e Serra (2018) descreveram as ocorrências dos róticos nos estados do sul. A primeira analisa as entrevistas coletadas pelo projeto VARSUL¹⁷, verificando as ocorrências das variáveis vibrantes tanto pelo grupo (fatores geográficos) quanto pela posição na sílaba. E, a segunda, do corpus do ALiB¹⁸, o processo de variação do rótico em coda silábica externa na classe morfológica dos verbos (viaja*R*, canto*R*), visando analisar os condicionadores sociais que estão influenciando no processo de apagamento.

Brescancini e Monaretto (2009, p.52) chamam atenção para a variabilidade dos sons do fonema /r/, característica presente em outras línguas. Os autores apontam que no Brasil acontece “as realizações velar, uvular ou faríngea, utilizadas pela maioria dos falantes, e dental múltipla, pela minoria”,

¹⁷ O VARSUL (Variação Linguística Urbana no Sul do País) é um projeto constituído de amostras de 12 cidades do sul. Para mais detalhes, bem como outras informações sobre o projeto, acessar o site da instituição organizadora: <https://www.pucrs.br/fale/pos/varsul>

¹⁸ O ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) é um projeto de pesquisa de caráter nacional, sem fins lucrativos com vistas a descrever a realidade do português falado no território brasileiro de modo a sistematizar os comportamentos no Brasil em um atlas geral. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Atlas_Lingu%C3%ADstico_do_Brasil Acesso em 04 jan 2024.

conforme aponta Câmara Jr. (1985, p. 35). Na fala sulista verificaram a existência de variantes realizadas na zona anterior da boca, como vibrantes e fricativas alveolares ou palato-alveolares, praticamente, inexistentes no restante do País, com exceção de São Paulo.

A região sul possui uma forte colônia alemã e italiana, e é uma zona fronteiriça com outros países da América do Sul, como o Uruguai e a Argentina. Esse contato gerou interferências nos róticos. A maior influência foi da colônia italiana, que no período da colonização vieram em grande contingente. O traço marcante dos descendentes italianos é a vibrante alveolar, o tepe ou a vibrante múltipla. Esse modo de articulação se manifesta no início das palavras e no final de sílabas na posição de coda.

Brescancini e Monaretto (2009) fizeram um mapeamento das principais cidades da região sul e notaram que questões de identidade, etnografia e posição na sílaba influenciaram no uso dos róticos. Para a coleta de dados, seguiram o modelo laboviano (2008[1972]) de estratificação social. Com base nos resultados gerados, delimitaram o seguinte cenário: no Rio Grande do Sul predomina as vibrantes e o tepe; em Santa Catarina, as vibrantes e a fricativa velar; e, no Paraná, as vibrantes e a retroflexa. As vibrantes alveolares predominam nos três estados.

A fricativa velar acontece por uma questão de identidade. O maior percentual é na capital catarinense, Florianópolis. Os catarinenses aspiram mais o erre para diferenciar a fala deles dos riograndenses, que produzem mais o tepe. Essa variante é como um marcador local.

A variante retroflexa é condicionada por questões etnográficas, sendo uma marca do dialeto caipira. Ocorre com predominância nos municípios do interior do Paraná, principalmente no norte, que fazem divisa com o estado de São Paulo, onde apresenta alto índice dessa variante. O município de Londrina é o que possui o maior número de ocorrências, de acordo com Monaretto (2000). Também, a posição da sílaba impacta no uso da retroflexa; o ambiente favorecedor é a coda silábica.

Serra, Santana, Oliveira e Xavier (2018) sinalizam para esse mesmo mapeamento. E verificaram que, assim como todo território nacional, está ocorrendo o avanço do apagamento do rótico, mesmo que em menor escala na região sul, análogo a outras. Sobre isso, falam que

O enfraquecimento do rótico e o avanço do apagamento estão diretamente relacionados a questões acústicas/articulatórias de produção (contraparte linguística) e sua distribuição regional (contraparte social): os maiores percentuais de manutenção do segmento em coda fina ocorrem preferencialmente nos dialetos em que a consoante se realiza como vibrante ápico-alveolar, e o apagamento, nos dialetos que possuem realizações mais posteriorizadas e fricativas. (p.337)

A justificativa está na mudança do ponto de articulação, em que a língua se desloca para a região posterior, próxima a úvula. Esse movimento interfere na fonte, isto é, na passagem do ar. Isso é reforçado pela pesquisa de Moneratto (2000), que ao investigar o comportamento do fonema /r/ nas capitais sulistas encontrou um percentual de apagamento de 40% em verbos e em posição pós-vocálica final, como em *cantaR – CantaØ* e *bebeR – bebeØ*.

Para explicar o enfraquecimento do rótico em verbos e na posição pós-vocálica final, Serra, Santana, Oliveira e Xavier (2018) analisaram amostras de fala espontânea do Projeto ALiB, gravados em áudio nos anos 2000 das três capitais do Sul (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba) e dos seis municípios interioranos (Santa Maria, Caçapava do Sul, Lages, Criciúma, Guarapuava e Campo Mourão). Entre as capitais os resultados mostraram que

Florianópolis é a que mais aplica a regra de apagamento do rótico em posição pós-vocálica seja em verbos, seja em não verbos, como aponta este estudo. Nessa categoria, apresenta inclusive um resultado (41% de apagamento) discrepante com relação às outras capitais – Curitiba (5%) e Porto Alegre (7%). As capitais se diferenciam também quanto ao tipo de variante mais realizada. Em Curitiba e em Porto Alegre, tanto na categoria de verbos quanto na de não verbos, a prevalência é de *tepe*. Já em Florianópolis, a vibrante ocorre em maior número (48%) apenas entre os verbos, apesar da concorrência com a fricativa velar (42%), que sobressai entre os não verbos para a capital catarinense (2018, p.360)

Já nas cidades interioranas o apagamento do rótico ainda está em estágio inicial, porém os pesquisadores ressaltaram que

“os percentuais de apagamento em verbos estão acima de 80%, em todos os municípios analisados, bem como os *input* elevados em todas as rodadas estatísticas mostram a preferência dos informantes pelo zero fonético em oposição à realização do segmento. Por outro lado, na coda final de não verbos, os índices de apagamento ainda se mostram menos expressivos, comprovando que o fenômeno de apagamento ainda se encontra em fase inicial.” (2018, p. 360)

O rótico está passando por um processo de mudança. Mesmo assim, a região sul se mantém na linha conservadora, predominando ainda o uso das vibrantes e fricativas alveolares.

Passemos para a descrição dos róticos na região sudeste.

4.1.2 Região Sudeste

A região sudeste apresenta diversidade dos róticos, devido ao contingente populacional e uma grande concentração de polos industriais e comerciais, que torna a circulação de pessoas intensa e frequente. Historicamente, foi habitada por povos originários (índios); pelos escravos africanos; por colônia de imigrantes (alemão, árabe, chinês, coreano, espanhol, italiano, japonês, português); e pelos próprios brasileiros de outras regiões, como os nordestinos que vieram em busca de melhores condições de trabalho – chamado êxodo rural¹⁹.

Os estudos de Nascimento (2014), Soriano (2016) e Carmo (2017) dão um panorama geral das ocorrências dos róticos no Sudeste. Nascimento (2014), visa descrever as variantes do erre em posição de travamento de sílaba em três municípios do estado do Rio de Janeiro: Petrópolis, Itaperuna e Paraty. Por sua vez, Soriano (2016) analisou as características sociais dos ouvintes, bem como o significado social das variantes dos róticos no estado de São Paulo. E, Carmo (2017), investigou as ocorrências do fonema /r/ nas cidades mineiras de Itaguara e Itaúna, que são próximas, mas realizam a variante de modo diferente.

No Rio de Janeiro, o artigo de Melo (2014), intitulado *A variação linguística no âmbito fonético: os róticos na fala de três municípios fluminenses*, trata da variação dos róticos com base no seguinte argumento:

os fonemas s, r e l apresentam, em posição final de sílaba, variações significativas e prestam-se à caracterização dos dialetos regionais. A tendência expressa pelas variações dos fonemas parece ser já a observada em quase todas as línguas: a posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra. (CALLOU e LEITE 2004, p. 43)

¹⁹ "Êxodo rural é o processo de migração de pessoas do campo para a cidade. Muitas causas podem ser associadas a ele, como a modernização da produção agrícola, a concentração fundiária, a busca por melhores condições de vida e melhores empregos". Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/exodo-rural.htm>. Acesso em 08 jan 2024.

A autora entendeu que o processo de apagamento do rótico está acontecendo em todo território brasileiro; em alguns estados ainda está em fase inicial, em outros, como no Rio de Janeiro, está avançado e se direciona para uma mudança em progresso. Com base em trabalhos já realizados em terras fluminenses, verificou-se as seguintes produções do erre: tepe alveolar, fricativa velar, fricativas glotal e o zero – nesse estudo foram selecionadas como variáveis dependentes.

Para a coleta de dados, Melo (2014) entrevistou dezoito informantes nos três municípios supracitados, de acordo com sexo/gênero, faixa etária (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 55 anos em diante) e escolaridade (até o oitavo do ensino fundamental). A coleta foi feita em duas fases: a primeira, com base no Questionário Fonético-Fonológico do Projeto ALiB com 159 questões, das quais vinte e sete atendem ao foco desse estudo (/R/ em coda silábica); E, a segunda, em estudos semidirigidos que abrangem cinco questões destinadas a produções de textos orais espontâneos. Os resultados foram quantificados pelo programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005).

Após análise dos dados, Melo (2014, p.30) chegou as seguintes conclusões:

(i) o processo de variação e mudança dos róticos continua a expandir-se em território fluminense, possuindo altos percentuais para os dois últimos estágios: a glotalização e o cancelamento; (ii) as variáveis linguísticas se sobrepõem às não linguísticas na mudança de /R/. Mesmo assim, é possível, pela estratificação do corpus, que se controlem os grupos sociais típicos desse tipo de estudo e colocá-los, por vezes, em posição de favorecimento às regras postuladas; (iii) o apagamento, seja em posição interna ou externa ao vocábulo, mostra-se suscetível aos mesmos condicionamentos linguísticos, como o contexto antecedente ou o número de sílabas do vocábulo.

A partir disso, é possível traçar uma “linha divisória” entre o Rio de Janeiro e os estados do sul e São Paulo, como fez Callou e Leite (2004) ao investigar as ocorrências dos róticos em cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife). Da linha para baixo (estados do sul e São Paulo), há um padrão conservador com o uso das vibrantes alveolares. Já da linha para cima (Rio de Janeiro e os demais estados), um comportamento inovador, predominando as fricativas aspiradas e o processo de apagamento mais avançado. Os dados de Melo (2014) corroboram para esse cenário, pois a glotalização e o cancelamento possuem altos índices na fala dos cariocas.

Em São Paulo, Soriano (2016) diz que a variante nula já está em contato com as demais, e o processo de apagamento ainda está no começo. O tepe e a retroflexa são as mais produtivas na fala dos paulistanos, como aponta Mendes (2010) e Oshiro (2015):

o tepe é a pronúncia mais frequente em todas as regiões da cidade, em todas as faixas etárias e graus de escolaridade, enquanto o retroflexo é favorecido por homens menos escolarizados, moradores de regiões mais periféricas, com menor mobilidade geográfica dentro de São Paulo e cujos pais não nasceram na cidade.

O fonema /r/ é índice de diferenciação dialetal no português brasileiro e em diferentes lugares adquire significações sociais. É o caso de São Paulo com relação as variantes tepe e retroflexa. Quem fala o tepe é de classe média alta, escolarizado e mora em um bairro nobre. E, a retroflexa, classe média baixa, menos escolarizado e de região periférica ou interior. Diante desse perfil, Soriano (2016) analisou diferenças acústicas entre cinco variantes do erre em coda: (i) vibrante com três “batidas” [r-3]; (ii) vibrante com duas “batidas” [r-2]; (iii) tepe (vibrante simples) [r]; (iv) aproximante alveolar [ɹ]; e (v) aproximante retroflexa [ɻ].

Para tanto, a pesquisadora criou um teste de percepção, levando em consideração a manifestação subjetiva de cada informante sobre determinada variante. Ela selecionou em um mesmo item lexical estímulos que contrastam duas variantes. Por exemplo, as palavras *carta* e *porta* pronunciadas com a vibrante de três batidas e, depois, com o retroflexo. Ela entrevistou 109 participantes e os dados foram gerados na plataforma R (R Core Team, 2016).

Para quantificação dos dados, distribuiu as variáveis em linguística e sociais. Nas linguísticas considerou a tonicidade da sílaba com /-r/ (átona ou tônica); vogal precedente (as sete vogais orais do PB); consoante seguinte (/t/ e /d/); e o par, que é o contraste entre as próprias variantes e inclui diferenças de modos de articulação (vibrantes e aproximantes), número de batidas da língua nos alvéolos (3, 2 e 1) e graus de retroflexão (aproximante e retroflexo). Já nas variáveis sociais, sexo/gênero, região de nascimento, local de residência, bem como as variantes que ele reconhece em sua própria fala. Os resultados mostraram que:

o retroflexo por um lado, e a vibrante 3, por outro, são as variantes de (-r) mais salientes em São Paulo, de um modo geral. Já o tepe e a

vibrante 2 (quando comparadas às aproximantes) obtiveram o mesmo valor. As aproximantes alveolar e retroflexa se diferenciam quando comparadas ao tepe, mas não quando à vibrante três. As análises multivariadas revelaram que as variáveis positivamente correlacionadas à variação foram o Par e a Região de Nascimento, o Local de Residência, a Variante que o ele reconhece em sua própria Fala e o Sexo/Gênero (todas em interação com o Par). (SORIANO, 2016, p.116-117)

Ou seja, os róticos variam de acordo as variáveis sociais (sexo/gênero, região de nascimento, local de residência na cidade). As mulheres consideraram o retroflexo mais diferente do tepe do que a aproximante alveolar. Os homens, por outro lado, não fizeram tal distinção; bem como os paulistanos que dizem pronunciá-las. Já os paulistanos, que reconhecem tanto aproximantes como vibrantes na própria fala, foram os que menos atribuíram diferenças fonéticas entre esses “tipos” de variantes e os que consideraram a vibrante 3 mais diferente do tepe. Outra questão importante, foi que a retroflexão assume um papel de marcador local, em que a pesquisadora usou o termo “grau de paulistanidade” para referenciar o avanço dessa variante.

A variante retroflexa, também, apresenta ocorrências em Minas Gerais. Nas cidades de Itaúna e Itaguara, que se localizam na região centro-oeste mineiro, o trabalho realizado por Carmo (2017) constatou algo curioso. As duas cidades, que são vizinhas, não compartilham a mesma produção do rótico. Em Itaguara, os moradores utilizam a fricativa glotal e, em Itaúna, o retroflexo. Naturalmente, por serem tão próximas, deveriam compartilhar os mesmos traços linguísticos, como ressalta Labov (2008 [1972]), ao afirmar que “língua e sociedade são indissociáveis”.

É nesta perspectiva laboviana, que Carmo (2017) procurou explicar a realização dos róticos em ambos municípios. Ela utilizou o modelo teórico-metodológico da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*. Foram selecionados 20 informantes – 5 mulheres e 5 homens em cada uma das cidades – que responderam questões sobre o local e assuntos diversos, além de fazer uma narrativa oral. A gravação dos dados foi feita com a utilização de um gravador digital e a audição e transcrição através do software PRAAT.

Os resultados da pesquisa corroboraram com as ideias de Labov (2008[1972]), embora a situação de Itaúna e Itaguara fosse diferente. O que explica essa disparidade são os fatores de ordem social. O motivo de Itaguara

produzir mais fricativa glotal é pelo fato de os moradores terem mais contato com a capital mineira, Belo Horizonte, como evidencia Carmo (2017, p.111):

Itaguara (MG) é uma cidade pequena, com poucos habitantes – 13.172 (IBGE 2015) – sem grandes recursos ou oportunidades para os mais jovens, principalmente. Não há, por exemplo, IES em Itaguara (MG), o que faz com que os jovens precisem deixar a cidade para construir suas carreiras profissionais. Em conversa com os moradores da cidade, percebe-se que o destino preferido dos itaguarenses tem sido a capital mineira, Belo Horizonte.

Na literatura da sociolinguística, os jovens, geralmente, são responsáveis pela mudança linguística, por inserir uma nova variante que entrará em competição com outra. Foi o caso de Itaguara. Mesmo tendo proximidade com Itaúna (57,5 Km), os jovens optaram por estudar na capital (97,2 km), onde a fricativa glotal predomina. Outra variante encontrada no município, com menos significância, foi a velar. Há registros dela, também, na região metropolitana de Minas Gerais.

Caso contrário ocorre em Itaúna que

é uma cidade de médio porte – sua população é estimada em 91.453 (dados do censo IBGE 2015) – e bastante autossuficiente, o que faz com que seus jovens (ou pelo menos a maioria deles, ao contrário do que acontece em Itaguara, MG) não precisem procurar outra cidade quando decidem investir em sua carreira profissional. A permanência dos jovens na cidade faz com que os traços linguísticos sejam preservados, principalmente os mais característicos. (CARMO, 2017, P.111)

Uma cidade autossuficiente, em que os jovens não precisam sair para estudar, preservando, assim, a variante retroflexa.

No Espírito Santo, não há ainda pesquisas sobre o fonema /r/. Mas, pelos trabalhos desenvolvidos, como o de Cominotti e Peres (2021), apontaram a presença do tepe e das fricativas glotais (vozeada e desvozeada). O tepe é o traço dos imigrantes europeus, principalmente da colônia italiana. E a fricativa glotal, que é a pronúncia não-marcada do capixaba, justifica-se por questões territoriais; o estado faz divisa com o Rio de Janeiro (ao sul), Minas Gerais (centro-oeste e noroeste) e Bahia (norte), onde há registros consideráveis dessa variante.

Desse modo, na região Sudeste, verifica-se a presença das vibrantes alveolares, o tepe e a vibrante múltipla (Espírito Santo e São Paulo); da retroflexa (Minas Gerais e São Paulo); da fricativa glotal (Espírito Santo, Minas Gerais e

Rio de Janeiro); e da fricativa velar (Minas Gerais e Rio de Janeiro). Também, está acontecendo o processo de enfraquecimento do rótico, que foi citado nos estudos realizados nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Por fim, faz-se necessário este estudo descritivo dos róticos no Espírito Santo, com o objetivo de verificar se mantém um padrão do uso das variantes do erre com relação a outros estados da região Sudeste.

A seguir, um breve panorama da realização do fonema /r/ na região centro-oeste.

4.1.3 Região Centro-Oeste

O trabalho de Almeida e Kailer (2017) analisa o fonema /r/ na posição coda silábica no interior do estado de Goiás, nos municípios de Catalão, Aruanã, Porangatu, São Domingos, Jataí e Quirinópolis. E, procura identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar o uso da variante retroflexa nessas localidades.

Os autores iniciam o texto chamando atenção para os poucos estudos dos róticos na região centro-oeste, e que carece de uma descrição sistemática como já foi realizada entre outros estados. Essa ponderação se deu pela investigação de Almeida e Kailer (2015) em três capitais do Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás). Eles verificaram que em algumas localidades, principalmente, no Estado de Goiás, havia informantes que alternavam, as variantes retroflexa e glotal, mesmo possuindo ponto e modo de articulação bastante distantes.

Foi essa mudança nada convencional que motivou esse estudo. Foram entrevistados 12 homens e 12 mulheres nas seis cidades citadas, conforme o modelo de estratificação de dados proposto por Labov (2008[1972]). Os informantes foram inquiridos a um questionário dividido em três partes: Fonético – Fonológico (QFF), o Semântico Lexical (QSL) e o Morfossintático (QMS). A partir das respostas, separaram as entrevistas de acordo com o estilo da fala (menos ou mais monitorado). O programa utilizado para quantificação da amostragem foi o Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005).

A discussão partiu do trabalho de Amaral (1955[1920]) e Nascentes (1953) que descreveram os róticos como uma marca dialetal – o erre caipira é

um traço característico das cidades interior. Almeida e Kailer (2017, p.355) constataram que o retroflexo e a fricativa glotal são as mais produtivas entre as cidades investigadas.

A primeira (retroflexo) prevalece em São Domingos (78,2%), Jataí (69,7%), Porangatu (69,4%), Catalão (61,2%) e Aruanã (60,1%). A segunda (fricativa glotal), por sua vez, prevalece em Quirinópolis (67,2%). Em São Domingos a glotal (78,2%) coexiste com a variante tepe (14,6%), retroflexa (6,8%) e com a vibrante (0,5%). Já em Quirinópolis a retroflexa (67,2%) divide espaço com a glotal (25,2%) e com as variantes vibrante (1,5%) e tepe (6,1%).

Além das variantes retroflexa e glotal, coexiste o tepe e a vibrante múltipla em São Domingos e em Quirinópolis, apesar de estarem abaixo da neutralidade. A produção dessas variantes é explicada pela “origem da população que vieram de diferentes partes do país, como do nordeste e dos estados da região sul” (ALMEIDA E KAILER, 2017, p.359). E sobre a posição coda silábica (tanto no interior e final de palavras), a única cidade que não predomina a variante retroflexa é São Domingos, que majoritariamente ocorre a glotal.

Outras questões levantadas foram sobre a vitalidade da variante retroflexa e do processo de enfraquecimento do rótico. Quanto à variante retroflexa, Botassini (2012) diz que sofre estigma, principalmente, nos meios de comunicação e, por isso, segundo Amadeu Amaral (1955 [1920]), teria vida efêmera. No entanto, Almeida e Kailer (2017) observaram que em outras localidades, como no estado do Paraná, apresenta muita vitalidade, o que pode favorecer para um cenário de estabilização dessa variante.

Já com relação ao enfraquecimento dos róticos, ressaltam que acontece uma mudança no ponto de articulação, onde a língua se movimenta para a parte posterior da boca em direção a úvula. Os resultados revelaram que o ambiente favorecedor para o apagamento foi o de coda externa dos verbos, em situação de fala menos monitorada. Essa ocorrência é praticamente categórica e vai ao encontro do estudo de Moneratto (2000) ao descrever o fonema /r/ nas capitais sulistas.

A partir deste e de outros trabalhos desenvolvidos, observou-se que na região centro-oeste do Brasil apresenta as seguintes variantes dos róticos: retroflexa, fricativa glotal, tepe, vibrante múltipla e nula. As que possuem altos índices de frequência são a retroflexa e fricativa glotal. O tepe e a vibrante múltipla aparecem nesta região por influência das pessoas que vieram de outras

regiões, como do nordeste e das cidades da região sul. É preciso realizar novos levantamentos, pois é uma região que ainda foi pouco estudada.

Dando prosseguimento a esse mapeamento por região, abordaremos os róticos na região nordeste.

4.1.4 Região Nordeste

Os trabalhos de Alencar (2007) e Santos (2019) se destacam por fazer um levantamento geral dos róticos na região nordeste. O primeiro foi desenvolvido no estado do Ceará e, o segundo, em Alagoas. Ambos contribuíram para a descrição do ALib (Projeto Atlas Linguístico do Brasil), estabelecendo o estilo de fala do nordestino²⁰.

Alencar (2007, p.15) inicia pontuando a questão da diversidade linguística que há no Brasil e um estigma em falar diferente:

“trata-se de uma crença ultrapassada, mas que se perpetua. Precisamos mudar esta visão, reconhecer que as pessoas falam de um modo diferente não, porque “erram”, mas porque empregam regras gramaticais próprias da sua variedade de língua, que todo falante nativo tem o direito de se expressar em sua língua materna e que precisamos dar vida e voz a nossa língua brasileira.”

Por muito tempo, criou-se um pré(conceito) sobre a língua portuguesa, considerando-a muito difícil. Todavia, entender que toda a língua varia e que cada sujeito a pronuncia de modo distinto, foi o ponto chave para descrever os róticos em Fortaleza. O erre é um marcador dialetal e faz parte da constituição do português Brasileiro.

Seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos da Fonética e da Fonologia, com abordagem da Dialetoлогия e da Sociolinguística Laboviana, foram entrevistados vinte e quatro pessoas em diferentes bairros da capital Fortaleza. No levantamento dos dados foram considerados oito fatores, sendo três sociais (faixa etária, grau de escolaridade e sexo) e cinco estruturais (tonicidade da sílaba que contém o fonema, dimensão do vocábulo, categoria

²⁰ Similar a este projeto, em nível regional, temos o “NURC, VARSUL, Censo, MFUL, PEUL, LUAL, PORCUFORT, VARPE, VALPB, Projeto da Gramática do Português Oral, que utilizam *corpora*, os mais variados, colhidos em diferentes regiões do país, possibilitando a realização de muitas pesquisas sobre diversos fenômenos de variação do português falado no Brasil.” (ALENCAR, 2007, p.75)

gramatical, natureza do contexto fonológico precedente e natureza do contexto fonológico subsequente) que, posteriormente, foram distribuídos em quatro contextos para análise das variantes do fonema /r/ no falar fortalezense.

Para esse estudo, a pesquisadora considerou oito variantes linguísticas do erre: [r, ɾ, x, ʁ, ɻ, h, ɦ, Ø], incluindo o apagamento. Os resultados mostraram que algumas variantes tiveram baixo índice ou não execução e, outras, apresentaram números significativos. A fricativa velar (desvozeada [x] e vozeada [ʁ]), e a retroflexa alveolar vozeada [ɻ] não foram produtivas, sendo que a retroflexa não teve nenhum registro (0%). Às demais, apareceram com relevância nos seguintes contextos, como expõe Alencar (2007, p.110):

a fricativa glotal (aspirada) [h], passível de ocorrer no início de sílaba, em posição pós-vocálica medial ou final de vocábulo diante de consoante desvozeada, em contraste com o [r] entre vogais no interior da palavra, ou em pausa; a aspirada [ɦ], em posição final de sílaba ou de vocábulo, diante de consoante vozeada; o tepe [ɾ], como segundo elemento no grupo consonantal ou em posição intervocálica, e o zero fonético [Ø].

O que mais chamou atenção nesse resultado foi o alto índice de enfraquecimento do rótico que, segundo a autora, está em estágio avançado na capital cearense. Os ambientes favoráveis foram a posição pós-vocálica final (cantar, canta[Ø]) e a pós-vocálica medial diante de fricativas (ma[h]cha, ma[Ø]cha). Aliás, é um fenômeno que já foi descrito em outras capitais nordestinas, como: Salvador e Recife, na pesquisa de Callou e Moraes (1995); e João Pessoa, na de Hora e Monaretto (2003).

Outra capital que realiza a variante nula é Maceió. Santos (2019), no intuito de descrever a variedade do português em Alagoas, observou as variantes do rótico na posição coda silábica. Além da capital, o *corpus* é constituído por informantes das cidades de Arapiraca, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares. No total foram entrevistados cento e quarenta e quatro (144) pessoas, que compuseram o banco de dados do Projeto Variação Linguística no Português Alagoano (PORTAL)²¹. As entrevistas foram analisadas à luz da Sociolinguística

²¹ “O banco de dados do Projeto PORTAL está composto por entrevistas realizadas com 420 informantes. Desses, 240 são integrantes do banco de dados “Alagoas”, no qual estão armazenadas as entrevistas realizadas com informantes de dez cidades (Arapiraca, Delmiro Gouveia, Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres, União

Variacionista, com auxílio do software Praat (Boersma & Weenink, 2007) e da plataforma R (R Core Team, 2016), com base no modelo de regressão multinível.

Inicialmente, os dados revelaram que:

foram encontradas quatro realizações de /R/ em coda silábica: fricativa glotal [ʔ] 'carta'; apagamento [minɛ'vĩnu] 'Minervino'; aproximante [kɔɪdɐ]2 'corda'; tepe [ˈturmə] 'turma'. Dessas, a variante com maior frequência de ocorrência, de modo geral, é a fricativa glotal [h], enquanto que o tepe [r] apresenta frequência muito baixa. A variante apagamento [Ø], bem como a variante aproximante [ɹ], são significativas. Essa configuração da variação do /R/ na variedade de Português Brasileiro falada em Alagoas direcionou a nossa investigação no sentido de realizarmos duas análises distintas/separadas. Essa opção será mais bem apresentada adiante. (SANTOS, 2019, p.16)

A fricativa glotal, o tepe, a aproximante e o apagamento são as ocorrências que mais aparecem na fala dos alagoanos, sendo que a glotal é a mais produtiva. Sobre isso, Callou e Leite (2000) notaram que na língua portuguesa está acontecendo o mesmo com algumas línguas latinas, como o espanhol e italiano, o processo de posteriorização. O tepe estava sendo substituído pela fricativa glotal, como descrevem abaixo:

a substituição de vibrações apicais por vibrações uvulares e velares para a vibrante forte em português parece datar de fins do século passado [século XIX], pois já encontramos referências ao fato em Vianna (1973), que observa, inclusive, a sua mudança para fricativa. (2000, p.76)

Levando em consideração esse processo de mudança, Santos (2019) observou que as variantes do erre estavam seguindo uma direção até o apagamento. Em relação à variante zero [Ø], os resultados mostraram que

esta não ocorre antes de consoantes soantes. Das variáveis linguísticas analisadas, o *contexto seguinte com a presença de traço [+contínuo]* é o que mais influencia o processo, com 0.97 de peso relativo, contra 0.03 para o traço [-contínuo]. Nossos resultados corroboram os resultados de Callou, Serra e Cunha (2015) no que concerne ao ambiente seguinte e também com a afirmação de Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), sobre o apagamento ser condicionado pelo contexto fonológico seguinte, quando esse contexto é uma consoante fricativa.

Essa informação vai ao encontro de Alencar (2007), que aponta as posições pós-vocálica final e pós-vocálica medial diante de fricativas

dos Palmares, Capela e São Miguel dos Campos), enquanto que 180 são integrantes do banco de dados da capital Maceió, em que estão armazenadas as entrevistas realizadas com informantes apenas da cidade de Maceió." (Lima, 2019, p.40)

favorecedoras para o apagamento. Com a presença dessas ocorrências nos estados de Alagoas e Fortaleza, pode-se dizer que a variação entre a fricativa glotal e o apagamento é estável na região nordeste.

Outra variante identificada foi a aproximante, em que os dados de Santos (2019) revelaram que

se restringe à presença dos traços [+obstruinte, -contínuo] no contexto seguinte e, dentro desse recorte, é fortemente favorecido pela presença do traço [coronal], ou seja, oclusivas /t/ e /d/, com peso relativo de 0.83. Ademais, os dados revelam que a variante está passando por uma mudança linguística em progresso com tendência ao seu desaparecimento, ratificando-se, desse modo, os resultados de Santos (2010).

Mesmo sendo frequente, a aproximante está passando por um processo de desaparecimento e mudança em progresso. Isso se deve pelo processo de posteriorização, como mencionamos anteriormente. Santos (2019) conclui sua pesquisa, trazendo o seguinte mapeamento dos róticos em Alagoas:

i) a fricativa glotal [h] é a variante mais frequente no Estado, seguida pela variante apagamento [∅], com a variante aproximante [ɹ], variante identificada apenas no estudo de Santos (2010), ocorrendo de modo significativo, sendo o tepe [r], variante bastante estudada no português brasileiro, praticamente inexistente nos falares alagoanos; ii) a variante apagamento encontra-se em processo de variação estável; iii) a aproximante configurou-se como passando por um processo de mudança linguística, melhor dizendo, está entrando em declínio.

De modo geral, o nordeste brasileiro é uma região que apresenta variantes dos róticos inovadoras. As predominantes são as fricativas glotais (vozeada e desvozeada) e o apagamento, porém, a fricativa velar e a aproximante, também, aparecem na fala dos nordestinos. Na próxima subseção, verificamos a última região analisada, o Norte, observando se acontece o mesmo cenário que essa região.

4.1.5 Região Norte

A região norte do Brasil possui uma enorme diversidade linguística que ainda não foi totalmente descrita e necessita de um estudo sistemático para verificar as variantes linguísticas que estão em contato. A pesquisa de Menezes e Silva (2017) apresenta os róticos no estado do Tocantins, que foi emancipado, recentemente, a vinte e oito (28) anos. O estado passou por intensos fluxos

migratórios de pessoas procedentes, principalmente, do Maranhão, do Piauí, da Bahia e do Pará. Dentre as cidades que receberam grandes levas migratórias, destaca-se Porto Nacional, Pedro Afonso e Natividade, fundadas ainda no antigo norte goiano e que se constituem como importantes polos históricos, formados tanto por pessoas autóctones quanto por migrantes procedentes de diferentes regiões.

O objetivo do trabalho é identificar e analisar os róticos em posição de coda silábica nas três principais cidades do estado: Porto Nacional, Pedro Afonso e Natividade. Para tanto, foram utilizadas entrevistas coletadas pelo Projeto “Atlas Linguístico Topodinâmico (pessoas nascidas em outras localidades, mas que tenham migrado para a região de pesquisa há mais de 10 anos) e Topoestático (pessoas nascidas na localidade e que permanecem até hoje lá) do Estado do Tocantins – ALITTETO²². Foram entrevistados 24 informantes, distribuídos por sexo (masculino e feminino) e idade (18 a 30 e 50 a 65 anos). Os informantes foram inqueridos a um questionário de 25 questões, das quais 14 verificam o rótico em coda medial e 11 em final de palavra.

Para análise, foram escolhidos cinco tipos de róticos comumente encontrados no português brasileiro: tepe [r], vibrante múltiplo [r], retroflexo [ɻ], glotal [h] e velar [x]; também verificamos o zero fonético ou apagamento da vibrante [Ø]. Os resultados apontaram que:

o rótico preterido nas cidades de pesquisa são os fricativos, sobretudo os glotais. Quanto às demais variantes, observamos que sua produtividade encontra-se atrelada à diatopia, ou seja, cada localidade de pesquisa demonstrou índices variados, além da posição do fonema (coda interna ou coda externa).

Nas cidades de Pedro Afonso, Porto Nacional e Natividade, as fricativas glotais são as mais frequentes na posição coda silábica interna, representando 79,4%, 75,9% e 69,9%, respectivamente. Já na coda silábica externa, o apagamento é a forma mais produtiva, 70,3%, 75,6% e 84,5%. E, em uma situação inversa, a fricativa glotal não é significativa na coda silábica externa (28,3%, 24,3% e 14,2%) e, o apagamento, na coda silábica interna (12,1%, 5,6% e 3,5%).

²² “É um projeto coordenado pela Prof.^a Dr.^a. Greize Alves da Silva em 12 localidades do Tocantins.

Quantas as outras variantes, apresentaram baixos índices de frequência, não sendo tão significativas. A fricativa velar apresentou ocorrências nas três cidades analisadas, já o retroflexo e o tepe apenas nas cidades de Porto Nacional e Natividade. Em relação a essas duas últimas variantes, as ocorrências são explicadas pela presença de pessoas de outros estados da federação, como da região Centro-Oeste (CARDOSO, 2014).

Diante dos dados levantados, Menezes e Silva (2017, p.85) concluíram que: “A norma fonética quanto à utilização do rótico, em grande maioria as glotais, denota que as cidades da pesquisa apontam semelhanças linguísticas com os estados nortistas e nordestinos, distanciando-se do Centro-Oeste, do Sul e do Sudeste. Isto posto, é possível afirmar que as variantes dos róticos, na região norte mais produtivas são as fricativas glotais (vozeada e desvozeada) e o apagamento, assim como descrevemos na região Nordeste.

Após a realização desse mapeamento regional, é possível avançar para a análise das pesquisas que abordam especificamente o comportamento dos róticos em contextos de influência vêneta. Nosso objetivo, nesse momento, é identificar e discutir as contribuições mais relevantes desses estudos para a compreensão do fenômeno em foco, destacando tanto os aspectos fonético-fonológicos observados quanto as interpretações sociolinguísticas e históricas que dialogam com os nossos resultados.

4. 2 Ocorrências com influência do Vêneto

A língua vêneta, trazida ao Brasil por imigrantes italianos a partir da segunda metade do século XIX, constitui hoje um importante objeto de estudo dentro do campo da Sociolinguística e suas vertentes. Ao longo das décadas, especialmente em comunidades do sul e sudeste brasileiro, como as do Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o vêneto não apenas resistiu ao apagamento linguístico, como também apresentou formas híbridas, adaptadas à realidade brasileira. A seguir, abordaremos duas pesquisas acadêmicas recentes que se debruçaram sobre essa variedade linguística (nível interno e externo), relacionando-as à comunidade de Ibitiruí: Loriato (2020) e Guzzo (2024).

4.2.1 Loriato (2020)

A tese de doutorado defendida por Sarah Rodrigues Loriato (2020) na *Università degli Studi di Bergamo* é particularmente valiosa para compreendermos a complexidade da variação dos róticos em comunidades capixabas marcadas pela imigração italiana. Ela oferece um paralelo metodológico e teórico que dialoga diretamente com a realidade de Ibitiruí, em Alfredo Chaves. Ao examinar a realização da /r/ inicial no vêneto de Santa Teresa, Loriato (2020) evidencia um ponto central para a análise sociolinguística: a resistência de determinados traços fonológicos em contextos de contato prolongado.

O fato de não haver evidências de mudança em curso que substitua a pronúncia tradicional [r] ou [r] pelo [h] ou por formas aspiradas mostra que, mesmo sob forte influência do português brasileiro – sobretudo nas gerações mais jovens –, o traço vêneto mantém-se como marcador de identidade comunitária. Além do rótico, Loriato também dedicou sua investigação à nasal velar [ŋ], constatando que esse segmento apresenta sinais de enfraquecimento articulatorio e de assimilação ao padrão fonológico do português, sobretudo nas gerações mais novas, ainda que tal mudança se encontre em estágio inicial e não seja generalizada.

Esse dado é crucial quando pensamos nos róticos em Alfredo Chaves, e mais especificamente em Ibitiruí, onde a vitalidade de variantes como o tepe alveolar [r] se articula a uma herança linguística transmitida intergeracionalmente. A literatura sobre contato linguístico e manutenção de traços fonológicos minoritários (Weinreich, 1953; Labov, 1972; Trudgill, 1986) indica que determinados sons podem assumir valor simbólico e funcionar como índices de pertencimento. No caso capixaba, o [r] inicial e intervocálico não apenas se mantém, mas adquire estatuto de “marca étnica”, funcionando como indício de italianidade, sobretudo quando contrastado com variantes regionais do português que privilegiam a aspiração ou a fricativa glotal [h]. Assim, o rótico alveolar, em vez de ser substituído, ressignifica-se no repertório dos falantes, reafirmando o seu valor identitário.

Em termos fonético-fonológicos, é interessante notar que o vêneto tradicional já favorece variantes alveolares, o que se coaduna com a preservação

do tepe em posição inicial e medial entre descendentes no Espírito Santo. Enquanto no português brasileiro observamos grande variação da /r/ em posição inicial e em coda com possibilidades que vão do tepe [r] à fricativa [h] e até mesmo à elisão, nas comunidades de imigração italiana a pressão do contato não se manifesta de forma uniforme. O que se vê, ao contrário, é uma acomodação dialetal seletiva²³, na qual a comunidade aceita certos processos de mudança (como o enfraquecimento da nasal velar [ŋ] observado por Lariato), mas resiste em outros, justamente aqueles que carregam maior carga afetiva.

Dessa forma, quando projetamos esse quadro sobre a realidade de Ibitiruí, percebemos que a vitalidade do tepe alveolar [r] não pode ser entendida apenas como uma questão de distribuição fonológica condicionada por fatores internos da língua, mas como um fenômeno profundamente atravessado por aspectos sociais e ideológicos. A escolha (consciente ou não) por manter a pronúncia alveolar pode ser interpretada como um ato de resistência simbólica, uma forma de sinalizar pertencimento étnico e diferenciação em relação a outras variedades do português falado no Espírito Santo, especialmente aquelas mais próximas do eixo fluminense, onde a aspiração do /r/ é majoritária.

Além disso, a comparação entre os achados de Lariato e a realidade de Ibitiruí ajuda a reforçar uma noção cara à Sociolinguística Variacionista: a mudança linguística não ocorre de maneira linear ou uniforme, mas é modulada por fatores socioculturais. Enquanto a nasal velar [ŋ] parece ser mais vulnerável à assimilação ao padrão do português, a manutenção do [r] alveolar indica que não basta haver contato para que a mudança se instale. É necessário considerar o valor social atribuído a cada variante. Nesse sentido, a persistência do [r] alveolar em Ibitiruí pode ser vista como continuidade de um padrão fonológico vênето que se consolidou como traço indexical, perpetuado não apenas pela herança linguística, mas também pela força simbólica que assume na construção da identidade local.

²³ A acomodação dialetal é parte da Teoria da Acomodação da Comunicação (Speech Accommodation Theory / Communication Accommodation Theory), proposta por Howard Giles (1973, 1977). Ela sustenta que falantes tendem a convergir (aproximar-se) ou divergir (distanciar-se) linguisticamente de outros falantes como estratégia social.

Complementando esta discussão, na próxima subseção, trataremos da pesquisa de Guzzo (2024) que aponta para uma reorganização da estrutura silábica entre as variantes com influência vêneta.

4.2.2 Guzzo (2024)

Indo ao encontro de Loriato (2020), com uma abordagem mais formal, a pesquisa de Natália Brambatti Guzzo (2024), publicada na revista *Languages*, investiga as alternâncias do plural e a silabificação das consoantes finais no vêneta brasileiro, com foco especial na estrutura fonológica de palavras masculinas terminadas em consoante. O estudo, conduzido a partir de dados coletados em comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, revelou que, no plural, palavras terminadas em /r/ e /rj/ seguem um padrão regular, recebendo o sufixo *-i* (por exemplo, *biffer – bifferi*), preservando assim a consoante final. Em contraste, palavras terminadas em laterais (/l/, por exemplo) apresentam uma supressão consonantal, de modo que a consoante é excluída no plural (*animal – anma*), fenômeno raro nas variedades vênetas da Itália, mas recorrente no Brasil.

Guzzo interpreta esse comportamento a partir da Fonologia Gerativa, mostrando que consoantes como /r/ e /rj/ funcionam como coda silábica, enquanto laterais finais são realocadas como *onsets* de sílabas vazias. Essa reorganização da estrutura silábica revela não apenas um processo de adaptação interna da língua ao novo contexto sociolinguístico brasileiro, mas também um padrão fonológico coerente, com regras próprias que foram transmitidas intergeracionalmente.

Além do mérito descritivo, o trabalho de Guzzo dialoga com questões mais amplas sobre a manutenção e a mudança linguística em comunidades bilíngues, especialmente no que diz respeito ao impacto da língua majoritária, no caso o português brasileiro, sobre a estrutura interna da língua minoritária. A frequência elevada de padrões fonológicos inovadores no vêneta do Brasil, ausentes ou marginais nas variedades da Itália, sugere que o contato prolongado com o português não apenas introduz empréstimos lexicais e mudanças prosódicas, mas também pode remodelar aspectos centrais em outros níveis da língua, como morfofonológicos.

Essa constatação é particularmente relevante para estudos de contato linguístico porque reforça a ideia de que mudanças estruturais profundas podem ocorrer mesmo em comunidades com forte sentimento identitário e relativa continuidade intergeracional do uso da língua de herança. No caso do vênето brasileiro, o padrão descrito por Guzzo aponta para um equilíbrio dinâmico entre conservação de traços históricos – como a preservação do /r/ e do /ŋ/ finais – e inovações que emergem como adaptações funcionais ao novo ecossistema linguístico. Ao registrar e analisar essas transformações, a pesquisa contribui não apenas para o mapeamento das variedades de vênето no Brasil, mas também para a compreensão de como línguas minoritárias se reorganizam fonologicamente em contextos de bilinguismo prolongado.

Quando aproximamos esse quadro dos estudos sobre os róticos na comunidade de Ibitiruí, percebe-se uma convergência interessante: tanto o trabalho de Guzzo quanto as análises sociolinguísticas realizadas em Alfredo Chaves apontam os róticos como elemento estrutural resistente ao apagamento ou substituição. Se no Rio Grande do Sul os róticos finais preservam-se no plural como codas estáveis, em Ibitiruí o tepe alveolar [r] mantém-se como variante afetiva, mesmo diante da possibilidade de substituição pelo [h] glotal, típico de variedades regionais do PB. Em ambos os casos, observa-se que a consoante rótica desempenha um papel estrutural e simbólico: ela se mantém como parte da gramática fonológica do vênето brasileiro (no plural, segundo Guzzo) e, simultaneamente, como índice de italianidade na fala híbrida de comunidades capixabas (no uso do [r] em oposição à aspiração glotal [h]).

Assim, a interlocução entre os dois contextos – o vênето sul-rio-grandense descrito por Guzzo e o vênето capixaba em contato com o português em Ibitiruí – mostra que o /r/ ocupa uma posição privilegiada na gramática das comunidades de descendentes de imigrantes italianos no Brasil. Ele resiste como unidade estrutural e como marca identitária, revelando que a estrutura fonética-fonológica não pode ser entendida isoladamente, mas deve ser interpretada à luz de fatores culturais, históricos e sociais.

As pesquisas de Lariato (2020) e Guzzo (2024) aqui discutidas, ainda que com enfoques distintos – uma mais voltada à variação condicionada por fatores sociais, outra à estrutura fonológica formal –, se complementam e revelam a riqueza e complexidade do vênето falado no Brasil. Seus resultados oferecem

suporte teórico e metodológico para o nosso estudo na comunidade de Ibitiruí, mostrando práticas linguísticas únicas, que serão descritas nos próximos capítulos. Agora, vemos detalhadamente os procedimentos metodológicos adotados por nós para analisar as variantes róticas.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos adotados, bem como a natureza deste estudo, que é de cunho quantitativo e qualitativo. Na primeira seção (5.1) descrevemos as variáveis analisadas, abordando a diversidade dos róticos. Em 5.2, como foram gerados os nossos dados, destacando a comunidade escolhida (5.2.1); a seleção dos informantes (5.2.2); e a realização das entrevistas (5.2.3). E, em 5.3, estão os procedimentos adotados para a análise dos dados.

5.1 As variáveis analisadas

O nosso objeto de estudo é os róticos, que segundo Amaral (1955[1920]) é uma marca dialetal da língua portuguesa, sendo difícil de descrever pela variação articulatória que apresenta. Câmara Jr. (1955) aponta a alofonia dos róticos, que é um dos fenômenos mais estudados nas áreas da Fonética e Fonologia e Dialectologia. No Brasil, em cada região, há duas ou mais ocorrências. Com base no nosso referencial teórico, verificamos as seguintes realizações dos róticos no Brasil: [r] tepe (vibrante simples); [r] vibrante múltipla; [ɹ] aproximante alveolar e [ɻ] retroflexo alveolar; [ɣ] fricativa velar vozeada, [x] fricativa velar desvozeada; [ħ] fricativa glotal vozeada [h]; fricativa glotal desvozeada (CALLOU & MORAES, 1995; CALLOU & LEITE & MORAES, 1996; 2002; 2013)

No Espírito Santo, os róticos não foram totalmente descritos. Pelos trabalhos realizados, especificamente, na área do Contato Linguístico, a fricativa glotal aspirada ou sonora (marca do capixaba), o tepe e a vibrante múltipla são as variantes mais produzidas. Elas ocorrem por influência geográfica e histórica. O estado faz divisa com estados do Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde predominam as ocorrências das variantes glotais. E foi colonizado por imigrantes europeus, sobretudo os italianos, que tem como marca as vibrantes (simples ou múltipla)

Alfredo Chaves, município do interior do estado selecionado para esse estudo, foi colonizado por imigrantes italianos provenientes, principalmente, da região norte da Itália, província do Vêneto. A língua falada era o vêneto. Após

chegarem ao município, o vêneto e o português entraram em contato, gerando interferências. Cada língua possuía um traço distintivo. No caso dos descendentes italianos, como mencionamos anteriormente, era as vibrantes (simples e múltipla), que de acordo com Fiorin (2019) está sofrendo declínio e sendo substituído pelas formas do português brasileiro.

Os róticos ocorrem em diferentes contextos linguísticos, como: seguindo consoante na mesma sílaba (prato); início de palavra (rato); seguindo consoante em outra sílaba (Israel); final de palavra (mar); e final de sílaba (carta). O ambiente que mais acontece variação e que fornece mais estudos é o de coda silábica (seja no interior ou no final da palavra). As vibrantes apresentam maior incidência na posição de coda (COMINOTTI; PERES, 2021).

A partir desse mapeamento, podemos traçar uma linha entre os estados brasileiros, em variantes conservadoras e inovadoras. As conservadoras são aquelas marcadas pelas vibrantes alveolares, como o tepe, a vibrante múltipla e a retroflexa. Já as inovadoras são as variantes aspiradas (velar e glotal) que começaram a aparecer no Brasil a partir do século XIX, com o processo de posteriorização. Os estados da região sul e São Paulo apresentam o maior número de variantes conservadoras; e os demais, inovadoras. O Espírito Santo é um caso à parte, pois apresenta tanto a variante conservadora (o tepe) quanto a inovadora (a fricativa glotal), o que torna esse estudo descritivo muito importante.

Outra questão é o processo de enfraquecimento dos róticos, ou variante nula [Ø]. Oliveira Lima (2013), mesmo não apontando no mapa acima, afirma que está ocorrendo em todas as regiões brasileiras. Esse fenômeno é motivado pelo movimento da língua que se desloca para a região posterior do trato vocal, interferindo na passagem do ar.

Neste estudo, o nosso objetivo é analisar a influência fonético-fonológica da língua vêneta no português falado por descendentes de imigrantes italianos na comunidade de Ibitiruí, Alfredo Chaves/ES. Especificamente, procuramos descrever a variação da pronúncia dos róticos em nossos informantes, levando em consideração o grau de variabilidade nas duas línguas. Assim, distribuímos nossas variáveis dependentes e independentes, como descrevemos a seguir.

5.1.1 Variável dependente

A análise das produções dos nossos informantes permite distinguir dois conjuntos principais de realizações dos róticos em Alfredo Chaves, diretamente relacionados às dinâmicas de contato linguístico entre o português brasileiro e o vêneto como língua de herança. O primeiro conjunto reúne as realizações associadas à influência do vêneto, sobretudo a vibrante múltipla [r] e o tepe alveolar [r]. Essas variantes, recorrentes entre os imigrantes italianos, alinhados à língua vêneta. Aproximam-se das produções observadas em comunidades bilíngues do Sul e Sudeste. Em trechos como “*Fui à rua*”, por exemplo, observa-se a manutenção do tepe alveolar no início de palavra ([r]ua), fenômeno que contrasta com o padrão mais enfraquecido do PB urbano. De modo semelhante, em sintagmas como “*era para pegar*”, nota-se o uso do tepe intervocálico (e[r]a), que permanece como realização canônica entre falantes cuja socialização linguística foi influenciada pelo vêneto.

O segundo conjunto diz respeito às realizações não associadas à influência do vêneto, alinhadas ao continuum do PB contemporâneo. Aqui predominam a fricativa glotal [h], a fricativa velar [x] e, em contextos específicos, o apagamento do r em posição final [Ø]. Essas variantes aparecem com maior frequência entre falantes jovens ou em contextos mais informais, refletindo tendências amplamente documentadas em estudos sociolinguísticos no Espírito Santo e em outras regiões do país. Assim, em enunciados como “*o motor tá ruim*”, observa-se a produção glotal (moto[h]), enquanto em “*trabalhar é difícil*” surgem realizações velares como trabalha[x]. Já o apagamento final se evidencia em estruturas como “*falar com ele*”, frequentemente pronunciado como fala [Ø], sobretudo em conectividade sintática com o termo seguinte.

A comparação entre esses dois grupos revela que a variação observada não é apenas fonética, mas também social e histórica. As variantes [r] e [r], marcadas pelo contato com o vêneto, funcionam como índices identitários de pertencimento às comunidades descendentes de imigrantes italianos, enquanto as variantes [h], [x] e [Ø] refletem processos de mudança em curso no português brasileiro, associados à urbanização, à escolarização e ao aumento da mobilidade sociolinguística. Ao integrar essas camadas – fonética, social e histórica – torna-se possível compreender não apenas como o rótico é realizado em Alfredo Chaves, mas também por que essas escolhas fonéticas persistem ou

se transformam dentro da comunidade. Dando continuidade, vejamos na próxima subseção as variáveis independentes.

5.1.2 Variáveis independentes

A variação do rótico em Alfredo Chaves pode ser compreendida a partir de dois grandes envelopes de variação: um com influência do vêneto, caracterizado sobretudo pelo uso de [r] (vibrante múltipla) e [r] (tepe alveolar), e outro sem influência vêneta, no qual predominam as realizações típicas do português brasileiro contemporâneo, como a fricativa glotal [h], a fricativa velar [x] e o apagamento [Ø]. Esses dois grupos de variantes distribuem-se de maneira sistemática tanto em função de condicionamentos linguísticos quanto de fatores sociais. Na sequência, organizamos esta variável em fatores linguísticos e extralinguísticos, explicitando o contexto de variação que discutiremos em nossas análises.

5.1.2.1 Fatores linguísticos

Um dos condicionadores mais relevantes é o ambiente fonético em que o rótico ocorre. Em início de palavra, como em *rua, rato, roda, roça*, observa-se com maior frequência a manutenção das variantes alveolares ([r], [r]), especialmente entre falantes inseridos no envelope de variação com influência vêneta. Já no envelope sem influência vêneta, surgem realizações enfraquecidas, como [h] e [x], em exemplos em [h]oda e [x]aio.

Em posição de final de sílaba e interior de palavra, como em *carta, porco, portão, porque*, a competição entre variantes torna-se mais evidente. Falantes associados ao grupo com influência vêneta tendem a preservar a vibrante múltipla e o tepe alveolar, resultando em formas como ca[r]ta] e po[r]ku. Em contraste, no envelope sem influência vêneta predominam o rótico enfraquecido ([h] ou [x]) e, em alguns contextos, o apagamento, como em ca[h]ta] ou po[h]que.

No final de palavra – *mar, estar, estudar, trabalhar* – as diferenças entre os dois envelopes tornam-se ainda mais salientes. A manutenção de [r] final ocorre predominantemente entre falantes com traços linguísticos associados ao vêneto, como em ma[r] e esta[r], enquanto no envelope sem influência vêneta é

recorrente o apagamento (ma[Ø], esta[Ø]) ou a realização fricativa (ma[h], esta[h]).

Por fim, em posição intervocálica, como em *carro*, *erro*, *morro*, observa-se a atuação do processo de geminação do rótico. No envelope com influência vêneta, a tendência é a manutenção da vibrante múltipla ou tepe alveolar ca[r]o, e[r]o, retomando padrões característicos de línguas românicas do norte da Itália. Já no envelope sem influência vêneta, são frequentes variantes fricativas ca[x]o, além de ocorrências de redução ou simplificação do segmento.

Outro condicionamento linguístico analisado é a classe gramatical das palavras. Os verbos, como *cortar*, *andar*, *trabalhar*, apresentam forte sensibilidade ao estilo e à influência do vêneta, com falantes do primeiro envelope frequentemente mantendo [r] intervocálico (co[r]tar, anda[r]), enquanto os falantes do envelope sem influência vêneta tendem à fricativização ou apagamento final (co[h]ta, anda[Ø]). Nos nomes – substantivos, adjetivos e advérbios –, como *mercado*, *maior*, *porque*, também se observa distribuição diferenciada: realizações mais conservadoras e vibrantes associam-se ao envelope vêneta, enquanto variantes reduzidas, fricativas ou apagadas se distribuem no envelope não vêneta.

Após essa descrição, passemos para os condicionadores extralinguísticos.

5.1.2.2. Fatores extralinguísticos

A análise sociolinguística evidencia que o uso das variantes também se associa a fatores extralinguísticos. Quanto ao gênero/sexo, tanto homens quanto mulheres exibem ambas as variantes, mas há maior frequência de variantes conservadoras (vibrante e tepe) entre homens idosos vinculados a práticas culturais tradicionais, enquanto mulheres mais jovens tendem a adotar formas alinhadas ao padrão urbano.

A escolaridade também constitui um condicionador importante. Falantes com Ensino Fundamental I (0–4 anos de estudo) mostram maior manutenção de variantes com influência vêneta, ao passo que aqueles com Ensino Fundamental II e, sobretudo, Ensino Médio/Superior, apresentam maior proporção de róticos

enfraquecidos e inovadores, acompanhando tendências do português brasileiro contemporâneo.

Por fim, a faixa etária reforça os padrões observados. Jovens (0–39 anos) aparecem mais alinhados às variantes sem influência vêneta, como [h], [x] e [Ø], enquanto adultos (40–59) tendem a apresentar um comportamento intermediário, alternando entre os dois envelopes. Já os idosos (60+) são, de modo geral, os principais mantenedores das variantes influenciadas pelo vêneto, preservando [r] e [r] em contextos onde o PB urbano tem avançado para formas enfraquecidas ou apagadas.

Tendo em vista essa organização, explicaremos na seção seguinte como foram gerados os nossos dados, o passo a passo da coleta e quantificação da amostragem.

5.2 Geração de dados

A etapa de geração de dados constitui um dos pontos centrais desta pesquisa, pois envolve não apenas o delineamento da comunidade investigada (5.2.1), mas também a definição dos critérios de seleção dos informantes (5.2.2) e a realização das entrevistas que compõem o nosso corpus (5.2.3). Este processo compreende desde a submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/UFES) até a coleta efetiva das falas, assegurando que o registro ocorra da forma mais natural e espontânea possível, em consonância com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972 [2008]; TARALLO, 1986).

Nessa perspectiva, é fundamental ressaltar a proximidade do pesquisador com a comunidade selecionada, facilitando o acesso aos participantes e para a construção de um ambiente de confiança durante as entrevistas, aspecto que atenua, em grande proporção, as falas monitoradas. Iniciamos fazendo uma descrição do município de Alfredo Chaves e, posteriormente, da comunidade escolhida para este estudo, Ibitiruí.

5.2.1 A comunidade selecionada

O município de Alfredo Chaves fica situado às margens do Rio Benevente, a 83,5 Km da capital do Estado, Vitória. Pertence à Região Sul do Estado do Espírito Santo e limita-se: ao norte, por Marechal Floriano e Domingos Martins; ao sul, por Iconha e Rio Novo do Sul; a leste, por Anchieta e Guarapari; e a oeste, por Vargem Alta. Como mostra o mapa a seguir.

Mapa 4: localização do município de Alfredo Chaves/ES



Fonte: https://www.familysearch.org/pt/wiki/Alfredo_Chaves,_Esp%C3%ADrito_Santo,_Brasil_-_Genealogia. Acesso em: 17 jan. 2024

De acordo com o último censo do IBGE (2022)²⁴, o município conta, atualmente, com uma área de 615,677 km² e 13.836 habitantes que corresponde a densidade de 22,47 pessoas por metro quadrado. Houve uma redução de 0,85% no percentual de habitantes, comparado ao levantamento anterior de 2010 (13.955 habitantes). Além da sede, o município é composto por outros seis

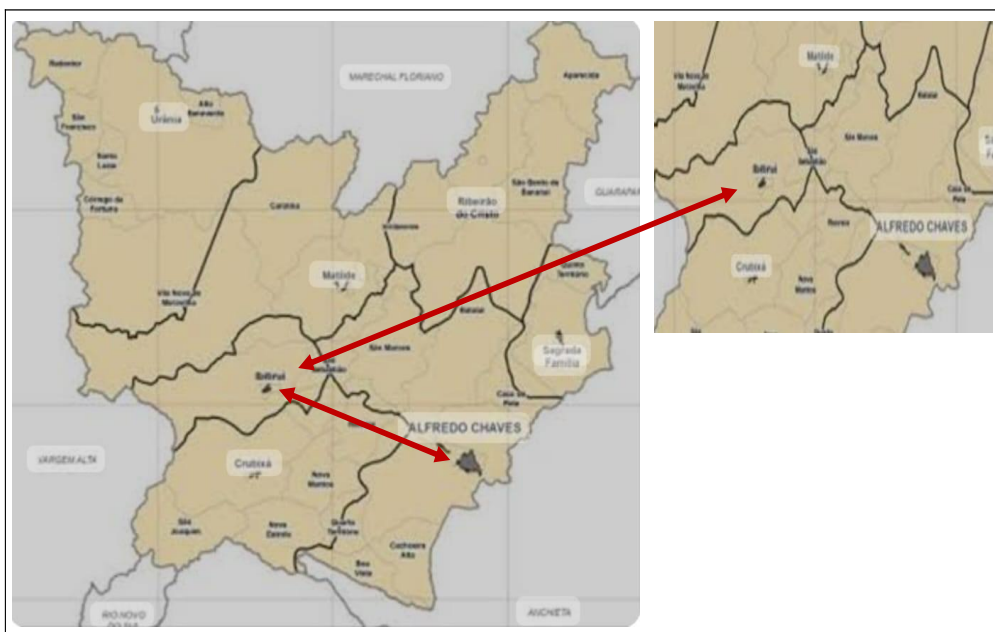
²⁴ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/alfredo-chaves/panorama>. Acesso em: 23 Jan 2024

distritos: Matilde, Sagrada Família, Ribeirão do Cristo, São Bento (Urânia), São João (Crubixá) e Ibitiruí (Engano).

A economia gira em torno da bananicultura, da cafeicultura e da pecuária, contando também com um alto potencial para o turismo, em virtude da grande quantidade de atrativos naturais (diversas cachoeiras, túneis submersos, a estação ferroviária de Matilde, a rampa de voo livre em Cachoeira Alta, as pedras do Gururu e do Quinto Território, mata Atlântica). O município também é grande produtor de inhame, sendo o maior do estado. A região de São Bento de Urânia é responsável por grande parte da colheita, além de produzir uvas, verduras, legumes e laranja poçã.

A comunidade escolhida para este estudo foi Ibitiruí, que tem cerca de 800 pessoas e fica localizada a oeste do município, 16 km da sede, como podemos observar no mapa 3. E, está a 490 metros de altitude, que propicia um clima agradável durante todo ano.

Mapa 5: localização do distrito de Ibitiruí

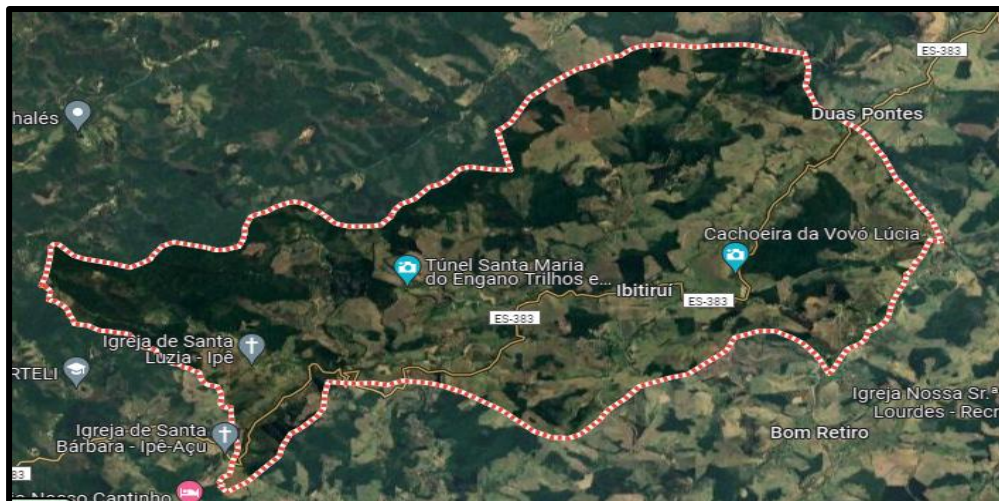


Fonte: <https://www.google.com/search>. Acesso em: 24 jan. 2024 (adaptado)

Ela faz parte do distrito de Ibitiruí (mesmo nome), que é composto por outras quatro comunidades, além da sede (Ibitiruí): Ipê Açú, Santa Luzia do Ipê, Santa Maria do Engano e Santo Antônio da Cachoeirinha. A figura 1 mostra os

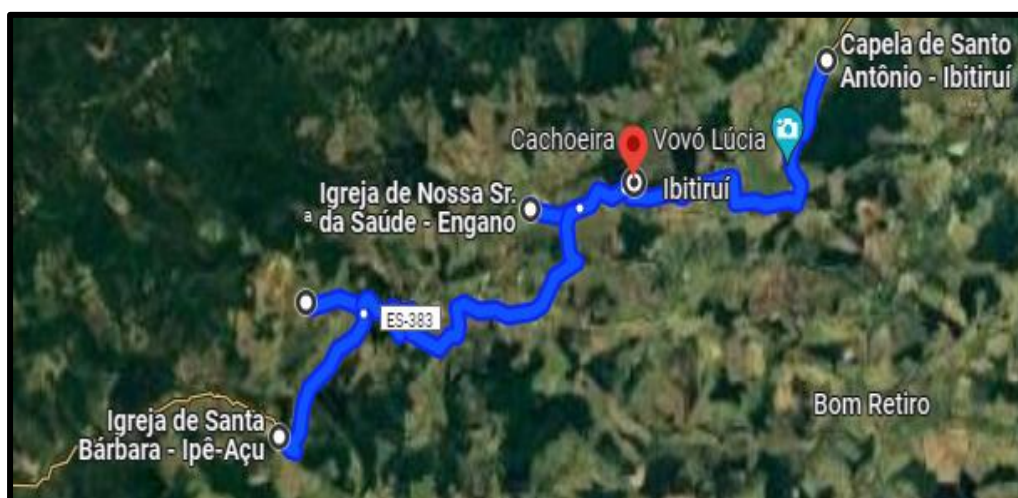
limites territoriais e localização das comunidades. Cada uma tem como ponto de referência a igreja católica. A comunidade de Ipê Açu é a mais distante e faz divisa com o município de Vargem Alta.

Figura 2: Ibitiruí e as comunidades vizinhas



Fonte: [https:// www.google.com.br/maps](https://www.google.com.br/maps) (Adaptada). Acesso em: 23 jan. 2024.

Figura 3: Trajeto da estrada que corta o distrito de Ibitiruí



Fonte: [https:// www.google.com.br/maps](https://www.google.com.br/maps) (Adaptada). Acesso em: 24 jan. 2024.

A população é composta majoritariamente por descendentes de imigrantes italianos. Eles trabalham na agricultura familiar, cultivando banana e café, principalmente, além do manejo do gado leiteiro. Também, há empresas de transportes que exportam os frutos produzidos na região e, pequenos produtores, que fabricam de forma artesanal derivados lácteos, como o queijo, a manteiga, a puína (produto de origem italiana, extraído do soro do queijo, como

se fosse uma ricota). São pessoas humildes que acordam cedo para a lida e tem como marca a alegria e a devoção.

O distrito é cortado pela ferrovia Sul Cachoeiro²⁵, também denominada de Atlântico Sul, está atualmente desativada (desde 2011). Ela passa em todas as cinco comunidades do distrito. Foi por causa do erro histórico da linha de trem que esta localidade recebeu, inicialmente, o nome de “Engano”. Até hoje, carinhosamente, os moradores falam: “Estou indo pro Engano”. A sede do distrito possui calçamento (paralelepípedos) e iluminação pública. Já as comunidades do interior, as estradas são de terra batida e nem todas têm iluminação. A maioria dos moradores tem acesso à telefonia e internet.

Além da forte cultura agropecuária, mencionada anteriormente, a região de Ibitiruí possui diversos atrativos naturais para o fomento do agroturismo, como: cachoeiras (Santa Maria, Tia Neuza e Vovó Lucia), túneis submersos (Santa Maria do Engano e São Gabriel) e a mata Atlântica, que é um encanto à parte.

A sede de Ibitiruí, especificamente, conta com comércios que vendem produtos variados (alimentos, roupas e outros artigos básicos); posto de saúde, que realiza atendimentos médicos e odontológicos; e uma escola de educação infantil e ensino fundamental, onde as crianças de todo o distrito frequentam. Há uma igreja católica (em frente a praça) e outra da Assembleia de Deus da congregação “Deus é amor” (que fica no final da rua principal), em que os moradores participam e exercem sua fé. E na área do lazer: um campo de futebol, praça com uma academia popular e brinquedos, bares que abrem nos fins de semana e feriados e a estação ferroviária desativada que contém vagões para a visitação e fotografia. Abaixo selecionamos algumas imagens que ilustram a comunidade.

²⁵ De acordo com o APPES (2024), a ferrovia Sul Cachoeiro obteve jurisdição estadual para construção em 1892. Em 1907, a administração foi transferida à Leopoldina Railway. Ela corta 11 municípios capixabas: Vila Velha, Cariacica, Viana, Domingos Martins, Marechal Floriano, Alfredo Chaves, Vargem Alta e Cachoeiro de Itapemirim. Foi inaugurada em 1910, após a finalização das estações de Engano, Guiomar, Vargem Alta e Sortuno. O Espírito Santo passou a ter 500 quilômetros de ferrovias, sendo aproximadamente 160 correspondentes ao Ramal Sul.

Imagem 3: vista aérea da comunidade de Ibitiruí



Fonte: arquivo pessoal, 2023

Imagem 4: rua principal, praça e igreja católica



Fonte: arquivo pessoal, 2024

Imagem 5: escola de educação infantil e ensino fundamental



Fonte: arquivo pessoal, 2024

Imagem 6: estação de trem desativada



Fonte: arquivo pessoal, 2020

Diante do exposto, é preciso pontuar que a comunidade Ibitiruí foi selecionada para este estudo pelas seguintes razões:

- a) somos natural da comunidade e conhecemos muitos de seus moradores, o que facilita a coleta de dados;
- b) ainda não há nenhuma pesquisa Sociolinguística feita na localidade que descreva as variantes do fonema /r/ e arquifonema /R/; e
- c) nossos resultados poderão ser comparados aos de diversas localidades do estado do Espírito Santo e do Brasil, principalmente, com o objetivo de mapear as ocorrências dos róticos e compreender as razões que estão levando a variação e mudança linguística.

Após conhecer a comunidade pesquisada, elencamos na próxima subseção os critérios utilizados para a seleção dos nossos informantes.

5.2.2 A seleção dos informantes

Para compor o corpus de nossa pesquisa, entrevistamos dezoito pessoas, sendo dezessete do distrito de Ibitiruí, e uma da região do vêneto. Os nossos informantes foram classificados por sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (I: de 0 a 39 anos; II: de 40 a 60 anos; e IV: acima de 60 anos) e nível de escolaridade (até 4 anos de estudo, Ensino fundamental I; de 5 a 8 anos, ensino fundamental II; e acima de 8 anos, Ensino Médio e/ou superior²⁶); como dispõe as tabelas abaixo.

Tabela 1: Quantitativo de informantes na comunidade de Ibitiruí, Alfredo Chaves/ES

Informante	Faixa etária	Sexo/gênero	Escolaridade
AG	55	F	Ensino Fundamental II
NA	87	M	Ensino Fundamental I
AT	55	F	Ensino Fundamental I
AS	66	F	Ensino Superior
AX	52	F	Ensino Fundamental II
BS	82	M	Ensino Fundamental I
EM	77	F	Ensino Superior
FF	71	F	Ensino Superior
MF	14	F	Ensino Fundamental II
MR	85	F	Ensino Fundamental I
NL	87	M	Ensino Fundamental I
RH	64	F	Ensino Superior
RF	62	F	Ensino Superior
RB	65	F	Ensino Superior
TB	78	M	Ensino Fundamental I
TD	86	M	Ensino Fundamental I
VF	86	M	Ensino Fundamental I
ZF	88	F	Ensino Fundamental I

Fonte: Fiorin, 2025

²⁶ Todos os nossos informantes que começaram o ensino médio concluíram, também, o ensino superior. Por isso, em nossas análises, distribuímos Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Superior.

Tabela 2: informações sobre o estudante de intercambio direto da região do Vêneto

Informante	Faixa etária	Sexo/gênero	Escolaridade
AB	24	M	Ensino Superior

Fonte: Fiorin, 2025

No processo de seleção adotamos os seguintes critérios: estes deveriam pertencer a distintas gerações de imigrantes italianos, ter nascido e sempre residido na comunidade ou, pelo menos, deveriam ter passado os últimos 2/3 de sua vida ali. Cabe ressaltar que todos os sobrenomes de nossos informantes foram verificados no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo para a confirmação de sua ascendência italiana, realizando uma minuciosa pesquisa.

Seguindo esse passo a passo, procedemos com a realização das entrevistas, que serão descritas na sequência.

5.2.3 As entrevistas

Para a realização das entrevistas na comunidade de Ibitiruí, nosso trabalho foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/UFES). Após apreciação positiva, com número do parecer 5.744.392 e CAAE: 63232722.6.0000.5542, começamos o processo de gravação. Antes, fizemos um levantamento das células sociais e, depois, uma pesquisa em torno dos sobrenomes para verificar se possuem ascendência italiana. O que facilitou esse processo foi o fato de o pesquisador fazer parte da comunidade, não precisando da intermediação de terceiros.

Labov (1972[2008]) chama atenção para a dificuldade de entrar na comunidade e, também, da coleta do vernáculo, no qual deve evitar a gravação de fala monitorada. Essa discussão está em torno do que o próprio autor denominou de *paradoxo do observador*²⁷, cujo desafio do linguista é extrair a fala espontânea e natural sem interferências (seja interna ou externa). Esse dilema

²⁷ De acordo com Labov (2008[1972]), o paradoxo do observador consiste no fato de que a pesquisa linguística tem por objetivo a observação da fala descuidada, quando as pessoas não estão sistematicamente sendo observadas, no entanto, só é possível obter a gravação da fala observando sistematicamente.

entre observação diária e gravação sistemática – que se baseia a noção do paradoxo do observador – não foram empecilhos para este estudo, porque o pesquisador conhece bem os informantes, como informamos no início desta seção, onde poderiam ficar à vontade para conversar sobre diversos assuntos do cotidiano e até pessoal.

As entrevistas ocorreram entre agosto de 2023 a janeiro de 2024. Foram feitas 18 gravações, cada uma durou em média de 30 a 90 minutos. Os entrevistados foram inqueridos a um roteiro de perguntas – tal como apresentado no Anexo A desta pesquisa – sendo elaborado pelo próprio pesquisador e pelo seu orientador Prof. Dr. Alexandro Rodrigues Meireles.

Para as gravações, foi utilizado o aparelho de reprodução de voz Sony Digital 4GB – ICD – Px240 e, geralmente, aconteciam na residência dos próprios informantes ou em locais públicos, como a igreja ou a praça da comunidade. No início das entrevistas, perguntávamos aos participantes se aceitavam gravá-las e explicávamos os objetivos da pesquisa (benefícios e riscos), que estavam transcritos no Termo Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, para menores de dezoito anos, o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) – apresentados no Anexo B. Ao final da gravação assinavam o documento, consentindo o uso das informações para esta e futuras pesquisas.

Ainda nesse contato inicial, ressaltávamos que a identidade do informante seria mantida em sigilo e, se acontecesse uma situação constrangedora durante a gravação, poderia optar por desistir. Também, informamos que utilizaríamos apenas as transcrições dos trechos das entrevistas para exemplificação e análise dos nossos dados, e não a reprodução do áudio.

Algumas entrevistas foram realizadas com a presença de mais de um indivíduo – esposo e esposa; e mãe, pai e filho – como aconteceu em uma, totalizando 19 informantes. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 138), “nesta situação, várias pessoas juntas são encorajadas a falar sobre um tema de interesse. [...] Ao refletir sobre um tópico, os sujeitos podem estimular-se uns aos outros”. Quando aconteciam esses encontros, em que as gerações se confrontavam, era possível verificar as marcas da cultura dos italianos e os traços linguísticos.

O conteúdo das gravações versava temas diversos, como: a história da comunidade, as lembranças de família e dos seus ancestrais, os sentimentos em relação a suas origens e situações corriqueiras do dia a dia. Também, indagamos sobre a língua vêneta e seus traços, principal foco do estudo. Os mais velhos, além de ser o grupo que ainda fala (seja palavras ou textos complexos), demonstraram conhecer, ressaltando que o vêneta é diferente da língua oficial da Itália por conta da região proveniente. Já os jovens não sabem e nem o falam. E, a respeito das marcas, a maioria dos informantes apontou que a intensidade vocal e traços linguísticos como o ditongo nasal-ão e o erre forte são características marcantes dos descendentes de imigrantes italianos.

Com o nosso corpus completo, passamos para o tratamento dos dados, destacando os métodos utilizados.

5.3 O tratamento dos dados

A metodologia está preocupada com a organização do instrumental (DEMO, 1987), ou seja, definir técnicas e métodos específicos para responder questões específicas. Alguns sociolinguistas defendem que as abordagens quantitativa e qualitativa são excludentes. Outros, que depende do tópico a ser investigado. Sobre isso, Denzin e Lincoln (2006, p. 18) afirmam que “a escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto” e, ainda, “do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário.”

O desafio da Linguística na modernidade, assim como toda ciência social, está na interpretação do significado, isto é, incluir aspectos subjetivos à análise. Na década de 60, Labov implementou um novo parâmetro de estudos da língua, acrescentando o componente da heterogeneidade linguística. A língua que antes era um sistema homogêneo e unitário passou a ser entendida como um sistema heterogêneo, mutável, variável e dinâmico. Logo, estudar a língua é considerar que fatores sociais podem afetar a estrutura, além dos próprios fatores internos.

Ao analisar a mudança sonora da centralização dos ditongos /aw/ e /ay/ em Martha's Vineyard, Labov (2008 [1972]) entendeu que precisava conciliar as duas técnicas, a quantitativa e a qualitativa, pois é um fenômeno que acontece na vida da comunidade. Através do levantamento estatístico e da observação do

comportamento dos moradores, verificou-se que a marca de centralização está ligada a uma questão de identidade e possui uma significação social. Nas palavras do autor: “quando um homem faz uso do traço fonético centralizado, está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.” (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

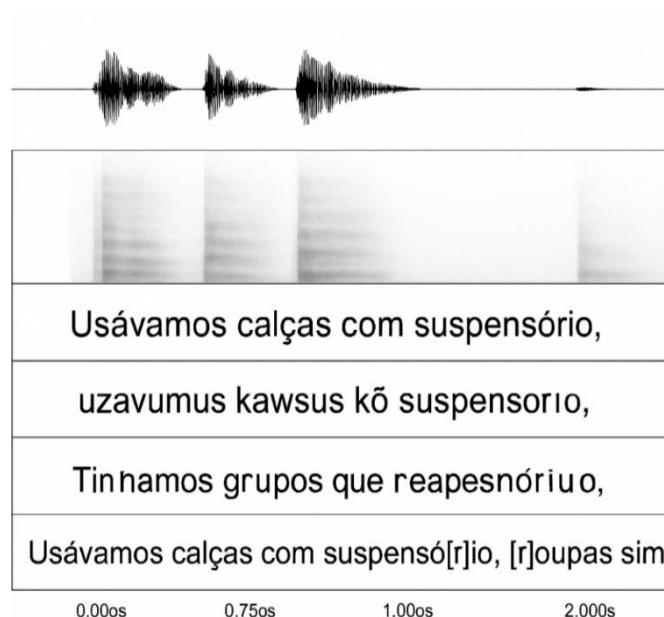
Partindo dessa natureza interrogativa, que fundamenta todas as pesquisas, objetivamos descrever as ocorrências dos róticos em Ibitiruí e compreender as razões que estão levando à variação e à mudança linguística. Isso significa que a simples descrição quantitativa dos dados não é suficiente, sendo necessário considerar a dinâmica sociocultural da comunidade, a exemplo do que fez Labov em Martha’s Vineyard. Para analisar nosso objeto de estudo, adotamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta por Labov (1972 [2008]), articulando levantamento estatístico (estudo quantitativo) e revisão bibliográfica (abordagem qualitativa). Além disso, consideramos a perspectiva dos estudos sobre contato linguístico, entendendo que o histórico de coexistência entre o português e o vêneto na comunidade pode influenciar tanto a manutenção quanto a mudança das variantes róticas.

Na abordagem quantitativa, após a coleta dos dados, transcrevemos as entrevistas com auxílio do software ELAN²⁸. Ele foi desenvolvido pelo pesquisador Max Planck do Instituto de Psicolinguística na Holanda. De acordo com o Leite (2008, p. 142), esse programa busca “fornecer uma base tecnológica para a anotação e a exploração de gravações multimidiáticas”, permitindo estudar todos os níveis de análise da língua (fonológico, morfológico e sintático). Na figura 4 apresentamos um recorte da transcrição correspondente à frase: “Usávamos calças com suspensório, roupas simples” (Inf.: AN, M, 87, Ensino Fundamental I). Nela podemos observar os tiers²⁹; transcrição ortográfica (linha 1) fonética (linha 2), fonêmica (linha 3) e anotação temporal, como estão transcritas as entrevistas no campo anexos (linha 4).

²⁸ Disponível em: <https://archive.mpi.nl/ta/elan/download>. Acesso em 30 jan. 2024.

²⁹ Camadas ou níveis de anotação em que se organizam as transcrições e as análises de áudio/vídeo.

Figura 4: Exemplo de transcrição realizada no ELAN



Fonte: Fiorin, 2025

Além do ELAN, contamos, também, com o auxílio do Praat,³⁰ que é uma ferramenta de análise acústica vocal forense criada por Paul Boersma e David Weenink do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã, em 1992. A finalidade deste programa para o nosso estudo é identificar as variantes do erre através das frequências, do comprimento das ondas, dos decibéis. Facilitando na descrição exata do fonema quanto ao modo e ponto de articulação.

Após as transcrições, procedemos à codificação das células em variáveis dependentes – correspondentes às variantes de pronúncia do fonema /r/ – e variáveis independentes de ordem linguística e extralinguística. Nesse processo de análise das variáveis linguísticas e sociais, recorreremos à estatística descritiva com o auxílio da plataforma R (R CORE TEAM, 2016)³¹, que, segundo Oshiro (2022, p. 15), constitui “uma linguagem de programação voltada para computações gráficas e estatísticas”. A seguir, apresentamos o script utilizado

³⁰ Disponível em: https://www.fon.hum.uva.nl/praat/download_win.html. Acesso em 29 jan. 2024

³¹ Disponível em: <https://cran.r-project.org/>. Acesso em 31 jan. 2024.

na plataforma R para amostragem dos nossos dados, incluindo as tabelas e os gráficos gerados.

Quadro 4: Script utilizado na plataforma R para amostragem dos dados

```
# -----
# PACOTES
# -----
library(docxtractr)
library(stringr)
library(dplyr)
library(ggplot2)
library(reshape2)

# -----
# 1) LER AS ENTREVISTAS
# -----
texto <- docx_extract_all(read_docx("Todas as entrevistas.docx"))
texto <- paste(unlist(texto), collapse = " ")

# Contar ocorrências
ocorrencias <- data.frame(
  Tipo = c("[r]", "[h]", "[x]", "[Ø]"),
  Frequencia = c(
    str_count(texto, fixed("[r]")),
    str_count(texto, fixed("[h]")),
    str_count(texto, fixed("[x]")),
    str_count(texto, fixed("[Ø]"))
  )
)
cat("Ocorrências encontradas no corpus:\n")
print(ocorrencias)

# -----
# 2) ESTATÍSTICAS RESUMIDAS
# -----
estatisticas <- data.frame(
  Tipo = c("[r] Tepe/Vibrante alveolar",
    "[h] Fricativa glotal",
    "[x] Fricativa velar",
    "[Ø] Apagamento"),
  Media = c(139.0, 44.7, 12.9, 1.4),
  Mediana = c(103.5, 60.5, 31.0, 1.5),
  DesvioPadrao = c(40.90, 40.00, 16.74, 2.06)
)
cat("\nTabela de estatísticas fornecidas:\n")
print(estatisticas)

# -----
# 3) OCORRÊNCIAS POR AMBIENTE
# -----
dados <- data.frame(
```

```

Ambiente = c("Início de palavra", "Coda silábica", "Final de palavra", "Entre
vogais"),
`[r]` = c(135, 1100, 10, 72),
`[h]` = c(88, 639, 8, 33),
`[x]` = c(40, 332, 3, 22),
`[Ø]` = c(2, 56, 1, 0)
)

dados_long <- melt(dados, id.vars = "Ambiente",
                  variable.name = "Variante", value.name = "Ocorrências")

# -----
# 4) VARIÁVEIS SOCIAIS
# -----
# Escolaridade
dados_escolaridade <- data.frame(
  Escolaridade = c("Ens. Fund. I", "Ens. Fund. II", "Ensino Superior", "Fund. I (sem
extensão)"),
  `[r]` = c(146, 107.3, 146.9, 100),
  `[h]` = c(13.5, 63.7, 70.6, 39),
  `[x]` = c(23.5, 9, 6, 17),
  `[Ø]` = c(0, 4.7, 1, 4)
)
dados_escolaridade_long <- melt(dados_escolaridade, id.vars = "Escolaridade",
                              variable.name = "Variante", value.name = "Ocorrências")

# Faixa etária
dados_idade <- data.frame(
  Idade = c("Jovens", "Adultos", "Idosos"),
  `[r]` = c(120, 140, 155),
  `[h]` = c(40, 65, 30),
  `[x]` = c(15, 10, 12),
  `[Ø]` = c(2, 1, 3)
)
dados_idade_long <- melt(dados_idade, id.vars = "Idade",
                       variable.name = "Variante", value.name = "Ocorrências")

# Sexo / Gênero
dados_genero <- data.frame(
  Genero = c("Masculino", "Feminino"),
  `[r]` = c(150, 130),
  `[h]` = c(55, 45),
  `[x]` = c(18, 10),
  `[Ø]` = c(2, 1)
)
dados_genero_long <- melt(dados_genero, id.vars = "Genero",
                        variable.name = "Variante", value.name = "Ocorrências")

# -----
# 5) GRÁFICOS
# -----
# Ambiente
g1 <- ggplot(dados_long, aes(x = Ambiente, y = Ocorrências)) +
  geom_boxplot(color = "orange", fill = "white",
              outlier.shape = 16, outlier.color = "black") +

```

```

stat_summary(fun = median, geom = "point", size = 3, fill = "pink", shape = 21) +
labs(title = "Ocorrências por ambiente fonético",
      x = "", y = "Número de ocorrências") +
theme_minimal(base_size = 14)
ggsave("grafico_ambiente.png", g1, width = 7, height = 5, dpi = 300)

# Variante (rótico)
g2 <- ggplot(dados_long, aes(x = Variante, y = Ocorrências)) +
  geom_boxplot(color = "orange", fill = "white",
              outlier.shape = 16, outlier.color = "black") +
  stat_summary(fun = median, geom = "point", size = 3, fill = "pink", shape = 21) +
  labs(title = "Ocorrências por variante rótica",
        x = "", y = "Ocorrências") +
  theme_minimal(base_size = 14) +
  theme(axis.text.x = element_text(angle = 45, hjust = 1))
ggsave("grafico_variante.png", g2, width = 7, height = 5, dpi = 300)

# Escolaridade
g3 <- ggplot(dados_escolaridade_long, aes(x = Escolaridade, y = Ocorrências)) +
  geom_boxplot(color = "orange", fill = "white",
              outlier.shape = 16, outlier.color = "black") +
  stat_summary(fun = median, geom = "point", size = 3, fill = "pink", shape = 21) +
  labs(title = "Ocorrências por escolaridade") +
  theme_minimal(base_size = 14)
ggsave("grafico_escolaridade.png", g3, width = 7, height = 5, dpi = 300)

# Idade
g4 <- ggplot(dados_idade_long, aes(x = Idade, y = Ocorrências)) +
  geom_boxplot(color = "orange", fill = "white",
              outlier.shape = 16, outlier.color = "black") +
  stat_summary(fun = median, geom = "point", size = 3, fill = "pink", shape = 21) +
  labs(title = "Ocorrências por faixa etária") +
  theme_minimal(base_size = 14)
ggsave("grafico_idade.png", g4, width = 7, height = 5, dpi = 300)

# Gênero
g5 <- ggplot(dados_genero_long, aes(x = Genero, y = Ocorrências)) +
  geom_boxplot(color = "orange", fill = "white",
              outlier.shape = 16, outlier.color = "black") +
  stat_summary(fun = median, geom = "point", size = 3, fill = "pink", shape = 21) +
  labs(title = "Ocorrências por sexo/gênero") +
  theme_minimal(base_size = 14)
ggsave("grafico_genero.png", g5, width = 7, height = 5, dpi = 300)

```

Fonte: Fiorin (2025)

Obtidos os resultados, na abordagem qualitativa analisamos cada variável através da revisão bibliográfica, apresentada no capítulo teórico. Essa etapa consiste em uma abordagem interpretativa, buscando compreender as razões que estão ocasionando a variação e mudança dos róticos na comunidade investigada. Denzin e Lincoln (2006, p. 17, grifo nosso) chamam atenção para a

importância do modelo interpretativo, pois, além de viabilizar o objeto da pesquisa, localiza o observador no mundo.

Concluída a descrição do aparato metodológico, apresentamos, em seguida, os resultados obtidos, acompanhados das análises e discussões acerca dos róticos na comunidade de Ibitiruí. Essa etapa busca não apenas quantificar a ocorrência das diferentes variantes róticas, mas também compreender os condicionamentos linguísticos e sociais que influenciam sua realização.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

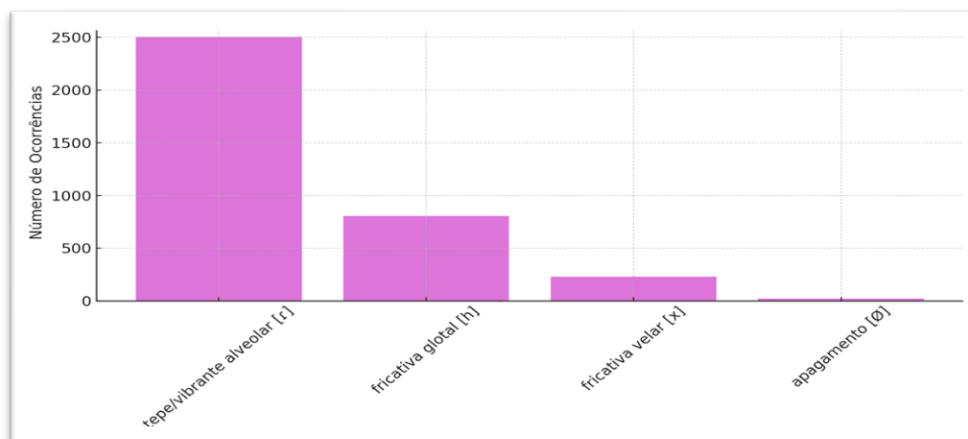
Neste capítulo, apresentamos e analisamos os resultados obtidos na investigação sobre a variação dos róticos na comunidade de Ibitiruí. Inicialmente, são expostos os dados quantitativos referentes ao número de ocorrências de cada variante, considerando as diferentes realizações identificadas (6.1). Em seguida, descrevemos detalhadamente os valores da média, mediana e desvio padrão (6.1.1), que possibilitaram verificar a influência das variáveis sociais como faixa etária (6.1.2), sexo/gênero (6.1.3) e escolaridade (6.1.4), e o ambiente fonético na distribuição das variantes (6.1.5). Por fim, dedicamos a seção 6.2 à discussão qualitativa, na qual exploramos o papel dos róticos como marca de afetividade, ressaltando seu valor na preservação da memória linguística local.

6.1. Descrição dos resultados

Para descrever os róticos na comunidade de Ibitiruí, lançamos mão inicialmente de duas hipóteses. A primeira é que os ambientes fonéticos que revelam a influência da língua veneta como a coda silábica e o início de palavras tendem a ser percebidos e rotulados de forma preconceituosa pelos falantes mais jovens, ainda que tal julgamento se manifeste de modo indireto ou implícito. A segunda hipótese é que, embora a escolarização desempenhe papel relevante nesse processo, outros fatores extralinguísticos, especialmente o status social associado ao grupo falante do vêneto, exercem influência significativa na substituição linguística, favorecendo o abandono tanto da língua de herança quanto de traços fonológicos a ela vinculados.

A seguir, apresenta-se o gráfico com a distribuição quantitativa geral das variantes róticas identificadas nas entrevistas.

Gráfico 4: número de ocorrência dos róticos nas entrevistas



Fonte: Fiorin (2025)

O gráfico 3 ilustra a distribuição das diferentes realizações dos róticos em posição intervocálica na comunidade de Ibitiruí, evidenciando tendências fonéticas e sociolinguísticas significativas. A variante tepe, ou vibrante alveolar [r], é amplamente majoritária, com aproximadamente 2500 ocorrências, destacando-se com folga em relação às demais. Essa realização assume um papel que vai além da dimensão fonética: ela funciona como um marcador identitário vinculado à herança dos imigrantes italianos, especialmente os oriundos do Vêneto, que colonizaram a região no final do século XIX. Assim, o uso do [r] não apenas cumpre uma função linguística, mas também simboliza pertencimento, continuidade histórica e valorização das raízes culturais da comunidade.

Em segundo lugar, observa-se a fricativa glotal [h], com cerca de 800 ocorrências. Essa variante é fortemente associada ao português falado em certas regiões urbanas, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Vitória, e tem sido descrita como uma forma inovadora e socialmente marcada. Sua frequência relativamente alta aponta para um processo de mudança em progresso, no qual a variante glotal ganha espaço, principalmente entre falantes mais jovens ou em contextos informais. A teoria da variação linguística, como desenvolvida por William Labov, ajuda a entender esse fenômeno: a alternância entre variantes está condicionada a fatores sociais como idade, classe, identidade regional e estilo de fala.

A seguir, aparecem a fricativa velar [x] e o apagamento do rótico [Ø], ambas com baixa frequência. A fricativa velar pode representar um estágio fonético intermediário entre a vibrante e a glotal, ou uma tentativa de hipercorreção em certas regiões. Já o apagamento é a forma menos frequente, mas ainda assim significativa do ponto de vista sociolinguístico. Sua presença indica a atuação de processos de redução articulatória e economia linguística, típicos da fala rápida e informal, e também reforça a ideia de que nem todas as mudanças são expansivas – algumas são marcadas pela simplificação.

Destarte, os dados do gráfico 3 revelam a coexistência de formas conservadoras e identitárias – a variante alveolar [r] – com formas inovadoras – fricativas glotal [h] e velar [x], levando ao apagamento [Ø]. Isso reflete em um sistema linguístico dinâmico, permeado por forças internas de simplificação, diferenciação social e mobilidade cultural.

Para explicar melhor esses resultados, organizamos detalhadamente uma tabela com o número total de ocorrências de cada variante observada na amostragem.

Tabela 3: Número total de ocorrências dos róticos na amostra

Tipo de Rótico	Ocorrências
Tepe/Vibrante alveolar [r]	2.502
Fricativa glotal [h]	805
Fricativa velar [x]	232
Apagamento [Ø]	25
Total:	3564

Fonte: Fiorin (2025)

O levantamento de 3.564 ocorrências de róticos intervocálicos no PB evidencia um quadro fonético caracterizado tanto pela predominância de uma realização tradicional quanto por indícios de variação e mudança condicionadas por fatores sociais. A variante tepe ou vibrante alveolar [r] foi a mais frequente, com 2.502 ocorrências, o que corresponde a aproximadamente 70% do total. Essa alta incidência confirma seu status como a forma consagrada e historicamente legitimada na comunidade, refletindo um padrão fonético estável e amplamente utilizado na fala dos moradores de Ibitiruí, mesmo em contextos informais.

A fricativa glotal [h], com 805 ocorrências (cerca de 23%), destaca-se como uma variante marcadamente regional e social, amplamente associada ao português urbano da capital capixaba, Vitória, influenciando diretamente a variedade local. Já a fricativa velar [x], com 232 ocorrências (6,5%), e o apagamento [Ø], com apenas 25 ocorrências (0,7%), surgem como realizações menos consolidadas no repertório fonético da comunidade. Ainda assim, essas variantes refletem fenômenos próprios da fala espontânea, como o relaxamento articulatório, a aceleração da cadeia fônica e o uso de estratégias estilísticas específicas, revelando a complexidade e a flexibilidade fonológica do português falado na região.

Dando continuidade à análise, a próxima subseção apresenta as medidas de tendência central e dispersão (média, mediana e desvio padrão). A intenção é verificar se variantes róticas são estatisticamente significativas ou se ocorre uma dispersão. A análise foi conduzida pela plataforma R (R Core Team, 2016), que possibilita a organização dos dados de maneira precisa, conforme a literatura da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972[2008]).

6.1.1 Medidas de tendência central e dispersão

Esta subseção apresenta os resultados do levantamento estatístico descritivo aplicado ao corpus, com foco nas medidas de média, mediana e desvio padrão. Essas métricas permitem avançar além da simples contagem de ocorrências, oferecendo uma perspectiva mais refinada sobre como as variantes se distribuem entre os falantes e o grau de consistência ou variabilidade de sua realização. Tal abordagem é fundamental para avaliar a estabilidade ou dispersão de cada rótico na comunidade de Ibitiruí, bem como identificar padrões que possam estar relacionados a fatores sociais ou estruturais da língua.

Segundo Sidney Butler (2006) e Guy e Zilles (2007), a **média** representa o valor típico de um conjunto de dados, obtido pela soma das observações dividida pelo número total de elementos. Já a **mediana** corresponde ao valor central da distribuição, quando os dados estão organizados em ordem crescente ou decrescente, sendo especialmente útil em casos de distribuições assimétricas. Por sua vez, o **desvio padrão** expressa o grau de dispersão dos valores em torno da média, permitindo avaliar a variabilidade dos dados. Essas

medidas fornecem um retrato objetivo e informativo do comportamento da variável analisada, servindo como base para interpretações estatísticas mais aprofundadas, como postularemos na seção 6.2 – os róticos como um marcador afetivo. Diante disso, passamos à apresentação e análise dos resultados obtidos.

Tabela 4: valores da média, mediana e desvio padrão

Tipo de Rótico	Média	Mediana	Desvio-padrão
[r] Tepe/Vibrante alveolar	139,0	103,5	40,90
[h] Fricativa glotal	44,7	60,5	40,00
[x] Fricativa velar	12,9	31,0	16,74
[Ø] Apagamento	1,4	1,5	2,06

Fonte: Fiorin 2025

A análise estatística, levantada na tabela 3, com um total de 3.564 ocorrências distribuídas entre quatro variantes fonéticas, revela o número de realizações dos róticos registradas no corpus. Esses valores serão referidos como **tokens**, conceito definido por Guy e Zilles (2007) como cada ocorrência concreta de uma variável linguística, ou seja, cada vez que os róticos foram efetivamente produzidos na fala espontânea dos nossos informantes. O registro dos tokens permite quantificar e comparar a frequência de cada variante, oferecendo uma base objetiva para identificar padrões de uso, variação e possíveis tendências de mudança linguística na comunidade de Ibitiruí.

A variante tepe/vibrante alveolar [r], com 2.502 ocorrências, apresenta uma média de 139,0, mediana de 103,5 e desvio-padrão de 40,90 tokens, indicando um comportamento relativamente estável em sua distribuição, mas com alguma variação entre os diferentes contextos amostrados. Embora frequente, essa variante apresenta flutuações consideráveis, o que pode ser explicado por fatores regionais, estilísticos e sociais que afetam a realização do rótico no corpus.

A fricativa glotal [h], com 805 ocorrências e média de 44,7 tokens apresenta uma mediana de 60,5 e desvio-padrão de 40,0 quase tão alto quanto sua média. Esse dado é particularmente relevante do ponto de vista da Teoria da Variação e Mudança Linguística, pois sugere que essa variante é altamente sensível ao contexto social e linguístico: ela pode ocorrer com muita frequência em determinados grupos de falantes ou situações, mas ser praticamente

ausente em outros. Essa dispersão é típica de variantes em processo de mudança, que ainda não se estabilizaram no sistema fonológico.

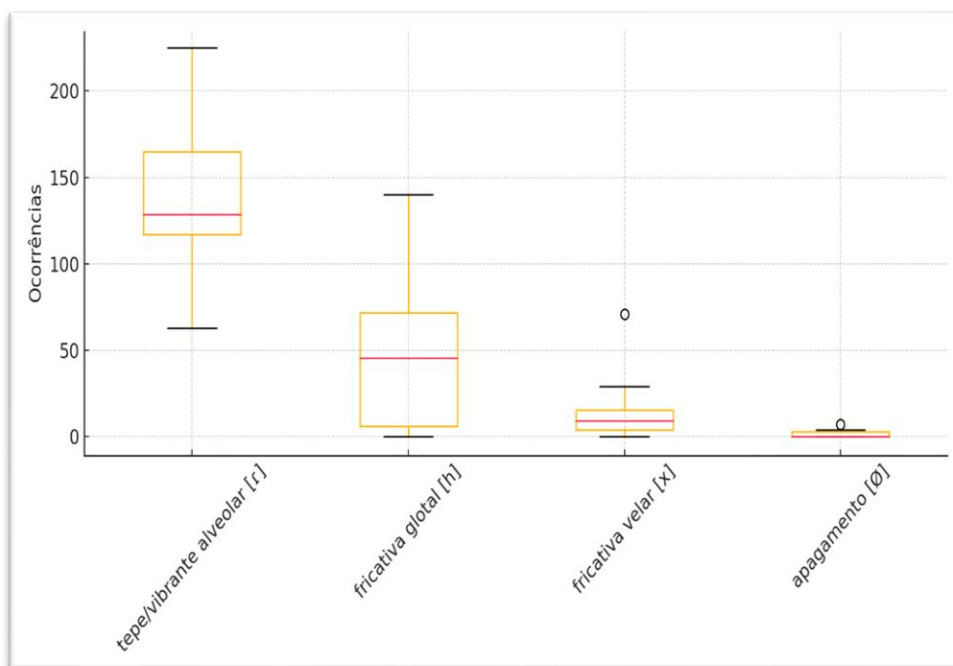
A fricativa velar [x], com 232 ocorrências e média de 12,9 tokens, apresenta uma mediana de 31,0 e desvio-padrão de 16,74, o que indica uma distribuição mais concentrada, possivelmente restrita a falantes ou situações de fala específicas. Essa concentração pode sinalizar uma realização fonética em estágio inicial de difusão, ou até mesmo uma forma em retração, pouco produtiva no conjunto da comunidade.

Por fim, o apagamento do rótico [Ø], com apenas 25 ocorrências, apresenta uma média muito baixa (1,4 tokens), mediana de 1,5 e desvio-padrão de 2,06 tokens. Esses valores sugerem que essa forma ocorre de modo bastante pontual, com pouca dispersão, sendo provavelmente associada a contextos específicos de fala espontânea, informal ou acelerada. Embora quantitativamente marginal, essa variante merece atenção por representar tendências de redução articulatória, comuns em situações de maior fluidez ou economia fonética.

Quando se considera o panorama geral, os dados mostram que o tepe [r] continua sendo a forma-padrão dominante, mas que há um campo fértil de variação, sobretudo em torno da fricativa glotal [h], cuja alta dispersão aponta para uma mudança fonológica em andamento, possivelmente impulsionada por jovens falantes urbanos e reforçada pela proximidade da capital Vitória, aproximadamente 80 km do município de Alfredo Chaves. A Teoria da Variação e Mudança, especialmente nos moldes de Labov (2008 [1972]), permite interpretar essas estatísticas não apenas como flutuações fonéticas, mas como sinais de reorganizações sociais, culturais e históricas da linguagem em uso.

Além disso, o contato linguístico histórico e contemporâneo pode estar na base dessa diversidade: o PB se formou em um contexto de interação contínua com línguas indígenas, africanas e variedades do próprio português europeu. Esse histórico ajuda a explicar a presença de variantes como [h] e [Ø], que se distanciam do padrão europeu e ganham espaço no português popular. Logo, os dados mostram um sistema linguístico em tensão entre conservação e inovação, como também se observa no gráfico 5, que evidencia a dispersão e a flexibilidade social das variantes róticas.

Gráfico 5: Dispersão das variantes róticas



Fonte: Fiorin 2025

Este boxplot oferece uma visualização detalhada da dispersão e variabilidade no uso das diferentes variantes fonéticas do rótico intervocálico no português falado na comunidade de Ibitiruí. As caixas, linhas medianas e os outliers³² reforçam interpretações anteriormente sugeridas pelos valores de média, desvio padrão e variância, acrescentando novas dimensões sobre a distribuição interna dos dados entre os falantes.

A variante [r] exibe uma distribuição relativamente estável, com a maioria das entrevistas concentradas entre 100 e 175 ocorrências (tokens) – uma taxa de frequência. A mediana elevada reforça seu uso majoritário. Ainda assim, a dispersão do interquartil³³ e a presença de outliers inferiores indicam que, embora seja a forma predominante, o uso do [r] varia de forma sensível entre os entrevistados. Essa oscilação interna, mesmo em uma variante de alta frequência, confirma o princípio da heterogeneidade ordenada (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]), segundo o qual a variação linguística nunca é caótica, mas segue padrões estruturados condicionados por fatores sociais e estilísticos. Tal cenário exemplifica a estratificação social da linguagem descrita

³² Representa valores discrepantes em relação a uma medida.

³³ Medida de dispersão; índice de intervalo considerável.

por Labov (2008 [1972]), em que diferentes grupos manipulam recursos fonéticos em função de escolaridade, gênero, idade ou estilo de fala.

A fricativa [h] apresenta a maior dispersão interna entre todas as variantes, com entrevistas que vão de praticamente zero ocorrência até mais de 140 tokens. A diferença entre a média e a mediana, revelando uma distribuição enviesada à direita, mostra que apenas alguns falantes recorrem massivamente a essa forma, enquanto a maioria a utiliza pouco ou não a utiliza. Esse padrão sugere que [h] constitui uma variante inovadora em processo de expansão, mas ainda instável, dependente de fatores sociais e geográficos específicos. Segundo Labov (2001), esse tipo de assimetria é característico de mudanças em progresso, especialmente quando associadas a grupos sociais específicos (como jovens e mulheres). A proximidade com a capital capixaba pode reforçar esse quadro, já que os centros urbanos funcionam como polos de difusão linguística (TARALLO, 1994). Além disso, a associação de [h] a estilos de fala mais urbanos e modernos aproxima o fenômeno da noção de recursos estilísticos de identidade (ECKERT, 2000).

A variante [x], por sua vez, apresenta distribuição mais concentrada, com a maioria das entrevistas registrando entre 5 e 15 tokens. A presença de outliers mais altos mostra que, embora rara, essa forma ainda pode emergir em determinados contextos ou em falantes específicos. Seu baixo alcance social sugere uma variante de circulação restrita, possivelmente estigmatizada ou em retração. Esse cenário remete ao que Labov (1994) chama de mudança em retrocesso, em que uma forma perde prestígio e tende a desaparecer do repertório ativo.

Por fim, o apagamento [Ø] mostra-se a variante menos frequente e mais concentrada. A mediana próxima de zero e a presença de outliers superiores indicam que sua ocorrência é esporádica e localizada em alguns falantes. Esse padrão confirma sua natureza estilística, mais associada a contextos de fala rápida, espontânea ou informal do que a um processo sistemático de mudança. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), esse tipo de realização pode ser interpretado como uma estratégia de simplificação articulatória, típica da fala cotidiana, mas sem projeção como variante estável de prestígio.

O gráfico 5, portanto, confirma que o tepe alveolar [r] é a forma mais estável e socialmente difundida, mas que há espaço para variação expressiva,

sobretudo na fricativa glotal [h], cujo padrão de dispersão corresponde ao perfil de uma mudança linguística em andamento. As demais variantes ([x] e [Ø]) revelam trajetórias distintas de restrição e marginalização social, reforçando a ideia de que o sistema rótico do português brasileiro é sensível às dinâmicas sociais, geográficas e estilísticas.

De modo mais amplo, a análise corrobora a concepção laboviana de que a língua é um sistema em constante negociação, no qual tradição e inovação coexistem em equilíbrio instável. A heterogeneidade observada em Ibitiruí mostra que a mudança linguística não ocorre apenas entre gerações, mas também entre falantes de uma mesma geração e até dentro do repertório de um mesmo indivíduo. Tal cenário evidencia o caráter dinâmico da variação, reafirmando a tese de que a língua é ao mesmo tempo um reflexo das estruturas sociais e um recurso ativo de construção de identidades e estilos (ECKERT, 2000; MILROY, 1980).

Com base nos resultados quantitativos obtidos, a análise segue agora para a observação das variantes sociais (faixa etária, sexo/gênero e escolaridade) que potencialmente condicionam a realização a variação dos róticos no corpus. A seguir, trataremos da variável faixa etária se relaciona com a distribuição das quatro variantes dos róticos (tepe [r], fricativa glotal [h], fricativa velar [x] e apagamento [Ø]) no contexto investigado.

6.1.2 A Influência da variante faixa etária na realização dos róticos

A literatura variacionista (cf. LABOV, 1994; GUY, 2005) destaca que a variante faixa etária pode influenciar na manutenção ou abandono de determinadas formas linguísticas, permitindo observar tendências de inovação ou conservação. No presente estudo, os informantes foram organizados em três grupos etários – jovens (até 39 anos), adultos (40 a 59 anos) e idosos (60 anos ou mais) –, possibilitando uma comparação sistemática entre padrões fonéticos em diferentes fases da vida social e linguística dos falantes. A seguir, apresenta-se a tabela com os resultados da distribuição média das variantes róticas segundo a faixa etária, permitindo visualizar eventuais regularidades ou contrastes geracionais na realização do fonema /r/.

Tabela 5: resultados da variante faixa etária

Faixa Etária	[r]	[h]	[x]	[Ø]
0 - 39 anos	139.5	23.0	0.0	3.5
40 - 59 anos	119.7	63.3	14.7	3.7
60+ anos	140.7	47.4	15.2	0.6

Fonte: Fiorin 2025

Com base nesses dados, observa-se uma média de 139,5 tokens entre os falantes de 0 a 39 anos, 119,7 tokens entre os de 40 a 59 anos, e 140,7 tokens entre os com 60 anos ou mais. Essa distribuição revela que a variante [r] é amplamente utilizada por todas as gerações, sugerindo que ela não sofre estigmatização significativa e permanece como referência. A leve queda entre os indivíduos de meia-idade pode indicar maior exposição a outras variantes, como a fricativa glotal [h], frequente na capital capixaba.

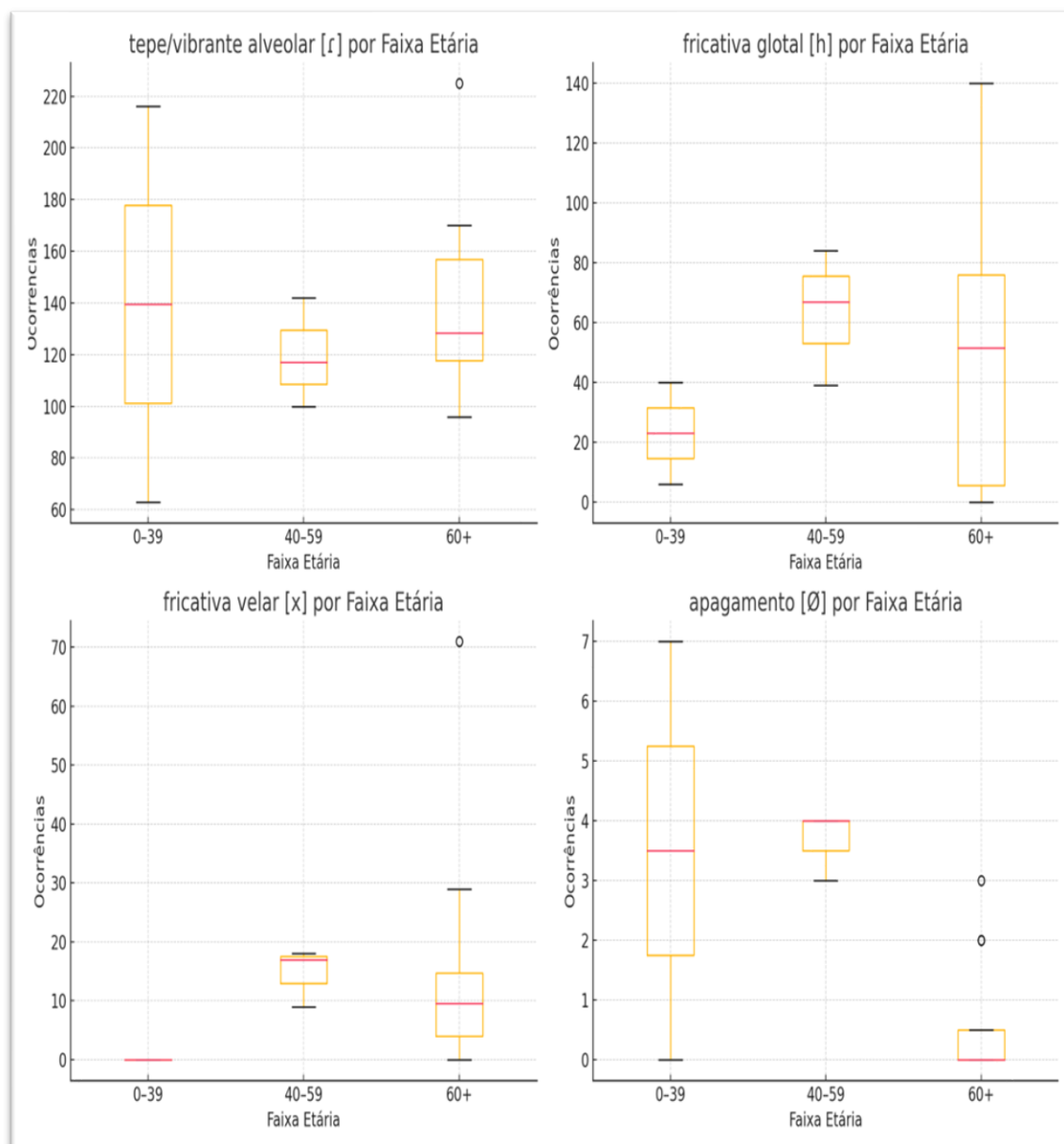
A variante [h] mostra um comportamento fortemente condicionado pela faixa etária. Sua média aumenta significativamente entre os grupos: de 23,0 tokens nos mais jovens (0-30), para 63,3 entre os de 40-59 anos, com leve queda para 47,4 entre os de 60+. A maior presença da fricativa glotal entre falantes de meia-idade pode refletir a consolidação dessa variante como um recurso estilístico de identidade local ou de grupo social. Já entre os mais jovens, a redução no uso de [h] pode estar associada ao sentimento afetivo de pertencimento da comunidade. Por outro lado, a queda no grupo de 60+ pode indicar um comportamento mais conservador ou alinhado à forma identitária, ainda que com certa tolerância a variações regionais.

A variante [x] mostra grande sensibilidade à faixa etária. Ela é praticamente ausente entre os jovens (0,0 tokens), aparecendo com maior frequência nas faixas etárias mais velhas: 14,7 tokens na faixa de 40-59 anos e 15,2 tokens nos 60+. Isso sugere que [x] é uma forma conservadora, cada vez menos usada pelas gerações mais novas, provavelmente por ser percebida como estigmatizada ou marcada socialmente.

O apagamento do rótico é a variante menos frequente no conjunto dos dados, mas revela um padrão interessante: sua ocorrência é maior entre os jovens (3,5 tokens) e indivíduos de meia-idade (3,7 tokens), com uma queda expressiva entre os mais velhos (0,6 tokens). Tal comportamento pode indicar que o apagamento está sendo reinterpretado como um recurso estilístico entre

os mais jovens, possivelmente vinculado a construções identitárias locais ou urbanas. Por outro lado, sua baixa presença no grupo de 60+ sugere maior adesão à forma canônica por parte dos falantes mais tradicionais. A pouca variação nas faixas 0-39 e 40-59 também pode sugerir certa normalização desse fenômeno entre as gerações intermediárias, embora ainda de forma marginal. Verifica-se tudo isso no gráfico boxplot abaixo, que traz a influência desta variante social nas variantes róticas.

Gráfico 6: Ocorrências da variante faixa etária por variantes dos róticos



Fonte: Fiorin 2025

Os dados de distribuição do gráfico 6 revelam dinâmicas sociolinguísticas complexas. A forma [r] permanece majoritária em todas as faixas etárias, mas seu intervalo interquartilico relativamente amplo indica que, apesar da estabilidade média, há significativa variabilidade individual entre os falantes. A presença de outliers, sobretudo na faixa 60+, sugere que alguns moradores da comunidade de Ibitiruí mantêm padrões excepcionais de uso, associados a trajetórias de socialização específicas ou a estilos de fala particulares, o que confirma a noção de que a variação é, em parte, socialmente condicionada (LABOV, 1994).

A fricativa glotal [h] apresenta igualmente um intervalo interquartilico amplo entre os falantes mais velhos (60+), refletindo grande heterogeneidade na frequência de ocorrência. Os outliers nessa faixa etária correspondem a indivíduos que ainda utilizam intensamente a variante, reforçando sua associação a traços identitários locais. Esse comportamento pode ser compreendido como manifestação de lealdade linguística ou de resistência à mudança, fenômenos recorrentes em comunidades bilíngues ou de contato (LUCCHESI, 2009).

Já a fricativa velar [x], praticamente ausente entre os jovens (0-39), apresenta pequena dispersão, evidenciando seu abandono quase completo nessa faixa etária. Esse padrão sugere um processo de mudança em progresso, em que a variante perde espaço entre as gerações mais novas e tende a desaparecer do repertório comunitário, confirmando a relevância da variável idade como indicador de mudança aparente (LABOV, 1994; TAGLIAMONTE, 2012).

Quanto ao apagamento [Ø], o intervalo interquartilico estreito nas faixas 0-39 e 40-59, combinado a poucos outliers, indica que se trata de uma forma rara, mas ocasionalmente utilizada de maneira estilística ou idiossincrática. Esse fenômeno reforça a ideia de que certas variantes podem persistir em nichos estilísticos (ECKERT, 2000), mesmo quando não são produtivas na fala cotidiana, funcionando como recurso expressivo ou marcador de identidade local.

De modo geral, os dados mostram que a variável faixa etária é crucial na manutenção ou no abandono de variantes linguísticas. O grupo intermediário (40-59 anos) tende a convergir para formas urbanas e regionais majoritárias,

refletindo o processo de acomodação às normas de prestígio e indicando uma mudança em curso. Os falantes mais velhos, por sua vez, exibem maior dispersão e preservam padrões conservadores, em linha com o que Labov (2001) descreve como a oposição entre mudança a partir de baixo (inovação difundida entre jovens e mulheres) e a conservação ligada a grupos mais velhos ou socialmente isolados.

Ao observar os padrões de realização dos róticos entre os diferentes grupos etários, fica evidente que a idade desempenha um papel importante na consolidação ou renovação de determinadas variantes. No entanto, para compreender de maneira mais abrangente os fatores que orientam essas escolhas fonéticas, é necessário considerar como a variação se manifesta também a partir da perspectiva de sexo/gênero, uma variável fundamental na sociolinguística, frequentemente associada à adoção de formas inovadoras, estratégias de monitoramento linguístico e construção de identidade social. A seguir, analisamos como homens e mulheres da comunidade de Ibitiruí realizam as variantes róticas e o que isso revela sobre os padrões de uso.

6.1.3 A influência da variante sexo/gênero na realização dos róticos

A investigação sociolinguística parte do princípio de que a variação linguística não ocorre de forma aleatória, mas é sistematicamente influenciada por fatores extralinguísticos, entre os quais o sexo/gênero do falante tem sido amplamente documentado como uma variável significativa. Estudos clássicos, como os de Labov (1972; 1990), demonstram que homens e mulheres podem adotar padrões fonético-fonológicos distintos, frequentemente associados a construções de identidade, redes sociais e expectativas normativas de prestígio ou inovação. Tendo em vista essa dinâmica social, apresentamos os seguintes resultados do nosso corpus:

Tabela 6: resultados da variante sexo/gênero

Sexo	[r]	[h]	[x]	[Ø]
F	123.2	65.3	7.8	2.3
M	161.8	14.5	23.5	0.0

Fonte: Fiorin 2025

A tabela 5 evidencia distinções significativas na distribuição das variantes róticas, reforçando a hipótese de que o comportamento fonético é sensível a fatores extralinguísticos de natureza identitária e estilística. A variante tepe ou vibrante alveolar [r], que corresponde à realização tradicional e marca identitária dos imigrantes italianos, apresenta média alta tanto entre homens (161,8 tokens) quanto entre mulheres (123,2 tokens), o que confirma sua posição de estabilidade na comunidade linguística estudada.

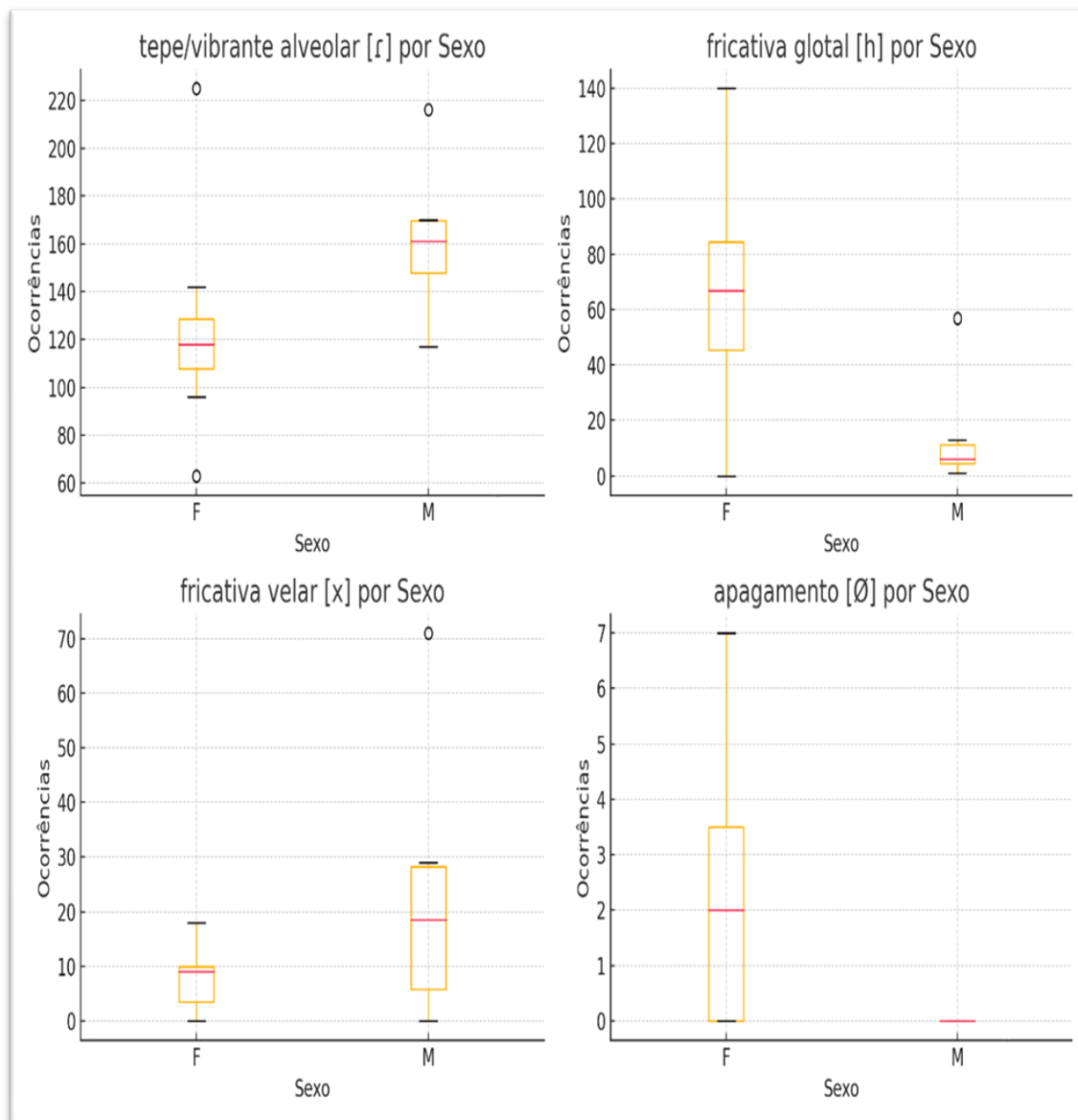
A distribuição da fricativa glotal [h] revela um contraste particularmente relevante: enquanto entre as mulheres sua média é de 65,3 tokens, entre os homens a ocorrência média cai para 14,5 tokens. Esse dado reforça o papel do grupo feminino como possível agente de inovação ou de adoção de variantes não normativas com valor identitário local. Essa observação está em consonância com achados de Labov (2001), segundo os quais as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística “por baixo”, ou seja, mudanças não legitimadas institucionalmente, mas disseminadas oralmente em contextos informais. A associação da variante [h] com o sexo feminino pode também refletir uma identificação com traços do português urbano de cidades vizinhas, como Vitória, nas quais essa realização possui alta vitalidade.

Em contrapartida, a fricativa velar [x] apresenta padrão inverso, com maior média entre os homens (23,5 tokens) do que entre as mulheres (7,8 tokens). Essa distribuição pode indicar que [x], embora menos recorrente no corpus, é uma realização adotada com maior frequência por falantes do sexo masculino, possivelmente por estar associada a um estilo de fala mais espontâneo, direto ou pouco monitorado. Tal comportamento fonético pode estar relacionado à menor pressão normativa sentida pelos homens em contextos informais de fala, conforme discutido por Trudgill (1972). Por fim, o apagamento [Ø], com média de 2,3 tokens apenas entre as mulheres, e nenhuma ocorrência concreta entre os homens, reforça a ideia de que determinadas realizações marcadas por redução articulatória são características de estilos expressivos, de fala rápida ou de registro informal, geralmente mais explorados por falantes do sexo feminino na comunidade analisada.

Essa distribuição desigual das variantes evidencia como o sexo/gênero atua como um fator estruturador da variação linguística, não apenas como categoria biológica, mas como marcador social que atravessa escolhas fonéticas

e estratégias de posicionamento identitário. Para descrever isso melhor, apresentamos o quadro dos boxplots que visualiza a variação dos róticos em cada variante.

Gráfico 7: Ocorrências da variante sexo/gênero por variantes dos róticos



Fonte: Fiorin 2025

Os boxplots por sexo (Gráfico 7) revelam diferenças sistemáticas de uso linguístico entre homens e mulheres: enquanto os homens tendem a se manter mais próximos da marca afetiva de seus antepassados [r] e mostram alguma preferência por [x], as mulheres aparecem como usuárias predominantes das formas inovadoras [h] e reduzidas [Ø].

Os intervalos entre os interquartis, representados pelas caixas nos gráficos, indicam a faixa em que se concentra a metade central dos dados – isto é, entre o primeiro quartil (25% dos casos mais baixos) e o terceiro quartil (75% dos casos). Essa medida permite visualizar a dispersão do uso das variantes: quanto maior a caixa, maior a variabilidade entre os informantes daquele grupo. Os “bigodes”³⁴ estendem-se até os valores mais extremos que ainda não são considerados outliers, enquanto os pontos isolados representam ocorrências atípicas.

Essas tendências devem ser interpretadas à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que desde Weinreich, Labov & Herzog (1968) e Labov (1972) postula a variação como heterogeneidade ordenada, refletindo tanto condicionamentos estruturais quanto sociais. Nesse sentido, cada escolha fonética remete não apenas a pressões internas do sistema linguístico, mas também a fatores de identidade, estilo e rede social (MILROY, 1980; ECKERT, 2000). O comportamento diferenciado dos grupos educacionais e sexuais, portanto, não se explica de forma exclusivamente estrutural, mas como reflexo de estratificação social (TARALLO, 19994; CALLOU & LEITE, 2009), no qual a distribuição das variantes linguísticas funciona como marcador de pertencimento e distinção social.

Além dos condicionamentos internos, o quadro observado pode ser parcialmente compreendido a partir do contato linguístico histórico e contínuo do PB. O surgimento e a manutenção de variantes como a fricativa glotal [h] têm sido relacionados, por diferentes autores, tanto a influências de substratos africanos (LUCCHESI, 2009) quanto a paralelismos internos do português em contato com línguas latinas e dialetos italianos, como o vêneto (BORTONI-RICARDO, 2004; MATTOS E SILVA, 2004). A coexistência de múltiplas variantes róticas evidencia, assim, a plasticidade fonológica típica de línguas em contextos multiculturais e multilinguísticos, em que a mudança linguística resulta da tensão entre conservadorismo identitário e forças inovadoras.

³⁴ Os bigodes no boxplot correspondem às linhas que se estendem da caixa até os valores mínimo e máximo que não são considerados outliers. Eles indicam a amplitude dos dados dentro de uma faixa considerada normal, enquanto os pontos além desses limites são representados como valores atípicos.

A análise da variável sexo/gênero também confirma o papel das categorias sociais na variação, tal como preconizado pela tradição variacionista (LABOV, 1990). Observa-se que homens e mulheres mobilizam recursos fonéticos de forma diferenciada: enquanto os homens tendem a conservar a forma alveolar [r], mais próxima da tradição local e do legado imigratório, as mulheres se associam com maior frequência à fricativa glotal [h], possivelmente por razões estilísticas ou de indexação social, fenômeno que se aproxima da noção de “mudança a partir de baixo” (LABOV, 2001). Essa diferenciação sugere que as variantes róticas funcionam como recursos estilísticos (ECKERT, 2000)³⁵, que podem sinalizar uma diferenciação social e/ou evidenciar pertencimento à comunidade.

No entanto, a distribuição das variantes não pode ser compreendida plenamente sem considerar o papel da escolaridade, variável que historicamente apresenta forte correlação com o grau de monitoramento linguístico e a adesão às normas formais da língua. A seguir, examinamos como diferentes níveis de escolarização influenciam a escolha e a frequência das variantes róticas no corpus, com especial atenção para as formas estigmatizadas e as variantes de prestígio.

6.1.4 A influência da variante escolaridade na realização dos róticos

A escolaridade constitui uma das variáveis sociolinguísticas mais sensíveis no estudo da variação linguística, uma vez que está frequentemente associada ao grau de exposição à norma-padrão, ao contato com registros formais da língua e às práticas de autocorreção linguística. Diversos estudos, como os de Bortoni-Ricardo (2004) e Tarallo (1985), evidenciam que indivíduos com maior escolarização tendem a adotar variantes linguísticas mais próximas do padrão prescrito, enquanto falantes com menor nível de instrução apresentam maior estabilidade nas formas locais ou populares.

³⁵ Penelope Eckert (2000), em sua obra *Linguistic Variation as Social Practice*, apresenta a noção de recursos estilísticos (stylistic resources) como o conjunto de elementos linguísticos disponíveis aos falantes para a construção de significados sociais e identitários em suas interações. Isto é, compõe um repertório de escolhas que os indivíduos mobilizam estrategicamente para se posicionar socialmente, sinalizar pertencimentos, alinhar-se ou distanciar-se de grupos e construir estilos próprios.

No presente trabalho, os informantes foram distribuídos em três níveis de escolaridade – Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Superior –, permitindo examinar de que modo o grau de escolarização influencia a escolha entre as variantes róticas. A seguir, apresenta-se a análise dos dados com base nessa estratificação, destacando a média de ocorrências de cada variante segundo o nível de ensino formal dos participantes.

Tabela 7: resultados da variante escolaridade

Escolaridade	[r]	[h]	[x]	[Ø]
Ens. Fund. I	146.0	13.5	23.5	0.0
Ens. Fund. II	107.3	63.7	9.0	4.7
Ensino Superior	146.9	70.6	6.0	1.0
Fund. I (sem extensão)	100.0	39.0	17.0	4.0

Fonte: Fiorin 2025

Conforme a amostragem, a variante [r] se mostra predominante em todos os níveis de escolaridade, mas com flutuações que revelam tendências sociais importantes. Falantes com ensino Superior apresentaram média de 146,9 tokens, valor praticamente idêntico ao observado entre aqueles com Ensino Fundamental I (146,0 tokens), sugerindo que o uso dessa variante está consolidado tanto entre falantes altamente escolarizados quanto entre aqueles com escolaridade inicial. No entanto, uma queda acentuada é observada entre falantes do Ensino Fundamental II (107,3 tokens), possivelmente relacionada à exposição a variantes estigmatizadas durante a adolescência, período de maior flexibilidade e contato com diferentes redes sociais. Já o grupo que cursou apenas o Fundamental I (sem continuidade de estudos) apresentou média inferior (100,0 tokens), indicando que a manutenção da marca identitária pode depender não apenas do início da escolarização, mas de sua continuidade.

A variante [h], frequentemente associada a marcas regionais ou de menor prestígio, revela um comportamento surpreendente quando observada sob a lente da escolaridade. Os dados mostram que seu uso é mais frequente entre falantes com Ensino Superior (70,6 tokens) e com Ensino Fundamental II (63,7 tokens), em contraste com o grupo do ensino fundamental I (13,5 tokens). Essa distribuição sugere que, longe de ser apenas um traço estigmatizado, a fricativa glotal pode estar se reconfigurando como uma marca social aceita ou até valorizada nos centros urbanos ou em grupos mais escolarizados. O grupo com

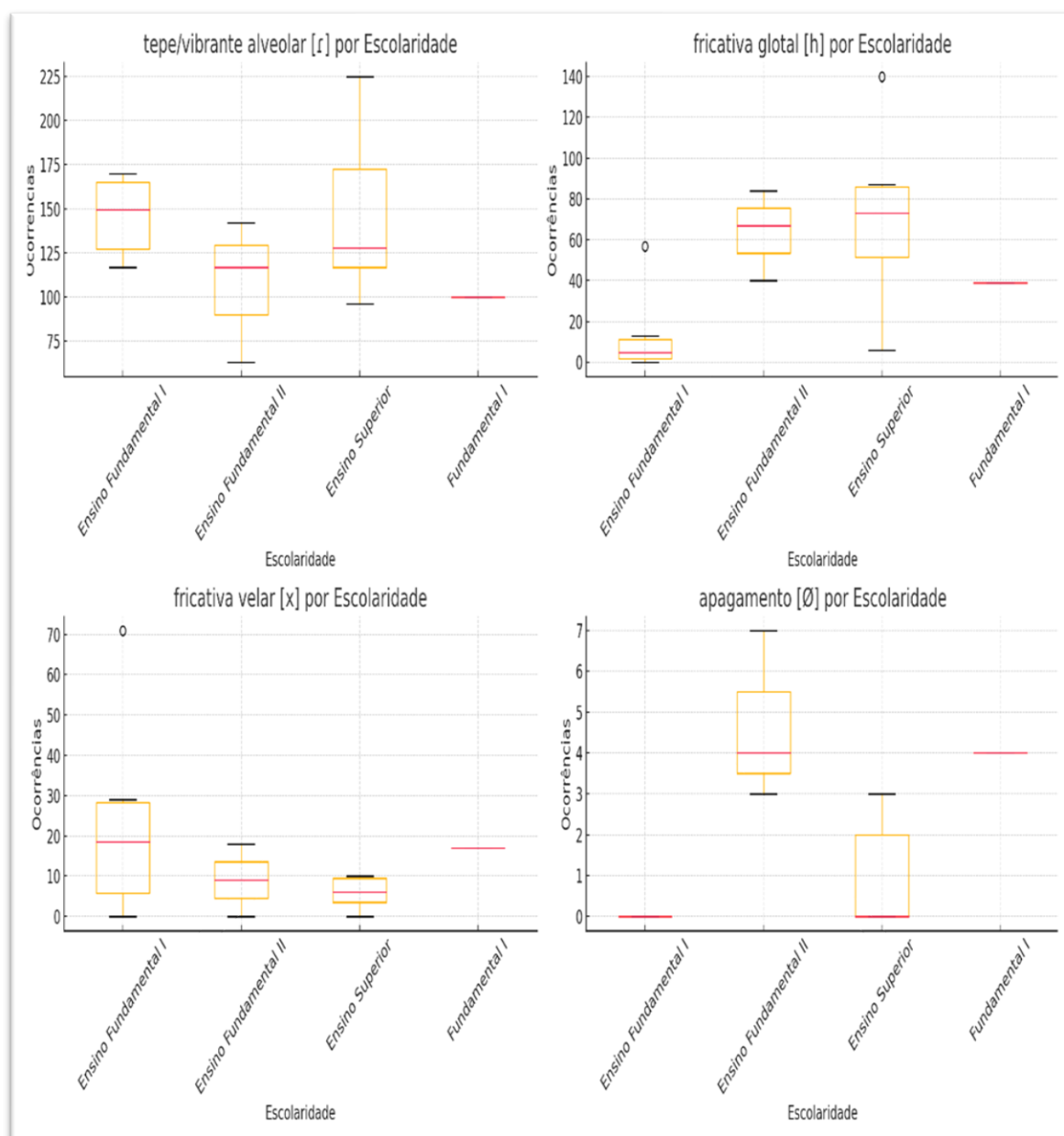
escolaridade apenas inicial (Fundamental I sem extensão) apresenta um valor intermediário (39,0 tokens), reforçando a hipótese de que a [h] pode estar associada a dinâmicas sociais e regionais específicas.

A fricativa velar [x], por sua vez, possui frequência mais alta entre falantes com escolaridade mais baixa, com destaque para o Ensino Fundamental I (23,5 tokens) e o grupo com Fundamental I não completo (17,0 tokens). À medida que o grau de escolaridade aumenta, observa-se uma queda expressiva: 9,0 ocorrências registradas no Fundamental II e apenas 6,0 no Ensino Superior. Essa tendência aponta para um maior monitoramento linguístico entre os falantes mais escolarizados, que tendem a evitar formas percebidas como não normativas. A fricativa velar é geralmente considerada uma realização mais estigmatizada dos róticos intervocálicos, especialmente em variedades do português faladas no Brasil. Sua restrição progressiva entre os mais escolarizados sugere que a escola e os ambientes de letramento desempenham um papel importante na internalização das normas de prestígio.

A variante de apagamento [Ø] é a menos frequente de todas e demonstra correlação negativa com a escolaridade. Observa-se que o grupo com Ensino Fundamental II apresenta a maior média (4,7 tokens), seguido pelo grupo com Fundamental I não continuado (4,0 tokens). No Ensino Superior, o apagamento é residual (1,0 tokens), e no Ensino Fundamental I, ele é ausente (0,0 tokens). Essa distribuição sugere que o apagamento do rótico é uma forma altamente marcada e socialmente sancionada, sendo sistematicamente evitada por falantes que passaram por níveis de escolarização mais altos. Sua maior incidência entre falantes de escolaridade média ou interrompida pode estar associada à convivência com normas linguísticas locais menos regulamentadas.

Esses apontamentos podem ser observados nos boxplots a seguir, que ilustram a flutuação dessa variante de acordo com os níveis sociais.

Gráfico 8: Ocorrências da variante escolaridade por variantes dos róticos



Fonte: Fiorin 2025

Os resultados do gráfico 8 indicam que a variante [r] se mantém relativamente estável em todos os grupos, embora sua frequência e vitalidade dependa posteriormente da continuidade dos estudos. Em contrapartida, as variantes [x] e [Ø] perdem espaço progressivamente à medida que aumenta o nível de escolarização, refletindo maior aderência à norma-padrão e ao monitoramento linguístico entre os falantes mais escolarizados – processo que confirma a centralidade do princípio do monitoramento estilístico proposto por Labov (1972), segundo o qual o grau de atenção à fala afeta diretamente a seleção das variantes.

A variante [h] chama atenção por sua relativa valorização entre falantes com Ensino Superior, sugerindo uma mudança em curso no perfil sociolinguístico em relação a essa forma. Nesse caso, pode-se supor que esteja ocorrendo um processo de reinterpretação sociolinguística, no qual a fricativa glotal deixa de ser vista exclusivamente como marca regional estigmatizada e passa a ser mobilizada em contextos estilísticos específicos, adquirindo um valor simbólico.

Além da tendência central de cada grupo, os boxplots permitem observar a dispersão e a variabilidade intragrupo. A variante [r] apresenta maior amplitude do interquartil no Ensino Superior, o que evidencia usos mais heterogêneos: alguns falantes preservam intensamente a forma tradicional, enquanto outros a alternam com variantes inovadoras. Já nas variantes [x] e [Ø], as caixas estreitas e a baixa dispersão sugerem homogeneidade e produtividade residual, o que confirma o seu afastamento progressivo do sistema fonológico corrente.

Por sua vez, a variante [h] revela grande variabilidade entre os falantes com Ensino Superior, incluindo outliers que sinalizam comportamentos desviantes em relação ao padrão central de uso. Esses casos extremos podem ser interpretados como indícios de mudança em progresso, dado que, segundo Labov (1994), inovações fonológicas se difundem de modo desigual no corpo social, avançando a partir de subgrupos de maior prestígio ou maior capital simbólico (BOURDIEU, 1991).

Em síntese, os resultados corroboram a hipótese de que a escolaridade atua não apenas como instância reguladora do acesso a determinadas variantes, mas também como mecanismo de permanência ou substituição de formas linguísticas no repertório dos falantes. Como assinala Bortoni-Ricardo (2004), as escolas funcionam como espaços de normatização linguística, onde se consolidam práticas de ensino que promovem a internalização da norma culta como referência de prestígio social. A análise da dispersão e dos outliers reforça que a língua, embora estruturada pelas instituições educacionais, é também atravessada por dinâmicas de inovação, resistência e ressignificação estilística, em um processo que confirma sua natureza simultaneamente social e histórica.

Após a análise detalhada das variantes róticas em relação às variáveis sociais, torna-se necessário voltar a atenção para os ambientes fonéticos em que essas realizações ocorrem.

6.1.5 A influência do ambiente fonético na realização dos róticos em Ibitiruí

A análise das 2.464 ocorrências de róticos registradas no corpus evidencia que a realização dos róticos em Ibitiruí resulta da interação entre fatores estruturais – como posição na sílaba e na palavra – e fatores sociais, ligados à escolaridade, idade e estilos de fala. A Tabela 7 sintetiza a distribuição das variantes [r], [h], [x] e [Ø] nos quatro ambientes fonéticos mais produtivos. É importante salientar que o corpus original é composto por 3.564 ocorrências, porém 1.100 casos foram excluídos da análise por corresponderem aos encontros consonantais /tr/ e /br/. Esses contextos apresentam alta saliência articulatória da vibrante simples e comportamento fonético altamente estável no português brasileiro (PB), não configurando variação relevante para o objetivo desta pesquisa.

Tabela 8 – Número de róticos em diferentes ambientes fonéticos

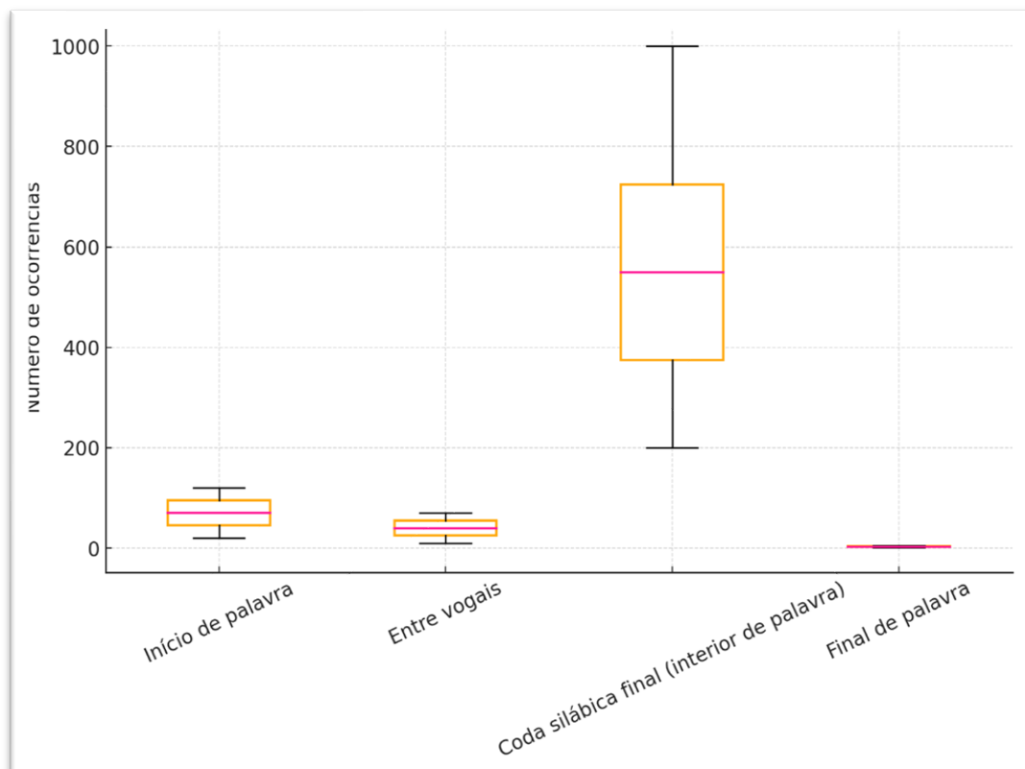
Ambiente Fonético	[r]	[h]	[x]	[Ø]
Início de palavra	135	88	40	2
Coda silábica (interior)	1100	639	332	56
Final de palavra	10	8	3	1
Entre vogais	72	33	22	0

Fonte: Fiorin 2025

Além da tabela unificada, o comportamento da distribuição das ocorrências por ambiente fonético também pode ser visualizado de forma mais clara no boxplot apresentado abaixo. O gráfico evidencia a assimetria marcante entre os contextos: a coda silábica em interior de palavra concentra, de longe, o maior número de ocorrências, com valores variando aproximadamente entre 200 e 1000, refletindo sua alta produtividade no corpus. Os ambientes de início de palavra e entre vogais exibem distribuições mais compactas e menos dispersas, com medianas situadas próximas a 70 e 40 ocorrências, respectivamente, indicando uso mais estável e equilibrado nesses contextos. Por fim, o ambiente de final de palavra apresenta valores extremamente baixos e pouco variáveis, girando em torno de zero a poucas ocorrências, confirmando sua menor relevância na dinâmica variável do rótico em Ibitiruí. A comparação conjunta reforça que a coda interna é o principal locus de variação quantitativa, enquanto

os demais ambientes apresentam padrões mais homogêneos e de menor amplitude.

Gráfico 9: Dispersão das ocorrências por contextos fonéticos



Fonte: Fiorin 2025

No boxplot (gráfico 9), verifica-se que o contexto de coda silábica final (interior de palavra) apresenta o maior intervalo interquartilico, evidenciando ampla dispersão dos dados e maior heterogeneidade na distribuição das ocorrências. Em contraposição, o contexto de final de palavra mostra intervalo reduzido, indicando baixa variabilidade e forte concentração dos valores próximos à mediana. A presença de outliers, representados pelos pontos que extrapolam os limites definidos pelos bigodes, sinaliza ocorrências atípicas que se distanciam do padrão central da distribuição. A estrutura da palavra desempenha papel crucial na seleção da variante: contextos de coda silábica interna revelam-se mais permissivos à variação e à inovação, ao passo que posições salientes, como o início de palavra e o contexto intervocálico, tendem a conservar a forma identitária e prestigiada da comunidade, o tepe alveolar [r]. O final de palavra, por sua vez, mostra baixa variabilidade e forte estabilidade.

A coda interna concentra o maior número de ocorrências (2.127 tokens), configurando-se como o principal ambiente de realização variável do rótico em Ibitiruí. Embora o tepe [r] seja numericamente dominante (1.100 tokens), esse contexto apresenta a maior dispersão de formas, incluindo valores expressivos de [h] (639) e [x] (332), além de casos de apagamento (56). Essa heterogeneidade confirma que a coda é o ambiente de maior permeabilidade a processos de redução, aspiração e elisão — fenômenos amplamente descritos na literatura variacionista do PB (SILVA, 1999; PERINI, 2002; CALLUCCI, 2007). A distribuição equilibrada entre formas conservadoras ([r], [x]) e inovadoras ([h], [Ø]) indica a coexistência de padrões estáveis e mudanças em curso, em consonância com o princípio de Labov (1994) segundo o qual ambientes menos salientes favorecem a difusão de inovações.

O início de palavra, tradicionalmente descrito como ambiente de maior saliência prosódica e monitoramento (BISOL, 1996), confirma o uso predominante do tepe [r] (135 ocorrências). Entretanto, a presença de 88 tokens de [h] e 40 tokens de [x] revela que variantes aspiradas e velares penetram até mesmo esse contexto altamente exposto, sugerindo um processo de mudança fonético-fonológica que supera restrições estruturais clássicas.

Nessa posição, a aspiração não pode ser atribuída apenas a processos articulatórios de enfraquecimento, mas provavelmente carrega valor estilístico ou identitário local, como discutido por Eckert (2000) e Bortoni-Ricardo (2004). Os poucos casos de apagamento (2 tokens) reforçam que a ausência de rótico em onset é amplamente evitada pela comunidade.

A posição final de palavra apresenta baixa produtividade (22 tokens), o que é consistente com descrições do PB que caracterizam essa posição como altamente sujeita à neutralização, redução e apagamento (CRISTÓFARO-SILVA, 2002). Nesta amostra, porém, observa-se manutenção preferencial do [r] (10 ocorrências), seguida de baixas frequências de [h], [x] e [Ø]. A baixa variabilidade sugere forte controle estrutural sobre essa posição, que funciona como área de resistência à expansão das variantes aspiradas. O apagamento (1 ocorrência) provavelmente decorre de ritmo acelerado de fala ou elisão favorecida pelo contexto subsequente.

A posição intervocálica é classicamente considerada o ambiente mais favorecedor para a realização da vibrante simples no PB (CALLOU & LEITE,

2009). Em Ibitiruí, esse comportamento se confirma: [r] representa a maioria dos tokens (72 de 127). Ainda assim, as 33 ocorrências de [h] e 22 de [x] nesse ambiente – considerado estruturalmente resistente à aspiração e velarização – são altamente significativas, indicando que a variação não está limitada aos contextos de maior permissividade articulatória. O não registro de apagamento [Ø] é coerente com a estrutura silábica, já que sua supressão poderia comprometer fronteiras morfológicas e inteligibilidade.

Em onset (início de palavra e entre vogais), a pronúncia com influência vêneta costuma predominar o tepe alveolar [r], forma cânone de influência da língua vêneta, como foi possível verificar na amostragem em Ibitiruí. Todavia, com frequência surpreendente de aspiração e velarização, indicando mudança “de baixo para cima” (LABOV, 2001). Em coda (interna e final), o PB apresenta alto grau de variação. Em Ibitiruí, a alta produtividade de [h] e a presença relevante de [x] alinham a comunidade a padrões rurais do Sudeste, mas preservam, simultaneamente, grande número de tepes, compondo um sistema híbrido. Assim, Ibitiruí exemplifica uma gramática variável em que onset tende à conservação e coda à inovação, embora com permeabilidade crescente entre esses domínios estruturais

Após a apresentação dos resultados e a análise das variáveis sociais e dos ambientes fonéticos que condicionam o uso dos róticos na comunidade, dedicaremos atenção na próxima seção a uma dimensão menos mensurável, porém igualmente significativa: o valor simbólico e afetivo desse fonema.

6.2 Os róticos em Ibitiruí: uma marca afetiva dos antepassados

A língua falada em Ibitiruí constitui um valioso objeto de investigação para a Sociolinguística Variacionista e do Contato Linguístico. Marcada por um contexto histórico de imigração italiana – sobretudo de falantes da variedade vêneta – e por um intenso processo de substituição linguística, a fala local revela traços fonético-fonológicos que funcionam como marcadores de pertencimento e identidade. Entre esses traços, pode-se identificar o que postulamos neste trabalho de marca de afetividade linguística, cuja manifestação varia conforme o contexto e a forma utilizada, podendo se apresentar como resíduo histórico,

como inovação emergente ou como expressão momentânea de estilos e práticas comunicativas específicas.

O estudo dos róticos oferece importantes contribuições sobre os vínculos entre língua, identidade e mudança em curso. Dentre as quatro variantes fonéticas mais recorrentes nas entrevistas em Ibitiruí – o tepe alveolar [r], a fricativa glotal [h], a fricativa velar [x] e o apagamento [Ø] – destaca-se o papel social e simbólico do tepe alveolar como marca identitária e afetiva influenciada pela herança linguística vêneta, ao passo que a glotal [h] se projeta como um índice regional e marcador de inovação, especialmente entre os falantes mais jovens e urbanos.

O levantamento quantitativo revelou um total de 3.564 ocorrências de róticos intervocálicos, sendo a variante tepe alveolar [r] a mais frequente, com 2.502 ocorrências (aproximadamente 70% do total), apresentando média de 139,0, mediana de 103,5 e desvio-padrão de 40,90 tokens. Em seguida, aparece a fricativa glotal [h] com 805 ocorrências (cerca de 23%), cuja média foi de 44,7, mediana de 60,5 e desvio-padrão de 40,00 tokens. As variantes velar [x] e nula [Ø] aparecem com menor frequência: 232 (6,5%) e 25 tokens (0,7%), respectivamente. No caso da velar, observamos média de 12,9, mediana de 31,0 e desvio-padrão de 16,74 tokens; já o apagamento apresentou média de 1,4, mediana de 1,5 e desvio-padrão de 2,06 tokens.

O tipo de descrição estatística – medidas de tendência central e dispersão (6.1.1) – confirmam a variabilidade e significância dos róticos em Ibitiruí, apontando predominância de um padrão fonético tradicional, ao mesmo tempo para a existência de formas inovadoras em circulação, ainda que mínimas. A distribuição das variantes, contudo, não é homogênea: ela varia significativamente conforme o sexo/gênero dos falantes, a faixa etária e o grau de escolaridade, evidenciando um sistema fonético-fonológico fortemente influenciado por variáveis sociais e culturais.

Essa variação também se manifesta nos diferentes ambientes fonéticos em que os róticos ocorrem. A análise revela que a posição intervocálica silábica (coda silábica interior de palavra) é o ambiente mais produtivo com influência vêneta, embora seja um contexto suscetível à variação e à inovação. A maior parte das ocorrências de [r] (1.100 tokens) em oposição às demais variantes nesse mesmo contexto (639 tokens de [h], 332 de [x] e 56 de [Ø]) ratifica nossas

hipóteses iniciais. Essa distribuição é altamente significativa para a compreensão da dimensão simbólica do tepe alveolar, como é possível notar no registro abaixo.

Excerto 5:

Informante AN, M, 87, Ensino Fundamental I: Sim. Usavam palavras como “la vaca”, “vedel”. Uma criança bonita era “bel boccio”. Aprendi escutando. Fe[r]amentas eram “la[r]onca”, “esca[r]pelho”, “ma[r]jeta”. Moinho era “molinho”. Mas fomos falando português com o tempo.

O depoimento de AN evidencia que a realização do rótico em posição de coda silábica por meio do tepe alveolar [r], cuja presença pode ser interpretada como reflexo do contato linguístico com o vêneto. Formas como *fe[r]amentas*, *la[r]onca*, *esca[r]pelho* e *ma[r]jeta* mostram que, mesmo em contextos em que o PB tende à aspiração ou ao apagamento dos róticos, mantém-se uma articulação vibrante simples, compatível com o sistema fonológico do vêneto. Essa realização sugere um processo de transferência fonética da língua de herança para o português, especialmente entre falantes que adquiriram o PB de forma progressiva, por meio da escuta e da convivência cotidiana. Essa utilização indica uma continuidade articulatória que remete ao português falado nas regiões de imigração italiana, onde o vêneto exerceu forte influência na formação do repertório fonético-fonológico local. A realização do tepe alveolar nesses contextos se consolida como uma marca de identidade e herança cultural, funcionando como um elo entre o sistema fonológico herdado dos imigrantes e o português brasileiro falado pelas gerações atuais.

A realização do tepe alveolar [r] é, de longe, a mais constante e socialmente distribuída entre os falantes de Ibitiruí. Sua presença majoritária em todos os grupos sociais revela não apenas sua função linguística como elemento estrutural do português falado na comunidade, mas, também, seu valor simbólico e afetivo na comunidade. O uso recorrente dessa variante pode ser interpretado como a manutenção de um traço fonético que remete à variedade dos descendentes italianos oriundos do Vêneto, falada pelos antepassados da comunidade e que, embora hoje não seja mais utilizada de forma ativa pelas novas gerações, deixou marcas fonética-fonológicas persistentes no português

falado localmente. Essa permanência pode ser compreendida como uma espécie de herança cultural codificada na língua, um elo sonoro entre passado e presente, entre tradição e inovação. A literatura sobre contato linguístico (cf. WEINREICH, 1970 [1953]; MONTRUL, 2013) reconhece que, mesmo após a substituição de uma língua minoritária por uma majoritária, traços fonéticos da primeira (L1) podem persistir como marcas identitárias, especialmente em contextos de resistência simbólica e de manutenção do *ethos* cultural.

Essa vinculação entre a variante [r] e a identidade local é reforçada pelos relatos dos próprios falantes, que, durante as entrevistas, expressam afeto por sua origem, pela história da imigração e pelas tradições da comunidade. Muitos se referem carinhosamente a Ibitiruí como “Engano”, preservando, assim, uma memória afetiva que remete aos antepassados, como está transcrito nos relatos do excerto 6. Essa denominação não apenas resgata um marco histórico ligado ao “erro” do traçado da antiga linha do trem, como também funciona como um símbolo de pertencimento. Isso fica evidente nos depoimentos de nossos informantes.

Excerto 6:

Informante BS, M, 82, Ensino Fundamental I: Fico aqui em Ibitiruí. Para mim ainda é Engano. Às vezes visito minha cunhada. Converso e passo o tempo.

Informante VF, M, 86, Ensino Fundamental I: Antes se chamava Engano. Quando foram fazer a Estrada de Ferro, erraram o traçado, por isso o nome. Depois, o vereador Humberto e o agente da estação Antônio Máscoli propuseram mudar o nome para Ibitiruí, que quer dizer “montanhas altas e frias” em tupi. O novo nome pegou, mas até hoje tem quem chame de Engano.

O informante BS afirma que, para ele, a localidade ainda é denominada “Engano”, ressaltando a permanência do topônimo tradicional em sua memória e em seu uso cotidiano. Já o VF relata parte da história da mudança do nome para Ibitiruí, contextualizando o processo de oficialização da nova denominação, e confirma que ainda há moradores que continuam a se referir à comunidade

como Engano. Esses relatos indicam a persistência de vínculos históricos, afetivos e identitários associados ao nome original.

A presença do [r] na fala dos moradores da comunidade reforça essa simbologia. Não se trata apenas de uma variante fonética entre outras, porém de um marcador cultural que remete à memória coletiva e ao pertencimento, evocando a noção de “língua herdada”, mesmo quando o vêneto, como código, já não é utilizado. Sua ocorrência em posição de coda silábica se torna uma **marca de afetividade linguística**, ao integrar som, história e emoção na vivência comunicativa dos falantes.

Definimos marca de afetividade, no contexto sociolinguístico, como um traço ou recurso de fala que, além de cumprir uma função fonética e/ou fonológica, carrega valores simbólicos relacionados à identidade, à memória e ao pertencimento. Trata-se de um elemento cuja presença adquire relevância especial em comunidades, como por exemplo de São Bento de Urânia em Alfredo Chaves (COMINOTTI, 2015; 2021; PERTELE, 2017), que mantêm laços históricos com uma língua de herança e/ou de imigração. Sua ocorrência pode remeter às práticas linguísticas que continuarão sendo transmitidas para as próximas gerações. Ao passo que a marca afetiva atua como índice social (LABOV, 1990), permitindo que os falantes expressem, consciente ou inconscientemente, sua filiação a um grupo e sua valorização das formas linguísticas que o caracterizam.

A fricativa glotal [h], por sua vez, apresenta uma distribuição mais assimétrica e socialmente marcada. Embora seja a segunda variante mais frequente, sua presença se concentra em determinados grupos, especialmente entre mulheres e falantes de faixa etária intermediária (40-59 anos). A análise estatística revelou uma média de 44,7 tokens dessa variante por falante, com um desvio padrão de 40,0 tokens, o que sugere uma grande dispersão entre os indivíduos analisados. Essa dispersão é típica de variantes em processo de mudança, conforme aponta a Teoria da Variação e Mudança de Labov (2008 [1972]): quando uma forma linguística começa a se expandir dentro de uma comunidade, ela tende a apresentar grande variação de uso entre os falantes, refletindo diferentes graus de adesão, resistência ou experimentação estilística.

O uso da glotal [h] em Ibitiruí pode ser justificado como resultado de um processo de difusão regional, influenciado pela variedade urbana falada na capital capixaba, Vitória, localizada a cerca de 80 km do município. Essa variante é comum no português falado em outras regiões do Brasil, como na Bahia, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais (estados limítrofes), e tem sido associada a estilos de fala mais informais, modernos ou regionais. Em Ibitiruí, sua incorporação ao repertório fonético dos falantes parece estar ligada a uma tentativa de adequação e/ou modernização da fala, especialmente entre mulheres com maior grau de escolaridade, o que sugere uma relação entre essa variante e o desejo de prosperar socialmente.

Entretanto, sua emergência pode ser interpretada sob outra chave: a da **afetividade linguística emergente**, em que o [h], embora inicialmente percebido como inovação ou adaptação regional, passa a se constituir como marcador de um novo pertencimento afetivo. Para alguns falantes, sobretudo mulheres urbanizadas ou com mobilidade social ampliada, a glotal pode não apenas sinalizar um estilo de fala mais alinhado às redes urbanas, mas também carregar um valor simbólico vinculado a trajetórias de vida que se afastam dos modos tradicionais da comunidade.

A presença significativa da fricativa glotal [h] levanta importantes questões sobre os processos de mudança em curso na comunidade. A teoria do tempo aparente (LABOV, 1990; 1994) permite interpretar os dados intergeracionais como indício de mudança progressiva: se os falantes mais jovens utilizam menos [h], mas os de faixa etária intermediária apresentam maior frequência, é possível que estejamos observando uma fase de experimentação social da variante, que pode ou não se consolidar como forma dominante no futuro, necessitando estudos posteriores. A distribuição da [h], também, está relacionada com práticas de identidade urbana, como apontado por autores da terceira onda da Sociolinguística, que veem a linguagem como um recurso de construção performática de identidades sociais (ECKERT, 2000; 2008), como observamos no excerto 7.

Excerto 7:

Informante AX, F, 52, Ensino Fundamental II: Tinha dificuldade. Falava mais o dialeto. Tinha ve[h]gonha de se comunica[h]. Os filhos entendiam po[h]que sabiam o significado.

Informante AT, F, 55, Fundamental I: Acho que hoje em dia já se pe[h]deu um pouco. Quando eu e[r]a nova, papai e mamãe conve[h]savam em italiano ent[r]e eles.

Informante RF, F, 62, Ensino Superior: Sim, falavam só italiano. Eu entendia tudo, mas tinha dificuldade de fala[h]. Em casa falávamos muito. Mas na escola e[r]a só po[h]tuguês, e isso c[r]iou um ce[h]to p[r]econceito. Se falássemos com o erre fo[h]te, [h]jiam da gente.

Os depoimentos das informantes AX, AT e RF revelam, de forma convergente, as tensões sociolinguísticas vivenciadas no processo de substituição do dialeto italiano pelo português em Ibitiruí, bem como os efeitos desse contato na realização dos róticos. As dificuldades de comunicação, a vergonha de falar e a restrição do uso da língua de imigração ao espaço doméstico evidenciam um contexto marcado pelo preconceito linguístico, sobretudo no ambiente escolar, onde a norma do português se impunha como única forma legítima. O relato de RF é particularmente elucidativo ao mencionar o riso e a estigmatização associados ao “erre forte”, o que favoreceu a acomodação fonética e a adoção de variantes percebidas como socialmente menos marcadas.

Na comunidade de Ibitiruí a fricativa glotal [h] emerge como uma forma inovadora, associada a pressões externas e a modelos regionais e urbanos de prestígio, funcionando como estratégia de afastamento de traços identificados como “italianos” ou rurais. A maior recorrência dessa variante entre mulheres, conforme apontado nos dados, reforça interpretações consagradas na Sociolinguística Variacionista, segundo as quais falantes do sexo feminino tendem a liderar mudanças linguísticas motivadas por avaliações sociais negativas, buscando formas que minimizem a estigmatização e ampliem a aceitação social. Assim, a fricativa glotal não apenas reflete um ajuste fonético,

mas materializa, no plano linguístico, experiências de discriminação, silenciamento e reconfiguração identitária.

Embora ainda não tenha alcançado a estabilidade de uso que caracteriza o tepe alveolar [r], a sua presença aponta para um sistema linguístico dinâmico, permeável a pressões externas, especialmente aquelas associadas a práticas urbanas e identidades emergentes. Sua maior incidência entre mulheres, também, reforça uma tendência recorrente na literatura Sociolinguística, segundo a qual as mulheres, especialmente da classe média e com maior escolaridade (perfil dos informantes do excerto 7), tendem a ser vetores de mudanças linguísticas "por baixo", ou seja, não legitimadas institucionalmente, mas difundidas pela prática cotidiana e pelas redes de contato locais (LABOV, 2001; CHAMBERS, 2003).

Essa observação confirma nossa hipótese de que o status social do grupo está influenciando na flexibilização da variante [r] para a [h]. Outro dado que respalda esse apontamento é uso da variante [h] entre mulheres que apresentou o número de 65,3 tokens. Entre os homens essa média caiu drasticamente para 14,5 tokens. Essa diferença significativa revela não apenas uma variação entre sexos, mas possivelmente uma distinção de estilo e função social atribuída às variantes róticas. As mulheres, ao incorporarem a fricativa glotal em maior escala, podem estar negociando espaços identitários mais abertos à inovação ou mesmo a estilos linguísticos percebidos como mais próximos dos centros urbanos e de maior prestígio. Essa prática pode também ser interpretada à luz do conceito de estilo linguístico como performance identitária, em que as escolhas fonéticas funcionam como sinais de afiliação ou diferenciação dentro de uma comunidade de fala, como um recurso estilístico (ECKERT, 2000).

O uso da variante [h] não pode ser entendido apenas como um reflexo da proximidade geográfica com a capital Vitória, mas como um índice social carregado de significação. Sua presença nos dados de Ibitiruí revela uma comunidade em processo de reconfiguração identitária, na qual os traços linguísticos tradicionais coexistem com inovações que apontam para novos referenciais de pertencimento. Assim, mesmo que o [r] continue a ser a forma majoritária, a glotal [h] se insere como um marcador de distinção geracional, de gênero e de status social, cuja trajetória dependerá das dinâmicas socioculturais locais e regionais.

As variantes menos frequentes, a fricativa velar [x] e o apagamento do rótico [Ø], também oferecem indícios importantes sobre os limites e possibilidades do sistema fonético-fonológico em Ibitiruí. A fricativa velar [X], com 232 tokens, mostra uma distribuição concentrada em falantes mais velhos, especialmente do sexo masculino. A análise por faixa etária revela que ela é praticamente inexistente entre os jovens (média de 0,0 tokens), porém apresenta médias de 14,7 e 15,2 tokens entre os grupos de meia-idade e idosos, respectivamente, perfil transcrito no depoimento a seguir.

Excerto 8:

Informante TB, M, 78, Ensino Fundamental I: Tenho uma área de te[x]a, sou agriculto[x]. Hoje em dia trabalho mais com pastagem. Tenho uma pequena área de café. E também peso gado com uma balança que eu mesmo criei há 30 anos. Já pensei em registra[x] a patente, mas desisti

O excerto do informante TB evidencia um falar marcadamente rural, no qual a realização do rótico como fricativa velar [x] ocorre de forma recorrente em diferentes contextos lexicais (*te[x]a*, *ag[r]iculto[x]*, *registra[x]*), associando-se a práticas tradicionais ligadas ao trabalho agrícola e à vida no campo. A concentração dessa variante na fala de um informante mais idoso, com baixa escolarização formal e forte vínculo com atividades rurais, reforça a interpretação de que a fricativa velar constitui uma forma conservadora, preservada em estilos de fala menos monitorados e em redes sociais mais densas e localizadas. Nesse sentido, o uso da velar não apenas indexa um estágio anterior do sistema fonológico local, mas também funciona como marcador identitário de pertencimento ao espaço rural, contrastando com variantes mais difundidas em contextos urbanos ou escolarizados.

Esse padrão converge com a análise de que a variante velar encontra-se em processo de retração no sistema linguístico da comunidade, possivelmente em função de sua avaliação social negativa. A estigmatização associada a esse traço ajuda a explicar sua ausência entre falantes mais jovens, que, mesmo quando rejeitam a fricativa glotal [h], tendem a retomar o tepe alveolar [r] como alternativa socialmente mais neutra e menos marcada. Tal comportamento refuta a hipótese inicial de que o público juvenil manteria uma atitude

predominantemente preconceituosa em relação ao tepe, sugerindo, ao contrário, que essa variante passa a ser reavaliada positivamente como um recurso identitário local, em oposição tanto à velar estigmatizada quanto à glotal associada a pressões externas e modelos regionais de prestígio.

Ainda que em declínio, o uso da [x] não é desprovido de valor simbólico. Pelo contrário: entre os falantes mais velhos, especialmente homens com pouca escolarização e forte ligação com as atividades agrícolas ou comunitárias, essa forma pode funcionar como um **índice de autenticidade**, evocando práticas discursivas anteriores à escolarização formal e à influência urbana. O processo de velarização do rótico em coda, comum em determinadas regiões do sul do Brasil, pode ter sido internalizada por esses falantes em fases anteriores da comunidade, especialmente quando o contato linguístico com falantes de outras regiões ou com outras variedades do português ainda era restrito. Nesse sentido, a fricativa velar [x] pode ser interpretada como uma marca de afetividade residual, vinculada à memória de um modo de falar que era socialmente válido em outro tempo histórico – uma espécie de registro sonoro da oralidade rural e masculina de uma geração anterior.

Embora essa marca não seja mais produtiva entre os falantes mais jovens, ela sobrevive como **resíduo afetivo**, ativado em contextos de rememoração, de encenação de papéis sociais tradicionais ou de performances identitárias que reatualizam formas linguísticas vistas como "de antigamente". O afeto, nesse caso, não se manifesta como valorização coletiva da variante, mas como parte de um sentimento de perda cultural e transformação, em que a linguagem funciona como um marcador de passagem de um ethos comunitário mais coeso para um cenário mais fragmentado, urbano e competitivo. Mesmo estigmatizada, portanto, a forma [x] cumpre um papel social e emocional na cartografia linguística da comunidade.

Do ponto de vista articulatório, a fricativa velar [x] exige maior esforço fonético e é tipicamente associada a regiões do sul do Brasil, como o Rio Grande do Sul, onde faz fronteira com países que falam o espanhol. Em Ibitiruí, no entanto, sua presença parece refletir mais uma herança histórica do contato com outras variedades do português. A concentração dessa variante entre homens mais velhos pode ser interpretada como um resquício estilístico de falas rurais anteriores à urbanização e à padronização promovida pela escolarização e pelos

meios de comunicação. A escassa difusão dessa forma entre os demais grupos confirma seu status de estigmatização. Mas mesmo formas estigmatizadas, como defende a terceira onda da Sociolinguística (ECKERT, 2012), podem ser usadas estrategicamente para expressar pertencimento, resistência ou estilo. Assim, o [x], ainda que marginal, pode constituir uma **marca de afetividade reativa**, acionada em contextos de afirmação local frente a normatividades externas.

O apagamento do rótico [Ø], por sua vez, representa a forma mais rarefeita do sistema analisado, com apenas 25 ocorrências no corpus. Ainda que apresente uma amostragem pequena, o apagamento possui relevância teórica e interpretativa, pois se trata de uma estratégia fonética-fonológica de simplificação articulatória altamente marcada socialmente. Os dados mostram que sua presença é ligeiramente maior entre os jovens (3,5 tokens em média) e falantes de meia-idade (3,7), mas praticamente ausente entre os idosos (0,6), o que sugere que essa forma é usada pontualmente em contextos de fala acelerada e informal, como apresentado no excerto 10.

Excerto 9:

Informante MF, F, 14, Ensino Fundamental II: Sim. Cada um tem sua fé, seu modo de acredita[Ø]. Meus pais são muito religiosos, têm compromisso com a igreja, e passaram isso pra gente. Gosto de ir à missa, reza[Ø] o terço, participa[Ø] das celebrações. Meu pai sempre diz: se você vai à festa, pode ir à igreja também. É um equilíbrio entre fé e lazer.

A informante MF evidencia a ocorrência do apagamento do rótico [Ø] sobretudo em posição de coda silábica final, especialmente em verbos no infinitivo (*acredita[Ø]*, *reza[Ø]*, *participa[Ø]*). Esse ambiente fonológico-morfossintático é amplamente reconhecido no português brasileiro como favorável à elisão do rótico, em razão tanto de fatores articulatórios quanto de processos de redução associados à fala espontânea.

Nesse contexto, a literatura da Fonética e Fonologia aponta que o apagamento é uma realização típica de estilos de fala espontânea, em que há economia articulatória e supressão de segmentos não salientes, especialmente

em posição intervocálica (CALLOU; LEITE, 2000). No entanto, do ponto de vista simbólico, mesmo uma forma reduzida ao silêncio pode se tornar expressiva. Isso ocorre porque a ausência também comunica: ela pode indicar descompromisso com a norma, rejeição da autoridade escolar, alinhamento com práticas urbanas informais ou mesmo uma estética da fala “desleixada”, que alguns jovens assumem como estilo. Nesse sentido, o apagamento pode ser visto como uma **marca de afetividade alternativa**, ainda que instável e não sistemática.

A sua raridade, paradoxalmente, amplia seu valor interpretativo: ao ser utilizada pontualmente, em contextos de informalidade extrema ou entre interlocutores íntimos, o apagamento se transforma numa espécie de **marca de cumplicidade linguística**, indicando que o falante não apenas domina a norma local (como o uso do [r]), mas também sabe transgredi-la com intenção expressiva. A afetividade, aqui, não se manifesta na forma de tradição ou herança, mas como jogo estilístico, em que o falante demonstra controle sobre os recursos disponíveis e os mobiliza para construir um posicionamento frente aos outros. O apagamento, assim, opera como uma **marca de afetividade momentânea**, ativada em situações específicas de construção de identidade.

Da perspectiva Sociolinguística Variacionista, o apagamento pode ser explicado como uma prática estilística ocasional, mais comum entre os jovens, que em certos contextos adotam esse tipo de realização como índice de informalidade, fluidez ou mesmo de identidade urbana alternativa. Sua baixa frequência e concentração em poucos falantes apontam, todavia, para um uso restrito e pouco sistematizado, que ainda não configura uma mudança fonológica em curso. Apesar disso, sua simples ocorrência revela que o sistema fonético-fonológico em Ibitiruí é permeável a práticas de variação que transcendem as normas da gramática tradicional, indicando a existência de uma gramática interna dinâmica e sensível ao contexto – e, sobretudo, sensível às dimensões simbólicas e afetivas que a linguagem ativa no cotidiano dos falantes.

A compreensão da variação dos róticos em Ibitiruí não pode ser desvinculada da reflexão sobre os efeitos simbólicos da língua no espaço social. A heterogeneidade observada nos dados evidencia que a linguagem, mais do que um instrumento de comunicação, é ainda um dispositivo de indexação de afetividades. Esse entendimento é central na Sociolinguística Variacionista,

sobretudo nos trabalhos de Labov (1972 [2008]), que aponta para a relação dialética entre estrutura linguística e dinâmica social, entre a forma linguística observada e os condicionantes históricos, culturais e ideológicos que a sustentam. Como enfatizam Weinreich, Labov e Herzog (1975), toda mudança linguística implica variabilidade e heterogeneidade, e essa variabilidade, longe de ser aleatória, obedece a padrões estruturais vinculados às práticas sociais da comunidade.

No caso de Ibitiruí, tais padrões revelam um repertório fonético-fonológico que é, ao mesmo tempo, reflexo e produtor de identidades, afetos, resistências e aspirações. Isso permite compreender como diferentes variantes dos róticos se entrelaçam à experiência social dos falantes, mediante as narrativas pessoais que foram coletadas. O tepe alveolar [r], ao se firmar como herança cultural, manifesta uma afetividade histórica e coletiva. A glotal [h], ao se inserir nas práticas inovadoras e urbanas, mobiliza uma afetividade emergente. A velar [x], mesmo em retração, resiste como um resíduo afetivo de um estilo de fala rural e masculino, reativado pelas circunstâncias comunicativas de afirmação local. E o apagamento [Ø], silencioso, revela afetividades efêmeras, de estilo e cumplicidade, sendo uma marca momentânea e alternativa. Todas essas variantes fazem parte de uma gramática de afetos – uma gramática não escrita, mas socialmente inscrita na fala cotidiana da comunidade investigada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações realizadas no capítulo de análise evidenciam que a variante tepe alveolar [r], em Ibitiruí, ocupa um lugar central não apenas no plano fonético-fonológico, mas também no imaginário linguístico e na memória afetiva da comunidade. Sua presença majoritária no corpus aponta para um padrão que, embora esteja sujeito a pressões de mudança, permanece profundamente enraizado nos hábitos da fala dos moradores locais. Não se trata apenas de uma preferência articulatória ou de um resíduo mecânico do contato histórico com o vêneto, mas de um elemento que, para muitos falantes, materializa a continuidade entre a fala de hoje e a de seus antepassados. Nesse sentido, o [r] não é somente uma unidade fonética: ele se converte em uma marca de afetividade e de pertencimento, cuja reprodução cotidiana contribui para reforçar a memória cultural e histórica da comunidade.

Entretanto, essa posição de destaque não garante, por si só, a estabilidade futura da variante [r]. O cenário sociolinguístico da comunidade revela-se permeado por múltiplas forças que atuam em sentidos distintos, ora favorecendo a conservação, ora incentivando a adoção de formas inovadoras. De um lado, há o peso da tradição e do vínculo afetivo, que se manifestam não apenas em escolhas linguísticas conscientes, mas também na persistência inconsciente de padrões articulatórios herdados. De outro, observa-se a influência crescente de variantes associadas a contextos urbanos mais amplos, como a fricativa glotal [h], que se dissemina pela proximidade geográfica, como da capital Vitória, e pelos canais de comunicação, oferecendo modelos de fala alternativos que, para alguns grupos, se associam a prestígio, modernidade e mobilidade social. Essa tensão entre preservação e inovação coloca o [r] no centro de um campo de disputas simbólicas, em que cada escolha fonética carrega implicações de posicionamento social.

Um fator decisivo para o futuro do tepe alveolar reside na forma como ele é avaliado pelos diferentes grupos etários da comunidade. Entre os falantes mais velhos, o [r] parece operar como um marcador de afetividade – autenticidade, ligado à oralidade tradicional e às práticas comunitárias de longa data. Já entre os mais jovens, ainda que a variante seja amplamente utilizada, não sendo estigmatizada, percebe-se uma sensibilidade maior às percepções externas, por

seu um pronuncia da “roça”, do “interior”. Isso significa que a manutenção plena do [r] dependerá não apenas de sua funcionalidade linguística, mas da maneira como ele será ressignificado pelas novas gerações. Se o tepe continuar sendo visto como símbolo de orgulho e singularidade local, sua vitalidade poderá ser preservada. Caso contrário, poderá passar por um processo gradual de retração, cedendo espaço a formas percebidas como mais neutras ou urbanizadas.

Outro elemento relevante é o papel da escolarização e do contato com outras variedades do PB. A escola, ao mesmo tempo que expõe os alunos a um modelo normativo que não entra em conflito direto com o uso do [r], amplia o repertório fonético dos falantes e oferece contato com padrões que circulam em esferas de maior prestígio social. Em muitos casos, essa ampliação leva à coexistência de variantes no mesmo repertório individual, com o [r] permanecendo em contextos mais informais e de intimidade, enquanto outras realizações podem surgir em situações mais formais ou quando o falante busca alinhar-se a um estilo de fala urbano. Essa alternância estilística pode garantir ao [r] um espaço de sobrevivência mesmo que sua frequência geral venha a diminuir, pois ele continuará a cumprir uma função identitária específica, acionada em determinados registros e interações.

A continuidade do tepe alveolar também está vinculada à manutenção das redes sociais densas e locais, nas quais a transmissão intergeracional é mais efetiva. Em comunidades pequenas, como é o caso de Ibitiruí, a língua circula de forma intensiva entre parentes, vizinhos e conhecidos, favorecendo a preservação de traços fonéticos característicos. Embora haja um aumento da mobilidade, seja por deslocamentos diários para trabalho e estudo, ainda existem núcleos em que a vida social é fortemente ancorada na própria comunidade, e é nesses núcleos que o [r] encontra condições mais favoráveis para se perpetuar. A participação em eventos culturais, festas religiosas (como dos padroeiros da comunidade) e atividades coletivas também desempenha um papel importante, pois esses contextos tendem a reforçar performances linguísticas alinhadas a um ideal de autenticidade local.

Contudo, não se pode ignorar que as transformações socioculturais em curso colocam desafios a essa preservação. O contato cada vez mais intenso com a mídia, a valorização de estilos de fala urbanos e a pressão por adequação a modelos de prestígio podem levar, mesmo que de forma lenta, a um processo

de nivelamento linguístico. Nessa dinâmica, o [r] poderia passar a ser usado com menor frequência pelos jovens, especialmente em situações de exposição a interlocutores de fora da comunidade, permanecendo restrito a interações internas e informais. Tal cenário implicaria uma mudança no status da variante, que deixaria de ser a forma dominante para se tornar um recurso estilístico marcado, acionado em contextos específicos como forma de demarcar proximidade e pertencimento.

Por outro lado, é possível vislumbrar um caminho em que o [r] não apenas se mantenha, mas também se fortaleça como elemento distintivo. Isso ocorreria caso houvesse uma valorização explícita do falar local como parte de um patrimônio cultural imaterial, associada a iniciativas de preservação da memória linguística e de promoção do orgulho identitário e afetivo. Experiências em outras comunidades mostram que, quando certos traços de fala são incorporados ao discurso de valorização cultural – seja por meio de projetos escolares, registros audiovisuais ou eventos comunitários –, eles tendem a ganhar legitimidade social e a ser conscientemente preservados. Nessa perspectiva, o [r] poderia consolidar-se como uma espécie de “assinatura sonora” de Ibitiruí, reconhecida tanto internamente quanto externamente como símbolo da história e da singularidade local.

Vale destacar que a trajetória futura do tepe alveolar dificilmente será linear. É provável que convivam, por um tempo considerável, tendências de conservação e de mudança, com variação de frequência e de função conforme o grupo social, o contexto comunicativo e a identidade projetada pelo falante. Essa coexistência pode levar a uma reorganização do espaço funcional do [r], que passaria a operar lado a lado com outras variantes ([h], [x], [Ø]), cada uma associada a diferentes significados sociais e afetivos. Nesse processo, o tepe poderia se especializar como marcador de intimidade, tradição ou resistência cultural.

As implicações dessa possível reorganização são significativas para a compreensão da mudança linguística na comunidade. Elas indicam que o futuro do [r] não dependerá apenas de fatores internos à língua, estando ligado às trajetórias sociais, às hierarquias de prestígio, às redes de contato e às políticas culturais que moldam o cotidiano de Ibitiruí. Isso exige que a análise sociolinguística vá além da simples contabilização de ocorrências, integrando

dimensões etnográficas e discursivas que permitam compreender como os falantes percebem, avaliam e mobilizam o [r] em suas interações. Assim, a projeção sobre o destino da variante não é apenas um exercício descritivo, mas também uma reflexão sobre o lugar da linguagem na construção das identidades coletivas e na negociação entre passado e futuro.

Em última instância, refletir sobre o futuro do tepe alveolar em Ibitiruí é refletir sobre o próprio futuro da comunidade, sua relação com a herança vêneta e sua capacidade de conciliar tradição e mudança. A escolha de uma das variantes dos róticos dependerá das interações contínuas entre fatores linguísticos, sociais, culturais e afetivos, que continuarão a moldar a fala dos moradores da comunidade nas próximas décadas. Desse modo, o [r] em Ibitiruí pode seguir atuando como um elo sonoro com a história, mantendo presente as memórias e os vínculos afetivos do “Engano”.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. S. M. de. *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /R/*. Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará
- ALFREDO CHAVES. Prefeitura municipal de Alfredo Chaves. Disponível em: <<https://www.alfredochaves.es.gov.br>>. Acesso em: 01 mar. 2024
- ALMEIDA, É. F.; KAILER, Aparecida Dircel. *O /R/ em coda silábica no interior de Goiás em dados do Atlas Linguístico do Brasil*. In: Marta Negro Romero, Rosario Álvarez, Eduardo Moscoso Mato (eds.). (Org.). Gallecia. Estudos de linguística portuguesa e galega. 1ªed. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2017, v. 1, p. 1-1079.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: Edward Arnold, 1996.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Saraiva, 1955 [1920].
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49 ed. São Paulo. Edições Loyola. 1999.
- _____. **Nada na língua é por acaso - Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo. Parábola. 2007.
- _____. *O que é uma língua? Imaginário, ciência & hipóstase*. In.: LAGARES, X.C.; BAGNO, M. (orgs.) **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 355-387.
- BAKER, Colin; JONES, Sylvia P. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.
- BARBOSA, Patrícia Rodrigues. *Análises sobre o comportamento das fricativas /s/ e /z/ pela Teoria da Otimidade*. Letras & Letras, v. 2, n. 2, p. 171–182, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/5643>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- BENTIVOGLIO, J. *Palestra*. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.
- BIGAZZI, A. R.C. **Italiano: história e memória de uma comunidade**. Anna Rosa Campagnano Bigazzi. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006 (Série Lazuli imigrantes no Brasil/ coordenadora Maria Luiza Tucci Carneiro).
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer. "Evaluational reactions to spoken languages"*. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Último acesso em 12 fev. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Language and Symbolic Power**. Edited and introduced by John B. Thompson; translated by Gino Raymond and Matthew Adamson. Cambridge: Polity Press, 1991.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 2004. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial.

BRESCANCINI, Cláudia Regina; MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira . Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações. Signum. Estudos de Linguagem, v. 11/2, p. 49-64, 2009.

BRIGHT, William. **Languages in Contact**. New York: Harcourt, Brace & World, 1966.

BUTLER, Sidney L. *Quantitative Literacy – Chapter 11.2 Measures of Central Tendency and Variation*. Michigan Technological University, 2006. Disponível em: <https://pages.mtu.edu/~slbutler/MA1020/Slides/11.2.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2025.

CALLOU, D. **Variação e distribuição do tepe na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ-PROED, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do [r] no português do Brasil*. In: KOCH, I. (Org.). **Gramática do português falado**. V.6: Desenvolvimentos. Campinas: UNICAMP, 1996. p.465-493.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. *Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil*. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Org.). **Gramática do português falado**. v.8: Novos estudos descritivos. Campinas: UNICAMP; FAPESP, 2002. p.537- 555.

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y.; *Consoantes em coda silábica: /s, r, l/*. In: ABAURRE, M.B.M. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: volume VII: a construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: O apagamento do r no dialeto nordestino. In: HORA, D.& BATTISTI, E. (Org.) **Revista da Abralín**. V. 14, n. 1, 2015.

CALLOU, D.; OLIVEIRA, A. F. *A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto*. Revista Gelne. 2014.

CAMACHO, R. G. *Sociolinguística; parte 2*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. **Introdução à linguística**. 2. ed. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

CARMO, J. *A realização variável do fonema /R/ em Itaguara (MG) e Itaúna (MG)*. 275 p. 2017. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos). Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

CHAMBERS, J. **Sociolinguistic theory**. 2. ed. Oxford, Cambridge: Blackwell, 2003.

CHAGAS, P. *A mudança linguística*. In: FIORIN, J.L. **Introdução à linguística**. 5.ed. São Paulo:Contexto, 2006, p. 141-162.

COMINOTTI, Katusica Sartori Silva; PERES, Edenize Ponzo. *O sentimento de identidade e a manutenção/substituição linguística: o caso do vêneto em São Bento de Urânia, Espírito Santo*. Revista do GEL, v. 18, n. 3, p. 219-242, 2021.

ECKERT, P. *Age as a sociolinguistic variable*. In: COULMAS, F. (ed.). **Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell, 1997.p. 151-167.

_____. **Adolescence and Social Practice: Language, Identity, and School**. *New York*: Routledge, 1998

_____. **Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belten High**. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. *Language and adolescent peer groups*. Journal of Language and Social Psychology, v. 20, n. 1–2, p. 145–163, 2001

_____. *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000. ECKERT, P. Variation and the indexical field. Journal of Sociolinguistics. 12, p. 453-476, 2008.

FARACO, C. A. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo, Parábola, 2008.

_____. *Desde quando somos normativos*. In: VALENTE, A. C. (org.). **Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações**. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. **Norma culta brasileira: construção e ensino**. IN: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. et al. (orgs.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Sociolinguística e análise do discurso: elementos teóricos e metodológicos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, M.F. *Aspectos sócio-históricos da substituição do vêneto pelo português nas zonas urbana e rural de Alfredo Chaves-es: o papel da escola*. 102 fl. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

FISHMAN, Joshua A. **Reversing language shift: theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages**. *Clevedon: Multilingual Matters, 1991*.

FISCHER, John L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. Word, v. 14, n. 1, p. 47-56, 1958.

FRANZINA, E. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas (SP): UNICAMP, 2006.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; "(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística", p. 17-74. In: **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures**. New York: Basic Books, 1973.

GUY, Gregory R. Variationist sociolinguistics. In: HEATH, J.; PALMER, F. (eds.). **Encyclopedia of Language and Linguistics**. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2005. p. 736–743.

_____; ZILLES, Anna. **Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUZZO, Natália Brambatti. 2024. Plural alternations and consonant syllabification in Brazilian Veneto. **Languages**, 9(8): 1–21

HORA, D. da. Teoria da variação: uma retrospectiva. In: _____. (org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. 159-174.

_____; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa:UFPB, 2003.

KENT, Raymond D.; READ, Charles. **Acoustic analysis of speech**. 2. ed. San Diego: Singular Publishing Group, 1992.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972]

_____. 1990. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, 2(2): 205–254.

_____. 1994. **Principles of Linguistic Change**. Volume 1: Internal Factors. Oxford: Blackwell.

_____. 2001. **Principles of Linguistic Change**. Volume 2: Social Factors. Oxford: Blackwell.

LADEFOGED, P. e MADDIESON, I. **The Sounds of the world's languages**. Blackwell, Cambridge, 1996.

LAVANDERA, Beatriz. *Where does the sociolinguistic variable stop?* **Language in Society**, v. 7, n. 2, p. 171–182, 1978. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/where-does-the-sociolinguistic-variable-stop/8424AE98DD2B0643809D006099908CE4>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LINDAU, M. *The story of r'*. UCLA Working Papers in Phonetics, 51, 1985

LORIATO, Sarah Rodrigues. **La variazione della /r/ a inizio parola e della /ŋ/ finale nella varietà veneta di Santa Teresa, Brasile**. Tese (Doutorado) – Università degli Studi di Bergamo, 2020.

LUCCESI, Dante. **História do contato entre línguas no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015

MARCANTONIO, Jonathan Hernandez. *A virada linguística e os novos rumos da Filosofia*. Revista da Faculdade de Direito (São Bernardo do Campo), v. 04, p. 114- 132, 2007.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Introdução à fonética e fonologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2004.

MELO A., Tiana Andreza. *A variação linguística no âmbito fonético: os róticos na fala de três municípios fluminenses*. Temiminós revista científica, v. 4, p. 23, 2014.

MENEZES, B.L.D; SILVA, Greize Alves da. *A variação do rótico em cidades tocantinenses: em busca de uma norma fonética*. Desafios: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, v. 03, p. 80-86, 2017.

MILROY, Lesley. **Language and Social Networks**. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003 (capítulo 3 e 4).

MONARETTO, V. N. de O. *O status fonológico da vibrante*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n.4, dez. 1994, p. 153-157.

_____. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado) – PUCRGS.

_____. *O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, mar. 2000, p. 275-284.

_____. *A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *Enfraquecimento e apagamento dos róticos*. In: COELHO, Izete L. (Org.). **Variação e mudança linguística no português falado e escrito na região Sul e outros temas: uma homenagem a Izete Lehmkuhl Coelho**. Porto Alegre: Blucher, 2021. p. 81–104.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MONTRUL, Silvina A. **El bilinguismo en el mundo hispanohablante**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. São Paulo: Ática, 2011

PERTELE, B. D. *Análise sociolinguística da realização do ditongo nasal tônico em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves / ES: o papel da variável sexo / gênero*. 2017. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

PESSALI, H. **Alfredo Chaves uma visão histórica e política**. Alfredo Chaves: Ed. do Autor, 2015.

PICOLI-MENEGHEL, S. A. *O ditongo nasal tônico –ão falado por itálo-descendentes de Santa Maria do Engano/es: uma análise Sociolinguística*. 132 fl. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

PIKE, Kenneth L. **Phonetics: A Critical Analysis of Phonetic Theory and a Technic for the Practical Description of Sounds**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.

ORTALE, Fernanda Landucci. *A formação de uma professora de italiano como língua de herança: o Pós-Método como caminho para uma prática docente de autoria*. 2016. 162 f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

R CORE TEAM. R: *A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2016. Disponível em: <http://www.R-project.org/>

SANTOS, J. S. B. *Variação do /r/ na coda silábica em Alagoas*. Alagoas, 2019. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 555f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1988.

_____. *Paralelismo linguístico*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SERRA, C. R. ; SANTANA, M. ; OLIVEIRA, I. ; XAVIER, K. S. *O rótico em coda silábica final na região sul do Brasil: variação e mudança no corpus do ALiB*. DIADORIM (RIO DE JANEIRO), 2018.

SEVERO, Cristine Gorski. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. *Revista de Letras*, v. 47, n. 2, p. 171–182, 2006.

Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rl/article/view/2229>. Acesso em: 10 jan. 2024

SORIANO, Larissa Grasiela Mendes. *Percepções sobre (-r) na cidade de São Paulo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1994.

TRUDGILL, Peter. *Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich*. **Language in society**, v. 1, n. 02, p. 179-195, 1972.

_____. **Sociolinguistics – an introduction**. Great Britain, London: Penguin Books, 1981.

_____. **Introducing language and society**. London: Penguin Group, 1992.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Variationist Sociolinguistics: Change, Observation, Interpretation**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução por Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. *Constraints on the agentless passive*. *Journal of Linguistics*. v. 19, p. 29-58, 1983.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems**. The Hague: Mouton, 1970 [1953]

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (TCLE) – MAIORES DE 18 ANOS

Convidamos você a participar de um estudo sobre o município de Alfredo Chaves, Espírito Santo, intitulado **Consequências do contato entre o vêneto e o português em Ibitiruí/ES: análise das realizações acústicas do fonema /R/ e arquifonema /r/**. O objetivo é analisar na fala dos participantes as ocorrências do fonema /r/ e arquifonema /R/ e descrever os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação desse fenômeno.

Os participantes serão submetidos a um questionário elaborado pelo próprio pesquisador, que será respondido em torno de sessenta (60) minutos. As perguntas versam questões históricas do local e cotidianas. As respostas serão registradas em um gravador. O áudio não será divulgado a fim de manter a confidencialidade do entrevistado, somente a transcrição, que será analisada.

Orientações básicas:

- a) A pesquisa não gerará gasto ao participante. Caso houver, o mesmo será ressarcido.
- b) Os dados coletados serão mantidos em sigilo (em todas as fases da pesquisa), sendo que o áudio não será divulgado e sim a transcrição. Os resultados encontrados serão utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa e/ou se, for o caso, artigos, capítulos de livro.
- c) Caso o participante sofra algum dano resultante de sua participação na pesquisa, conforme a Resolução nº.: 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, o mesmo terá resguardado o direito a assistência e a buscar indenização.
- d) O participante receberá duas vias que deverão ser assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pelo pesquisador. Cada um receberá uma via.
- e) A participação é voluntária, sendo assim o/a senhor/a poderá desistir e/ou se retirar desta no momento que desejar

RISCOS: Todo o processo é voluntário, e o sigilo aquém da sessão é garantido e o anonimato mantido. Os riscos que a pesquisa apresenta é o constrangimento em responder alguma pergunta do questionário. Garante-se ao participante da

pesquisa a possibilidade de recusar a responder qualquer uma das perguntas e/ou mesmo a possibilidade de desistir da participação em qualquer momento.

BENEFÍCIOS: Esperamos que os resultados obtidos possam ajudar na descrição das ocorrências do fonema /r/ e arquifonema /R/, a fim de reverter o declínio da língua vêneta e de seus traços no município de Alfredo Chaves/ES. E que possibilite organizar projetos de resgate da cultura dos antepassados, gerando impactos positivos no processo de realização desse trabalho.

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com o pesquisador: Marcio Favero Fiorin, telefone(s): (27) 997433598, e-mail: marciofaverofiorin2@gmail.com. Em caso de reclamação ou denúncia contatar a Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo campus Goiabeiras, contatos: telefone (27) 3145-9820; e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com. Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Eu, _____

concordo voluntariamente em participar do estudo: **Consequências do contato entre o vêneta e o português em Ibitiruí/ES: análise das realizações acústicas do fonema /R/ e arquifonema /R/** de Marcio Favero Fiorin. Declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Alfredo Chaves, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do participante)

O **pesquisador responsável declara** que esta pesquisa foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todos os procedimentos experimentais estão de acordo e obedecendo aos princípios éticos, conforme Resoluções nº 466/12 e 510/16 do CONSELHO

NACIONAL DE SAÚDE, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras para as pesquisas envolvendo seres humanos no país.

Alfredo Chaves, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do pesquisador responsável)

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO (TCLE) – MENORES DE 18 ANOS

O menor, sob responsabilidade do Sr^o ou Sr^a, está sendo convidado a participar de um estudo sobre o município de Alfredo Chaves, Espírito Santo, intitulado **Consequências do contato entre o vêneto e o português em Ibitiruí/ES: análise das realizações acústicas do fonema /R/ e arquifonema /R/**. O objetivo é analisar na fala dos participantes as ocorrências do fonema /r/ e arquifonema /R/ e descrever os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação desse fenômeno.

Os participantes serão submetidos a um questionário elaborado pelo próprio pesquisador, que irá levar em torno de sessenta (60) minutos. As perguntas versam questões históricas do local e cotidianas. As respostas serão registradas em um gravador. O áudio não será divulgado a fim de manter a confidencialidade do entrevistado, somente a transcrição, que será analisada.

Orientações básicas:

- a) A pesquisa não gerará gasto ao participante. Caso houver, o mesmo será ressarcido.
- b) Os dados coletados serão mantidos em sigilo (em todas as fases da pesquisa), sendo que o áudio não será divulgado e sim a transcrição. Os resultados encontrados serão utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa e/ou se, for o caso, artigos, capítulos de livro.
- c) Caso o participante sofra algum dano resultante de sua participação na pesquisa, conforme a Resolução nº.: 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, o mesmo terá resguardado o direito a assistência e a buscar indenização.

- d) **Os pais/responsáveis assinarão o termo de Consentimento (TCLE), autorizando a participação do menor. Por sua vez, os menores de idade assinarão o termo de Assentimento (TALE), garantindo que também estão cientes que participarão de um estudo e que receberam todas as informações necessárias, de acordo com a compreensão da faixa etária.**
- e) A participação é voluntária, sendo assim o/a senhor/a poderá desistir e/ou se retirar desta no momento que desejar

RISCOS: Todo o processo é voluntário, e o sigilo aquém da sessão é garantido e o anonimato mantido. Os riscos que a pesquisa apresenta é o constrangimento em responder alguma pergunta do questionário. Garante-se ao participante da pesquisa a possibilidade de recusar a responder qualquer uma das perguntas e/ou mesmo a possibilidade de desistir da participação em qualquer momento.

BENEFÍCIOS: Esperamos que os resultados obtidos possam ajudar na descrição das ocorrências do fonema /r/ e arquifonema /R/, a fim de reverter o declínio da língua vêneta e de seus traços no município de Alfredo Chaves/ES. E que possibilite organizar projetos de resgate da cultura dos antepassados, gerando impactos positivos no processo de realização desse trabalho.

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com o pesquisador: Marcio Favero Fiorin, telefone(s): (27) 997433598, e-mail: marciofaverofiorin2@gmail.com. Em caso de reclamação ou denúncia contatar a Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo campus Goiabeiras, contatos: telefone (27) 3145-9820; e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com. Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Eu, _____
autorizo a participação do menor voluntariamente no estudo intitulado: **Consequências do contato entre o vêneta e o português em Ibitiruí/ES: análise das realizações acústicas do fonema /R/ e arquifonema /R/** de Marcio Favero Fiorin. Declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Alfredo Chaves, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do responsável)

O **pesquisador responsável declara** que esta pesquisa foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todos os procedimentos experimentais estão de acordo e obedecendo aos princípios éticos, conforme Resoluções nº 466/12 e 510/16 do CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras para as pesquisas envolvendo seres humanos no país.

Alfredo Chaves, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do pesquisador responsável)

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) PARA MENORES DE 18 ANOS

Convidamos o menor para participar de um estudo sobre o município de Alfredo Chaves, Espírito Santo, intitulado **Consequências do contato entre o vêneto e o português em Ibitiruí/ES: análise das realizações acústicas do fonema /R/ e arquifonema /R/**. Informamos que o responsável está ciente do estudo e permitiu a participação. Concordando, o participante assinará este termo.

O objetivo é analisar na fala dos participantes as ocorrências do fonema /r/ e arquifonema /R/ e descrever os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação desse fenômeno. Os participantes serão submetidos a um questionário elaborado pelo próprio pesquisador, que será respondido em torno de sessenta (60) minutos. As perguntas versam questões históricas do

local e cotidianas. As respostas serão registradas em um gravador. O áudio não será divulgado a fim de manter a confidencialidade do entrevistado, somente a transcrição, que será analisada.

Orientações básicas:

- a) A Resolução nº 466/2012, item II – 23 e 24 dos Termos e Definições esclarece: criança, adolescente ou legalmente incapaz, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação. Tais participantes devem ser esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades.
- b) Os dados coletados serão mantidos em sigilo (em todas as fases da pesquisa), sendo que o áudio não será divulgado e sim a transcrição. Os resultados encontrados serão utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa e/ou se, for o caso, artigos, capítulos de livro.
- c) **Os pais/responsáveis assinarão o termo de Consentimento (TCLE), autorizando a participação do menor. Por sua vez, os menores de idade assinarão o termo de Assentimento (TALE), garantindo que também estão cientes que participarão de um estudo e que receberam todas as informações necessárias, de acordo com a compreensão da faixa etária.**
- d) O Termo de Assentimento deverá ser um novo documento e deve ser confeccionado separadamente do TCLE, de modo a apresentar o Estudo para os menores de idade, com informações em linguagem acessível e de acordo com as faixas etárias destas crianças/adolescentes.

RISCOS: Todo o processo é voluntário, e o sigilo aquém da sessão é garantido e o anonimato mantido. Os riscos que a pesquisa apresenta é o constrangimento em responder alguma pergunta do questionário. Garante-se ao participante da pesquisa a possibilidade de recusar a responder qualquer uma das perguntas e/ou mesmo a possibilidade de desistir da participação em qualquer momento.

BENEFÍCIOS: Esperamos que os resultados obtidos possam ajudar na descrição das ocorrências do fonema/r/ e arquifonema /R/, a fim de reverter o declínio da língua vêneta e de seus traços no município de Alfredo Chaves/ES. E que possibilite organizar projetos de resgate da cultura dos antepassados, gerando impactos positivos no processo de realização desse trabalho.

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com o pesquisador: Marcio Favero Fiorin, telefone(s): (27) 997433598, e-mail: marciofaverofiorin2@gmail.com. Em caso de reclamação ou denúncia contatar a Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo campus Goiabeiras, contatos: telefone (27) 3145-9820; e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com. Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Eu, _____,

aceito participar voluntariamente do estudo: **Consequências do contato entre o vêneto e o português em Ibitiruí/ES: análise das realizações acústicas do fonema /R/ e arquifonema /R/** de Marcio Favero Fiorin. Declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pelo Pesquisador Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Alfredo Chaves, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do participante)

O **pesquisador responsável declara** que esta pesquisa foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todos os procedimentos experimentais estão de acordo e obedecendo aos princípios éticos, conforme Resoluções nº 466/12 e 510/16 do CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras para as pesquisas envolvendo seres humanos no país.

Alfredo Chaves, _____ de _____ de _____.

(Assinatura do pesquisador responsável)

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA MAIORES DE 18 ANOS (FIORIN, 2019)

- 1) Qual seu nome e qual é sua idade?
- 2) Até que ano você estudou?
- 3) É casado(a)? Tem filhos? Quantos?
- 4) Há mais gente que mora na sua casa?
- 5) O que faz durante o dia? E à noite?
- 6) O que você cultiva? Tem alguma outra atividade econômica?
- 7) O que costuma fazer nas horas livres? E nos finais de semana?
- 8) Esta comunidade sempre teve este nome? Você sabe o porquê desse nome?
- 9) Você gosta de morar aqui? Por quê? Já pensou em sair daqui, em alguma época?
- 10) Como é a vida aqui? O que você acha que está faltando?
- 11) Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo? Gostaria de nos contar?
- 12) Você é descendente de italianos? Quem era italiano em sua família? Sabe de que região da Itália sua família veio?
- 13) Você sabe histórias de sua família na Itália? E da chegada ao Brasil?
- 14) Você sabe quando os seus familiares chegaram e como foi a viagem deles para cá?
- 15) Por que eles vieram para o Brasil?
- 16) Quando chegaram ao Brasil, vieram logo para cá? Quais foram as dificuldades que eles enfrentaram quando chegaram aqui?
- 17) Como era a região, quando eles chegaram? Havia muitas famílias?
- 18) Eles trabalhavam em quê?
- 19) O que eles costumavam fazer para se divertir?
- 20) Como era sua família? Havia muitas pessoas em casa? Eles conversavam na língua de imigração? Você lembra de alguma palavra dessa língua que eles usavam, de alguma história que eles contavam, de alguma canção?

- 21) Como eram os pais em relação à educação dos filhos? Eram severos, mandões, afetuosos? E em relação à convivência marido e mulher?
- 22) Qual era o papel da mulher na casa e na comunidade?
- 23) Como era a relação entre irmãos, parentes e vizinhos?
- 24) Como era a infância naquela época? E a sua infância, como foi? Há algumam brincadeira de criança que você lembre? Algo que o(a) tenha marcado, uma lembrança boa ou ruim?
- 25) Como era a relação da sua família com as pessoas nascidas aqui? E com os negros? Havia preconceito?
- 26) Como você vê os seus antepassados? Eles eram brigões, falantes, extrovertidos? Tem orgulho de ser descendente de imigrantes italianos?
- 27) A cultura italiana está presente na região onde você mora? E na linguagem? Você fala e/ou se lembra de algumas palavras italianas usadas pelos seus ascendentes?
- 28) Você pertence a qual religião? Como eram as celebrações, as missas ou festas?
- 29) E a alimentação, como era? Você tem costume de fazer ou comer alguma comida italiana? Qual prato italiano ainda se faz presente na sua casa?
- 30) Há alguém na comunidade que ainda fala a língua de imigração? Você entende?
- 31) Por que você acha que a língua deixou de ser falada pelos descendentes?
- 32) Havia alguém de sua família que falava com um sotaque mais carregado? Como as outras pessoas encaravam isso: havia preconceito? E você, como se comportava nessas situações?
- 33) Alguém da sua família fala o vêneto? Você gostaria de aprender?
- 34) Você ou alguém de sua família ainda tem contato com parentes na Itália?
- 35) Se pudesse, você iria viver na Itália? E passear? Ou conhecer o lugar de origem de seus ascendentes, você gostaria? Por quê?
- 36) Que sentimentos você tem em relação a ser de origem italiana? Já pensou em ter dupla cidadania?
- 37) Num jogo entre Brasil e Itália, para quem você torceria? E se o jogo fosse entre Itália e outro país?
- 38) Há alguma coisa, fato, caso ou história que você gostaria de acrescentar?

- 1) Qual seu nome e qual é sua idade?
- 2) Você estuda? Faz que ano?
- 3) Qual é a disciplina de que mais gosta?
- 4) Além da língua portuguesa, estuda alguma outra língua?
- 5) Se tivesse oportunidade de estudar outra língua, qual você escolheria?
- 6) O que você costuma fazer durante o dia? E à noite?
- 7) Pratica algum esporte?
- 8) Você tem irmãos? Quantos?
- 9) Vocês costumam brigar? Se sim, por qual motivo?
- 10) De que você costuma brincar?
- 11) E nos finais de semana, o que você faz?
- 12) Você tem muitos tios? Lembra de alguma história contada pelos vovôs?
- 13) Como são seus pais em relação à sua educação? São bravos ou procuram sempre dialogar?
- 14) Há alguma coisa que você fez que os deixou bravos? Se sim, gostaria de contar?

ANEXO C - ENTREVISTAS

Entrevista 1: AB, M, 24, Ensino Superior

Entrevistador: Boa tarde, qual é o seu nome?

Entrevistado: Boa ta[r]de, eu sou A. M. e tenho 24 anos.

Entrevistador: Você é de onde?

Entrevistado: Nasci em Vila Doze, no sul da [r]egião do Vêneto, p[h]ovíncia de [r]ovigo. Meu pai é de [r]ovigo e minha mãe é de Beluno, no no[r]te do Vêneto, na f[r]onteir[a] com a Áust[r]ia, em uma aldeia chamada [r]osa de Cando[r]a. Nos últimos quat[r]o anos, mo[r]ei na montanha.

Entrevistador: Você poderia contar um pouco sobre a história da Itália e da sua região de origem?

Entrevistado: Cla[r]o. A [r]egião do Vêneto foi uma das últimas a se[r] anexada à Itália, du[r]ante as Gue[h][h]as de Independência. A última foi o Souti[r]ol, onde ainda se fala alemão, e T[r]ieste, que fazia f[r]onteir[a] com a antiga Iugoslávia. Como fomos anexados mais ta[r]de, o dialeto pe[r]maneceu muito fo[r]te. A língua italiana foi p[r]omovida como identidade nacional, mas cada [r]egião fala com seu sotaque. No Vêneto, ce[r]ca de 3,5 milhões de pessoas ainda falam ou comp[r]eendem o dialeto. É uma [r]egião histo[r]icamente ma[r]cada pela imig[r]ação, especialmente pa[r]a o B[r]asil e A[r]gentina.

Entrevistador: A língua italiana é falada normalmente por todos?

Entrevistado: Nem todos falam co[r]retamente o italiano. Po[r] exemplo, meus avós não falam italiano pu[r]o, usam uma mistu[r]a com dialeto. Meus pais falam um italiano com fo[r]te influência dialetal. Os nomes de plantas, peixes, utensílios, ainda são muito ditos em dialeto, especialmente ent[h]e os mais velhos.

Entrevistador: Quais são as principais diferenças entre o italiano e o dialeto vênето?

Entrevistado: O dialeto é bem dife[r]ente. Po[r] exemplo, a palav[r]a “anda[r]” vi[r]a “nda[r]” no dialeto — co[r]tamos vogais. A p[r]onúncia também va[r]ia muito: em algumas cidades dizem “bosco” com o “o” abe[r]to, em out[r]as com “o” fechado. A comp[r]eensão ent[r]e dialetos p[r]óximos pode se[r] difícil: o dialeto do meu pai é bem dife[r]ente do da minha mãe, mesmo com apenas 150 km ent[r]e as cidades.

Entrevistador: Há registro escrito do dialeto vênето?

Entrevistado: Há tentativas. O ladino, po[r] exemplo, falado na montanha, já é ensinado em escolas, com vocabulá[r]io e g[r]amática definidos. O vênето ainda é mais o[r]al. Há iniciativas de teat[r]o em dialeto, como o g[r]upo “Tanto Pa[r]i da [r]eixó”. Mas há dificuldades em pad[r]oniza[r]: o dialeto de Veneza é dife[r]ente do de [r]ovigo ou Beluno.

Entrevistador: O italiano oficial tem origem no Vêneto?

Entrevistado: Não. O italiano pad[r]ão tem o[r]igem no dialeto flo[r]entino, de Dante Alighie[r]i. O Vêneto não influencia di[r]etamente o italiano pad[r]ão.

Entrevistador: O que você mais gosta na Itália?

Entrevistado: A diversidade cultural. Em poucos quilômetros você encontra variações culinárias, linguísticas, culturais. Amo a comida, os dialetos e o valor identitário que carregam. A palavra “eschei” (dinheiro), por exemplo, vem do alemão, usada na época do Império Austro-Húngaro.

Entrevistador: Como é o sentimento atual em relação à preservação do dialeto?

Entrevistado: Está crescendo. No passado, falar dialeto era visto como sinal de ignorância. Muitos jovens, como meus primos, não falam mais. Mas há um movimento para resgatar. Em 2017, houve um referendo no Vêneto pela autonomia regional. 98% votaram a favor. O dialeto é um símbolo dessa identidade.

Entrevistador: E a religião na Itália?

Entrevistado: No norte, a religião é mais cultural do que prática. A maioria é batizada, mas não frequenta a igreja. No sul é diferente, mais tradicional. Igrejas no norte estão se esvaziando, muitas missas foram reduzidas. Os jovens veem a religião mais como tradição do que fé.

Entrevistador: E quanto à sua experiência em outros países?

Entrevistado: Já morei na Argentina, Uruguai, Portugal e Brasil. Atualmente estudo na Universidade de Padova e estou em intercâmbio no Brasil. Achei curioso que aqui algumas pessoas falam um dialeto muito influenciado pelo português. Na Argentina, o lunfardo tem muitas palavras do italiano, como “bija” (ceveja) e “laburo” (trabalho).

Entrevistador: Você notou diferenças no /r/ do português e do italiano?

Entrevistado: Sim. O /r/ do português brasileiro, como em “caro”, é muito difícil para mim. No Vêneto, algumas regiões como Marghera têm um /r/ bem forte e característico. Já no Brasil, o som é mais suave.

Entrevistador: Na Itália, há políticas linguísticas de preservação linguística?

Entrevistado: Poucas. Há atividades cultu[r]ais, como teat[r]os e dicioná[r]ios locais. Na montanha, há cu[r]sos de ladino nas escolas. No entanto, a falta de pad[r]onização dificulta políticas mais amplas. A esc[r]rita do dialeto, po[r] exemplo, tem muitas va[r]iantes. Há dicioná[r]ios só do dialeto pa[r]a o italiano, não o cont[r]á[r]io.

Entrevistador: O sentimento de identidade regional é forte?

Entrevistado: Muito. O Vêneto é compa[r]ado à Catalunha da Itália. Existe uma fo[r]te identidade [r]egional, desejo de autonomia, não de independência. A gestão [r]egional é mais valo[r]izada que a nacional. O atual gove[r]nado[r], Luca Zaia, é popula[r] e p[ro]move essa identidade, apesa[r] das dive[r]gências ideológicas.

Entrevistador: E quanto ao uso do dialeto em casa?

Entrevistado: Eu sou o único neto que fala com minha avó apenas em dialeto. Meus p[ri]mos só falam italiano. Muitos acham que quem fala dialeto é igno[r]ante, o que é um e[r]ro. P[re]cisamos valo[r]iza[r] essa dive[r]sidade.

Entrevistador: O povo italiano é nacionalista?

Entrevistado: Existe um ce[r]to nacionalismo, mas não do tipo milita[r]ista. As pessoas têm o[r]gulho da cultu[r]a, da culiná[r]ia, da a[r]te. Mas dent[r]o do nacionalismo, o [r]egionalismo é mais fo[r]te. Um vêneto se identifica p[ro]jimeir[o] como vêneto, depois como italiano.

Entrevistador: E sobre a agricultura?

Entrevistado: Va[r]ia po[r] [r]egião. No Vêneto há muita p[ro]dução de vinho, f[r]utas, queijos, embutidos. A base econômica atual é mais o tu[r]ismo e a gast[r]onomia. Em [r]egiões como [r]ovigo, ainda há fo[r]te p[ro]dução ag[r]ícola.

Entrevistador: Você visitou Alfredo Chaves? Viu alguma semelhança com o Vêneto?

Entrevistado: Sim. O acolhimento, o hábito de [r]euni[r] pa[r]a café ou almoço no domingo, a polenta, o salame, tudo lemb[r]a muito o Vêneto. Até a sob[r]imesa... “Cavaco” pa[r]ece com uma [r]eceita do ca[r]naval italiano chamada “budia”.

Entrevistador: Você poderia finalizar com uma frase em dialeto vêneto?

Entrevistado: Cla[r]o. Uma ma[h]ca do dialeto é a p[h]onúncia do “L”, como em “cavàLo”. Quem não é do Vêneto não consegue faze[r]. É um som identitá[r]io. E isso most[r]a como o dialeto é pa[r]te viva da nossa identidade.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistado: Foi um p[r]aze[r]. Quando quise[r], estou à disposição!

Entrevista 2: AG, F, 55, Ensino Fundamental II

Entrevistador: Você autoriza a gravação?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Qual é o seu nome e idade?

Entrevistada: A. M. F. de F., tenho 55 anos.

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistada: Estudei até o sexto ano do ensino fundamental, na época do ginásio.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Entrevistada: Sim, tenho dois filhos, um casal.

Entrevistador: Há mais gente que mora na sua casa?

Entrevistada: Mo[r]o só com meu ma[r]ido.

Entrevistador: O que você faz durante o dia e à noite?

Entrevistada: Faço os se[h]viços da casa, às vezes bo[h]do, faço c[r]ochê, conse[h]to [h]oupas...

Entrevistador: Qual sua atividade econômica?

Entrevistada: Sou dona de casa. Não tenho out[r]a [h]enda.

Entrevistador: O que costuma fazer no fim de semana?

Entrevistada: Vou à ig[r]eja no domingo, que é o ponto p[r]incipal. Quando dá, saímos pa[r]a visita[x] pa[r]rentes ou alguém doente.

Entrevistador: A sua comunidade sempre teve esse nome, Ibitiruí?

Entrevistada: Não. Já foi Engano.

Entrevistador: Você sabe contar um pouquinho da história?

Entrevistada: Um pouco. O nome Engano veio de um e[x]o na linha do t[r]em. Não e[r]a pa[r]a passa[h] po[h] aqui. O nome veio desse engano na const[r]ução. Pelo que sei, foi isso.

Entrevistador: E Ibitiruí, você sabe o significado do nome?

Entrevistada: Ouvei dize[h] que é um nome indígena, mas o significado exato eu não sei.

Entrevistador: Você gosta de morar aqui?

Entrevistada: Gosto.

Entrevistador: Já pensou em sair daqui?

Entrevistada: Não. Gosto daqui!

Entrevistador: Como é a vida aqui?

Entrevistada: T[r]anquila. Pouca agitação, pouco ba[h]ulho. É bom mo[x]a[h] aqui.

Entrevistador: Está faltando algo na comunidade?

Entrevistada: Acho que falta união ent[r]e as famílias, especialmente pa[r]a [h]esolve[h] questões como água e esgoto. Falta aco[h]do. Cada um pensa dife[r]ente, e isso ge[r]a desavença.

Entrevistador: Você é descendente de italianos?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: De qual lado da família?

Entrevistada: Dos dois lados. Meu pai é da família Fave[r]o, minha mãe é da família Pontini.

Entrevistador: Você sabe quem veio da Itália?

Entrevistada: Do lado pate[h]no, o bisavô [r]ogé[r]io. Do lado mate[h]no, minha avó mate[h]na.

Entrevistador: Qual era o nome da sua avó materna?

Entrevistada: A conhecíamos como E[h]melinda, mas em [h]egist[r]os apa[r]ece como Do[h]velina. Ac[r]redito que houve e[x]o de ca[h]t[ó]rio. O mesmo aconteceu com meu avô pate[h]no. Achávamos que se chamava Vi[h]gílio, mas há [h]egist[r]os com out[r]o nome.

Entrevistador: Você conheceu sua avó materna?

Entrevistada: Sim. Ela faleceu há uns oito ou nove anos. Ela e a família vie[r]am de Campinho, Iconha. E[x]am muito pob[r]es, passavam necessidades. Minha mãe contava que dividiam um ovo pa[r]a oito pessoas. T[r]abalha[r]am na [h]oça, fize[r]am fa[r]inha. Minha avó ficou viúva com filhos pequenos. Da amizade com a família do meu pai, nasceu o namo[r]o e o casamento, que du[r]ou 57 anos.

Entrevistado: E como foi a sua infância?

Entrevistada: Boa, apesa[h] das dificuldades. Quase mo[x]i quando nasci, e[r]a f[r]ágil. Aos dois anos, fiquei muito doente, e meu pai me levou a pé até Va[h]gem Alta. Na infância, b[r]incávamos muito, mas tínhamos [h]esponsabilidades: enche[h] o fogão de lenha, debulha[Ø] milho, ajuda[Ø] na c[r]iação dos po[h]cos. B[r]incávamos de pique, ca[r]inho de madei[r]a, boneca de pano, joga[h] bola... e de “ace[h]ta[h] mo[h]cego” nos túneis da linha. E[r]a dive[h]tido.

Entrevistador: E os vizinhos?

Entrevistada: Tínhamos poucos, mas convivíamos bem. B[r]incávamos com os p[r]imos e vizinhos. Tínhamos muito [h]espeito pelos pais. Só comíamos depois que o pai chegava. [h]ezávamos o te[h]ço todos os dias de joelhos.

Entrevistador: Seus pais falavam italiano?

Entrevistada: Pouco. Algumas palav[r]as. Eu não ap[r]endi, mas gosta[r]ia.

Entrevistador: Você acha que a cultura italiana está se perdendo?

Entrevistada: Está se pe[x]dendo muito. As festas, a fé, a união das famílias. Aqui em Ibiti[r]uí não temos mais festas italianas, mesmo sendo uma comunidade majo[r]itariamente italiana.

Entrevistador: Como era a vivência religiosa?

Entrevistada: Semp[r]e muito intensa. Desde nova, pa[h]ticipei da ig[r]eja, fui catequista aos 13 anos. Pa[h]ticipei da t[r]ansição do culto e da caminhada da

ig[r]reja. Minha mãe contava das missas em latim e da devoção ao Sag[r]ado Co[r]ação de Jesus. Meu avô foi o p[r]imeiro minist[r]o da Euca[r]istia da comunidade.

Entrevistador: Alguma história marcante da família?

Entrevistada: Muitas. Meus avós e[r]am muito [h]espeitosos. Ele comia p[r]imeiro, depois os filhos, depois os netos. A avó fazia caldo de galinha (“b[r]odo”) com fa[r]inha. Gua[h]damos t[r]adições como usa[h] avental, [h]oupas simples, acolhe[h] as visitas com fa[h]tu[r]a. Ela semp[r]e dizia: “Nunca faça comida na medida. Pode chega[Ø] alguém p[r]ecisando.”

Entrevistador: Você já foi à Itália?

Entrevistada: Sim. Fui num passeio e cheguei ao po[h]to de onde os italianos emba[h]ca[r]am pa[r]a o B[r]asil. Foi emocionante. Gosta[r]ia de volta[h]. A cultu[r]a de lá também está se pe[h]dendo, segundo um italiano que conheci na UFES. Mas lá, como aqui, eles ainda valo[r]izam a comida, a [h]eligião e a família.

Entrevistador: Qual sua comida italiana preferida?

Entrevistada: Gosto de polenta, galinha caipi[r]a, linguiça, cavaco, pão, maca[x]ão casei[r]o... Essas comidas continuam muito p[r]esentes.

Entrevistador: E as características do italiano?

Entrevistada: Falam alto, são aleg[r]es, pe[h]seve[r]antes, acolhedo[r]es, têm fé, são t[r]alhado[r]es. Apesa[h] de se[r]em às vezes “pão-du[r]os”, ab[r]em a casa pa[r]a os out[h]os.

Entrevistador: E num jogo entre Brasil e Itália, torceria para quem?

Entrevistada: To[h]ço pa[r]a o B[r]asil, po[h]que mo[r]o aqui. Mas se o B[r]asil sai[h] e a Itália continua[h], to[h]ço pela Itália também.

Entrevistador: Algum fato histórico na comunidade que te marcou?

Entrevistada: O acidente com a Camila e a Helena. A comunidade intei[r]a se uniu em o[r]ação. Foi um milag[r]e. A ig[r]reja ficou cheia, até com pessoas de out[r]as [h]eligiões. Foi um momento ma[x]cante de fé.

Entrevistador: Tem algo mais da sua infância ou da família que queira compartilhar?

Entrevistada: As visitas à casa dos avós e[r]am ma[h]cantes. A mesa e[r]a só pa[r]a adultos. As c[r]ianças comiam no chão. Lemb[r]o dos tanques de lava[h] [h]oupa, da “b[r]oa”, das b[h]incadei[r]as, das moedas que o vovô dava... São lemb[r]anças muito que[r]idas. Ap[r]endi com minha avó a impo[h]tância de semp[r]e te[h] comida p[r]onta pa[r]a acolhe[r] quem p[r]ecisa[h].

Entrevistador: Você ouviu seus avós falando italiano?

Entrevistada: Sim, quando não que[r]iam que a gente entendesse, falavam em italiano. Mas eu não lemb[r]o de nenhuma palav[r]a específica.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: Eu que ag[r]adeço. Espe[r]o te[h] ajudado!

Entrevista 3: AN, M, 87, Ensino Fundamental I

Entrevistador: Qual o seu nome e idade?

Entrevistado: A.B. Tenho 87 anos. Nasci no dia 4 de novemb[r]o de 1935.

Entrevistador: Até que ano o Senhor estudou?

Entrevistado: Estudei pouco. Naquele tempo a gente estudava um pouco, mas logo p[r]ecisava ajuda[x] na [r]oça. Acho que fui até a segunda sé[r]ie. O que ap[r]endi mesmo foi depois de sai[r] da escola.

Entrevistador: O Senhor é casado? Tem filhos?

Entrevistado: Sim, sou casado. Tenho quat[r]o filhos. Casei com uns 25 anos. Já estamos casados há mais de 50 anos.

Entrevistador: O que o Senhor faz durante o dia?

Entrevistado: Faço um pouco de tudo. Ajudo minha mulhe[r], t[r]abalho na ho[r]ta, faço penei[r]a de café e feijão, mas com essa idade já está difícil. A vista não ajuda mais.

Entrevistador: Essa comunidade sempre teve o nome de Ibitiruí?

Entrevistado: Não. Antes se chamava Engano. Quando const[r]uí[r]am a est[r]ada de fe[r]o, a linha não passa[r]ia po[r] aqui, mas depois muda[r]am o t[r]açado. Po[r] isso bota[r]am o nome de Engano. Quem mudou pa[r]a Ibiti[r]uí foi o Antônio Máscoli, que e[r]a ve[r]eado[r]. Não sei o que significa esse nome.

Entrevistador: O Senhor gosta de morar aqui?

Entrevistado: Gosto muito. Nunca pensei em sai[r] daqui. Só fiquei um tempo fo[r]a quando se[h]vi o Exé[r]cito em Vila Velha, em 1955. Passei um ano lá. Depois voltei pa[r]a casa po[r]que meu pai já e[r]a velho. Ele mo[r]eu em 1958.

Entrevistador: O Senhor é descendente de italianos?

Entrevistado: Sim. Meu pai e[r]a italiano. Nasci aqui, então sou b[r]asilei[r]o, mas de o[r]igem italiana. Meu pai veio pequeno com minha avó Matéia Cip[r]iana. Meu tio João também veio. A família Bo[r]toluzzi e[r]a unida com a dos Of[r]ante. Tenho um liv[r]o com o [r]egist[r]o de todos os italianos.

Entrevistador: Como foi a chegada deles aqui?

Entrevistado: Chega[r]am e se instala[r]am onde mo[r]a o João Lúcio da Zi[r]a. Monta[r]am um paiol pe[h]to de uma cachoei[r]a. Dava pa[r]a ve[r] até as enxadas pendu[r]adas. Depois fize[r]am uma casa de madei[r]a, sob[r]ado. Quase todas as casas e[r]am assim. Com o tempo, fomos saindo dali, casando e indo pa[r]a out[r]os luga[r]es.

Entrevistador: Como era a vida naquela época?

Entrevistado: E[r]a difícil. Não tinha est[r]ada. Tudo e[r]a t[r]anspo[r]tado nas costas ou em animal. As comp[r]as e[r]am feitas em Matilde. Saía a pé de mad[r]ugada. Já fui com meu tio até Alf[r]edo Chaves a pé. Do[x]míamos pelo caminho e voltávamos no dia seguinte.

Entrevistador: Como foi a sua infância?

Entrevistado: T[r]abalhosa. Desde cedo na [r]oça, tudo na enxada. B[r]incávamos de esconde-esconde, cantávamos [r]eis. E[r]a dive[h]tido, mas não e[r]a fácil.

Entrevistador: Como era sua família?

Entrevistado: Boa [x]relação com meus pais e i[r]mãos. Mo[r]ávamos todos juntos até casa[r]. A convivência com os vizinhos também e[r]a boa.

Entrevistador: Seus pais falavam italiano?

Entrevistado: Sim. Usavam palav[r]as como “la vaca”, “vedel”. Uma c[r]iança bonita e[r]a “bel boccio”. Ap[r]endi escutando. Fe[r]amentas e[r]am “la[r]onca”, “esca[r]pelho”, “ma[r]eta”. Moinho e[r]a “molinho”. Mas fomos falando po[x]tuguês com o tempo.

Entrevistador: E seus irmãos, também, falavam?

Entrevistado: Alguns falavam. Mas com o tempo todos passamos a fala[r] mais po[x]tuguês. Meus filhos já não falam italiano.

Entrevistador: O Senhor é católico?

Entrevistado: Sim. Faço pa[r]te do g[r]upo do te[r]ço. Missas antigamente e[r]am em latim. Não me lemb[r]o bem se e[r]am em italiano.

Entrevistador: E a alimentação?

Entrevistado: Semp[r]e teve influência italiana: polenta, queijo, leite, cavaco, galinha, “fazoio” (feijão). Comidas típicas, feitas em casa.

Entrevistador: O Senhor lembra do acidente do trem que aconteceu aqui em Ibitiruí?

Entrevistado: Sim. E[r]a tempo da Ma[r]ia Fumaça. A máquina pe[r]deu o f[r]eio, caiu numa cu[r]va. Um pad[r]e estava no t[r]em e desceu antes. Dizem que falou: “O aza[r] vai com vocês”. O t[r]em caiu mesmo. Um [x]apaz se jogou antes e sob[r]eviveu. Teve até [r]ubo do cof[r]e. Foi g[r]ave.

Entrevistador: O Senhor gostaria de visitar a Itália?

Entrevistado: Gosta[r]ia de conhece[r] onde meu pai nasceu. E[r]a de Belluno, no no[r]te da Itália. Mas não entende[r]ia nada do que falam lá. Já conheci italianos que mo[r]a[r]am em Vitó[r]ia. Tenho um liv[r]o que most[r]a os t[r]ajes, sob[r]enomes...

Entrevistador: O Senhor ensinou italiano para os filhos?

Entrevistado: Não. Não falava com eles em italiano. Infelizmente.

Entrevistador: Como eram as roupas antigamente?

Entrevistado: Usávamos calças com suspensó[r]io, [r]oupas simples.

Entrevistador: E num jogo Basil x Itália, torceria para quem?

Entrevistado: Não sou muito de jogo. Mas to[r]ce[r]ia pa[r]a o empate.

Entrevistador: Tem alguma lembrança marcante da infância?

Entrevistado: Estudei pouco, t[r]abalhei na [r]oça. Plantava milho, feijão, cuidava do café. T[r]abalhei na fe[r]rovia também: t[r]ocando do[r]mentes, limpando. Foi antes e depois de se[r]vi[h] Exé[x]cito. Fui soldado po[r]que quis sai[h] um pouco da [r]oça. T[r]abalhei como o[r]denança na casa do major[h]. Cuidava da casa, do quintal, fazia comp[r]as, limpava tudo, p[r]epa[r]ava visitas impo[x]tantes.

Entrevistador: O senhor pensa em morar fora de Ibitiruí?

Entrevistado: Nunca pensei em sai[x]. Visito minha filha em Gua[r]apa[r]ji, mas gosto mesmo é daqui. Aqui é mais t[r]anquilo. Antes e[r]a difícil, mas hoje temos est[r]ada, t[r]anspo[x]te. A vida melho[r]ou muito.

Entrevistador: Está faltando algo na comunidade?

Entrevistado: Hoje não falta tanto. Antes não tinha nada. Ago[r]a temos est[r]ada, t[r]anspo[x]te. Melho[r]ou bastante.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistado: Eu que ag[r]adeço.

Entrevista 4: AT, F, 55, Fundamental I**Entrevistador: Qual o seu nome e sua idade?**

Entrevistada: A. M. F, 55 anos.

Entrevistado: Até que ano a senho[r]a estudou?

Entrevistada: Qua[h]to ano p[r]imá[r]io.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Entrevistada: Sim, sou casada com Antônio F[r]ancisco Fio[r]in. Tenho dois filhos, Fábio e Flávio.

Entrevistador: Mais alguém mora com a senhora?

Entrevistada: Atualmente, só eu e meu esposo.

Entrevistador: O que faz durante o dia?

Entrevistada: T[r]abalho na [x]oça, cuidado da casa, mexo com gado... Faço o se[h]viço ge[r]al: casa, cozinha, tudo.

Entrevistador: E à noite, costuma fazer alguma coisa?

Entrevistada: À noite descanso, assisto um pouco de televisão e descanso.

Entrevistador: O que vocês cultivam? Tem alguma outra atividade econômica além da lavoura?

Entrevistada: Plantamos café, banana... É disso que a gente vive. Eu também faço meus c[r]ochês, meus “skatezinhos”.

Entrevistador: E nas horas livres ou finais de semana, o que costuma fazer?

Entrevistada: Vou na comunidade, visito alguém. Mas na maio[r]ia das vezes fico em casa mesmo.

Entrevistador: A comunidade sempre teve esse nome, Santa Maria?

Entrevistada: Ac[r]redito que sim. Desde que vim mo[r]a[x] aqui, já e[r]a esse nome.

Entrevistador: Sabe por que recebeu esse nome?

Entrevistada: Acho que foi po[Ø] causa da linha de fe[x]o, um acidente, algum dano que teve... alguma coisa assim. Mas não sei di[r]jeito, não.

Entrevistador: Gosta de morar aqui?

Entrevistada: Gosto, sim. É um luga[h] muito t[r]anquilo.

Entrevistador: Já pensou em sair daqui? Como é viver aqui?

Entrevistada: Não, nunca pensei em sai[h]. Aqui é t[r]anquilo. Mas falta est[r]ada, às vezes ficam abandonadas. A saúde também é f[r]aca. Quando p[r]ecisa de médico, a gente tem que i[h] longe. Essas dificuldades da [x]oça pode[r]iam melho[x]a[h]... Mas, apesa[Ø] disso, a gente vai vivendo. A gente acostuma, né?!

Entrevistador: Já passou por alguma situação de medo? Algum acidente ou situação de pânico?

Entrevistada: Não me lemb[r]o de nada assim, não.

Entrevistador: A senhora é descendente de italianos?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Quem na sua família era italiano?

Entrevistada: Meus avós, acho que já vie[r]am da Itália. Já vem de longe...

Entrevistador: Sabe de que região da Itália vieram?

Entrevistada: Não, não sei.

Entrevistador: Conhece a história da sua família?

Entrevistada: Também não.

Entrevistador: Seus pais contavam alguma coisa?

Entrevistada: Só lemb[r]o de um quad[r]o, mas não e[r]a p[r]a faze[h]... Sei que eles vie[r]am, desb[r]ava[r]am a mata e fica[r]am po[Ø] aqui.

Entrevistador: Você gostaria de ter ouvido mais sobre essa história?

Entrevistada: Sim, gosta[r]ia de sabe[h] mais sob[r]e a família. Conheço até meu avô, mas daí p[r]a f[r]rente a gente não sabe muita coisa.

Entrevistador: Como era sua infância?

Entrevistada: Eu mo[r]ava em São [x]oque de Ma[r]vilha. Meus pais tive[r]am oito filhos. A gente estudava pouco po[h]que tinha que t[r]abalha[h] na [x]oça. Às vezes, saía da escola e ia leva[h] almoço p[r]o papai longe, tudo a pé, tudo distante. Mas eu gostava. B[r]incava muito com os vizinhos, foi uma infância muito boa.

Entrevistador: A convivência com os vizinhos era boa?

Entrevistada: Sim, g[r]aças a Deus. Ainda hoje é t[r]anquila.

Entrevistador: Tem alguma lembrança marcante da infância?

Entrevistada: As b[r]incadei[r]as. A gente b[r]incava até ta[h]de, tomava banho e b[r]incava de queimada, jogava bola, jantava cedo... Na época não tinha luz. E[r]a uma infância boa.

Entrevistador: Não tinha televisão naquela época, né?

Entrevistada: Não. Depois, com o tempo, a gente ia ve[h] os p[r]og[r]amas na casa do vizinho. Mais ta[h]de, comp[r]amos uma televisão com ene[h]gia de moinho d'água. Mas quando chovia, enchia de a[r]eia e pa[r]ava.

Entrevistador: Vocês ouviam rádio?

Entrevistada: Sim. Lemb[r]o do Zé Bento, Jai[h] Ma[r]ia... Ouvia bastante música no [x]ádio.

Entrevistador: Você conheceu seus avós ou bisavós?

Entrevistada: Conheci só minha avó. Ela e[r]a nova, mo[r]ou um tempo com a gente. Meus pais também, lemb[r]o deles com ca[r]inho.

Entrevistador: A cultura italiana ainda está presente na vida das pessoas? Como nas comidas, nos jogos...

Entrevistada: Acho que hoje em dia já se pe[h]deu um pouco. Quando eu e[r]a nova, papai e mamãe conve[h]savam em italiano ent[r]e eles.

Entrevistador: E a senhora sabia falar alguma coisa?

Entrevistada: Sabia, o italiano deles, né?! Não aquele italiano ce[x]tinho. Quando os tios vinham, conve[h]savam tudo em italiano. Papai ainda sabia bem. Mamãe também.

Entrevistador: Comidas como polenta, macarrão... E o jogo de mora... Ainda tem?

Entrevistada: Sim, ainda tem. A mo[r]a também tem po[Ø] aí.

Entrevistador: Qual a sua religião? Pode falar um pouquinho sobre ela?

Entrevistada: Católica. Pa[h]ticipei muito de g[r]upos de o[r]ação, hoje em dia já vou de vez em quando e deixo espaço p[r]os out[r]os. Mas gosto muito da [x]eligião católica.

Entrevistador: E como é a alimentação da comunidade, de modo geral?

Entrevistada: A base é a[x]oz, feijão, ca[h]ne... Um sopadinho. Se não tem maca[r]ão, faz só a[x]oz mesmo. No domingo a gente faz uma coisa melho[h]. Mas no dia a dia é salada, a[x]oz, feijão, ca[h]ne... E ma[x]mita.

Entrevistador: Além dos seus pais, mais alguém da família falava italiano?

Entrevistada: Sim, meus tios.

Entrevistador: E hoje, a senhora ainda entende alguma coisa?

Entrevistada: Se eu escuto, até entendo. Mas p[r]a fala[h]... já não sei mais muito. Tem palav[r]as que eu ainda sei. Tipo “bomassei[r]a”, “bananote”, “fazói”, que é feijão... algumas coisinhas.

Entrevistador: Acha que, se a cultura italiana tivesse sido mais valorizada, a língua teria sido preservada?

Entrevistada: Acho que sim. Mas foi se mistu[r]ando, né? No começo e[r]a só os “Taliens”, os italianos mesmo. Depois foi mistu[r]ando com out[r]as famílias... e vai se pe[h]dendo. Meu filho, po[r] exemplo, já não sabe nada. Se eu tivesse continuado a fala[r] italiano com eles, talvez. Com os netos então, menos ainda.

Entrevistador: A tendência é a língua se perder mesmo, né?

Entrevistada: Com ce[h]teza. Vai mistu[r]ando, as famílias mudam, os filhos não ap[r]endem... Vai ficando no passado.

Entrevistador: Por que a senhora acha que a língua italiana deixou de ser falada?

Entrevistada: Acho que tem um pouco de p[r]econceito. As pessoas achavam que falavam e[x]ado, que e[r]a coisa de gente do mato, meio [h]ude. Então, po[x] isso, muitos deixa[r]am de fala[h]. Os mais novos fo[r]am c[r]escendo e pa[r]ando de usa[h].

Entrevistador: É triste isso, porque se perde a cultura dos antepassados. Não é mesmo?

Entrevistada: Pois é. Mas foi o que aconteceu.

Entrevistador: Alguém da sua família ainda tem um sotaque carregado?

Entrevistada: Os i[h]mãos são todos mais ou menos iguais. Mas tem alguns p[r]imos que falam com mais sotaque, po[h]que convive[r]am mais com os avós.

Entrevistador: Tem algum contato com parentes na Itália?

Entrevistada: Não. Não tenho contato nenhum.

Entrevistador: Mas se pudesse visitar a Itália, você iria?

Entrevistada: Talvez sim, se tivesse a opo[h]tunidade.

Entrevistador: Que sentimento a senhora tem por ser descendente de italianos?

Entrevistada: Me sinto feliz. São pessoas t[r]abalhado[r]as, co[x]jetas, enf[r]entam os desafios. Não [h]eclamam das dificuldades. Me sinto bem. Gosta[r]ia de te[h] passado mais dessa cultu[r]a p[r]os meus filhos e netos. Quem sabe no futu[r]o eles estudem, ap[r]endam o italiano...

Entrevistador: Em um jogo Brasil e Itália, torceria para quem?

Entrevistada: Depende do momento. Antigamente, eu to[h]cia muito p[r]o B[r]asil. Hoje em dia já não sei... O B[r]asil anda meio salto alto. Mas acho que ainda to[h]ço p[r]o B[r]asil.

Entrevistador: Gostaria de acrescentar alguma história, algum fato da família?

Entrevistada: Não... assim de [h]epente, é difícil lemb[r]a[h]. Às vezes, depois vem na cabeça...

Entrevistador: Tudo bem. Agradeço muito pela entrevista.

Entrevistada: Espe[r]o que tenha conseguido ap[r]oveita[h] alguma coisa.

Entrevista 5: AS, F, 66, Ensino Superior

Entrevistador: Você me autoriza a gravar?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Seu nome e sua idade?

Entrevistada: A. B. B, 66 anos.

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistada: Tenho o segundo g[r]au completo, magisté[r]io.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Entrevistada: Sim, tenho filho.

Entrevistador: Há mais gente que mora na sua casa?

Entrevistada: No momento, só eu. Meu esposo e meu filho não se encont[r]am aqui.

Entrevistador: O que você faz durante o dia e à noite?

Entrevistada: Pela manhã caminho ce[h]ca de seis quilômet[r]os. Depois cuido dos afaze[r]es de casa, vou à cidade, cuido de uma ig[x]eja. À noite [h]ezo, olho o celula[h] e fico em casa.

Entrevistador: Qual atividade econômica você exerceu?

Entrevistada: Fui p[r]ofesso[r]a.

Entrevistador: Pode contar um pouco sobre sua trajetória como professora?

Entrevistada: Fui muito bem [h]ecebida po[h] onde passei. Tive apoio dos pais e alunos. A escola e[r]a multisse[r]viada, eu dava aula sozinha pa[r]a quat[r]o ou cinco tu[h]mas, fazia a me[r]enda, cuidava da escola e ensinava. Mas ga[r]anto que nenhum aluno saiu sem se[h] alfabetizado e sabendo as quat[r]o ope[r]ações.

Entrevistador: O que você costuma fazer nas horas livres e nos fins de semana?

Entrevistada: Leio, conve[h]so com vizinhos, faço bo[h]dados. Nos fins de semana, se houve[h] festas [h]eligiosas, pa[h]ticipo.

Entrevistador: Essa comunidade sempre teve o nome Ibitiruí?

Entrevistada: Não, antes se chamava Engano. O nome foi alte[r]ado po[h] um agente da estação, Miguel Antônio Máscoli, que p[r]opôs o nome Ibiti[r]uí, que significa “se[x]as altas e frias”. Em 1967 to[h]nou-se distrito com esse nome.

Entrevistador: Por que o nome Engano?

Entrevistada: Quando const[r]uí[r]am a Est[r]ada de Fe[x]o, houve um e[x]o na const[r]ução. Po[Ø] isso chama[r]am a estação de Engano.

Entrevistador: Você gosta de morar aqui?

Entrevistada: Ado[r]o. Só sai[r]ia se o f[r]io aumentasse muito, mas é um luga[h] ag[r]adável.

Entrevistador: O que está faltando na comunidade?

Entrevistada: Linha de ônibus, melho[r]ias nas est[r]adas e uma pessoa da saúde pa[r]a afe[r]i[h] a p[r]essão dos idosos.

Entrevistador: Já passou por alguma situação de medo?

Entrevistada: Tive ansiedade quando meu i[h]mão, que tinha Alzheime[h], tinha compo[h]tamentos imp[r]evisíveis. Ficava muito agitado.

Entrevistador: Você é descendente de italianos?

Entrevistada: Sim. Meu bisavô, Piet[r]o Benincá, veio de T[r]eviso, na Itália.

Entrevistador: Sabe como foi a chegada da sua família aqui?

Entrevistada: Chega[r]am em Santo Antônio e enf[r]enta[r]am muitas dificuldades. Mo[r]a[r]am inicialmente em casa cobe[h]ta com folhas de b[h]ejaúba. Depois muda[r]am pa[r]a pe[h]to de uma nascente de água c[r]istalina. Plantavam aipim, milho, ent[r]e out[r]os, e passa[r]am po[Ø] muita escassez.

Entrevistador: Como foi a sua relação com os pais?

Entrevistada: Muito boa. Apesa[Ø] de pouco convívio com meu pai, tive uma [h]elação afetuosa. Saí de casa aos 11 anos pa[r]a estuda[h].

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistada: B[r]incava de ama[r]elinha, boneca de pano, bola. Mas saí cedo de casa pa[r]a estuda[h]. Com 19 anos te[h]minei o magisté[r]io. Estuda[h] e[r]a difícil, p[r]incipalmente pa[r]a meninas.

Entrevistador: Qual era o papel da mulher na comunidade?

Entrevistada: Antes, as mulhe[r]es cuidavam do la[h] e dos filhos. E[r]a [h]a[r]o sai[h] pa[r]a t[r]abalha[h]. Hoje há mais libe[h]dade e opo[h]tunidades.

Entrevistador: Como era estudar em Alfredo Chaves?

Entrevistada: E[r]ja difícil. Faltava est[r]utu[r]ja. Poucos [h]ecu[h]sos, sem me[r]enda, sem banhei[r]o. Mesmo assim, estudávamos com aleg[r]ia.

Entrevistador: Como era a convivência com os vizinhos?

Entrevistada: Boa, mas havia casos de desentendimento ent[r]e famílias. No ge[x]al, havia [h]espeito.

Entrevistador: Você aprendeu a língua italiana?

Entrevistada: Não. Em casa, já não se falava mais italiano. Só [h]esta[r]am algumas palav[r]as.

Entrevistador: Conhece alguém que ainda fala?

Entrevistada: Sim, alguns ainda falam ou falavam o dialeto. Como Ped[r]o Picoli, Nico B[r]avin, e out[r]os.

Entrevistador: A cultura italiana está se perdendo?

Entrevistada: Sim, completamente. Não há mais ensino da língua. Já estava pe[h]dida na minha infância.

Entrevistador: Observa traços diferentes na fala das pessoas?

Entrevistada: Sim, alguns têm sotaque com [x] mais puxado. Como minha i[h]mã mais velha dizia: “Se balança o [r]abo do cacho[r]o, não que[r] dize[r] que vai cai[r].”

Entrevistador: Sua religião?

Entrevistada: Católica apostólica [h]omana, t[r]azida pelos italianos. Devota de Santo Antônio.

Entrevistador: Como era a prática religiosa antigamente?

Entrevistada: Muito [x]igo[r]osa. Vestimentas disc[r]etas, uso de véu pa[r]a comunga[x]. Missas em latim, o[r]ações com ladainhas. Havia muito [h]espeito e t[r]adição.

Entrevistador: A cultura italiana está presente na alimentação?

Entrevistada: Sim, polenta, maca[x]ão casei[r]o, linguiça, queijo. Muitas [h]eceitas he[h]dadas.

Entrevistador: Em um jogo Brasil x Itália, torceria para quem?

Entrevistada: Pa[r]a o B[r]asil, semp[r]e.

Entrevistador: Algum fato histórico marcante na comunidade?

Entrevistada: As p[ro]cessões de Sexta-fei[r]a Santa em Santo Antônio, o ofício do sétimo dia com um caixão simbólico cobe[r]to com pano [ho]xo e c[r]uz dou[r]ada. E[r]a muito emocionante.

Entrevistador: Como viajar para estudar antigamente?

Entrevistada: E[r]a difícil. Os pais nos deixavam na casa de conhecidos e voltávamos em fe[r]iados. Não havia contato f[r]eque[n]te com a família.

Entrevistador: Que sentimento tem por ser descendente de italianos?

Entrevistada: Muito o[h]gulho. Eles fo[r]am co[r]ajosos e sof[r]e[r]am muito. Muitos vie[r]am com espe[r]ança e passa[r]am po[x] p[h]ivações.

Entrevistador: Escreviam cartas para a Itália?

Entrevistada: Sim, t[r]ocavam ca[h]tas. E[r]am esc[r]itas em italiano. Em casa havia algumas, mas se pe[h]de[r]am. Talvez a família Meneghel ainda tenha.

Entrevistador: Famílias Benincá se conheciam entre si?

Entrevistada: Nem semp[r]e. Nicolau e Piet[r]o Benincá vie[r]am de famílias distintas, mas só se [h]econhece[r]am como pa[r]entes após os casamentos.

Entrevistador: A cultura italiana ainda resiste?

Entrevistada: Infelizmente não. Está p[ro]ticamente extinta.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: Eu que ag[r]adeço. Espe[r]o te[r] ajudado com o que pude lemb[r]a[h]. Se lemb[r]a[h] de mais, aviso.

Entrevista 6: AX, F, 52, Ensino Fundamental II

Entrevistador: Você me autoriza a gravar a entrevista?

Entrevistada: Com ce[h]teza, no que eu pude[h] te ajuda[h].

Entrevistador: Seu nome completo e sua idade?

Entrevistada: A. M. F., 52 anos.

Entrevistador: Você tem quantos filhos e qual a sua profissão?

Entrevistada: Eu tenho 4 filhos, 3 homens e 1 menina. A minha profissão é lavador(a).

Entrevistador: Você é descendente de imigrante italiano? Tem orgulho dessa descendência?

Entrevistada: Sim. Muito, muito orgulho. Gosto muito das raízes italianas, de tudo o que aprendi como descendente italiana.

Entrevistador: Você sabe contar alguma coisa sobre a vinda dos imigrantes para cá?

Entrevistada: Me lembro de algo que meus pais me contavam. Minha mãe dizia que minha avó veio da Itália com 15 anos e meu avô com 1 mês de idade. Moraram na comunidade São João por um curto período. Depois, minha avó foi para Castelo.

Entrevistador: Quando chegaram aqui, como era o local?

Entrevistada: Já havia desmatamento e lavouros de café. Os italianos também cultivavam porcos, galinhas e, quem podia, vacas. Plantavam milho, feijão e arroz, que era a base da alimentação.

Entrevistador: Você sabe de que região da Itália vieram?

Entrevistada: Vieram da região de Treviso.

Entrevistador: Você gostaria de conhecer a Itália?

Entrevistada: Tenho muita vontade. Se tive oportunidade, quero conhecer a terra dos meus avós e bisavós.

Entrevistador: Você aprendeu a língua italiana, o “dialeto”?

Entrevistada: Aprendi com meus pais. Cada região tinha um dialeto diferente. Embora não fálsemos diretamente, sabíamos o significado de muitas palavras. Sei nomes de animais, alimentos e consigo me comunicar em português.

Entrevistador: Você entende e conversa com alguém no dialeto?

Entrevistada: Sim. A língua italiana tem a oficial e o latim, usado mais na Igreja. Aprendi o básico, sei responder e entendo.

Entrevistador: Você conhece a história da sua comunidade?

Entrevistada: Sim. São João de Cujubixá, da parte da minha mãe, e Santa Maria do Engano, do lado do meu pai, são de origem italiana e têm mais de 120 anos. A fé era essencial para os imigrantes. Traziam santos como Nossa Senhora da Saúde e São João Batista. As igrejas de pedra ainda existem.

Entrevistador: Vocês são católicos?

Entrevistada: Sim. A raiz é a fé católica. Santa Maria nasceu das famílias italianas: Favio, Modolo, Fiorin, Fiorotti, Padovan, entre outras. A maioria na comunidade é católica.

Entrevistador: Como era a vivência religiosa?

Entrevistada: Antes das celebrações da palavra, havia o teço. Missas eram em latim, de costas para os fiéis. Fazia-se o teço enquanto ele celebrava.

Entrevistador: Quem conduzia os cultos religiosos?

Entrevistada: Sempre havia alguém, como o seu avô, Felismino, que puxava o teço. Depois da refeição, havia lazer: jogo de baralho, cavaco (café com açúcar de cana), bocha, bola de massa, amora, baile com sanfona. Usavam colheres e latas para marcar o ritmo.

Entrevistador: A religião era um ponto de encontro?

Entrevistada: Com certeza. Após o culto, conversava-se sobre a semana, colheita, tempo, etc. O rádio e o jornal eram os únicos meios de comunicação. Avisos de falecimentos eram feitos pessoalmente, até com longas caminhadas.

Entrevistador: Existia Maria Fumaça aqui?

Entrevistada: Sim. Era abastecida em cada estação com água. A linha de trem foi construída manualmente, sem máquinas. Muitos morreram de doença ou

em b[r]igas. Italianos e out[r]os povos, como indígenas, pa[h]ticipavam. Houve acidentes g[r]ave, inclusive um em 1950, com mo[h]tos e dinhei[r]o [h]roubado.

Entrevistador: Falavam a língua italiana após as celebrações?

Entrevistada: Sim. Os mais velhos falavam. Entendíamos, mesmo sem fala[h]. Usávamos palav[r]as como “finest[r]a” (janela), “tola” (mesa), “po[r]cé” (po[h]co), “galine” (galinha), “vedei” (beze[x]os).

Entrevistador: Como era a educação?

Entrevistada: Os pais e[r]am [h]ígidos. Havia limites. A [h]eligião e[r]a a base da educação. Fidelidade no casamento e[r]a [h]eg[r]a. Famílias g[r]andes, com até 18 filhos, e[r]am comuns.

Entrevistador: Como eram os casamentos?

Entrevistada: Casamentos simples, pela manhã. Um casal de pad[r]inhos pa[r]a o civil e out[r]o pa[r]a o [h]eligioso. Almoço com sopa de galinha, ca[x]ne, sob[r]emesa. Vestidos colo[r]idos, até os joelhos. Homens usavam paletó. A bebida e[r]a o vinho.

Entrevistador: A senhora tem orgulho dessas tradições?

Entrevistada: Muito. Elas ma[h]cam nossa identidade. [h]esgata[h] o dialeto é impo[h]tante.

Entrevistador: Como era a escola?

Entrevistada: Difícil. Muitas comunidades tinham pessoas que ensinavam. Depois su[h]gi[r]am escolas maio[r]es. Ap[r]endíamos o básico: le[h], esc[r]eve[h], conta[h].

Entrevistador: Os professores eram rígidos?

Enteestivada: Sim. Tinham auto[r]idade. Co[x]igiam com va[r]as. Po[h] isso, o p[r]imá[r]io equivalia ao ensino fundamental de hoje.

Entrevistador: Sua mãe falava português?

Entrevistada: Tinha dificuldade. Falava mais o dialeto. Tinha ve[h]gonha de se comunica[h]. Os filhos entendiam po[h]que sabiam o significado.

Entrevistador: Havia livros didáticos?

Entrevistada: Poucos. Muitos [h]eligiosos, como catecismos e histó[r]ias de santos. Leis também.

Entrevistador: Isso influenciou o ensino do português?

Entrevistada: Sim. Os pais diziam que o dialeto não fazia falta. Eu mesma falava “[r]io” como “[h]io”. Tive dificuldade.

Entrevistador: Você estudou italiano depois?

Entrevistada: Sim. Fiz cu[h]so pa[r]a conhece[h] mais. Gosto de músicas italianas. Toda a família valo[r]iza.

Entrevistador: Como era a comunicação em casa?

Entrevistada: [h]ádio e jo[h]nal. [h]ádio e[r]a dive[h]são e info[h]mação. Depois veio a televisão, com dificuldade. Tínhamos que instala[h] antena nos mo[x]os.

Entrevistador: Havia eletricidade?

Entrevistada: Não. Usávamos lampa[r]ina. Italianos aco[h]davam às 3h, t[r]abalhavam até 16h, depois [h]ezavam o te[h]ço.

Entrevistador: Havia histórias passadas pelos pais?

Entrevistada: Muitas. LobisOMEM, assomb[r]ação, gente que ente[x]ava tesou[r]o. Pessoas viam luzes, sonhavam e achavam esses bens.

Entrevistador: Por que os italianos vieram para o Brasil?

Entrevistada: Po[h] dificuldades na Itália: c[r]ise, supe[h]população, fome. Ouviam fala[h] que aqui havia te[x]as e t[r]abalho. Viajavam de navio po[h] um mês. Mulhe[r]es davam à luz a bo[h]do, alguns mo[x]iam e e[r]am lançados ao ma[h].

Entrevistador: Ao chegarem, como era a vida aqui?

Entrevistada: Difícil. O gove[h]no dist[r]ibuía te[x]as sem est[r]utu[r]a. Const[r]uíam casas com talbinha. Sof[r]iam com tempo[r]ais. Comp[r]avam só t[r]igo e sal; o [h]estante e[r]a p[r]oduzido.

Entrevistador: Como era o lazer?

Entrevistada: Ba[r]alho, bocha, visitas às famílias. Quando havia visitas, as c[r]ianças tinham que se compo[h]ta[h]. O laze[h] também e[r]a ouvi[Ø] histó[r]ias.

Entrevistador: Como era a saúde?

Entrevistada: Doenças como feb[r]e ama[r]ela, g[r]ipe, desid[r]atação. C[r]ianças mo[x]iam. Limão foi usado como [h]emédio. Quando possível, iam pa[r]a Santa Casa de Cachoei[r]o ou Vitó[r]ia.

Entrevistador: Como surgiu o cemitério de Santa Maria?

Entrevistada: Foi c[r]iado antes da ig[r]eja, du[r]ante a const[r]ução da linha fé[X]ea. Mo[h]tos da ob[r]a e[r]am ente[x]ados lá. As c[r]uzes e[r]am de fe[x]o. Há túmulos de 1890. As famílias depois coloca[r]am lápides com nomes.

Entrevistador: Há algo mais a destacar?

Entrevistada: Os italianos tinham sabedo[r]ia: const[r]uíam casas longe dos [h]ios, po[r] causa das cheias. Em Alf[r]edo Chaves, a cidade foi e[h]guida em te[x]eno alto. Eles também t[r]ouxeram as p[r]imeir[r]as tecnologias: moinhos, pilões, te[x]ei[r]os.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: De nada. É bom lemb[r]a[h] e compa[h]tilha[h] essas histó[r]ias.

Entrevista 7: BS, M, 82, Ensino Fundamental I

Entrevistador: Você autoriza a gravação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Qual o seu nome e idade?

Entrevistado: B. S., 82 anos.

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistado: Te[h]ceiro ano p[r]imá[r]io.

Entrevistador: É casado? Há mais alguém que mora com você?

Entrevistado: Sim, sou casado. Mo[r]jo com minha esposa, só nós dois.

Entrevistador: O que faz durante o dia e à noite?

Entrevistado: Du[r]ante o dia escuto música, jogo paciência. À noite, du[h]mo.

Entrevistador: Tem alguma atividade econômica?

Entrevistado: Não, sou aposentado.

Entrevistador: O que costuma fazer nos fins de semana?

Entrevistado: Fico aqui em Ibiti[r]uí. Pa[r]a mim ainda é Engano. Às vezes visito minha cunhada. Conve[h]so e passo o tempo.

Entrevistador: A comunidade sempre teve esse nome?

Entrevistado: Não. Antes e[r]a chamada Engano. O nome su[h]giu po[h] causa da const[r]ução da est[r]ada de fe[x]o. O t[r]em vinha descendo do Ipê e, em vez de segui[h] à esque[h]da do vale, veio pela di[r]eita. O engenhei[r]o [h]esponsável disse que houve um engano no t[r]açado. Pa[r]a[r]am e [h]edi[r]eciona[r]am a linha pa[r]a o lado ce[h]to. Como aqui e[r]a Alto Benevente, po[h] se[h] nascente do [x]io Benevente, acabou [x]ecebendo o nome de Engano. Quando fo[r]am nomeando as estações, coloca[r]am Engano aqui.

Entrevistador: E como surgiu o nome Ibitiruí?

Entrevistado: O agente da estação, Antônio Máscoli — meu pad[r]inho de batismo — não gostava do nome Engano. Achava ofensivo. P[r]opôs a mudança. Fize[r]am um p[r]ojeto e sugere[r]i[r]am nomes como Tapinuã, Jassanã e Ibiti[r]uí. Tapinuã foi desca[h]tado po[h] se[h] uma madei[r]a que já não existia mais. Jassanã não [h]ep[r]esentava a colonização italiana. Opta[r]am po[h] Ibiti[r]uí, que significa “montanhas altas e f[r]ias”. Combina com o luga[h].

Entrevistador: Você gosta de morar aqui?

Entrevistado: Adoro. Nasci e me c[r]iei aqui. Só saí pa[r]a se[h]vi[h] o Exé[h]cito e t[r]abalha[h]. Mo[r]ei 40 anos em Campo G[r]ande. Depois me aposentei, comp[r]ei um lote aqui e voltei. É meu luga[h].

Entrevistador: Você é descendente de italianos?

Entrevistado: Sim. Minha família — Secchin, Mascoli, Meneghel, Benincá, Bortoluzzi, Ofrante — chegou em 1876. Vie[r]am de navio até Anchieta, depois de ba[h]co até Alfredo Chaves e, po[h] fim, a pé até aqui. Do[h]miam em estei[r]as

de madei[r]a cobe[h]tas com folhas de palmito e mantas, aquecidos po[h] foguei[r]as.

Entrevistador: Como era a vida aqui no começo?

Entrevistado: E[r]a tudo flo[r]esta. Abriram picadas. Tudo que p[r]ecisavam, como sal e que[r]osene, buscavam em Alfredo Chaves, a pé. E[r]am t[r]ês dias de caminhada.

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistado: Muito feliz, apesa[h] da simplicidade. Brincávamos de pique, boleba, [x]oda, gango[x]a. Jogávamos bola com la[r]anja. Tomávamos banho de [r]io. E[r]a uma infância liv[r]e e cheia de aleg[r]ia.

Entrevistador: Como era a escola?

Entrevistado: Ent[r]ava com 7 anos. Tinha até o quinto ano. Fiz até o te[h]cei[r]o. Professores davam aula pa[r]a tu[h]mas g[r]andes, sozinhos. Era [X]ígrado. Faltou p[r]ofesso[h] pa[r]a as sé[r]ies seguintes e [x]epeti o te[h]cei[r]o ano.

Entrevistador: A cultura italiana ainda está presente?

Entrevistado: Pouco. Se pe[h]deu. Faltam ações pa[r]a [x]esgata[h]. De[x]ubaram a antiga ig[r]eja. A to[x]e [x]esistiu muito à demolição. Era uma const[r]ução fo[h]te. Muitos ac[r]editam que houve inte[h]venção divina.

Entrevistador: Você fala italiano?

Entrevistado: Entendo algumas coisas. Meus avós falavam. Meu avô não deixava os netos fala[h]em italiano — que[r]ia que todos falassem po[h]tuguês.

Entrevistador: E a religião?

Entrevistado: A missa e[r]a em latim. As mulhe[r]es usavam véu, os homens ficavam de um lado, as mulhe[r]es do out[r]o. Havia muito [x]espeito.

Entrevistador: E a alimentação?

Entrevistado: Polenta, maca[x]ão casei[r]o. Usávamos [x]olo de madei[r]a pa[r]a faze[h] massa. Hoje se pe[h]deu um pouco essa t[r]adição.

Entrevistador: Você lembra de algum acontecimento histórico?

Entrevistado: Sim. O acidente de t[r]em, véspe[r]a de Natal de 1950. Eu tinha 9 anos. Estávamos b[r]incando quando ouvimos o ba[r]ulho. Vimos fogo no alto. Um casal desceu pedindo soco[x]o: “o notu[h]no tombou!” Mais ta[h]de vie[r]am dois adolescentes de Alfredo Chaves, explicando que fo[r]am a[x]emessados pa[r]a fo[r]a do vagão.

Entrevistador: O que aconteceu exatamente?

Entrevistado: O t[r]em vinha do [x]io de Janeiro, com p[r]oblemas nos f[r]eios. O maquinista avisou em Cachoei[r]o, mas não t[r]ca[r]am a máquina. Ao desce[h] pa[r]a Ibiti[r]uí, o f[r]eio falhou. Na cu[h]va do co[h]te, uma ped[r]a pontiaguda atingiu o vagão, que tombou. O impacto foi te[x]ível. Muitas pessoas estavam no [x]estau[r]ante do notu[h]no, o que evitou mais mo[h]tes. Mo[x]eram 19 pessoas aqui, depois out[r]as em Vitória. O cof[r]e com o pagamento da fe[x]ovia foi encont[r]ado embaixo de um pé de café. Houve suspeita de [x]oubo.

Entrevistador: Como foi o socorro?

Entrevistado: Meu pai e out[r]os homens da comunidade ajuda[r]am. Usaram bambu embebido em que[r]osene como tochas. De mad[r]ugada, fo[r]am evacuadas as pessoas da lavou[r]a. Fica[r]am só os fe[x]oviá[r]ios. Muitos ac[r]editam que o [x]oubo foi inte[h]no.

Entrevistador: E quanto à religião hoje?

Entrevistado: Já fui muito [x]eligioso. Hoje me conside[r]o apenas c[r]istão. Antes havia fé ve[h]dadei[r]a, evangelização. Agora vi[r]ou comé[h]cio. Missas pedem dinhei[r]o o tempo todo. Antigamente, tudo e[r]a doação espontânea.

Entrevistador: Em um jogo entre Brasil e Itália, para quem torce?

Entrevistado: Hoje, tanto faz. Qualque[h] um que ganha[h] está bom.

Entrevistador: Mais algo que queira acrescentar?

Entrevistado: Tenho o[h]gulho de te[r] se[h]vido o Exército e voltado com diploma de hon[h]a. Foi um o[h]gulho pa[r]a minha família. Uma p[r]ova da educação e dos valo[r]es que [x]ecebi.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistado: Eu que ag[r]adeço.

Entrevista 8: EM, F, 77, Ensino Superior**Entrevistador: Você me autoriza a gravar?**

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Qual o seu nome e idade?

Entrevistada: E. M. F. A., tenho 77 anos.

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistada: Te[h]cei[r]o g[h]au. Sou pedagoga com especialização em psicopedagogia.

Entrevistador: Você é casada? Tem filhos?

Entrevistada: Sim. Tenho quatro filhos.

Entrevistador: Há mais gente que mora aqui com você?

Entrevistada: Não. Hoje aqui é minha casa de campo. Venho espo[r]adicamente. No momento, minha filha está aqui com os dois filhos, e minhas duas netas da out[r]a filha.

Entrevistador: Você gosta de visitar Ibitiruí?

Entrevistada: É a minha te[x]a. Eu gosto muito. Até meu ma[r]ido, Zé Ca[h]los, que não nasceu aqui, ama esse luga[h].

Entrevistador: Esse lugar sempre teve o nome Ibitiruí?

Entrevistada: Não. Quando eu e[r]a c[r]iança e até adolescente, se chamava Engano. O nome “Engano” su[h]giu, segundo [h]elatos antigos, po[h]que o t[r]açado o[r]iginal da Est[r]ada de Fe[x]o Vitó[r]ia–Cachoei[r]o passa[r]ia po[h] out[r]o local. Ao chega[h] à [h]egião, houve um desvio no t[r]ajeto, e a linha acabou passando po[h] aqui. Po[h] isso, chama[r]am o local de “Engano”. Poste[r]io[h]mente, su[h]giu uma ve[h]são mais lógica: um homem influente, chamado Bento Silva, cont[r]aiu tube[h]culose e, po[h] o[r]ientação médica, p[x]ocu[r]ou um clima mais ameno. Escolheu mo[r]a[h] em Guioma[h]. Quando viu que a linha do t[r]em não passa[r]ia po[h] ali, usou sua influência pa[r]a [h]edi[r]ecioná-la, ga[r]antindo acesso a t[r]anspo[h]te e comunicação. Diz-se que

ele nomeou as estações com os nomes das filhas: Matilde, Vi[h]gínia e Guioma[h]. A estação de Ibiti[r]uí também pode te[h] sido batizada nesse contexto. Existe ainda a ve[h]são de que Bento Silva te[r]ia ofe[r]ecido favo[r]es, como ca[h]ne de po[h]co, pa[r]a consegui[h] a mudança do t[r]açado. A mudança de nome pa[r]a Ibiti[r]uí aconteceu po[h] volta de 1967. Quem p[r]opôs foi Antônio Máscoli. Houve polêmica: alguns gusta[r]am, out[r]os não. O nome “Ibiti[r]uí” se[r]ia indígena, com significados at[r]ibuídos como “montanhas altas e f[r]ias” ou ainda ligado a um cipó típico da [h]egião. Out[r]as sugestões e[r]am “Jassanã” (passa[r]inho) e “Tapinuan” (madei[r]a). Há ve[h]sões que dizem que se[r]ia “Ibis Ti[r]uí”, que depois vi[r]ou “Ibiti[r]uí”. Não há [h]egist[r]os de p[r]esença indígena ou de esc[r]avos na [h]egião. A fo[h]mação da comunidade está ligada di[r]etamente à chegada dos imig[h]antes italianos.

Entrevistador: Você é descendente de italianos?

Entrevistada: Sim. Sou descendente de Piet[r]o Fio[r]in e [h]egina Pianca. Vie[r]am da Itália com alguns filhos. As famílias vinham po[h] Benevente e e[r]am assentadas confo[h]me chegavam. Subiam até Alf[r]edo Chaves e depois e[r]am dist[r]ibuídas nas [h]egiões. Os Fio[r]in se instala[r]am na [h]egião que hoje é Ibiti[r]uí.

Entrevistador: Como foi a chegada dos seus antepassados?

Entrevistada: Enf[r]enta[r]am muitas dificuldades. Desb[r]ava[r]am mata, const[r]uí[r]am casas simples, às vezes suspensas. Tudo e[r]a comp[r]ado em Alf[r]edo Chaves. Minha avó semp[r]e falou o dialeto vêneto. Ap[r]endíamos ouvindo.

Entrevistador: Você fala o dialeto?

Entrevistada: Ap[r]endi bastante ouvindo minha avó. Anotamos vá[r]ias palav[r]as num cade[h]no: po[h] exemplo, “pi[r]ão” significa ga[h]fo; “kutiaia”, colhe[h]. Tenho esse cade[h]no gua[h]dado com minha i[h]mã [h]egina.

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistada: Nasci quando meus pais ainda mo[r]avam com minha avó. Depois mo[r]amos pe[h]to do to[x]ado[r] do Edson, e mais ta[h]de, na casa onde hoje

mo[r]a a [h]enilda. Aos 10 anos, eu já levava meus i[h]mãos ao dentista. Com 14, costu[r]ava pa[r]a fo[r]a. Com 19, fui catequista e di[r]igente de ig[r]eja.

Entrevistador: Como era a vida religiosa?

Entrevistada: Muito ativa. Pa[h]ticipávamos das missas em latim. As mulhe[r]es soltei[r]as usavam véu b[r]anco; as casadas, véu p[r]eto. Havia sepa[r]ação ent[r]e homens e mulhe[r]es na ig[r]eja. Tínhamos g[r]upos que [h]ezavam te[h]ços, faziam qua[r]esmas e ladainhas.

Entrevistador: Como foi sua educação?

Entrevistada: Estudei até o qua[h]to ano aqui. Depois fui pa[r]a Alf[r]edo Chaves, onde estudei no Camila Mota. Mais ta[h]de, fiz cu[h]so de co[h]te-costu[r]a em São Sebastião e montei um g[h]upo de costu[r]a com minhas i[h]mãs. Mais adiante, o[h]ganizei uma tu[h]ma de ginásio notu[h]no pa[r]a adultos em Alf[h]edo Chaves, onde te[h]minei meus estudos e me fo[h]mei.

Entrevistador: Você tem orgulho da sua origem italiana?

Entrevistada: Muito. Já fui à Itália duas vezes. Conheci T[r]eviso, Colle Umbe[h]to. Andamos po[h] vá[r]ias cidades. É emocionante conhece[h] nossas [h]aízes. A [h]egina encont[r]ou até pa[r]entes distantes.

Entrevistador: Em um jogo Brasil x Itália, torce para quem?

Entrevistada: To[h]ço pa[r]a o B[r]asil. É meu país. Mas não gosto quando jogam cont[r]a.

Entrevistador: Você nota diferenças na fala dos italianos antigos?

Entrevistada: Sim. Eles falam com o [h] fo[h]te. Exp[r]essões como “veneno” (veneno) são comuns. Algumas palav[r]as he[h]dadas ainda são usadas na comunidade.

Entrevistador: Por que a língua foi sendo esquecida?

Entrevistada: Faltou incentivo cultu[r]al. Muitas famílias não tinham fo[h]mação e não [h]egist[r]avam po[r] esc[r]rito. Isso dificultou a continuidade.

Entrevistador: E a culinária?

Entrevistada: P[r]ese[h]vamos muito: massa, molho, polenta. Semp[r]e fo[r]am a base da nossa alimentação.

Entrevistador: Há algo que gostaria de destacar?

Entrevistada: Lemb[r]o com ca[r]inho dos natais na casa da minha avó, quando do[h]míamos todos juntos. Havia histó[r]ias de assomb[r]ação, canta[h] [h]eis, e muita união ent[r]e os p[r]imos.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Ent[h]evistada: Eu que ag[r]adeço. É impo[h]tante lemb[r]a[h] e valo[r]iza[h] nossa histó[r]ia.

Entrevista 9: FF, F, 71, Ensino Superior**Entrevistador: Você autoriza a gravação desta entrevista?**

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Qual o seu nome e idade?

Entrevistada: F. F. F, 71 anos.

Entrevistador: Até que ano a senhora estudou?

Entrevistada:: Estudei até o te[h]cei[r]o ano do magisté[r]io.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Entrevistada: Sim, sou casada e tenho duas filhas, ambas também casadas.

Entrevistador: Há mais alguém que mora com a senhora atualmente?

Entrevistada: Não, só eu e meu esposo.

Entrevistador: O que a senhora faz durante o dia?

Entrevistada: Faço as ta[r]efas da casa. Quando é pe[r]íodo de aula, ajudo com as netas. Vou à ig[r]eja semp[r]e que posso, pa[h]ticipo da ado[r]ação ao Santíssimo.

Entrevistador: E à noite?

Entrevistada: À noite fico em casa, só saio se fo[h] algo muito impo[h]tante. Assisto à missa pela televisão, faço minhas o[x]ações e vejo algumas notícias.

Entrevistador: A senhora teve outra atividade além de professora?

Entrevistada: Não. Minha p[h]ofissão foi p[h]ofesso[r]a. Estou aposentada desde 1998, então já fazem 25 anos.

Entrevistador: O que costuma fazer nas horas livres?

Entrevistada: Gosto de ve[Ø] boas notícias no celula[h]. Faço pilates duas vezes po[h] semana e caminho. Essa é minha [h]otina.

Entrevistador: E nos fins de semana?

Entrevistada: Se tenho algo p[r]og[r]amado, visito minhas filhas, Michele ou Mi[r]iam. Caso cont[r]á[r]io, fico em casa e vou à celeb[r]ação de domingo às 10h.

Entrevistador: A comunidade sempre se chamou Ibitiruí?

Entrevistada: Não. Antes e[r]a chamada Engano, po[h] causa da linha do t[r]em, que passou po[h] aqui po[Ø] engano. Depois, com os estudos e os engenhei[r]os, muda[r]am pa[r]a Ibiti[r]uí, que dizem se[h] um nome indígena.

Entrevistador: A senhora gosta de morar aqui?

Entrevistada: Gosto. É t[r]anquilo, sem muita agitação. Cidade é pa[r]a quem p[r]ecisa. Eu fico aqui no meu cantinho.

Entrevistador: Já pensou em sair daqui?

Entrevistada: Não. Só quando mo[h]e[h].

Entrevistador: Como é a vida aqui?

Entrevistada: T[r]anquila. Cada um cuida de seus afaze[x]es. Uns vão t[r]abalha[h], out[r]os cuidam de casa ou dos doentes. Todos cont[r]ibuem.

Entrevistador: Está faltando alguma coisa na comunidade?

Entrevistada: Sim. O calçamento p[r]ecisa se[h] [h]enovado, falta [h]ede de água encanada — hoje é cedida po[h] um mo[r]ado[h]. A escola foi feita, mas o postinho de saúde estava faltando. Fizemos abaixo-assinado, conseguimos. Ago[r]a temos dentista e atendimento.

Entrevistador: A senhora é descendente de italianos?

Entrevistada: Não. Sou descendente de b[r]asilei[r]os. Minha avó e[r]a espanhola. Meus pais t[r]abalhavam na [h]oça. Estudei em Anchieta com apoio

da p[ro]fesso[r]a. Fiz o magisté[r]io em Alf[re]do Chaves e fui t[ra]balha[h] em Santa Ma[r]ia do Engano.

Entrevistador: Como era dar aula naquela época?

Entrevistada: Muito difícil. T[ra]balhá[vamos] com quat[r]o sé[ri]es ao mesmo tempo. Va[h]íamos, cozinhá[vamos], limpávamos, ensinávamos. Não havia me[r]endei[r]a. A comunidade ajudava muito. Tive muitos alunos que se lemb[r]am de mim até hoje. É g[ra]tificante.

Entrevistador: O ensino era exigente?

Entrevistada: Sim. Fazíamos os alunos deco[r]a[r]em tabuada, esc[r]eve[r]em, ap[re]nde[r]em mesmo. Hoje tudo está mais fácil, mas nem po[h] isso melho[h].

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistada: Muito pob[re]. Mo[r]ava na [ho]ça. Andávamos a pé até Alf[re]do Chaves. Tive cinco i[h]mãos. Pe[h]di dois. Apesa[h] das dificuldades, vivíamos bem.

Entrevistador: E sua relação com os pais?

Entrevistada: Era boa. Meu pai e[r]a calmo. Minha mãe, mais [h]ígida.

Entrevistador: Como foi sua vivência religiosa?

Entrevistada: Semp[re] fui católica. Fui batizada, fiz p[ri]mei[r]a comunhão e c[ri]isma na ig[r]eja de Dois I[h]mãos. Meu pai e[r]a do Co[r]ação de Jesus, minha mãe também e[r]a muito devota.

Entrevistador: Nota diferença nas celebrações atuais?

Entrevistada: Sim. Antes as missas e[r]am em latim, ninguém entendia. [h]ezava-se o te[h]ço com véu. O pad[r]e ficava de costas. Hoje as o[x]ações são comp[r]eendidas, há mais pa[h]ticipação.

Entrevistador: O padre vinha com frequência?

Entrevistada: Não. Vinha poucas vezes. Muitas celeb[r]ações e[r]am conduzidas pela comunidade. Pad[r]e Luiz Gonzaga vinha a cavalo.

Entrevistador: E a alimentação tem influência italiana?

Entrevistada: Sim. Meu ma[r]ido gosta muito de polenta, queijo, puína. P[r]efe[r]e ca[h]ne f[r]ita à ensopada. A t[r]adição continua...

Entrevistador: A comunidade se reunia depois das celebrações?

Entrevistada: Antigamente sim. Havia cantina, jogo da mo[r]ja, festa do [h]eisado. Hoje, pouca gente pa[h]ticipa. As pessoas pe[h]de[r]am o ânimo.

Entrevistador: A senhora observa diferença no sotaque dos descendentes italianos?

Entrevistada: Sim. Meu ma[r]ido fala dife[r]ente. P[h]onuncia palav[r]as de modo peculia[h]. Ainda hoje, alguns puxam o “[x]”.

Entrevistador: A senhora aprendeu palavras em italiano?

Entrevistada: Algumas. Ap[r]endi com os sog[r]os e com meu ma[r]ido. Po[h] exemplo, “fo[x]mai” é queijo, “estopa” é espinga[x]da. Palav[r]as soltas.

Entrevistador: A senhora já viveu alguma situação de medo?

Entrevistada: Sim. Tive uma a[h]itmia fo[h]te du[r]ante uma caminhada. Fui levada pa[r]a Gua[r]apa[r]i e encaminhada ao Hospital Evangélico com [h]isco de mo[h]te. Fiquei oito dias inte[h]nada. Tomo [h]emédio até hoje.

Entrevistador: Algum fato histórico da comunidade?

Entrevistada: A const[r]ução da ig[r]eja. Antes não havia ig[r]eja. A ideia su[h]giu da família Fio[r]in e out[r]os descendentes. Com esfo[h]ço, e[h]gue[r]am a ig[r]eja de São Ped[r]o. A comunidade mantém até hoje.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: De nada. Que Deus abençoe vocês.

Entrevista 10: MF, F, 14, Ensino Fundamental II

Entrevistador: Você me autoriza a gravar a entrevista?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Nome completo e idade?

Entrevistada: M. F. F, 14 anos.

Entrevistador: Então, queria saber um pouco da história da comunidade. Você conhece alguma coisa?

Entrevistada: Com a vinda dos italianos pa[r]a a nossa comunidade, po[h]que nossos avós, bisavós e tata[r]avós são italianos. Eles chega[r]am aqui, desmata[r]am pa[h]te da [h]egião e começa[r]am a const[r]ui[h] a comunidade. As p[r]imeir[r]as casas e[r]am de estuque, feitas com va[r]as de bambu e ba[h]o. Depois, com o tempo, começa[r]am a usa[Ø] lajota e cimento. Hoje temos uma comunidade bem est[r]utu[r]ada.

Entrevistador: Como era a educação dos seus pais antigamente? Você vê mudança com o tempo?

Entrevistada: A educação e[r]a bem [h]gida. Os filhos tinham que t[r]abalha[h] com os pais na [h]oça, i[r] andando, po[h]que não tinha ca[h]o. Hoje, a educação vai passando de ge[r]ação em ge[r]ação. Ainda existe disciplina, mas com mais diálogo.

Entrevistador: Você sabe a origem do nome da comunidade Santa Maria, Ibitiruí?

Entrevistada: Acho que foi pelos nossos antepassados. Santa Ma[r]ia do Engano, po[h] se[h] pe[h]to de Ibiti[r]uí, que antes e[r]a chamado de Engano. Acho que coloca[r]am o nome po[h] associação.

Entrevistador: A imagem de Maria também influenciou?

Entrevistada: Acho que sim.

Entrevistador: E sobre a linha do trem, você conhece a história?

Entrevistada: Não sei fala[Ø] dí[r]eito, foi há muito tempo.

Entrevistador: Seus pais falam italiano?

Entrevistada: O que eles falam é mais latim, que e[r]a o italiano antigo. Estudei italiano po[h] um ano e meio e gostei muito. Ap[r]ende[h] a língua dos nossos antepassados é bem legal. Meus pais e avós falam latim, pa[r]ecido com o italiano, mas bem dife[r]ente também. Hoje usamos mais o italiano falado em [h]oma.

Entrevistador: Aqui na região ainda se preserva a cultura italiana?

Entrevistada: Sim. Temos [h]estau[r]antes italianos em Domingos Ma[h]tins, a festa italiana em Alf[r]edo Chaves, com desfile da Escola Ag[r]ícola, músicas típicas italianas, valo[r]izamos bastante a cultu[r]a.

Entrevistador: Você gostou do curso de italiano?

Ent[h]evistada: Foi ma[r]avilhoso. Ajudou a ape[h]feiçoa[r] o vocabulá[r]io, é a nossa língua, nossa ge[r]ação. O cu[h]so e[r]a à noite, das 18h às 20h30. As aulas passavam voando, dava vontade de continua[Ø].

Entrevistador: Vocês chegaram a cantar em algum coral italiano?

Entrevistada: Sim. Na festa do Clube do Cavalo cantamos músicas italianas. Foi muito legal.

Entrevistador: E a escola? Você gosta? Se identifica com alguma matéria?

Entrevistada: Mudou bastante. Hoje temos t[r]anspo[h]te escola[h]. Eu gosto de i[h] pa[r]a a escola, encont[r]o amigos, me dist[r]aio. Me identifico muito com a matemática, que muitos não gostam. Minha família tem facilidade com núme[r]os. Gosto de desafios, então matemática me at[r]ai.

Entrevistador: Alguma história engraçada que queira contar?

Entrevistada: B[r]incadei[r]as de infância com p[r]imos: esco[h]lega[h] no pasto, b[r]inca[h] na linha do t[r]em, momentos dive[h]tidos de c[r]iança.

Entrevistador: Você é católica? Gosta de ir à igreja?

Entrevistada: Sim. Cada um tem sua fé, seu modo de ac[r]edita[Ø]. Meus pais são muito [h]eligiosos, têm comp[r]omisso com a ig[r]eja, e passa[r]am isso p[r]a gente. Gosto de i[h] à missa, [h]eza[Ø] o te[h]ço, pa[h]ticipa[Ø] das celeb[r]ações. Meu pai semp[r]e diz: se você vai à festa, pode i[h] à ig[r]eja também. É um equilíb[r]io ent[r]e fé e laze[h].

Entrevistador: recentemente vocês celebraram os 60 anos de casamento da sua avó. Como foi isso para você?

Entrevistada: Foi muito especial. Uma data de ação de g[r]aças que emocionou muita gente. É [h]a[r]jo ve[Ø] um casal completa[h] 60 anos juntos. Tivemos missa, fotos, [h]isadas, b[r]indes, danças. Foi ma[h]cante pa[r]a toda a família.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: De nada!

Entrevista 11: NL, M, 87, Fundamental I e MR, F, 85, Fundamental I

Entrevistador: Vocês me autorizam a gravar?

Entrevistado: Autorizo, sim.

Entrevistador: Qual o nome de vocês e a idade?

Entrevistado: N. J. F. , 87 anos.

Entrevistada: MR. F. F., 85 anos.

Entrevistador: Até que ano vocês estudaram?

Entrevistado: Estudei pouco. Naquele tempo a escola e[r]a longe, e os pais não tinham condição. Fui só até o p[r]imeir[o] ano. Depois fui pa[r]a o qua[r]tel com 19 anos, fiquei 14 meses. T[r]abalhei na [r]oça e casei com 23 anos. Depois f[r]equentei uma escola notu[r]na e consegui o diploma.

Entrevistada: Estudei nova e depois de casada, à noite. Sei le[r] e esc[r]eve[r] um pouco, consigo entende[r] bulas de [r]emédio, po[r] exemplo. Tive que pa[r]a[r] po[r] conta dos filhos, mas ainda consegui ap[r]ende[r] mais um pouco.

Entrevistador: O que vocês fazem durante o dia?

Entrevistado: Um pouco de tudo. Faço o que apa[r]ece: almoço, café, t[r]abalho na [r]oça. A gente nunca pa[r]a. De noite a gente pensa no que vai faze[r] no dia seguinte. Desde os nove anos eu ti[r]ava leite, levava comida p[r]os i[r]mãos. Hoje ajudo nas ta[r]efas da casa e cuido das plantações.

Entrevistada: T[r]abalho o dia todo. Ti[r]ava leite sozinha, fazia queijo, cuidava das c[r]ianças e da [r]oça. E[r]a uma luta, mas a gente venceu com saúde.

Entrevistador: E a história da família de vocês?

Entrevistado: Toda família tem p[r]oblemas, mas semp[r]e vivemos com [x]espeito. Fomos pob[r]res, mas unidos. Hoje há mais confo[r]to. Antes e[r]a difícil até i[x] à missa. A vida melho[r]ou muito, mas as pessoas [r]eclamam mais.

Entrevistada: Tive uma família muito abençoada. C[r]esci com amo[r] e [r]espeito. Ajudei a c[r]ia[r] c[r]ianças da comunidade, que até hoje me ag[r]adecem.

Entrevistador: Vocês são descendentes de italianos?

Entrevistado: Sim. Meu avô veio da Itália. Meu pai nasceu no B[r]asil. Ele mo[r]jou em vá[r]ios luga[r]es: Santo Antônio, Nova Mântua, ent[r]e out[r]os. Ficou viúvo e minha i[x]mã mais velha cuidou da gente.

Entrevistada: Também sou descendente de italianos. Meu avô veio da Itália, mas não lemb[r]o bem os nomes. C[r]iou famílias, viveu muitos anos no B[r]asil.

Entrevistador: Sabem algo da história da imigração italiana?

Entrevistado: Fui à Anchieta, onde há uma placa com os nomes das famílias imig[r]antes, inclusive Favato. Mas meu pai nem conheceu os amigos do pai dele. A gente vai esquecendo com o tempo.

Entrevistada: Minha mãe contava, mas eu e[r]a c[r]iança. Não lemb[r]o bem.

Entrevistador: Vocês falavam italiano em casa?

Entrevistado: O nosso italiano não é o da Itália. É dife[r]ente. A maio[r]ia já mo[r]jeu. Hoje em dia, falamos algumas palav[r]as soltas.

Entrevistada: Ap[r]endi o[r]ações com minha mãe. No colégio, falei italiano com o pad[r]e e ele ficou feliz. Lemb[r]o ainda de algumas o[r]ações em italiano.

Entrevistador: Vocês gostariam de visitar a Itália?

Entrevistado: Tenho pa[r]entes que fo[r]am. Se[r]ia bom conhece[x].

Entrevistador: O lugar onde vocês moram sempre teve o nome Ibitiruí?

Entrevistado: Não. Antigamente e[r]a chamado “Engano”, po[r] causa de um e[x]o no t[r]açado da linha de t[r]em. E[r]a p[r]a passa[r] po[r] out[r]o luga[r], mas passou aqui. O nome foi mudado depois po[r] um agente da estação, Antônio Mascoli.

Entrevistada: O nome “Engano” soava [r]uim, e depois vi[r]ou Ibiti[r]uí. O nome foi escolhido pelo agente, mas não sabemos seu significado exato.

Entrevistador: Como era a relação com os pais?

Entrevistado: Pe[r]di minha mãe quando e[r]a c[r]iança, num acidente com um cavalo. Ela foi comp[r]a[r] fa[r]inha e caiu, o cavalo a pisoteou. Meu pai ficou viúvo, c[r]iou os filhos com dificuldade. Foi muito t[r]iste.

Entrevistada: Meus pais fo[r]am ma[r]avilhosos. Nos p[ro]tegem e cuidavam. Fomos muito amados. Tenho saudade.

Entrevistador: Qual a religião de vocês?

Ambos: Católica.

Entrevistado: Na infância, íamos à missa com [re]speito, jejum, véu. [re]závamos te[re]ço em casa, tínhamos só uma missa po[r] mês. Hoje tudo mudou, pe[r]deu-se o [re]speito.

Entrevistador: Vocês lembram de como era a igreja?

Entrevistado: Missas em po[r]tuguês, algumas palav[r]as em latim. As mulhe[r]es usavam véu, a [ro]upa e[r]a simples. Íamos com calção p[re]so po[r] suspensó[r]io (ti[r]aca). O pad[re] falava em latim e explicava depois. Tínhamos [re]speito. Usávamos lampa[r]inas com que[r]osene.

Entrevistador: A alimentação era típica italiana?

Entrevistada: Sim. Fazíamos polenta, cavaco, cozinávamos banana pa[r]a alimenta[r]. Nunca faltou ca[r]ne de po[r]co, galinha, milho, feijão. Tudo da [ro]ça. O que comp[r]ávamos e[r]a que[r]osene e sal. O [re]sto e[r]a tudo p[ro]duzido em casa.

Entrevistador: Vocês gostam de morar aqui?

Entrevistado: Sim. Já mo[r]ei em Nova Mântua, Vitó[r]ia, mas p[re]firo aqui. Gosto do clima, das pessoas.

Entrevistada: Amo mo[r]a[r] aqui. Temos casa em Campo G[ra]nde, mas nem vamos mais. Aqui é o nosso luga[r].

Entrevistador: Em um jogo entre Brasil e Itália, para quem torcem?

Entrevistado: P[ro] B[ra]sil. A gente tem que to[r]ce[r] pa[r]a o que é da gente. Eu sou Botafogo!

Entrevistador: Para encerrar, há algum acontecimento histórico que marcou a comunidade?

Entrevistada: Sim. Um acidente de t[re]m, no Natal, foi muito feio. Vimos tudo da nossa casa. O t[re]m caiu pe[r]to da ig[r]eja. As pessoas g[r]itavam, cho[r]avam, houve mo[r]tos e fe[r]idos. Fomos ve[r] de manhã, f[r]utas espalhadas,

p[re]sentes pe[r]didos, co[r]pos mistu[r]ados. Um caos. Muitas pessoas se salva[r]am, out[r]as mo[r]e[r]am. Um pa[r]ente nosso, [r]eme[r]indo Favato, se salvou.

Entrevistado: Tinha até um cof[r]e com dinhei[r]o pa[r]a paga[r] os funcioná[r]ios da linha. Fala[r]am que foi [r]oubado. Foi uma t[r]agédia.

Ent[r]evistada: Passamos o Natal com polenta e leite. A t[r]isteza foi g[r]ande. As famílias fica[r]am t[r]aumatizadas.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista e pelas histórias que compartilharam!

Entrevistado: A gente que ag[r]adece!

Entrevista 12: RH, F, 64, Ensino Superior

Entrevistador: Qual é o seu nome e sua idade?

Entrevistada: R. H. F. C., tenho 64 anos.

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistada: Estudei até o ensino médio completo. Fiz também o magisté[r]io.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Ent[h]evistada: Sou casada com José Casag[r]ande, tenho t[r]ês filhas e t[r]ês netos.

Entrevistador: Quem mora com vocês?

Entrevistada: Mo[r]o com meu esposo e, quando não está fo[r]a t[r]abalhando, minha filha Josélia Fio[r]in Casag[r]ande.

Entrevistador: O que faz durante o dia e à noite?

Entrevistada: Aco[h]do cedo, [h]ezo o te[h]ço antes de levanta[h], p[re]pa[r]o o café e o almoço, a[x]umo a casa, lavo [h]oupa, e depois vou pa[r]a a casa da minha mãe. Cuido dela, lavo [h]oupa, cozinho, conve[h]samos até as t[r]ês ho[r]as. Faço caminhada, p[re]pa[r]o o janta[r], a[x]umo a cozinha, leio um pouco, [h]ezo e assisto à TV — especialmente p[ro]g[r]amas [h]eligiosos.

Entrevistador: Tem alguma atividade econômica?

Entrevistada: Já fui p[ro]fesso[r]a, t[ra]balhei na [ho]ça. Hoje sou aposentada. Faço faxinas, cuido da comunidade: batismo, litu[rg]ia, limpeza, [ho]upas, canto. Em casa, cuido do quintal, plantas e ve[h]du[r]as.

Entrevistador: O que faz nas horas livres?

Entrevistada: Gosto de ouvi[h] música, caminha[h], visita[h] idosos e doentes. Gosto de momentos de silêncio na ig[r]eja.

Entrevistador: A comunidade sempre teve esse nome?

Entrevistada: Não. E[x]a chamada Engano, po[h] causa de um e[x]o na linha fé[x]ea. Depois acha[r]am o nome feio e muda[r]am pa[r]a Ibiti[r]uí.

Entrevistador: Você gosta de morar aqui? Já pensou em sair?

Entrevistada: Gosto de onde mo[r]o ago[r]a. É uma [hu]a t[ra]nquila. Não p[re]tendo sai[h] daqui, a não se[h] se Deus quise[h].

Entrevistador: Como é a vida na comunidade? O que falta?

Entrevistada: E[r]a ba[r]ulhenta, com jovens acele[r]ando motos. Hoje está calma. Falta muita coisa: posto de saúde maio[h], p[ra]cinha com mais laze[h], melho[h] est[r]utu[r]a pa[r]a eventos, mais comé[h]cio, ap[ro]veitamento tu[r]ístico da estação de t[ra]m.

Entrevistador: Já passou por alguma situação de medo?

Entrevistada: Sim. Um anda[r]ilho me seguiu quando voltava da escola. Fugi pelo mato. Também tive medo ao encont[r]a[r] uma cob[r]a eno[h]me a cavalo, indo pa[r]a São [h]roque de Ma[r]avilha. T[ra]balhei em luga[h]es de difícil acesso, com longas caminhadas. Me aposentei onde semp[r]e sonhei: na escola do meu pai.

Entrevistador: Você é descendente de italianos?

Entrevistada: Não sei bem. Meu sog[r]o e sog[r]a falavam palav[r]as em italiano. Minha avó Benedita [h]ezava comigo em italiano, mas esqueci. Meu contato com a língua veio mais com a família do meu ma[r]ido.

Entrevistador: Você sabe de onde sua família veio?

Entrevistada: Não sei detalhes. Só que vie[r]am da Itália de navio e enff[r]enta[r]am g[r]andes dificuldades. T[r]ocavam p[r]odutos em vez de dinhei[r]o. Comp[r]as e[r]am feitas a cavalo, muito longe. Tudo e[r]a muito difícil.

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistada: Dedicada à casa. Comecei a me envolve[h] na comunidade com 10 anos. Ia às [h]ezas, semp[r]e a pé. B[r]incava sozinha com boneca de pano. Não tínhamos b[r]inquedos. Lemb[r]o de uma tia que se fantasiava no ca[h]naval pa[r]a nos assusta[x].

Entrevistador: Como é sua relação com os vizinhos?

Entrevistada: Muito boa. Já convivi com vizinhos difíceis, mas semp[r]e fui calada e mantive o [h]espeito.

Entrevistador: E o papel da mulher na comunidade?

Entrevistada: Mudou. Antes havia mais [h]espeito e doação. Hoje as pessoas só fazem algo se fo[r]em pagas. Antigamente, ajudávamos po[h] amo[h] à comunidade.

Entrevistador: Já presenciou situações de racismo?

Entrevistada: Sim. Sentei po[h] dois anos com uma menina p[r]eta na escola que tinha incontidência. Nunca a disc[r]iminei. Também escutei falas [h]acistas de adultos, que conf[r]ontei com [h]espeito.

Entrevistador: Como eram as escolas?

Entrevistada: Muito seve[r]as. P[r]ofesso[r]a fazia de tudo. Não havia [h]ecu[h]sos. Tudo e[r]a esc[r]ito no quad[r]o. Dava aula pa[r]a vá[r]ias sé[r]ies ao mesmo tempo. Exigia muito.

Entrevistador: As crianças falavam italiano na escola?

Entrevistada: Não. Semp[r]e po[h]tuguês. Alguns adultos usavam palav[r]as italianas, mas as c[r]ianças não. Eu mesma nunca falei italiano na escola.

Entrevistador: A cultura italiana está presente na região?

Entrevistada: Sim. Mesmo sem fala[h] o idioma, sentimos a identidade. Na alimentação, com maca[x]onada, polenta, b[r]oa de fubá. Também no modo de p[r]epa[r]a[h] café de ga[r]apa.

Entrevistador: A senhora é católica?

Entrevistada: Sim. A [h]eligião mudou. Antes havia muito [h]espeito, jejum, silêncio. Hoje, há mais diálogo, mas menos [h]eve[r]ência.

Entrevistador: Alguém da família tem sotaque italiano?

Entrevistada: Sim. O tio A[r]ildo falava com sotaque fo[h]te. Alguns da família também.

Entrevistador: Você gostaria de aprender italiano?

Entrevistada: Não muito. Acho difícil. Entendo algumas músicas e palav[r]as, gosto de ouvi[h], mas nunca tive vontade de ap[r]ende[h] fo[h]malmente.

Entrevistador: Já participou de grupos que cantavam em italiano?

Entrevistada: Sim. Ia assisti[h]. Entendia bastante. E[r]a bonito. Tínhamos g[r]upos que cantavam nas casas, depois do te[h]ço.

Entrevistador: Você gostaria de conhecer a Itália?

Entrevistada: Sim. Tenho esse sonho. Minha filha que[h] ve[Ø] com seu i[h]mão sob[r]e uma viagem. Lá talvez me cativasse mais pelas o[r]igens.

Entrevistador: Qual é o sentimento de ser de origem italiana?

Entrevistada: Gosto. O sotaque, as palav[r]as, a cultu[r]a. Mas a língua po[h]tuguesa também é especial pa[r]a mim. Po[h] t[h]abalha[Ø] com su[h]dos, dou muito valo[h] à linguagem cla[r]a.

Entrevistador: Em um jogo Brasil x Itália, para quem você torceria?

Entrevistada: Nenhum. Não gosto de jogo. Não gosto de violência, xingamentos, ag[r]essividade. Gosto de paz.

Entrevistador: Algum fato marcante que queira compartilhar?

Entrevistada: Sim. Um dia fiz uma homilia na ig[r]eja, mas fui c[r]itificada po[h] uma palav[r]a que falei e[x]ado. Fiquei muito t[r]ste, até hoje não fiz mais. Out[r]o fato: pa[r]ei de di[r]igi[r] após um acidente com uma po[h]tei[r]a. Fiquei t[r]aumatizada. E fui assaltada em Vitó[r]ia, [h]ouba[r]am minha bolsa. Pe[h]di tudo, inclusive um te[h]ço de pé[r]ola que tinha ganhado. Depois,

[h]e cupe[r]a[r]am só os documentos, mas nada mais. Ainda me emociono ao lemb[r]a[h].

Entrevistador: Algum fato marcante da comunidade de Ibitiruí?

Entrevistada: Sim. Houve uma divisão sob[r]e de[x]uba[r] ou não a ig[r]eja. Fui minist[r]a da Euca[r]jístia e o pad[r]e me confiou a missão de mante[h] o sac[r]á[r]io. [h]ezei muito e, com o tempo, conseguimos [h]econst[r]uí[h] a ig[r]eja. Foi um momento difícil, mas conseguimos união e vitó[r]ia.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: Eu que agradeço.

Entrevista 13: RF, F, 62, Ensino Superior

Entrevistador: Você me autoriza a gravar?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Qual é o seu nome e idade?

Entrevistada: R. F. F., 62 anos

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistada: Supe[r]jio[h]. Pedagogia, completo. E pós-g[r]aduação também.

Entrevistador: É casada? Tem filhos?

Entrevistada: Sou casada, tenho t[r]ês filhas: [h]osa Ma[r]ia, Ma[r]iana e Ana Paula.

Entrevistador: Há mais gente que mora aqui com vocês?

Entrevistada: Ago[r]a só eu e o A[r]ildo, meu ma[r]ido. As meninas estão estudando fo[r]a, mas a [h]osa Ma[r]ia já voltou, t[h]abalha aqui na escola de Ibtiruí.

Entrevistador: Como é seu dia a dia?

Entrevistada: Aco[h]do às 4 da manhã. Faço um momento de o[r]ação enquanto o A[r]ildo vai pa[r]a o cu[x]al. [h]ezo o [h]osá[r]io, leio a Bíblia, faço a ma[h]mita.

Depois vou pa[r]a a [h]oça ajuda[h] meu ma[r]ido. À noite, tem janta, [h]oupa, se[h]viços da casa. Vamos do[h]mi[h] po[h] volta das nove ou dez ho[r]as.

Entrevistador: E nos fins de semana?

Entrevistada: Sábado é dia de faxina, lava[h] [h]oupa, às vezes [h]ecebe[h] visita. Domingo tem ig[r]eja. Às vezes vamos a festas em comunidades vizinhas. E no fim da ta[h]de, já começo a p[r]epa[r]a[h] a semana.

Entrevistador: A comunidade sempre teve esse nome, Ibitiruí?

Entrevistada: Não. Antigamente e[r]a chamada Engano, po[h] causa da linha de t[r]em que desviou o t[r]açado o[r]iginal. Planejavam passa[h] po[h] São João, mas acabou vindo po[h] aqui. Po[h] isso o nome “Engano”.

Entrevistador: Você gosta de morar aqui?

Entrevistada: É t[r]anquilo. Todo mundo conhece todo mundo. Há ha[h]monia, [h]espeito.

Entrevistador: Está faltando algo na comunidade?

Entrevistada: Tem inte[h]net, sinal da Vivo, água encanada e esgoto. Mas acho que falta uma escola em tempo integ[r]al. Isso ajuda[r]ia na educação das c[r]ianças e na vida dos pais t[r]abalhado[r]es.

Entrevistador: Você é professora aposentada?

Entrevistada: Sim. T[r]abalhei 18 anos em Alf[r]edo Chaves, depois fui pa[r]a Gua[r]apa[r]i. Me aposentei em 2020, mas enf[r]entei muitos p[r]oblemas pa[r]a valida[h] o tempo de se[h]viço. Acabei ficando cinco anos a mais no se[h]viço. Du[r]ante a pandemia, tive dep[r]essão, mas supe[r]ei com fé e ajudando meu ma[r]ido na [h]oça.

Entrevistador: Você é descendente de italianos?

Entrevistada: Sim. Dos dois lados. A família Fave[r]jo veio da Itália. Lemb[r]o do vovô [h]ogé[r]io, Gota[h]do Fave[r]jo, e da vovó [h]osa. Muitos fo[r]am pa[r]a São Paulo também.

Entrevistador: Seus avós contavam sobre a imigração?

Entrevistada: Sim. Vie[r]am po[h] necessidade. Passa[r]am dificuldades e desb[r]ava[r]am matas pa[r]a fo[h]ma[h] comunidades católicas.

Entrevistador: Falavam italiano?

Entrevistada: Sim, falavam só italiano. Eu entendia tudo, mas tinha dificuldade de fala[h]. Em casa falávamos muito. Mas na escola e[r]a só po[h]tuguês, e isso c[r]iou um ce[h]to p[r]econceito. Se falássemos com o erre fo[h]te, [h]iam da gente.

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistada: Mo[r]ei em São Gab[r]iel [pertence a Ibitiruí]. Foi uma infância simples, mas cheia de b[r]incadei[r]as: pique, balanço de cipó, mata[h] mo[h]cego, const[r]ui[h] casinhas, joga[h] bola de pano. A gente fazia o p[r]óp[r]io tamanco com imbaúba. Também ajudávamos em casa: cuidávamos de vacas, po[h]cos, moía cana, ti[r]ava leite. À noite, b[r]incávamos com os vizinhos, pescávamos, e semp[r]e tinha café com cavaco nas visitas.

Entrevistador: Como era a relação com seus pais?

Entrevistada: Papai e[r]a mais b[r]avo, mamãe e[r]a mais ca[r]inhosa. Ela fazia polenta com puína, dançava, fazia cosquinhas. Papai não tinha o costume de ab[r]aça[h] ou dize[h] “eu te amo”, mas [h]espeitávamos muito.

Entrevistador: Como era a vida religiosa?

Entrevistada: Muito fo[h]te. Missas em latim, homens e mulhe[r]es sepa[r]ados na ig[r]eja. Havia te[h]ços, ladainhas em italiano. Meu pai foi o p[r]imeir[o] minist[r]o da Euca[r]istia na comunidade. Antes não tínhamos missa todo mês, mas hoje temos com f[r]equência.

Entrevistador: Você lembra de alguma história marcante da infância?

Entrevistada: Sim. Uma vez queb[r]amos telhas da casa e, com medo da b[r]onca, eu e o João subimos num pé de manga e quase do[h]mimos lá. Out[r]a vez o ca[h]o do papai pegou fogo e fiquei t[r]aumatizada. Também andei de t[r]em pa[r]a i[h] ao dentista em Matilde. A[h]anquei cinco dentes de uma vez só. Uma vez tive hemo[h]agia e o dentista teve que vi[h] de lá me atende[h].

Entrevistador: Seu pai contava histórias de lobisomem?

Entrevistada: Contava muitas. Dizia que conhecia duas pessoas que faziam o[r]ações na Qua[r]esma e vi[r]avam lobisomem. Podiam se t[r]ansfo[h]ma[h] em

cacho[h]o, po[h]co, boi. Um deles, o João [vizinho], vi[r]jou um cacho[h]o numa via-sac[r]a. Os mais velhos vi[r]am o João, os do meio vi[r]am um cacho[h]o. Depois, ele voltou a se[h] o João. Um dia ati[r]a[r]am no “cacho[h]o”, e no dia seguinte o João apa[r]eceu com a pe[h]na fe[r]ida. Out[r]o dia ele vi[r]jou um po[h]co. E[r]a comum nessas caminhadas de qua[r]esma.

Entrevistador: E sobre o Saci?

Ent[h]evistada: Também. Papai ia [h]eza[h] o te[h]ço e demo[r]ava a chega[h]. Quando chegou, estava todo a[h]anhado, ele e o cavalo. Disse que o Saci o levou pa[r]a o meio da mata. Às vezes víamos os cavalos co[h]endo descont[r]olados no mo[h]o. No out[r]o dia, estavam todos com t[r]anças pe[h]feitas nas c[r]inas. Ninguém fazia t[r]anças assim. Mamãe dizia: “É o Saci que está montado nos cavalos”. Até hoje tenho isso como ve[h]dade. Foi muito ma[h]cante pa[r]a mim.

Entrevistador: A alimentação italiana continua presente?

Entrevistada: Sim. Polenta, puína, mingau de fubá, maca[x]onada casei[r]a, café de ga[r]apa. Tudo isso ainda fazemos.

Entrevistador: Você se sente orgulhosa da sua origem italiana?

Entrevistada: Muito. Nunca fui à Itália, mas gosta[r]ia. Se tive[h] opo[h]tunidade, vou.

Entrevistador: Em um jogo Brasil x Itália, torceria para quem?

Entrevistada: Pa[r]a o B[r]asil, cla[r]o!

Entrevistador: Obrigado pela entrevista!

Entrevistada: Eu que ag[r]adeço. É uma hon[h]a. Que Deus abençoe você e seu t[r]abalho!

Entrevista 14: RB, F, 65, Ensino Superior

Entrevistador: Se autoriza a gravar entrevista?

Entrevistada: Sim.

Entrevistador: Nome e idade?

Entrevistada: R.B, 65 anos.

Entrevistador: Até que ano estudou?

Entrevistada: Supe[r]io[h] completo.

Entrevistador: É casada, tem filhos?

Entrevistada: Soltei[r]a, sem filhos.

Entrevistador: Há mais gente que mora aqui?

Entrevistada: Não, mo[r]o só.

Entrevistador: O que faz durante o dia e a noite?

Entrevistada: É cuidado aí do quintal, t[r]abalho p[r]a cá p[r]a lá, ajuda um pouco a minha i[h]mã quando dá p[r]a i[h]. Se p[r]ecisa[h] de ajuda, ajudo, se p[r]ecisa[h] leva[h] o Alf[r]edo Chaves, alguém de um ca[x]ei[r]ão lá leva[h]. E leio de vez em quando, quase todos os dias, a Bíblia, os liv[r]os de histó[r]ia gosto de le[h] também. E à noite assisto um pouco de televisão, à ta[h]de vou do[h]mi[h] cedo e aco[h]do cedo. E du[h]mo bem, g[r]aças a Deus.

Entrevistador: Qual é sua atividade econômica?

Entrevistada: Professo[r]a aposentada.

Entrevistador: Como que foi essa vida de professora... Você poderia relatar?

Entrevistada: Eu comecei a estuda[h] aqui, já com 9 anos de idade, naquela época estudava quando que[r]ia. Nasci em 58, comecei a estuda[h] em 67. E depois vi que estava meio ca[r]ente de p[r]ofesso[h], e [h]esolvi então enca[r]a[x] a p[r]ofissão de p[r]ofesso[x]. Fiz o magisté[r]io aqui, depois fui em Vitó[r]ia, fiz um cu[h]so de 2 anos de matemática, que e[r]a o p[r]êmio pa[r]a t[r]abalha[h] com matemática pa[r]a o quinto e sexto ano. E depois, mais pa[r]a f[r]ente, fiz um cu[h]so na UFES também, não lemb[r]o se foi 720 ou 920 ho[r]as, foi um cu[h]so longo. E depois, mais pa[r]a f[r]ente, eu fiz um cu[h]so supe[r]io[x] à distância, no Polo de Alf[r]edo Chaves, dois dias po[h] semana. E te[h]minei, ac[r]edito que foi em 2008, em 2010 eu me aposentei.

Entrevistador: O que costuma fazer durante as horas livres, no fim de semana?

Entrevistada: As ho[r]as liv[r]es, final de semana, às vezes vejo televisão, leio, ando um pouco pa[r]a cá e pa[r]a lá de ca[h]o, gosto de caminha[h] também, vou à ig[r]eja quase todos os domingos, e po[h] ali, po[h] aí, po[h] isso vai no final de semana.

Entrevistador: Essa comunidade, agora falando sobre a história, sempre teve esse nome?

Entrevistada: Não, se chamava Engano, po[h]que da linha do t[r]em, segundo o povo, não foi um engano do engenhei[r]o, o que me conta[r]am, foi esse Gentil Homem, Ca[h]los Gentil Homem, que exigiu que passasse a fe[x]ovia no te[x]eno dele. Então, os engenhei[r]os coloca[r]am como um e[h]o e ficou Engano, e a est[r]ada de fe[x]o tomou esse [h]umo que é hoje, mas ela se[r]ia, ia passa[h] lá em [h]odeio. Segundo o [h]elato dos antigos.

Entrevistador: Você falou das estações?

Entrevistada: Ali, segundo o comentá[r]io também, esse Gentil Homem colocou o nome das t[r]ês filhas, o nome das estações, Matilde, Guioma[h] e Vi[h]gínia.

Entrevistador: Sobre o nome Ibitiruí, você sabe o que significa?

Entrevistada: É as Se[h]as Altas, é um nome indígena, não tenho muita ce[h]teza, mas é po[h] ali, é indígena.

Entrevistador: Você sabe contar um pouquinho o que aconteceu para colocarem o nome Ibitiruí?

Entrevistada: Não, não sei conta[h], só sei que quando eu fiquei sabendo, já e[r]a Ibiti[r]uí que foi tomada a decisão po[h] um ve[r]eado[h] da época, em 67, ac[r]edito que ele mudou, mas também não tenho ce[h]teza não.

Entrevistador: Você já pensou em sair daqui?

Entrevistada: Não, eu gosto muito daqui.

Entrevistador: E como que é a vida aqui... É tranquila?

Entrevistada: A vida aqui é t[r]anquila sim, g[r]aças a Deus t[r]anquila, eu acho uma vida boa, um luga[h] bom pa[r]a se vive[h].

Entrevistador: Está faltando alguma coisa na comunidade?

Entrevistada: Olha, semp[r]e falta uma coisa ou out[r]a, mas o que a gente pode i[h] at[r]ás e busca[h], a gente vai, o que não pode, o jeito é passa[h] sem.

Entrevistador: Você teve alguma situação de medo que passou na sua vida?

Entrevistada: Medo?! Não, eu ac[r]redito que não. Hoje, eu tenho medo de di[r]igi[h] no asfalto, já di[r]igi quando e[r]a mais nova, hoje eu me sinto insegu[r]a, então pa[r]a não coloca[h] em [h]isco a vida de out[r]os e nem a minha, eu p[r]efi[r]o semp[r]e, ou vou de ca[r]ona, ou pago um moto[r]ista pa[r]a i[h] onde tem que i[h], mas po[h] aqui eu di[r]ijo, ago[r]a isso é uma situação de medo sim.

Entrevistador: Você é descendente italiano?

Entrevistada: Sim, de pai e de mãe.

Entrevistador: Você sabe os sobrenomes?

Entrevistada: Sim, da minha mãe é Ventu[r]ini e do meu pai é Benincá.

Entrevistador: Você sabe a história dessa família que vieram da Itália para cá?

Entrevistada: Olha, segundo minha mãe, a família dela, eles vie[r]am de uma situação econômica até mais ou menos lá, mas começou que vinha pa[r]a o B[r]asil, vinha pa[r]a a Amé[r]ica, po[h]que e[r]a muito bom, e[r]a muito bom, então ent[r]a[r]am no navio e vie[r]am pa[r]a a Amé[r]ica, né! E chegando aqui, não e[r]a aquilo que se espe[r]ava, mas com t[r]abalho e sac[r]ifício, conseguiu vence[h], c[r]ia[h] família g[r]ande de 12, 13 filhos, no caso, o pai de uma mãe, né! E o pai de papai também, ele veio pequeno, me pa[r]ece, da Itália e c[r]iou [h]aiz aqui em Santo Antônio, e os Ventu[r]ini também em Santo Antônio.

Entrevistador: Você teve contato com a língua, você saberia falar alguma coisa?

Entrevistada: Não, olha que não, eu até comecei um cu[h]so de italiano, mas la[h]guei logo no começo e nunca me inte[r]essei também em ap[r]ende[h]. Me inte[r]essei no cu[h]so, depois acabei abandonando e ficou po[r] isso mesmo, entendo alguma coisa, mas não sei, não sei.

Entrevistador: E seus pais falavam a língua de migração?

Entrevistado: Sim, mamãe falava muito italiano, papai não, papai nunca foi at[r]ás, mas ele canta[r]olava um pouco o italiano, falava e não falava não, mas ele gostava de canta[r]ola[h], mistu[r]ava o italiano com o latim e cantava muito o que ele gostava de canta[h] e[r]a na ig[r]eja, canta[h] missa, né, eles tinham um g[r]upo que cantava missa, né, então ele semp[r]e foi de canta[h] sim.

Entrevistador: Como que era essa relação com seus pais?

Entrevistada: Ah, muito boa.

Entrevistador: E você queria aprender a língua de migração? Teve vontade?

Entrevistada: Olha, não, nunca me inte[r]essei, hoje fico a[h]ependida, que podia te[h] ap[r]endido muito, mas não fui at[r]ás de ap[r]ende[h], então ago[r]a já passou.

Entrevistador: Quais foram as dificuldades que seus pais enfrentaram aqui?

Entrevistada: Ah, muitas, né, de muito t[r]abalho, família g[r]ande, pouco [h]ecu[h]so, né, mas as dificuldades e[r]am eno[h]mes, mas com fé e co[r]agem, vencemos.

Entrevistador: Como que foi sua infância?

Entrevistada: A minha infância foi ótima... Nossa mãe! Fui c[r]iança, b[r]inquei, estudei, ap[r]endi o catecismo andando at[r]ás de mamãe. Ela falou: "vamos at[r]ás de mim, ago[r]a você vai ap[r]ende[h] a tabuada, e eu tomando a tabuada. Eu ia ap[r]ende[h] a let[r]a p de po[h]co e g galinha, e eu at[r]ás, "vamos ap[r]ende[h] o abecedá[r]io", falava o abecedá[r]io. Ensinava o catecismo, papai também ia muito pesca[h], final de semana, que e[r]a c[r]iança, nós tínhamos a hábito de pesca[h], ia muito p[r]a segu[r]a[h] a sacola, né, ele pescava, eu botava o peixinho na sacola e ca[x]egava embo[r]a p[r]a limpa[h], depois limpava e comia.

Entrevistador: Vocês faziam muitas coisas pra se divertir, então?

Entrevistada: Sim, jogava, b[r]incava de pique, ama[r]elinha, jogava boleba, jogava bola de pau, que nós tínhamos bola de pau, que e[r]a pau mesmo, não e[r]a massa, e b[r]incava nos ba[h]ancos de te[h]a, esco[h]egava nos mo[h]os

com um cou[r]o de boi ou um pedaço de tabua, não tinha medo do pe[r]igo quando e[r]a c[r]iança.

Entrevistador: E como que era a relação entre os vizinhos?

Entrevistada: Muito boa, também. Os vizinhos não e[r]am tantos, né, pe[h]to, pe[h]to tinha só o pessoal dos Benincá, a [h]elação e[r]a muito boa.

Entrevistador: Você lembra de algo marcante que aconteceu na sua infância?

Entrevistada: Olha, não, não lemb[r]o não.

Entrevistador: Qual é o papel da mulher na comunidade hoje? Porque já se mudou muito, né? Você saberia falar?

Entrevistada: [h]apaz, eu acho que ela tá se inse[r]indo na comunidade até bem, mas falta muita coisa ainda, né. Po[h]que a gente ouve muito, ah, é mulhe[h], tá di[r]igindo, só é meia [h]oda, né. Isso já não é, no ge[r]al. Na comunidade, ah, se fosse um homem, talvez te[r]ia feito dife[r]ente. Então a gente escuta muito isso ainda, mas devaga[h]zinho, gatinhando, tá indo, tá conseguindo se[h] int[r]oduzida na comunidade.

Entrevistador: A cultura italiana está muito presente na região?

Entrevistada: Olha, aqui dent[r]o do Engano, ac[r]edito que não, mas nas [h]edondezas ainda tá.

Entrevistador: Precisa de um trabalho de resgate, então?

Entrevistada: P[r]ecisa de um t[r]abalho de [h]esgate, sim.

Entrevistador: Você já vê que, já está se perdendo a cultura italiana aqui?

Entrevistada: Eu ac[r]edito que sim, talvez na culiná[r]ia, não, mas em out[r]as coisas, sim, como foi citado, o ba[r]alho, você não pega mais um novo jogando ba[r]alho, a bola de massa, só eu tenho ainda alguns jovens que jogam, mas é muito pouco, se vai num to[h]neio, tem aí 80%, tem mais de 60 anos, né. Enfim, tá se pe[h]dendo, sim.

Entrevistador: E a alimentação, como você já falou da culinária, o que que eles fazem da comida que é italiana?

Entrevistada: Aí dá um maca[r]ão feito em casa, um cavaco, uma galinha com polenta, né?! Isso sai semp[r]e.

Entrevistador: Sempre, né?

Entrevistada Semp[r]e. E é uma coisa fo[h]te, não é? Fo[h]te, é.

Entrevistador: Sobre a sua religião, qual que é a sua religião?

Entrevistada: Católica, apostólica, [h]omana, p[r]aticante.

Entrevistador: Você lembra do período, você vivenciou talvez as missas em latim?

Entrevistada: Não, eu não lemb[r]o, não. Talvez eu tenha vivenciado, mas eu não lemb[r]o, não.

Entrevistador: Não lembra, né?

Entrevistada: Eu lemb[r]o que eles costumavam coloca[h] aqui na ig[r]eja aqui, que é uma ig[r]eja não é tão velha, as c[r]ianças iam lá p[r]a f[r]ente, ia toda a c[r]iançada lá p[r]a f[r]ente e os adultos ficavam p[r]a t[r]ás. Também não tinha essa de mulhe[h] sentava de um lado e homem sentava do out[r]o. Hoje cada um veste um mesmo vestuá[r]io.

Entrevistador: Do tempo antigo você não lembra não, né?

Entrevistada: Não, do pe[r]íodo antigo não.

Entrevistador: Porque antigamente, de acordo com os mais antigos, não sei, rezava-se o terço e era difícil ter uma missa, né?

Entrevistada: Sim. Nós, po[r] exemplo, [h]ezava o te[h]ço toda ta[h]de em família... Toda ta[h]de

Entrevistador: E sobre a igreja especificamente, na igreja vocês se reuniam após a celebração para conversar, para almoçar talvez e conversava na língua de imigração?

Entrevistada: Não, não. O que eu lemb[r]o, não. Acabava o te[h]ço, a [h]eza, que ge[r]almente e[r]a te[h]ço, cada um vinha p[r]a casa, né. Depois então, mais p[r]a f[r]ente começou as tonbulas, né? Então a gente ma[h]cava ali uma tonbulas, depois, então, o bingo.

Entrevistador: E jogavam mora não na igreja?

Entrevistada: Não, fazia aqui eu lemb[r]o, não. Aqui eu não lemb[r]o, não.

Entrevistador: Falando agora um pouquinho sobre a questão do sotaque, você observa os descendentes de italiano falando diferente?

Entrevistada: Não, aqui não. Mas nos a[x]edo[r]es a gente ainda escuta sim, mas aqui dentro não.

Entrevistador: Se você pudesse ir para Itália visitar suas origens, você iria?

Entrevistada: Olha, eu não tenho vontade não. P[r]a se[h] muito honesta, eu não tenho vontade de viaja[h], não. Nem p[r]a Itália, nem p[r]a luga[h] nenhum. Gosto muito de fica[h] po[h] aqui.

Entrevistador: E que sentimento você tem de ser de origem italiana?

Entrevistada: Ah, eu acho que é muito bom. Nossa mãe, eu acho bom, sou g[r]ata aos meus antepassados po[h] tudo que fize[r]am, as dificuldades que passa[r]am. E deixa[r]am só, eu ac[r]edito, só bons exemplos.

Entrevistador: E do jogo Brasil e Itália, para quem você torceria?

Entrevistada: Eu vou to[h]ce[h] p[r]o B[r]asil, né. Ah, to[h]ço p[h]o B[r]asil. Eu tô aqui...

Entrevistador: Sobre a história da comunidade, tem algum fato histórico que aconteceu que você lembra?

Entrevistada: Não, eu acho que é o acidente do t[r]em, né. Que foi em 1950, se eu não estou enganada. Que foi assim, mas eu não lemb[r]o, po[h]que não e[r]a nascida. Mas a gente escuta muita coisa, né? Que tava em alta velocidade, supe[h] ca[x]egado, po[h] se[h] final de ano, véspe[r]a de Natal, né. Enfim, não conseguiu faze[h] a cu[h]va e acabou engavetando, e teve aí po[h] volta de 19, 20 mo[h]tos, né. E o [h]ecu[h]so demo[r]ou um pouco p[r]a chega[h], po[h]que, imagina, e[r]a um t[r]em que tinha que vi[h] soco[h]e[h].

Entrevistador: E sobre a história do município, você saberia alguma coisa, Alfredo Chaves?

Entrevistada: Não, você sabe que eu nunca nem me inte[r]essei, muito leio esses liv[r]os ali, mas nunca me inte[r]essei mesmo a fundo. Sei que tinha esc[r]avidão,

tinha as casas que tocavam o sino p[r]os esc[r]avos vi[r]em faze[r] as [h]efeições, né? Enfim, mas não tenho muito a te dize[h], não.

Entrevistador: E algo mais a acrescentar nessa entrevista?

Entrevistado: Não, ac[r]edito que não. Só te ag[r]adece[h] que foi um momento muito bom.

Entrevistador: Muito obrigado... Eu que agradeço essa entrevista, com certeza vai contribuir muito com o meu estudo.

Entrevista 15: TB, M, 78, Ensino Fundamental I

Entrevistador: Você me autoriza a gravar?

Entrevistado: Sim, se você quise[x].

Entrevistador: Qual é o seu nome e idade?

Entrevistado: A. B., conhecido como T.B. Nasci em 3 de agosto de 1944.

Entrevistador: Até que ano o Senhor estudou?

Entrevistado: Estudei até a quinta sé[r]ie. Depois continuei estudando po[x] conta p[r]óp[r]ia. Li bastante a Bíblia, especialmente os quat[r]o evangelhos.

Entrevistador: Qual é a sua atividade econômica?

Entrevistado: Tenho uma á[r]ea de te[X]a, sou ag[r]iculto[x]. Hoje em dia t[r]abalho mais com pastagem. Tenho uma pequena á[r]ea de café. E também peso gado com uma balança que eu mesmo c[r]iei há 30 anos. Já pensei em [h]egist[r]a[x] a patente, mas desisti.

Entrevistador: O que costuma fazer nas horas livres?

Entrevistado: Gosto de faze[x] a[h]te, t[r]abalhos manuais. Já viajei pa[r]a ls[x]ael e p[r]etendo i[x] à Itália em b[r]eve.

Entrevistador: Durante o dia, como é a sua rotina?

Entrevistado: Ajudo meu i[x]mão Nenê e cuido das minhas coisas. T[r]abalho com a pesagem de gado.

Entrevistador: Essa comunidade sempre teve o nome Ibitiruí?

Entrevistado: Não. Antes e[r]ja chamada Engano. Dizem que um mo[r]jado[x] chamou um ve[r]eado[x] de “eleito po[x] engano” e depois disso muda[r]am o nome. Mas isso é histó[r]ia do povo. Me disse[r]am que Iti[r]uí tem a ve[X] com te[X]a f[r]ia, mas não sei ao ce[x]to.

Entrevistador: Gosta de morar aqui?

Entrevistado: Gosto, mas penso em const[r]ui[x] algo em out[r]o luga[x] pa[r]a passa[x] os fins de semana.

Entrevistador: O que está faltando na comunidade?

Entrevistado: Melho[r]ias no calçamento. As pontes fo[r]am feitas, mas os calçamentos p[r]ecisam se[r] [h]enovados. Isso depende da política, e c[r]itica[x] político complica.

Entrevistador: O Senhor é descendente de italianos?

Entrevistado: Sim, italiano pu[r]o. Minha mãe e[r]ja de T[r]eviso, e meu avô e[r]ja de Lomba[x]dia. Não tem mistu[r]a.

Entrevistador: Sabe a história da vinda deles para o Brasil?

Entrevistado: Vie[r]am em uma leva de imig[r]antes. Fo[r]am deixados em te[r]as nuas. T[r]ouxeram ped[r]as de moinho nas costas, vindas de Ma[r]ataizes até Alf[r]edo Chaves. T[r]abalha[r]am muito.

Entrevistador: Quais famílias vieram nessa época?

Entrevistado: Veio a família Piccoli, Fio[r]in e B[r]avin. Os B[r]avin se dividi[r]am em dois [r]amos: Ca[r]abel e Canela. Mas todos são pa[r]entes.

Entrevistador: Como era a vida dos imigrantes aqui?

Entrevistado: T[r]abalhavam na ag[r]icultu[r]a. Desb[r]avavam mato, plantavam milho e feijão. B[r]incavam com bolas de massa, jogavam ba[r]alho.

Entrevistador: Como era a relação com seus pais e irmãos?

Entrevistado: Semp[r]e foi boa. Sou humilde. Não ligo pa[r]a bens mate[r]iais. Passo pa[r]a f[r]ente.

Entrevistador: Seus pais falavam italiano?

Entrevistado: Sim. Ap[r]endi ouvindo os mais velhos conve[x]sa[r]em, como meu pai, o tio Leand[r]o Piccoli e os avós. Falo o dialeto até hoje.

Entrevistador: Tem noção de que é diferente do italiano oficial?

Entrevistado: Sim. Quando fui a Is[x]ael encont[r]ei italianos e pe[x]cebi que havia dife[r]enças. Eles falavam em italiano pad[r]ão, e eu só sabia o dialeto. Mesmo assim, deu pa[r]a se comunica[r] um pouco.

Entrevistador: Como foi a sua infância?

Entrevistado: Difícil. Com 8 anos já acompanhava os pais no t[r]abalho. Com 13 anos co[x]tava madei[r]a. E[r]a tudo mais du[r]o. Que[r]ia estuda[r] mais, mas não tive chance.

Entrevistador: Lembra de alguma brincadeira?

Entrevistado: Jogávamos com bolinhas de bo[r]acha, nada sofisticado. E[r]a o que dava.

Entrevistador: A cultura italiana ainda é presente na região?

Entrevistado: Sim, especialmente ent[r]e os mais velhos. Alguns ainda falam o dialeto. Na comida também há muita influência italiana.

Entrevistador: O que mudou da Itália para cá, na cultura alimentar?

Entrevistado: Lá e[r]a muito t[r]igo. Aqui, passa[r]am a usa[r] mais o milho. Po[r] isso su[x]giu a “fa[r]ina [r]ossa”, ou fubá, muito nut[r]itivo. O milho é ene[X]gético, bom pa[r]a humanos e animais.

Entrevistador: A língua italiana está sendo esquecida?

Entrevistado: Sim, aos poucos. O inglês tem dominado. Até em Is[X]ael, tudo e[r]a em inglês. Quem não fala, passa dificuldade.

Entrevistador: Pretende visitar a Itália?

Entrevistado: Sim. Que[r]o i[r] em setemb[r]o com a mesma emp[r]esa que fui a Is[x]ael. P[r]etendo visita[r] T[r]eviso e a Lomba[r]dia, de onde vêm minhas o[r]jgens.

Entrevistador: E em um jogo entre Brasil e Itália, torceria para quem?

Entrevistado: P[re]fe[r]i[r]ia o empate. Gosto dos dois, mas me conside[r]o b[ra]silei[r]o.

Entrevistador: Algum fato histórico que lembra da comunidade?

Entrevistado: Um acidente g[r]ave no túnel da fe[r]ovia. A máquina se soltou, co[r]tou pessoas. Meu pai ajudou a junta[r] os co[r]pos. Fo[r]am nove sacos de [r]estos humanos. Pegavam pedaços e colocavam nos sacos.

Entrevistador: Já passou por alguma situação de medo?

Entrevistado: Já. Fui atacado po[r] vaca b[ra]va, e também já passei pe[r]igo pesando boi. Uso [r]égua de aço pa[r]a mais segu[r]ança.

Entrevistador: Que sentimento tem por ser de origem italiana?

Entrevistado: Muito o[r]gulho. Italianos e alemães são t[r]abalhado[r]es, c[r]iativos, investem no que fazem. Usam a inteligência.

Entrevistador: Lembra de algum outro fato da família?

Entrevistado: Meu avô ajudou a const[r]ui[r] um antigo templo da seita [r]omana. Meu pai e[r]a muito [r]eligioso, ac[r]editava que São Ped[r]o o [x]ecebe[r]ia no céu. Chegou a vende[r] boi pa[r]a cont[r]ibui[r]. Eu, aos 27 anos, decidi estuda[r] a Bíblia po[r] conta p[r]óp[h]ia e cheguei a out[r]as conclusões. [r]espeito todas as [r]eligões.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistado: Eu que ag[r]adeço. E ag[r]adeço a Deus também, como está esc[r]ito em João 14, 6: “Eu sou o caminho, a ve[r]dade e a vida.”

Entrevista 16: TD, M, 86, Ensino Fundamental I

Entrevistador: Você autoriza a gravar essa entrevista?

Entrevistado: É, sim.

Entrevistador: Qual o seu nome e sua idade?

Entrevistado: A. D. A

Entrevistado: E a idade?

Entrevistador: vou faze[x] ago[r]a dia 27, 86 anos.

Entrevistador: Até que ano estudou?

Entrevistado: Até a qua[x]ta sé[r]ie, naquele tempo na [x]oça.

Entrevistador: É casado, tem filhos?

Entrevistado: Sou casado, tenho filhos, quat[r]o filhos.

Entrevistador: Na sua casa mora alguém, fora a sua esposa?

Entrevistado: Não, ago[r]a ultimamente não, é só eu e ela mesmo.

Entrevistador: O que faz durante o dia e a noite?

Entrevistado: Olha, t[r]abalha[x] sabe que a gente já não t[r]abalha mais. Já é aposentado, faz alguma coisa. O que eu quise[x] faze[x] eu faço, mas pouca coisa. Mas a pessoa não tem mais fo[h]ça pa[r]a t[r]abalha[x], com 86 anos, né. Não tem mais fo[r]ça pa[r]a t[r]abalha[x], não.

Entrevistador: E na juventude, você trabalhou com lavoura, cultivou o quê?

Entrevistado: Olha, desde c[r]iança a gente semp[r]e mexeu com lavou[r]a. Depois que eu casei, eu comecei a t[r]abalha[x] ped[r]ei[r]o. Fiz muita ob[r]a de ped[r]ei[r]o. T[r]abalhei em muito luga[x]. T[r]abalhei aqui no município, t[r]abalhei em Cachoei[r]o, t[r]abalhei em Vitó[r]ia, t[r]abalhei em Gua[r]apa[r]i. T[r]abalhei em muito luga[x], fiz muita casa em muito luga[x], como em Piúma.

Entrevistado: Lembra os anos que você foi vereador? Foi por quadro mandatos?

Entrevistado: Acho que foi, eu acabei em 2000, então foi até 16 anos aí pa[r]a t[[r]ás. 1984 então, a pa[x]ti[r] de 1984. Foi nesse pe[r]íodo aí que eu fui ve[r]eado[x].

Entrevistado: E essa comunidade que hoje você vive, teve sempre esse nome Ibitiruí?

Entrevistado: Aqui no Engano, que a gente falava Engano, aqui não, aqui e[r]a conhecido como Engano.

Entrevistador: Você sabe por quê?

Entrevistador: Foi po[x] causa dessa linha de t[r]em. Essa linha de t[r]em, ela saiu po[r] aqui, passou nos Of[r]antes [nome da família], ela ia vaza[x] aí. Lá tinha até t[r]echo começado. Mas então, teve esse engano, que depois esse tal de Ca[X]los Gentil, levou ela po[x] aqui pa[r]a passa[X] em Guioma[r]. Então, ficou po[x] Engano, Engano ficou po[x] isso aí.

Entrevistador: E, com relação à história, você sabe por quê do nome Ibitiruí?

Entrevistado: Olha, quem mudou o nome daqui, na época e[r]a o ve[r]leado[x] Antônio Máscoli e Humbe[x]to Fio[r]in. Então, não ia se[x] Ibiti[r]uí, ia se[x] Jassanã. O nome do luga[x] ia se[x] Jassanã. Mas aí, os dois, eu não sei o que a[x]uma[r]am lá, então bota[r]am em Ibiti[r]uí. Mas o nome ve[x]dadei[r]o ia se[x] Jasanã ou Tapinuã. O nome de uma madei[r]a da [r]egião e os passa[r]inhos, que é aquele Jassanã.

Entrevistador: E em Ibitiruí, você sabe qual é o significado de Ibitiruí?

Entrevistado: Eu não sei. Sei que é um nome indígena.

Entrevistador: Como que é a vida aqui?

Entrevistado: A vida aqui... Aqui tem muito tipo de vida. Muita gente... É, é t[r]anquila, é. Mas aqui, um mexe com uma coisa, out[r]o mexe com out[r]a, um mexe com [r]oça, out[r]o mexe com gado, out[r]o mexe com out[r]o tipo de plantação. Hoje, hoje tá usando muito esse tipo de silo [insumo para as vacas]. Tem gente que só pega com silo mesmo.

Entrevistador: Você já pensou em sair daqui?

Entrevistado: Eu saí daqui dois anos. Fui embo[r]a pa[r]a Vitó[r]ia, fiquei dois anos em Vitó[r]ia, depois voltei pa[r]a cá e nunca mais saí.

Entrevistador: Você gosta de morar aqui?

Entrevistado: Eu gosto de mo[r]a[x] aqui. Tenho fé de acaba[x] minha vida aqui. Isso.

Entrevistador: Você é descendente italiano?

Entrevistado: De mim, é do lado de minha mãe, todos eles.

Entrevistador: E você, antes da entrevista comentou que era do lado do seu avô, você é espanhol também, né?

Entrevistado: Meu avô e[r]a espanhol, mas ele e[r]a sozinho. Quando veio da Espanha, veio sozinho. Chegou aqui depois de muitos anos, casou com a E[x]nesta Malaca[x]di, que e[r]a minha avó, e ela e[r]a italiana.

Entrevistador: Sobre a história da sua família, você sabe contar um pouco?

Entrevistado: Como você diz?

Entrevistador: Da vinda dos imigrantes para o Brasil, você sabe um pouco? Com a sua mãe, com o seu pai.

Entrevistado: Ele veio sozinho. Quando ele veio, veio pa[r]a Minas. Depois de Minas, que veio aqui pa[r]a as duas pontes. Ele t[r]abalhou nessa linha de t[r]em. Ent[r]e ele e o velho Másc[a]r[a], o pai do antigo Másc[a]r[a], eles pega[r]am um quilômet[r]o de est[r]ada pa[r]a faze[r] lá, chegando no Impé[r]io. Só eles pega[r]am um quilômet[h]o de est[r]ada pa[r]a faze[x]. Do lado de minha mãe, a família Sa[x]to[r]i, eles vie[r]am aqui pa[r]a Benevente. De Benevente, eles pa[r]avam ali no Mi[r]jo Maiago, tinha um casa[r]ão ali que ab[r]igava os imig[r]antes. Dali, eles e[r]am em [x]egião f[r]ia da Itália, então p[r]ocu[r]a[r]am a [x]egião mais f[r]ia, fo[r]am mo[r]a[x] em Vila Nova. De Vila Nova, depois só ficou lá o pai. O velho meu avô veio mo[r]a[x] aqui embaixo nos Fab[r]es. Um foi pa[r]a São Paulo, um foi pa[r]a o No[x]te. Então, assim que se espalhou a família Sa[x]to[r]i. Mas é tudo pa[r]ente.

Entrevistador: Sobre a sua descendência italiana, você aprendeu a língua italiana?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: A sua mãe falava?

Entrevistado: Falava tudo.

Entrevistador: Você queria aprender?

Entrevistado: Não, nunca tive essa cu[r]iosidade.

Entrevistador: Falando agora um pouquinho sobre sua relação com seus pais e sua infância. Como foi a sua infância?

Entrevistado: Na época e[r]a muito mais difícil que hoje. A gente começou a vida. A p[r]imeir[a] coisa é que a situação e[r]a difícil, não existia dinheir[o] na época. Meu pai e[r]a ba[x]beir[o], fazia aqueles t[r]ocadinhos e e[r]a fe[X]ei[r]o. E[r]a ba[x]beir[o], fe[X]ei[r]o e moto[r]ista. Tinha ca[x]teir[a] de moto[r]ista que a cadeir[a] tem até hoje. Naquela época e[r]a um livr[o], não e[r]a uma ca[x]teir[a]. E e[r]a mais difícil.

Entrevistador: E sua relação com os vizinhos?

Entrevistado: Não, semp[r]e foi boa.

Entrevistador: Havia preconceito antigamente?

Entrevistado: Preconceito é uma coisa que sempre existiu.

Entrevistador: Sobre a religião, qual é a sua religião?

Entrevistador: Bom, a minha família semp[r]e foi católica. Mas eu fala[h] a ve[x]dade, eu não ac[r]edito em [r]eligião nenhuma.

Entrevistador: Você conhece alguém que fale italiano fora sua mãe? Alguém hoje atualmente que converse italiano?

Entrevistado: Daí, das nossas famílias, a tu[x]ma, aí poucos. Poucos falam. Talvez uma palav[r]a ou duas. Até mesmo a Ma[x]ta, talvez, minha esposa, talvez alguma coisinha ela pode fala[x]. Entende[x], eu entendo tudo. Ago[r]a fala[h], não fala[h].

Entrevistador: Você já passou por alguma situação de medo na vida?

Entrevistado: Não, me espanta[x], não.

Entrevistador: Algum acontecimento histórico da comunidade você lembra?

Entrevistado: Bom, aqui em Ibtir[uí], uma coisa que deixou ma[x]cado foi o acidente do t[r]em aquela vez.

Entrevistador: Você presenciou?

Entrevistado: Sim, eu fui lá.

Entrevistador: Como que foi esse acidente?

Entrevistado: Bom, eu fui lá, eu e meu pai, eu tinha o quê... Acho que eu tinha, foi em 50, né. Eu tinha 13 anos. Aí nós fomos lá e eu nunca tinha visto mo[x]to quase, né. E chegava lá, você via as filas de mo[x]tos assim, dois po[x] dois, bota[r]am. Aí você ia ti[r]ando os escomb[r]s lá da coisa e baixava os mo[x]tos e botava na beir[r]a da linha assim. Isso aí eu lemb[r]o. Ficou ma[x]cado na memó[r]ia.

Entrevistador: Algumas pessoas disseram que havia um cofre nesse trem.

Entrevistado: Isso aí eu não posso fala[h], po[h]que dizem que existia esse cof[r]e e desapa[r]eceu, mas isso aí eu não posso fala[h].

Entrevistador: Sobre a sua família, sobre os descendentes italianos, você observa que tem sotaque? Eles falam diferente ou não?

Entrevistado: Não, acho que não.

Entrevistador: Que sentimentos você tem com relação a ser descendente italiano?

Entrevistado: O italiano aqui na nossa [h]egião é a fo[x]ça maio[r]. As pessoas têm descendência italiana.

Entrevistador: E na comunidade, vocês fazem o jogo da mora, brincadeiras, a comida, tem muita característica italiana?

Entrevistado: Tem... A comida tem, e o jogo de mo[r]a fazia, tem a bocha que continua até hoje, que é de descendência italiana.

Entrevistador: Você já observa que os mais jovens estão se perdendo nessa cultura?

Entrevistado: Não, não se pe[x]deu já. Já se pe[x]deu. Po[h]que você não pega uma pessoa nova pa[r]a joga[x] bola de massa. Você não pega uma pessoa nova pa[r]a joga[x] ba[r]alho. Dificilmente você pega.

Entrevistador: E o baralho é italiano também?

Entrevistado: Sim. Tanto o ba[r]alho, o t[r]iunfo, como fala, como a bocha também. E a mo[r]a também. Mas a mo[r]a aqui na nossa [h]egião nunca foi de... De joga[x] mesmo. De joga[x] muito não. Já você pega aqui, Ca[r]olina, lá

pa[r]a cima, e isso ainda costuma até hoje. Mas aqui na nossa [x]egião não e[r]a muito usada a mo[r]a.

Entrevistador: Está faltando alguma coisa na comunidade? Você acha?

Entrevistado: Falta, semp[r]e falta, né.

Entrevistador: Mas você vai falar o quê?

Entrevistado: Não tem o que fala[h]... É, a gente não tem o que fala[h], né... É Falta, semp[r]e falta alguma coisa.

Entrevistador: E num jogo Brasil-Itália, por ser descendente italiano, você torceria para quem?

Entrevistado: To[x]ço pa[r]a a Itália. Eu to[x]ço semp[r]e cont[r]a a seleção b[r]asilei[r]a.

Entrevistador: Você teria vontade de conhecer a Itália, para ver suas origens, da sua mãe?

Entrevistado: Não, não tenho vontade. Não tem vontade disso aí, não.

Entrevistador: E há mais algum fato que você queira acrescenta[r] da história da comunidade?

Entrevistado: Não, pa[r]a fala[x] o quê, né.

Entrevistador: muito obrigado pela sua entrevista.

Entrevistado: De nada.

Entrevista 17: VF, M, 86, Ensino Fundamental I

Entrevistador: Seu Valter, você me autoriza a gravar?

Entrevistado: Pode g[r]ava[r], vai.

Entrevistador: Qual o seu nome completo e idade?

Entrevistado: Sou V. F. Nasci em 19 de janei[r]o de 1937.

Entrevistador: Até que ano o Senhor estudou?

Entrevistado: Estudei até o te[r]cei[r]o ano C, naquela época e[r]a assim: p[r]imei[r]o A, B, C, e depois ia pa[r]a o segundo e te[r]cei[r]o. Fazíamos p[r]ova

p[ra] passa[r]. Ap[re]ndi f[r]ações, calig[r]afia, [x]edação. E[ra] uma escola [x]igo[r]osa, mas muito boa. Tive que sai[r] da escola pa[ra] ajuda[r] minha mãe a leva[r] comida pa[ra] os t[ra]balhado[r]es.

Entrevistador: Como era sua vida na infância?

Entrevistado: Foi de muito t[ra]balho. Comecei cedo. Tínhamos lavou[r]a de café, gado, ti[r]ávamos leite. Minha mãe c[ri]ou todos nós com muito esfo[r]ço. Tínhamos também uma venda, a p[ri]mei[r]a da [x]egião, que depois passou p[ra] nossa família.

Entrevistador: E sobre a origem do nome Ibitiruí?

Entrevistado: Antes se chamava Engano. Quando fo[r]am faze[r] a Est[r]ada de Fe[r]o, e[ra]a[r]am o t[ra]çado, po[r] isso o nome. Depois, o ve[r]eado[r] Humbe[x]to e o agente da estação Antônio Máscoli p[ro]puse[r]am muda[r] o nome pa[ra] Ibiti[r]uí, que que[r] dize[r] “montanhas altas e f[r]ias” em tupi. O novo nome pegou, mas até hoje tem quem chame de Engano.

Entrevistador: O Senhor é descendente de italianos?

Entrevistado: Sim. Meu pai, Fo[r]tunato Fio[r]in, pa[r]ece que nasceu já aqui, mas veio na ba[r]iga da minha avó, que veio da Itália. Minha mãe falava italiano em casa. Eu entendia bem. Hoje entendo alguma coisa ainda.

Entrevistador: E sobre o acidente de trem... O Senhor pode contar o que lembra?

Entrevistado: Sim, lemb[r]o bem. Eu tinha uns 8 ou 9 anos. Foi um desast[r]e te[r]ível. O t[re]m notu[r]no vinha de Vitó[r]ia pa[ra] o [h]rio, ca[r]regado com passagei[r]os, encomendas e pagamento da Leopoldina. E[ra] véspe[r]a de Natal, po[r] volta das seis da ta[r]de. O t[re]m pe[r]deu o f[r]eio e desceu embalado. Quando chegou pe[r]to de um co[r]te na linha, o p[ri]mei[r]o vagão bateu e t[ra]vou. Os vagões de t[ra]s empilha[r]am uns nos out[r]os. Foi um est[r]ondo. Mo[r]eu quase 30 pessoas.

Entrevistador: O Senhor estava por perto?

Entrevistado: Estava em casa, ouvi tudo. Meus i[r]mãos mais velhos, o Humbe[r]to e o Be[r]na[r]dino, fo[r]am soco[r]je[r]. T[ra]balha[r]am à noite intei[r]a ti[r]ando gente dos escomb[r]os. Eu não fui, e[ra] muito novo.

Entrevistador: E o dinheiro do pagamento da Leopoldina?

Entrevistado: Sumiu. O cof[r]re foi encont[r]ado a[r]ombado no ba[r]anco. Nunca descob[r]i[r]am quem pegou. Dizem que foi alguém de dent[r]o do t[r]em. Foi um g[r]ande misté[r]io, nunca solucionado.

Entrevistador: Como a comunidade reagiu?

Entrevistado: Foi um caos. Co[r]e[r]ia, desespe[r]o. Ajudamos no que podíamos. Não teve Natal aquele ano. Ficou todo mundo envolvido com o desast[r]e po[r] semanas. Foi muito t[r]iste.

Entrevistador: Como era a vida religiosa?

Entrevistado: Muito ativa. Missas em latim, veló[r]ios com ofícios cantados. Ente[r]os com caixões feitos po[r] nós mesmos. Ca[r]egávamos em va[r]as, dois po[r] vez. O defunto ia até a ig[r]eja onde se [r]ezava o ofício. Depois ia pa[r]a o cemité[r]io. A gente fazia tudo na se[r]a[r]ia.

Entrevistador: O Senhor participou da construção da igreja de Ibitiruí?

Entrevistado: Sim. Casei lá, fui o p[r]imeir[o] casamento da ig[r]eja em 1960, com a Odete. Pad[r]e Luiz Gonzaga celeb[r]ou. Depois [r]efo[r]mamos a ig[r]eja e mantivemos a c[r]uz. Minha mulhe[r] foi minist[r]a, pa[r]ticipava muito da comunidade. Faleceu há pouco tempo, de [r]epente.

Entrevistador: O Senhor trabalhou em muitos lugares, certo?

Entrevistado: T[r]abalhei com venda, lavou[r]a, se[r]a[r]ia, ped[r]ei[r]a, caminhão de leite, montagem de po[r]tas. Sof[r]i muito, mas lutei. Passei po[r] emp[r]esas como a CPL, Tuba[r]ão. T[r]abalhei em Campo G[r]ande, di[r]igi, fiz de tudo.

Entrevistador: E a culinária italiana?

Entrevistado: Muita polenta, cavaco, queijo, vinho. A gente co[r]tava a polenta com linha, não com faca. A t[r]adição e[r]a fo[r]te.

Entrevistador: O Senhor já pensou em visitar a Itália?

Entrevistado: Nunca fui. Ago[r]a tô velho p[r]a isso. Deixa eu aqui mesmo. Tenho muito o[r]gulho da minha o[r]igem.

Entrevistador: A cultura italiana ainda se mantém?

Entrevistado: Tá se pe[r]dendo. Os jovens hoje têm out[r]o [r]itmo. Mas eu tenho g[r]atidão pela o[r]igem. E continuo aqui, enquanto Deus pe[r]miti[r].

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista.

Entrevistado: De nada. É bom lemb[r]a[r] e conta[r] essas histó[r]ias.

Entrevista 18: ZF, F, 88, Ensino Fundamental I

Entrevistador: Qual é o seu nome e sua idade?

Entrevistada: Meu nome é Z. F., tenho 88 anos.

Entrevistador: Até que ano você estudou?

Entrevistada: Não estudei, mas não sou analfabeta. Sei le[r] a Bíblia muito bem. Ap[r]endi com minha mãe, que me explicou como p[r]onuncia[r] palav[[r]as com “nh” e “lh”.

Entrevistador: A senhora é casada?

Entrevistada: Fui casada. Hoje sou viúva.

Entrevistador: Mora sozinha?

Entrevistada: Mo[r]jo com a família.

Entrevistador: O que costuma fazer durante o dia e à noite?

Entrevistada: Du[r]ante o dia, faço o que posso: cozinho, bo[r]do, costu[r]o. À noite, du[r]mo.

Entrevistador: E nos fins de semana?

Entrevistada: Quando posso, vou à ig[r]eja. Se não, [r]ezo o te[r]ço em casa.

Entrevistador: A comunidade sempre se chamou Santa Maria?

Entrevistada: Que eu saiba, e[r]ja chamada Santa Ma[r]ia do Engano.

Entrevistador: A Senhora conhece a história da comunidade?

Entrevistada: Não sei muito.

Entrevistador: A Senhora gosta de morar aqui?

Entrevistada: Amo. Nunca pensei em sai[r], só saio no caixão.

Entrevistador: Já passou por alguma situação de medo?

Entrevistada: Uma vez fui ab[ri]r a ig[re]ja e vi um anda[r]ilho. Co[ri] e acabei caindo da escada. Desloquei o b[ra]ço, levei cinco pontos. Também fui mo[r]dida po[r] cob[r]a quando tinha 15 anos, fiquei 55 dias sem consegui[r] anda[r].

Entrevistador: A Senhora é descendente de italianos?

Entrevistada: Sim, da família Fave[r]o. Meu antepassado [ro]g[er]io Fave[r]o veio da Itália, passou po[r] Benevente. Casou duas vezes. Uma filha foi c[ri]ada pela [r]osa Picoli.

Entrevistador: Como foi sua infância?

Entrevistada: Muito pob[re]. B[ri]ncava pouco. Cuidava de vaca, comia b[ro]a de fubá du[r]a po[r]que minha mãe não gostava de usa[r] bica[r]bonato. Nunca passamos fome, mas não tínhamos luxo. Minha i[mã] Isau[r]a sof[re]u muito, apanhava até sang[r]a[r].

Entrevistador: Tinha uma boa relação com seus pais?

Entrevistada: Sim. Papai e[r]a bom. Comp[ra]va vestido pa[r]a minha mãe. Ela e[r]a muito econômica, mas nunca nos malt[re]tou.

Entrevistador: Vocês saíam muito?

Entrevistada: Quase nunca. Nem festa nem bai[r]o. Conheci meu ma[r]ido desde nova, mo[r]ávamos pe[r]to. Namor[amos] po[r] um ano e nos casamos.

Entrevistador: Como era o namoro?

Entrevistada: Ele ia lá em casa de sábado e domingo. Semp[re] com [re]speito. Saía cedo. Não tinha essas coisas de hoje.

Entrevistador: Como se divertiam?

Entrevistada: Não íamos a bailes. Papai dava esmola na ig[re]ja, mas não levávamos dinhei[r]o. Só comíamos o que ele comp[ra]va.

Entrevistador: E os vizinhos?

Entrevistada: Quase não visitávamos ninguém. A única casa que íamos e[r]a do Atílio Gota[r]do, pa[r]a chupa[r] la[r]anja.

Entrevistador: A religião era importante?

Entrevistada: Muito. Só comungava quem confessava. [r]ezávamos missas pelo liv[r]o. As moças usavam véu b[r]anco, as mulhe[r]es casadas, véu p[r]eto. O pad[r]e exigia [r]espeito. A [r]eligião e[r]a bem [r]espeitada.

Entrevistador: Lembra de algum caso marcante?

Entrevistada: Sim, o ente[r]o da Te[r]eza Busato Pe[r]ei[r]a. Mo[r]eu em Va[r]gem Alta, foi ente[r]ada aqui às 11 da noite sem veló[r]io. E[r]a da Assembleia de Deus. Ficou ma[r]cado po[r] não faze[r] a celeb[r]ação.

Entrevistador: Falavam italiano em casa?

Entrevistada: Sim, com meu ma[r]ido. Depois que as c[r]ianças nasce[r]am, passamos a fala[r] po[r]tuguês. A escola exigia isso.

Entrevistador: A Senhora ainda entende italiano?

Entrevistada: Sim. Se me fala[r]em, entendo e até [r]espondo, dependendo do dialeto.

Entrevistador: Como era a escola?

Entrevistada: Ia dois dias po[r] semana. Dividia os dias com meus i[r]mãos pa[r]a cuida[r] das vacas. E[r]a difícil, mas a gente ap[r]endia o que podia.

Entrevistador: Como era a alimentação?

Entrevistada: Comíamos polenta, b[r]oa, café, maca[r]ão. Depois comecei a comp[r]a[r] açúca[r] e ca[r]ne no Vitó[r]io Picoli. Sof[r]emos, mas sob[r]evivemos.

Entrevistador: A Senhora gostaria de ir à Itália?

Entrevistada: Hoje não. Não tenho mais saúde pa[r]a enf[r]enta[r] viagem longa. P[r]efi[r]o fica[r] quieta no meu canto.

Entrevistador: Muito obrigado pela entrevista!

Entrevistada: De nada. Ago[r]a vou [r]eza[r], como faço todos os dias.